COELHO NETTO

TREVA

TERCEIRA EDIÇÃO

PÔRTO
Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144
Aillaud e Bertrand — Lisboa-Paris

1924

TREVA

Obras de COELHO NETTO

Sertão.
A Bico de Pena.
Agua de Juventa.
Romanceiro.
Teatro, vol. I *(O Relicário, Os Raios X, O Diabo no corpo).*
Teatro, vol. II *(As Estações, Ao Luar, Ironia, A Mulher, Fim de Raça).*
Teatro, vol. IV *(Quebranto,* comédia em 3 actos, e o sainete *Núvem).*
Teatro, vol. V *(O dinheiro, Bonança,* e o *Intruso).*
Fabulario.
Jardim das Oliveiras.
Esfinge.
Inverno em Flôr.
Apologos, contos para crianças.
Miragem.
Mysterios do Natal, contos para crianças.
O Morto.
Rei Negro.
Capital Federal.
A Conquista.
A Tormenta.
Tréva.
Banzo.
Turbilhão.
O meu dia.
As Sete Dôres de Nossa Senhora.
Balladilhas.
Pastoral.
Vida Mundana.
Patinho torto.
Ás quintas.

NO PRÉLO:

Scenas e perfis.
Feira livre.

◆◆◆◆

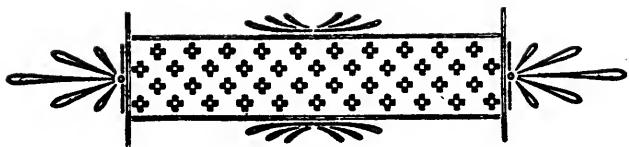
ARTES GRÁFICAS, rua da Carcereira — PORTO

COELHO NETTO

TREVA

TERCEIRA EDIÇÃO

PÔRTO
Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144
Aillaud e Bertrand — Lisboa-Paris

1924

BOM JESUS DA MATTA

BOM JESUS DA MATTA

I

Ao Dr. Arthur Lemos.

Fraco, desde o berço, sempre amarello, engelhadinho, a tossir, com um grande pavor d'almas e de bruxas que, de tanto lhe alargar os olhos negros nas sombras dormentes da casa taciturna e immensa, cercada d'arvores, com uma ribeira perto, a chorar, acabara por os tornar enormes e sempre assombrados, Isidro deixou, em verdes annos, os mimosos afagos maternos, que o iam amollecendo, para fazer-se homem em Coimbra, cidade de saber e bons ares.

O pai, antigo regatão, queria-o robusto como elle, com sangue forte e nervos rijos, e formado — homem de leis — contando vê-lo, um dia, deputado, ministro, governando a nação ao lado do monarcha, como o gordo e roncante Mathias

d'Avila, que fôra presidente da provincia e, mais tarde, ministro do imperio.

Apezar dos receios da mãi, que vivia a fazer promessas, mandando negras ás igrejas com feixes de cirios, para que os santos vencessem a obstinação do esposo, numa linda manhan de março (para chegar á Europa com a suavidade e a belleza da primavera) lá o acompanharam a bordo, com estremecidos soluços e ardentes recommendações para Romano & Cabral, de Lisboa.

O pequeno era vivo e, confiado a uns dominicanos fez, com brilho, as suas humanidades e, deixando o seminario austero com ansia de vida livre, de vêr o mundo, que relanceara ligeiramente em curtos passeios, muito encolhido na fórma, sob o olhar atilado dos vigilantes, partiu para Coimbra, com boa mezada e pesados agazalhos.

A conselho d'um dos frades, o gordalhufo e prazenteiro Antão, commentador de Horacio e famoso nas montarias ao lobo, nas serras, quando sahia em missões, installou-se virtuosamente em casa de umas beatas mulheres que hospedavam, de preferencia, estudantes de theologia e, á noite, em volta da mesa, liam vidas devotas ou criticavam, com furor honesto, os escandalos da vizinhança.

Isidro sentia-se bem no conforto aceiado e farto d'aquella residencia quasi ecclesiastica, mas á noite, vencendo o resmungo somnolento das santas mulheres, chegavam de longe, como reclamos seductores, zangarreios alegres de guitarras. O rapaz foi ganhando tédio áquella casa lugubre, que tresandava a incenso como uma igreja e, um

dia, com o esgazeado assombro das virtuosas damas, que viram naquella inesperada resolução traça do demonio, mandou chamar um homem com uma carreta e, numa só viagem, retirou as duas malas e os livros, que enchiam o seu pequenino quarto sempre florido, com uma janella emmoldurada de ramas, abrindo para o quintal.

Foi para a companhia de uns collegas, e só então começou a gozar a vida academica, sem a preoccupação medrosa de perder a hora do chá e de ouvir as indirectas mordazes da senhora Eusebia, sempre a falar da sua pureza, não comprehendendo a clemencia de Deus e dos homens com as tricanas devassas, porque não as levava uma peste nem a policia as mettia entre ferros, limpando-se, d'um ou d'outro modo, a cidade de tão torpe immundicie.

Installado na residencia nova, Isidro, como um faminto de prazeres, lançou-se desabridamente na troça e, ouvindo, ao pallido luar do outono, já enfumado de nevoas, os primeiros fados sentimentaes, logo sentiu necessidade de uma guitarra e comprou-a tomando, para adestrá-lo no instrumento, um velho Barroso, que vivia a esfregar as mesas sordidas das baiucas com as mangas da rabona, mais remendada que vela de catraia. Em pouco tempo ganhou celebridade, compondo fados que as tunas repetiam.

E foi assim esquecendo e abandonando as aulas — nem as podia frequentar quem se recolhia quasi sempre quando as moças dos campos entravam em alegre chusma com o leite, a fruta e os legumes das hortas.

Preferia aos livros seccos da sciencia os leves assumptos de arte. Em vez de decorar textos latinos, rimava quadras languidas, e, emquanto os collegas, á luz baça dos candieiros, com os cotovellos fincados nas mesas, as faces esmagadas nas mãos, decoravam *sebentas*, lá ia elle de capa traçada para a nevoa nocturna, com um punhal inoffensivo á cinta, só ou em bando ruidoso, a guitarra ao peito, zaragalhando.

Numa taverna arredada, entre murchas figueiras e vinhas seccas, ia abeberar a alma elegiaca e, não raro, acabava as noites estroinas nos braços carnudos de uma cachopa.

Á tarde, no claro e florido tempo, o suave Mondego reflectia nas suas aguas memoraveis o seu perfil esgalgado, e, até á noitinha, ali ficava sombrio, calado, em extase poetico, interpretando o murmurio da corrente e o sussurro do salgueiral como sentidas e eternas queixas da alma errante da mimosa e desafortunada Ignez e, se as lavadeiras, nos areaes das insuas, cantavam batendo a roupa, elle, enlevado, redizia os versos do poeta relembrando o idyllio tragico.

E aquellas mulheres robustas e requeimadas appareciam-lhe como brancas naiades que rememorassem o doce tempo irregressivo, em que o amor era facil sobre a terra.

A lua brilhava ; o rouxinol desferia nos laranjaes e Isidro, contemplativo, lamentava haver nascido em dias tão pecos, de mercantilismo e fraqueza, invejando aquelle passado heroico, com rudes feitos d'armas e aventuras de amor.

Foi um Sardoeira quem lhe descobriu o genio

abafado sob espessas camadas de sciencia, levando-o, certa noite, num fim de brodio, a dormir, entre as rosas de todo o anno, no seu retiro, para os lados silentes de Santa Clara.

Sardoeira era esculptor, posto que já não se consumisse em modelar corpos nús nem em idéar monumentos, tão desilludido andava com a indifferença ingrata do publico patricio. O veio limpido da inspiração estancára e o artista que, aos vinte annos, apresentára um Nun'Alvares merencoreo, de burel e capucho, soberbo de expressão ascetica, tornava de Roma aos vinte e nove, gottoso e descrente, a bramar, enraivecido, contra a decadencia da peninsula, em cuja história chilra não achava uma figura que merecesse ser tratada, com amor, pelas suas mãos creadoras, ficando numa praça, ao sol, sobre granitos alvos, como padrão de gloria e exemplo.

Imaginára uma tomada de Ceuta com christãos e mourisma confundidos encarniçadamente no torreão de uma alcaçova, aos golpes, mas descorçoára com a frieza da imprensa indigena, que o recebera com o mesmo chavão banal com que saudava os que tornavam do ultramar apatacados e gordos.

Gasto de orgias, minado de tédio, deixára Lisboa ruidosa e fôra buscar, no socego de Coimbra, « onde havia intellectualidade », um canto calado e aprazivel e uma companheira que lhe abrandasse o nervosismo lubrico e lhe preparasse o pasto. Foi feliz, realisou o seu sonho, e envelhecia no fundo dumas terras que adquirira, com sombras largas de choupos, rosaes e murtas, passando á

custa duma quinta em Mirandella, fertil em vinho e em pão, legado dum tio e que elle arrendára por não entender de cepas nem de trigos.

Sardoeira era eximio á guitarra e no cemiterio mostrava-se um anjo desolado, de azas colhidas, pisando um archote, obra digna dum Phidias, como affirmavam os seus admiradores, que elle fizera para o tumulo de certo lente da universidade.

De arte era só. De resto, comia bem, bebia melhor e roncava regaladamente nos braços roliços da companheira.

Para uma noitada com mulheres e chispes ninguem tinha mais pilheria do que elle; por isso os rapazes não lhe negavam louvores e, de tempos a tempos, lá surgiam nos jornaes artigos retumbantes sobre o artista incomparavel que a patria ingratamente esquecia.

Sardoeira vivia dessas apotheoses. Tinha um album no qual ia collando preciosamente os artigos que lhe consagravam os da universidade, e, quando apparecia algum mais estirado e sonóro, os «intimos» abalavam para o retiro e, á mesa, com vinho á ufa, saudavam o mestre e injuriavam o rei, o papa e os politicos.

Isidro lá foi ter ao retiro e dormiu beatamente entre os gessos empoeirados, acordando, já dia alto, com o estrondo dos passos da tricana, que andava a mourejar pela casa, gorda e rija.

Quando saltou do sofá em que dormira, já o esculptor, de sacho e tamancos, tratava as suas plantas e os pardaes faziam uma surriada alegre.

Calçou as botinas e, em mangas de camisa, abrindo de par em par as janellas, viu-se entre

as magnificencias do *atelier :* gessos e marmores, uma cabeça de cão, em bronze, velhas télas pelas paredes encardidas, mascaras, espadas, rôlos de papeis ; uma Venus núa, a sorrir ; carrancas, folhas de acantho, coxas mutiladas como offerendas devotas e um violão hespanhol ennastrado de fitas.

Ficou a olhar distrahidamente, todo enlevado naquellas maravilhas, desejando a vida e a gloria de Sardoeira. Fóra, entre as rosas, o esculptor assobiava um fado languido e a caseira cacarejava ás gallinhas.

Ao almoço, que foi sobrio, Isidro, suspirando, deixou escapar a confissão do seu enlevo, declarando : que preferia modelar uma cabecinha esperta de camponia a compôr, com sabios textos latinos, um substancioso digesto.

Pediu informações detalhadas sobre o curso em Roma, indagando dos mestres mais habeis, calculando as despezas. Quiz saber quantos annos lhe seriam necessarios para chegar á perfeição de um Donatello ; que sitio devia preferir na culta cidade de religião e arte.

Sardoeira, porém, generoso e sonhando a gloria de fazer um discipulo, offereceu-se para iniciá-lo nos segredos da arte divina. Vivia ali assim amollecendo, inerte, ora ao sol, nos seus canteiros e talhões, ora a dormir no amplo canapé de couro de Cordova, á espera da renda da sua quinta, ouvindo os cantares roucos da tricana. Dar-lhe-ia lições diarias e, com dois annos de estudo severo, elle modelaria cabeças classicas, podendo até copiar uma Venus e crear.

Isidro exultou agradecido e, dias depois, transferia-se do becco em que vivia, a par da Universidade, para Santa Clara, com as suas malas, os seus livros e a guitarra languida.

Tomou casa e, para imitar em tudo o mestre, escolheu uma dona morena, moça robusta, de voluptuoso quebranto de mosárabe, com duas rosas frescas abertas nas faces finas, fartos e ondeados cabellos negros, e olhos como dois amavios d'azeviche, que seduziam á sombra das sedosas pestanas curvas e compridas.

Diziam-na de sangue cigano, nascera em Cadiz, e o seu nome era Dolores, tão doce e tão bem cabido quando, nas horas abochornadas do molle estio, entre as hervas mornas e cheirosas, com a voz tirando a soluços, ella cantava, em tom triste, maguas do coração.

Isidro, para agasalhá-la com amor, desfez-se do catre estreito, em que se rebolcava solitario, e comprou uma cama larga, com estrado macio e frescos lençóes de linho.

A linda e airosa moça sorria feliz e pagava, com excessos de ternura, os carinhos do seu donzel, trazendo-o sempre aconchegado ao collo farto, a dizer-lhe blandicias, a beijar-lhe os cabellos, dandolhe nomes mimosos por entre beijos que estalavam.

Isidro achava-a «uma prenda de amor» e bemdizia o encontro que tivera, uma tarde, quando, de vistosa saia vermelha e lenço cruzado ao peito, rindo e seduzindo, a rebolar os quadris carnudos, ella offerecia ramos de cravos e violetas á porta de um pasteleiro, á rua da Sophia.

O lar tinha um encanto nupcial; todavia, Isi-

dro não descurava a Arte e, todas as manhans, lá estava a ouvir Sardoeira ou a desenhar, vergado sobre a mesa, em febre, imaginando glorias!

Todo um anno passou, trabalhoso e angustiado, e o segundo ia em meio, quando Sardoeira resolveu arredar o alumno das cópias frias, pondo-o diante da natureza viva. Isidro já desenhava um corpo nú ou um canto de bosque, detalhava com a mesma pericia, os musculos de um braço rijo ou as arvores de um horto, possuia todos os segredos da expressão e não perdia um só effeito de perspectiva.

Passou a plasmar o barro e foi a mão do proprio Sardoeira o que elle primeiro modelou. Tanto, porém, quiz requintar na execução que o mestre, ao fim de uma semana morosa, já suspirava combalido quando o via entrar, com os primeiros clarões da manhan, para começar a sessão. Um dia, porém (dia glorioso !), teve remate o primor e Isidro festejou com um banquete opiparo o grande acontecimento.

De Coimbra subiram rapazes e na casinha alegre, recatada entre as arvores, estrugiram tropos de eloquencia e transbordou o Cartaxo.

Dolores, linda, com os alvos dentinhos miudos brilhando á flôr dos labios num riso immarcessivel, muito repolhuda nas suas saias, com arrecadas de filigrana, presidia, e Coralia, a do mestre, nedia e rubra, a comer e a beber, precia esparrimar-se na cadeira, fundindo-se em suor.

Sardoeira, de rabona, muito circumspecto, agradecia as phrases benevolas dos amigos e a mão, a mão soberba, alvejava como um feitiço, entre

rosas frescas, sobre alva toalha em pequena mesa, veneravel como um altar.

Comeu-se á farta — pescada frita, das tias Camellas, arrufadas do Castanheira, manjar branco das Ursulinas e um immenso prato de arroz doce. Vinho a rodo.

Ao fim do banquete, com o luar, sahiram todos para o jardim e as brisas fragrantes de Santa Clara foram por aquelles sitios quietos levando sons de guitarras e queixumes romanticos.

Sardoeira, que o vinho puzera em veia, reclamou o seu violão ennastrado e foi o primeiro a dar o exemplo da cantarola, gemendo um fado choroso, que poz o grupo em alvoroço.

Doirava-se o céu quando se desfez a companhia com um ultimo brinde urrado : aos athenienses de Santa Clara!

E cambaleando, a despertar e a enfurecer os cães de guarda, o bando desceu, caminho da ponte, em zangurriana alegre, deixando os dois casaes honesta, agasalhadamente recolhidos.

Núa, a rir, estirada no tapete, a gaditana posava para a «Venus rustica», quando Isidro recebeu uma carta tarjada. Abriu-a a tremer : era a noticia desoladora da morte do pai. O regatão succumbira a uma hemorrhagia cerebral. Marejaram-se-lhe os olhos e Dolores, mesmo núa, saltou-lhe para as pernas, passou-lhe os braços ao pescoço com um choro mimoso, pedindo-lhe que lesse a carta. Queria conhecer os pormenores da desgraça, e o misero, sustentando-a nas pernas magras, que

tremiam e bambeavam, leu, com soluços, toda a lamentação da pobre mãi viuva e os pedidos que lhe fazia para que tratasse de concluir o curso, porque já se sentia morrer e não queria acabar longe delle, sem vê-lo.

Dolores sorveu-lhe as lagrimas em beijos longos, e como havia tristeza, enfiou um *robe de chambre*. Isidro subiu a Coimbra para encommendar o luto. A gaditana exultou quando recebeu a fazenda preta e quiz beijar o seu homem e beijou-o logo que o viu entrar entristecido, com umas queijadas e crepe.

Depois da missa, com inspiração sentimental, quiz fazer alguma coisa para o tumulo paterno e, com o plano de um monumento em severo estylo dorico, passou á casa do mestre. Foi encontrá-lo a esmoer uma bacalhoada, á sombra das macieiras.

Expoz-lhe o plano; Sardoeira, porém, desanimou-o: « Que aquillo não era para cemiterio, estava a pedir uma praça vasta, pedestal de granito e baixos relevos allusivos. Fizesse uma cruz, uma simples cruz — era mais religioso e mais digno. Uma cruz tosca sobre um monticulo, com uma cartela para a legenda. »

Isidro tornou á casa edificado e na manhan seguinte, despachando um homem á procura de marmore, ficou-se a riscar o esboço. O homem voltou desolado com a triste noticia de que em toda a cidade não havia uma lasca de marmore; só se quizesse pedra lioz. Isidro resignou-se e, encerrando-se, poz-se a trabalhar na cruz.

A Venus, esquecida, entrou a fender-se e Dolores, sempre alegre, detinha-se, ás vezes, diante da-

quella cópia monstruosa do seu lindo corpo e rompia a rir, um riso vibrante como as castanholas do seu paiz, e atirava-lhe com muitos pannos para cima a esconder o horror. A cruz, entanto, ia abrindo os duros braços.

De quando em quando, Sardoeira apparecia para dar uma vista d'olhos, ficava a fumar, fincado sobre as compridas pernas, e ia corrigindo: « Tira mais aqui, desbasta ali, cava um pouco acolá. » E Isidro, a espalhar estilhas e suspiros, martellava.

Ás vezes a amante ia achá-lo derreado sobre a cruz, a chorar baixinho:

— Que tens, menino? Ora o tolo! Olha que podes ficar doente. Que lucras com isto de choros? Já agora o pobre homem não torná cá ao mundo. Deixa-te de apoquentações. Vem d'ahi, vamos ficar um instante á sombra das macieiras, que cheiram tão bem. Já me não queres, não é assim? Já te não sabem, como dantes, os beijos da tua Dolores?

E, agarrando-o a pulso, lá o levava, muito magro, a tossir, para o fundo do pomar, e derrubava-o na relva, e elle, ainda com os olhos rasos d'agua e arrancando soluços, sorria vencido pela gaditana. Os pardaes chocarreiros, pelos muros e pelos telhados, rompiam a troçar daquellas lagrimas e daquelle riso.

Foi nos fins pallidos do outono que lhe appareceram os primeiros symptomas da doença. Já a cruz havia sido despachada com uma carta, na qual elle explicava « que aquella saudosa lembrança fôra por elle imaginada e realisada, a chorar,

pensando no *velho*». E referia-se aos seus progressos na esculptura, calando, com escrupuloso pudor, toda allusão a estudos, e no fim aventurava timidamente a idéa de uma viagem a Roma.

Esperava, com ansia, a resposta, quando, uma tarde, sentindo-se subitamente indisposto, fugiu, arripiado, ao vento que revolvia as folhas mortas. Á noite sobrevieram-lhe dôres, a tosse parecia querer arrancar-lhe os pulmões.

Dolores, que havia tomado uma alemtejana para o serviço, foi despertá-la alvoroçada: «Que o seu homem estava soffrendo muito. Tratasse de fazer lume e de ferver um chá para aquecer-lhe o peito». E estava a ajudar a mulher, quando Isidro, agoniado, em ansia maior, arrevessou uma golfada de sangue. Aterrado, rompeu aos gritos, abrindo em prantina covarde.

Dolores precipitou-se descalça e, dando com o sangue, que manchava o soalho, ficou attonita e, desatinada, sem o mais leve agasalho, sahiu para a noite, correndo á casa de Sardoeira, que dormia emborcado nas banhas de Coralia.

O esculptor saltou da cama sobresaltado, passou o *robe de chambre* e, ouvindo a narração assustada e chorosa da gaditana, vestiu-se, accendeu uma lanterna e acompanhou-a.

Coralia falou estremunhada do fundo da cama: «Que sentia muito não poder ir prestar algum serviço, estava com uma pontada, mas ficava a pedir ao Senhor pela rapaz».

Quando os dois chegaram, esbaforidos, ao quarto, Isidro ansiava livido, falando em morte, a pedir medico e drogas. O mestre agachou-se, poz-se a

examinar o sangue com calma e, dando com a cabeça, condemnou os excessos, lançando um malicioso olhar de esguelha a Dolores.

— É isto. Pensam que o mundo vai acabar. Tambem é de mais. O mundo cá fica, nós é que vamos caminhando para as minhocas.

Dolores repontou:

— Que não a culpasse. Queria lá saber de porcarias? Nunca matára ninguem. Que culpa tinha? O menino era fraco do peito, tinha uma tosse velha. Já o conhecera magro e sem côr. Não gostava daquellas coisas. Depois haviam de dizer que ella déra cabo delle. Isso não! Não era uma sem-vergonha. Queria-lhe muito, mas como a irmão.

Mas Sardoeira insistiu:

— Ha de ser isso. Por fim, bocejando com estrondo, declarou: que aquillo não tinha valor. Conhecera um pintor em Roma que, no dia em que não vomitava um quartilho de sangue, passava mal. E era um touro! Isidro, porém, reclamava o medico. Pois chama-se o medico. Vou eu mesmo chamá-lo ámanhan, descança. Vê agora se dormes, que é tarde.

Não dormiu. Passou a noite agitado, a beber goles d'agua com assucar, a apalpar o peito, sentindo o coração. Mal ouviu os primeiros gallos, quiz mandar acordar Sardoeira. Dolores aquietou-o, animou-o, afagando-o; e, pela madrugada, conseguiu adormecê-lo.

O médico chegou ás dez horas e, depois de lento exame, perguntou, limpando os oculos, «se elle não tinha tisicos na familia». «Sim, o avô materno morrera tuberculoso.»

— Pois é isso, disse o medico friamente: O amigo está a entrar na posse de um legado. Acho que não deve ficar aqui. Se pudesse dar um pulo á Madeira...

— E o Brasil, doutor?

— O Brasil... Que vem cá fazer o Brasil?

— Sou de lá. Tenho lá minha mãi.

— Pois ahi está, o Brasil. O que não deve é ficar aqui exposto ao inverno, que promette ser duro. Tem os pulmões fraquinhos, e, ao que parece, o amigo não faz vida santa.

Dolores córou dando com os olhos maliciosos de Sardoeira. Para disfarçar perguntou:

— E o sangue, Sr. doutor?

O medico encarou-a e, esfregando as mãos, correndo os olhos pela sala á procura de uma bacia, disse-lhe em tom alegre:

— Ora, mais sangue tiras-lhe tu do corpo, minha sonsa. Então já se não vendem cravos, hein? Mesmo na sala ensaboou as mãos á bacia, que a alemtejana sustentava e, tornando ao enfermo, insistiu: Embarque. Embarque quanto antes para o seu Brasil ou para outro qualquer lugar onde haja sol e bom ar. Fuja á humidade e ás ramilheteiras. E receitou.

Isidro, apprehensivo, passou toda a semana a suspirar á espera da resposta a uma carta que escrevera a Romano & Cabral de Lisboa.

Dolores, como se adivinhasse o abandono em que ia ficar, andava pelos cantos murcha, a limpar lagrimas — nem gosto tinha para pentear-se e vestir-se.

Já o sol da manhan rompia as nevoas a custo e as arvores despiam-se das folhas, quando Isidro

resolveu a viagem. Foi um dia de magua na casinha alegre. Dolores ficou com os olhos vermelhos e a alemtejana, que ali achára um canto aquecido, leito molle e pão farto, suspirava, junto ao fogão, mexendo o refogado, a lembrar-se do frio agreste, das longas noites regeladas naquellas choças perdidas da sua terra triste e faminta.

Isidro deu a Dolores tudo que havia em casa, ajuntando aos bens vinte libras para que ella não ficasse a pedir.

Timidamente, de olhos baixos, a gaditana aventurou, em tremulo murmurio, a idéa de acompanhá-lo: iria como criada, para o tratar a bordo, que elle (Deus tal não permittisse!) podia ter alguma coisa mais séria. Isidro, porém, temendo o escandalo, quando saltasse na rampa, com a rapariga a segui-lo, agradeceu-lhe o delicado interesse e foi franco, dizendo-lhe a verdade: «Que bem lhe custava deixá-la, mas não queria desgostar a velha nem provocar commentarios desairosos, ainda com um luto novo e já a arrastar amantes. Se ainda levasse a carta . . . — Ella que esperasse. Talvez a mandasse buscar mais tarde.»

Deu-lhe um beijo, enlaçou-a com os braços, e ambos choraram com as primeiras saudades.

Mas a rapariga tinha o sangue vivo e resignou-se, e, emquanto amealhava as libras, poz-se a pensar num guapo moço beirão, lindo e robusto, que ali estivera na famosa noite da festa artistica e que, muito terno, emquanto o mestre cantava, tanto lhe roçára pelo corpo a propôr-lhe, em ciciado segredo, a ventura numa fuga romantica, a cavallo, para uma casinha entre flores e ninhos,

bem longe do mundo, num ermo aprazivel onde apenas chegassem rusticos e gados.

As despedidas foram lancinantes. O mestre, com a voz embargada, pediu-lhe que escrevesse sempre, cartas minuciosas; Coralia agarrou-o, apertou-o ao peito, sumindo-o nas banhas; a alemtejana, debulhada em lagrimas, rojando-se como para beijar-lhe os pés, fez jus a uma libra, e Dolores... Pobre Dolores!

— Guarda isto, amor, disse-lhe a soluçar, mettendo-lhe na mão um embrulhinho molle — e que o Senhor vá comtigo por essas aguas.

Teve numeroso acompanhamento de collegas até á estação e lá se ficou Santa Clara com os seus salgueiros e, entre elles, chorando, a companheira gentil da sua mocidade, dona da bôca mais carnuda e vermelha das Hespanhas.

A viagem foi facil, por mares felizes, com dias de claro sol e noites de luar.

Brincava-se a bordo. Bandos de moças bailavam sob os toldos e, de tempos a tempos, surgia-se num porto, á vista de uma cidade branca e tranquilla, entre pomares ou numa costa rasa e bravia de areal deserto, de um amarello livido, com muita negrada núa a nadar ou na praia a correr por entre os cardos.

Certa manhan, procurando alguma coisa no bolso de um casaco, sentiu entre os dedos um embrulhinho molle. Tirou-o, abriu-o e logo se lhe arrasaram os olhos d'agua: eram cabellos da gaditana, que elle tanta vez cobrira de beijos. Escondeu a lembrança na carteira e voou á coberta, com um nó na garganta.

Em cima andavam a fazer uma collecta para os naufragos ; deu uns tostões e foi encostar-se á amurada tristemente e ali se ficou a pingar lagrimas, com a alma perdida, longe, nos sitios amados de Santa Clara, entre ulmeiros e faias, por onde devia errar inconsolavel, talvez louca de amor, a cantar pelos caminhos vidrados de neve, sem luz nos olhos, sem côr nas faces, a toda formosa Dolores.

Mas os ventos, que sopravam, foram varrendo a tristeza e Isidro jantou com appetite e dormiu plácido.

Quando sentiu as auras tepidas da patria e avistou as dunas e as barreiras da sua terra natal, toda a saudade dissipou-se.

Logo que o paquete fundeou, depois de lançar uma vista de olhos á cidade, que deixára pequeno e á qual tornava homem feito, branca, trepada numa eminencia, com as torres das suas igrejas muito agudas estampadas no fundo azul do céu, ficou-se a recordar a infancia.

Já andavam botes em torno do paquete como um cardume de peixes á babugem ; os catraieiros acenavam, offereciam os barcos pelos nomes, propunham o preço da travessia e da terra vinham amortecidos sons de sinos.

Na rampa não apparecia um vulto — só numa ponta arenosa da praia, entre esguios coqueiros, que pareciam guardar um velho fortim, pescadores atarefados arrastavam, estendiam rêdes.

Isidro começava a impacientar-se, já resolvido a tomar um bote e partir, quando viu, ao longe, o escaler da alfandega, rompendo o mar com violen-

cia, ao impulso de seis remos rijos. Um homem de pé, equilibrando-se, aguçava olhares como se procurasse alguem a bordo. Quem seria ? Tinha a barba negra, era alto e gordo, vestia luto.

Já os tripulantes haviam arvorado os remos, quando do escalar partiu uma voz jucunda : « O' Isidro . . . » Elle viu o homem de luto a dar desesperadamente com os braços. Quem seria ? Um nome sahiu-lhe da boca na explosão de uma reminiscencia : « Americo ! » O homem teve um riso alegre, sempre a bambalear-se, até que o escaler atracou. Isidro correu ao portaló. O outro precipitou-se escada acima e, abraçando-o effusivamente :

— Estás formidavel, rapaz.

— E tu ! . . . Onde foste arranjar tanta barba ?

O outro murmurou gravemente :

— É a floresta dos desenganos, meu amigo.

— Conheceste-me logo, hein ?

— Pudéra ! Mas que tens tu, afinal ?

Isidro deu de hombros desanimado :

— Tisico.

— Tisico ! Quem ? Ora, deixa-te de scismas, E, noutro tom : A velha não quiz vir receiando alguma coisa . . . comprehendes . . .

— Fez bem, coitada !

— Já tens a tua bagagem ?

— Ainda não.

— Então espera-me aqui um instante. Vou vêr isso. Olha, quero apresentar-te ao guarda-mór. É o Luiz Couceiro, não te lembras ? Ó Luiz ! O guarda-mór adiantou-se. Era um rapaz louro, magro, de lunetas escuras. Não te lembras do Isidro ?

— Perfeitamente. Elle é que, com certeza, não se lembra de mim. Fui tanta vez á sua casa.

Abraçaram-se. Isidro não se lembrava, mas ficou conversando, a informar-se da terra e dos antigos companheiros. Poucos restavam : uns haviam morrido, outros viviam longe, no Rio, na Europa concluindo estudos. A terra, como sempre, estragada pela politica, com muita miseria e tristeza.

— O Americo é que está um rapagão.

— Ah ! esse póde engordar, nada lhe falta. Quando se aborrece, mette-se num paquete, vai-se por ahi, a vêr terras e gozar.

— Que faz elle agora ?

O guarda-mór sorriu com expressivo encolher de hombros. Justamente o Americo, sempre aforçurado, reapparecia esbaforido, limpando o suor da testa, com o chapéu atirado para a nuca.

— Tudo prompto. Toca a safar. Tu ainda ficas, não ? Farejando o contrabando, fazendo appetite para o almocinho, hein ? O guarda-mór caramunhou, resignado. E o escaler ?

— Volta.

— Então, até logo.

— Até logo.

Isidro despediu-se do commandante, um inglês secco e sardento ; falou aos companheiros mais intimos e apresentou-se ao Americo, que o esperava ao portaló.

— Tudo prompto ?

— Sim, podemos ir.

Os remos chapinharam e o barco singrou em direcção á terra.

Saltaram no lameiro da rampa, que o mar alagava, e a escorregar, sorrindo de emoção, Isidro foi subindo ao lado do Americo.

Pouca gente, pescadores e vadios que banzavam, bocejando, a galrar. As casas esborcinadas tinham uma apparencia triste e decrepita; hervas pendiam, transbordando dos negros telhados. Por entre as largas pedras das ruas crescia o capim viçoso. A muralha superior do cáes, grossa como um parapeito de baluarte, tinha fundas cavernas e toda a caliça estava roída.

Quando chegaram á praça, o Americo atirou-se para um carro, que estacionava á sombra das arvores. Em torno andavam pombos arrulhando; o cocheiro cavaqueava com um grumete e as bestas cochilavam.

Isidro, quasi deslembrado daquellas vistas amenas, passeiava o olhar pelos longes da terra, com um sorriso que tanto podia ser de gozo como de arrependimento, por haver deixado os acceitosos lugares de além, tão fagueiros e lindos na primavera, quando os cravos e os junquilhos perfumam o ar e os rouxinóes, no silencio nocturno, cantam pelos pomares.

— Já dei ordem para que levem a tua bagagem á casa.

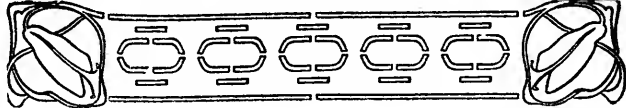
Entraram na caleche e o cocheiro zurziu as bestas, que partiram. Com o rumor da carruagem pelas ruas caladas, abriam-se janellas e cabecinhas curiosas appareciam espreitando. Pouca gente nas ruas, as lojas quasi desertas. Isidro, de passagem, entrevia ruinas cobertas de matto, como se fôsse por uma terra esquecida, de muita idade e miséria.

— Isto não tem progredido, Americo.

— Progredido ! ? Vai de mal a peior. Que queres ? é a politica.

— Ainda é o Mauro ?

— Não, agora é um Padilha. Tem aqui um lugar-tenente que, emquanto elle despeja asneiras na Camara e anda ás polhas, dá as cartas e redige o orgão do partido. Teu pai ainda o conheceu tropeiro, vê lá ! e hoje dirige os destinos da provincia com o mesmo relho com que tangia as récuas no outro tempo. É obra, meu velho. E, como vês, a terra está a proclamar por mil bôcas os beneficios que delle tem recebido. É tal a fartura, que as mesmas casas estão cobertas de matto. Has de vê-lo e has de ouvi-lo, porque o monstro tem a mania do discurso, e, quando se inflamma, cacareja como se falasse a bestas. Ganhou o vicio nas estradas.

Com as chicotadas rijas do cocheiro, os animaes levavam a caleche aos trancos. Ás vezes, uma ladeira impunha-se, ingreme e aspera, escavada em sulcos ; então o carro subia lento, rangendo, solavancando, até que suavemente, rodou na larga e formosa estrada dos Cajueiros.

II

Quando o carro parou junto ás frondosas mangueiras do portão da chacara, da multidão que se apinhava á entrada partiu um negro, a correr, e logo estrondaram morteiros, uma festiva girandola arrancou varando as cerradas copas das arvores do pomar. A criançada rompeu aos gritos e, á arremettida dos cães, ladrando furiosamente, houve um espalhado vôo de pombos espavoridos.

Tropeiros, que desciam tranquillamente a estrada, desesperaram e, praguejando, partiram em desabalada carreira atraz dos machos, que debandavam mettendo-se pelos mattos.

Isidro foi recebido pelos escravos — velhos negros, mucamas, rapariguinhas que mal se lembravam delle, moleques que o não conheciam e o olhavam espantados enrolando-se nas saias das mãis.

— Suns Christo, nhônhô!

— Vamcê tá um home, benza Deus!

— Eh! Eh! tempo corre. Quem ha di dizê... Minino que sahiu d'aqui assimzinho. E curvavam-se para beijar-lhe a mão. As mãis empurravam os filhos: «— Vai tomá benção, moleque». Isidro, reconhecendo os velhos, abraçava-os e, no meio da turba, lá foi aligeirando os passos por sobre a crepirante folhagem que juncava a sombria alameda de mangueiras.

Os annos haviam passado benignamente sobre aquella residencia retirada e quieta, apurando-lhe a belleza. As arvores ostentavam-se viçosas, as moitas de bogarys eram mais fartas. O jasmineiro crescera, cobrira todo o caramanchel, e a casinha rustica em que o pai, nos quentes verões, costumava gozar as tardes, era uma massa enorme de verdura feita de uma só trepadeira, que toda a vestia e enfeitava com as suas campanulas azues.

Foram-se-lhe os olhos para a horta. Lá estava, perto da cerca, o mastro de S. João. Parecia o mesmo que elle havia deixado, com que saudade! A ribeira cantava nas pedras. Ah! o tempo dos alegres mergulhos com o Tiburcio, com o Florencio. Mais longe, na grota, ficava a palhoça do Serafim cesteiro.

— Ainda vive o Serafim?

Americo, que o acompanhava, affirmou:

— Ainda, e forte. Vai a pé á cidade e, quando emborca, faz o diabo por esses caminhos.

Ao dar com a varanda da casa, florida de rosas, enfeitada de palmas e folhagens como um presepe, o coração bateu-lhe com força.

— Olha, lá está a velha... segredou-lhe o Americo.

Lá estava, com effeito, muito magra, muito envelhecida, entre senhoras, a olhar, sem animo de descer para abraçá-lo. Quiz apressar-se, mas opprimida, com os olhos arrasados de agua, mal poude atirar os braços em carinhoso aceno. Americo animou-se:

— Então, homem... nada de fraquezas. Se vocês começam a chorar, lá se me vai todo o trabalho por agua abaixo.

Isidro sorriu. D. Candida, avançando, poude apenas murmurar estranguladamente: «Meu filho!» Lançou-lhe os braços ao pescoço e, sacudidos ambos pelos soluços, ficaram longo tempo abraçados.

Os morteiros estrondavam e, em volta da velha casa, era um alarido atroador das crianças que, a cada estampido, levantavam clamores.

Isidro, depois de abraçar os parentes, que haviam acudido ao convite da boa senhora, vindo alguns de sitios remotos, contou as suas fundas saudades, falou da molestia e já D. Candida começava a referir as desgraças que haviam desabado sobre a casa desde que elle partira, quando o Americo interveiu lembrando — que o rapaz estava fatigado, dessem-lhe, antes de casos, banho e almoço.

Os aposentos esperavam-no enfeitados como para noivado: o seu antigo quarto e uma sala com janellas para o jardim coalhado de rosas. Nos consoles grandes vasos de porcellana transbordavam flores, sobre a cama havia petalas esparsas, e das cortinas de rendas pendiam ramiculos e fitas. D. Candida acompanhou-o, e, enternecida, notando-lhe a magreza, a côr terrosa e aquella tosse secca

que, de quando em quando, o sacudia, observou com meiguice:

— Tu não seguiste os meus conselhos. Isso assim não está bom.

— Qual, mamãi. Não é nada.

— Eu sei.

Isidro sentou-se na rêde, linda rêde de S. Bento, com largas varandas que roçavam no soalho, e os dois esqueceram-se conversando sobre o triste passado, recapitulando factos. Falaram da morte do regatão e elle logo perguntou pela cruz.

— Está lá.

Americo fez uma matinada á porta.

— Que toda a gente estava a reclamar o almoço. Era quasi meio dia. Isidro levantou-se, abriu a porta ao primo que declarou consternado: Que estava a cahir de fraqueza. De pé desde as cinco da manhan, com uma bucha de pão. Estava ali que já se não podia ter nas pernas.

— Tens razão; vou ao banho. Em meia hora estou prompto. Até já.

E lá foi acompanhando a Severa, a velha negra que o criara e que andava afflicta, querendo tambem prestar algum serviço a «seu filho».

O almoço correu alegre com as estrondosas gargalhadas do Americo. Para cada prato que chegava, fumegando nas grandes terrinas ou nas immensas travessas, Isidro, saudoso dos tempos domesticos, tinha um franco louvor. Aquillo só bastava para restituir-lhe a robusta saude. Depois os doces — as compótas, os filhozes, os cremes, os alfenins, as balas. Americo promettia regalados almoços no campo, com peixe fresco; ceias de pe-

tisqueiras em casas famosas. Havia de pô-lo mais rijo que um cedro. D. Candida, porém, contrariava taes projectos estroinas: Nada de extravagancias. Elle do que precisava era de regimen: comida san, somno a horas, repouso. Estava muito abatido e de pandegas vinha cheio. Os convivas entreolhavam-se em silencio; só o Americo ousava ir de encontro á opinião da tia:

— Historias! Conheço Coimbra, tambem por lá andei. São mais as vozes.

O dia passou todo em recordações, cada qual lembrando um facto e, quando se falou do regatão, a palestra tornou-se melancolica. Lamentaram que houvesse morrido sem os sacramentos, um homem de tanta religião.

— Ora! elle fez o bastante para ganhar o céu. Não é a igreja que salva, são as boas obras. Conheço muito patife que não sahe de junto do altar, a esmurrar o peito e a engulir hostias. Até parece que não comem outra coisa. Entrem-lhes na vida... A D. Anna Teive, por exemplo... As senhoras protestaram: «Deixasse, já fôra prestar contas a Deus...» Ah! sim... Não sahia das igrejas, ouvia tres e quatro missas por dia, confessava-se todas as semanas e, em casa, queimava as mucamas com ferro em brasa e mandava retalhar o collo das raparigas, para que o doutor não cahisse em peccado.

— Que é isso, Americo!

— É a verdade, titia. Todos sabem.

Á tarde o céu carregou-se de nuvens, trovões rodaram surdamente e o calor augmentou, abafado. Foi uma debandada.

Então, na tranquillidade da casa, com a chacara já adormecida e a ribeira a cantar mais alto, mãi e filho sentiram-se mais aconchegados e, carinhosamente, disseram-se os seus desalentos, as suas saudades. Elle sentia todo o passado revendo aquellas paredes, ouvindo as vozes da gente domestica, o murmulho das arvores á cuja sombra crescera, e, quando se deitou nos alvos lençóes, que conservavam o perfume das hervas do campo, foi como se houvesse volvido ao bom tempo da meninice, quando adormecia embalado pela voz triste da Andreza, que lhe cantava as xácaras antigas, cheias de encantamento e de amores.

Nos primeiros mezes, sempre em visitas, em jantares aqui, ali, revendo antigos companheiros, lugares queridos, Isidro não sentiu o peso da vida monotona. Pouco a pouco, porém, retrahindo-se, mettido em casa, começou a entediar-se com o rame-ram domestico : a mãi a coser ou a dirigir o serviço das mucamas, os negros cantando no pomar ou na horta, as lavadeiras batendo roupa no córrego.

Durante o dia encerrava-se no quarto e na rêde, com um romance, atravessava as horas vagarosas, levantando-se amollentado, quando o chamavam para as refeições. Ás vezes sahia para a chacara, caminhando lentamente por entre as arvores, ou ia para o fundo dos mattos, onde os pequenos armavam arapucas, chegava ao recosto da collina e quedava-se contemplativo, ouvindo escravos que carpiam cantando.

Que saudades de Santa Clara ! O coração não lhe batia por aquellas raparigas, ainda fiel á que

lá ficára. Olhava-as com indifferença, evitava-as aborrecido. Ás vezes, seguindo uma trilha sinuosa e copada, ouvia uma doce voz no balsedo. Detinha-se enlevado, não pela mulher, mas pelo mysterio do sitio, logo imaginando a « poesia » de um encontro de amor. Embrenhava-se, e todo o sonho se dissipava ao dar com a rapariga, cafusa ou mulata, que procurava frutos silvestres, vergando os ramos, se o não procurava, a elle, attrahindo-o com o seu canto.

Passava calado e a rapariga, vergonhosa, lá se perdia nos mattos, como uma nympha que se recolhesse á sua caverna ou ao amago da arvore materna.

Dolores ! ella sim ... Não era a bruta, inconsciente animalidade, que só attende ao instincto, que vai para o amor impellida pelo aguilhão fatal do destino, com o mesmo desatinado arremesso com que as femeas dos beluinos, na éra estuante, fremindo, galopam, cruzam o deserto e os bosques, cumprindo uma pena, só repousando quando se sentem fecundas. Ella, não : era a graça, a faceirice, a intelligencia. Fazia-se querer usando de mil artificios de seducção — oscillando entre o ceder e o negar, esquiva ou impetuosa, ardega ou indifferente. Dolores ! ...

Aquellas, sempre em desleixado abandono, nem aproveitavam os seus encantos ; os cabellos, traziam-n'os em trunfas altas ; as cintas grossas, desapertadas, denunciavam a força genesiaca, o ventre impunha-se robusto e os seios fartos, rijos, mal velados pelos corpinhos, espetavam-n'os com os bicos endurecidos e hirtos. Animaes !

Só uma rapariga conseguiu vencê-lo com o seu prestigio.

Ardia o sol. Em torno do canto solitario a que elle se abrigára, com um livro, juritys mariscavam. Chegavam de todos os pontos, ruflando as azas, arrulhando, e, trefegas, aos volteios, topavam-se, encontrando os bicos como em beijos rapidos. Ás vezes, um casal fugia para os altos ramos; o bando ficava cirandando em baixo, alegre, na viva luz do sol, até que uma femea abalava e logo a seguia o macho, perdendo-se ambos nas franças densas.

Esqueceu a leitura, distrahido na contemplação dos movimentos das avesinhas, que não pareciam dar por elle. De repente, uma, que mais se adiantára para o caminho, recuou assustada, em vôo curto, e logo houve no bando um alvoroço de alerta. A primeira voou, as outras ficaram á espreita, ariscas, de azas leves, promptas para a fuga. Subito, com um barulho surdo, todas debandaram em direcções differentes, e uma mulatinha appareceu no caminho, chorando.

Clara, côr do jambo dourado, cabellos negros, collo airoso, vestia saia vermelha, arregaçada na cinta, deixando vêr as pernas bem feitas sobre os pésinhos delicados. Passava devagar, sem vê-lo, espalhando em torno um fluido voluptuoso. Era uma linda criança, no viço da puberdade. Teria dezeseis annos.

Conhecia-a de vista — era filha de uma mulata, a Ignacia, que a mãi, sempre ciumenta, a pretexto de que a havia surprendido a fazer feitiços, obrigára o marido a vender para o sul. A verdadeira

mãi da mulatinha Irene fôra a natureza — aquellas arvores, aquellas aguas, aquelle sol.

Sempre maltratada em casa, porque era altiva, vivia na roça com a escravatura. Acompanhou-a com o olhar — viu-a parar, limpar os olhos, ficar um momento cabisbaixa, immovel, pensativa, e teve pena.

Que teria ella ? Chamou-a. A rapariga voltou-se surpresa. Dando com elle, baixou os olhos e logo encaminhou-se como que attrahida para os braços que se lhe estendiam, seguindo numa obediencia de escrava, contendo os ultimos soluços.

— Que tens ? Ella encolheu-se toda, a repuxar um arbusto, timida. Fizeram-te alguma coisa ?

A pequena sorriu e, erguendo o rosto, mirou-o docemente. Mas fitando o seu olhar e comprehendendo instinctivamente o que elle dizia, córou, baixando de novo os olhos ainda humidos. Tomou-lhe a mão, puxou-a e sentiu o aroma que o seu corpo virgem exhalava.

Era um cheiro agreste de matto. Não era uma mulher que elle ali tinha, com o perfume suave da carne delicada, era como uma arvore, com a sua essencia, arvore encantada em mulher, irman das que o cercavam.

A mão callosa era aspera como os troncos rugosos, a boca vermelha entreabria-se como uma flôr allucinante que instillasse veneno.

Hamadryade que escapára do seu cerne, Irene ia, aos poucos, vencendo os escrupulos de Isidro, inebriando-o com o seu almiscar estonteante, com o encanto avassalador do seu corpo. A um movimento mais vivo, ella deixou-se cahir, sentou-se

na mesma pedra em que se achava o senhor, e os dois ficaram calados, elle a acariciá-la, ella inerte, passiva, como insensivel. O aroma, porém, tornava-se mais forte, recendia. Era o amavio floral, a essencia viva da natureza, que se evolava do corpo da criança selvagem, atordoando o homem, envolvendo-o, allucinando-o.

— Que tens ?

— Não tenho nada.

A sua voz tremia e elle acompanhava com o olhar incendido o lento arfar do collo cheio. Relanceou os olhos em volta — tudo era deserto. Os negros cantavam longe, as lavadeiras batiam roupa nas pedras, á sombra dos cajueiros ; em casa trabalhavam. Áquella hora, com aquelle sol, não havia risco de serem surprendidos. Levantaram-se e, indecisos, quedaram um momento immoveis. Elle animou-se e perguntou baixinho :

— Onde vai dar esta trilha ?

— No matto velho.

Era o resto da floresta que o regatão sempre respeitára. Puzeram-se a caminho e, affrontando os rispidos mattos, rompendo os travados liames dos cipós, as mãos dadas, em silencio, mergulharam nas grandes sombras quietas das velhas arvores.

Vencido pela escrava Isidro não vivia senão para ella. Á noite recebia-a no quarto, ajudando-a a galgar a janella. Durante o dia procurava-a em pontos combinados e ficavam horas rolando nas folhas, rindo, brincando como animaes.

Nos dias de chuva, Isidro trancava-se desesperado, remordendo-se, a praguejar contra o tem-

po. Ella ia provocá-lo passando, a correr, sob o aguaceiro, por diante da janella, rindo para annunciar-se e, quando o via apparecer colando o rosto á vidraça, atirava-lhe beijos, mostrava as arvores e partia chapinhando nagua, deixando-o enervado, numa irritação, numa ansiedade que só cedia á noite, quando ella tamborilava nos vidros, chamando-o para recebê-la.

Essa vida consumia-o. D. Candida vivia a chorar pelos cantos, desanimada com o emmagrecimento do filho. Ás vezes, á noite, emquanto elle procurava distracções para não sentir as horas que o separavam de Irene, embalando-se na rêde ou passeiando na varanda, ao luar, ouvia os canticos das negras na capella. Rezavam por elle, e era D. Candida quem tirava o terço fazendo promessas á Senhora da Saude para que lhe salvasse o filho. O proprio Americo, sempre folgazão, rindo de tudo, não poude disfarçar o espanto quando viu Isidro desfigurado, a tossir, os ossos á flôr da pelle.

— Tambem, com a vida que leva. Nem um frade, titia.

— Mas elle não sabe porque não quer, Americo.

— Ora, porque não quer . . .

— Eu ando desconfiada de certas coisas. Emfim ! . . .

— Que coisas ? . . .

— Essas raparigas.

— Ahi vem. Deixe o rapaz. Elle não é santo. Está magro, está . . .

— Muito peior do que quando chegou.

— Já vê a senhora que não eram as pandegas. Porque não o manda ao Claudio ?

— Tenho tanto medo, Americo.

— Medo de que ?

— De que me diga que elle está tisico.

— Qual tisico . . . ! Se quer, eu falo-lhe para que o venha vêr.

— Não, mais tarde.

— É, mais tarde. Essas coisas combatem-se em começo, titia. Depois querem que os medicos façam milagres.

Na intimidade Americo falou francamente a Isidro :

— Olha que a velha anda desconfiada de certas coisas aqui em casa e eu, se queres que te diga, tenho certeza absoluta de que andas a fazer de Adão neste paraiso com todas as Evas da senzala.

— Eu ?

— Não, eu. Não sou tolo, meu amigo. Não criaste raizes na casa paterna por amor entranhado á tradição. Aqui ha mulher, ou mulheres, o que é peior. Pois, meu amigo, é preciso tento. Estás arranjando uma coisa séria, digo-t'o eu e bem sabes que não sou de conselhos. Se falo é porque vejo o caso mal parado. Estás definhando a olhos vistos. Não és um athleta e já andaste a deitar sangue pela boca. Cuidado !

— Mas tu estás sonhando, Americo.

— Sonhando, hein ? Pois sim. Não és santo, bem sei, e aqui em casa ha uns repolhinhos appetitosos, mas tu não tens fibra de sultão, entendes ? Estás com a ossada á mostra. Vê la ! Ellas por ahi ficam e tu é que vais indo.

Isidro ficou impressionado com as palavras do primo e, nessa mesma noite, falou a Irene, prevenindo-a para que se acautelasse, porque a velha andava desconfiada e era capaz de pôr vigias e se a surprendessem ... A mulatinha encolheu os hombros : « Estava perdida, pouco se lhe dava. Se quizessem vendê-la, melhor. Não havia de faltar quem a comprasse. » Elle revoltou-se enciumado :

— E tinhas coragem de sahir d'aqui ? de deixar-me ... ?

— Porque não ? Cada um com a sua sorte. Mulheres não faltam, aqui mesmo ... é só escolher.

Elle teve um assomo de furor e bateu-lhe. Irene encolhia-se sem reagir, como se gozasse com a brutalidade do senhor e, quando o viu afastar-se descalço, procurando a rêde, levantou-se e, lesta, atirou-lhe os braços ao pescoço, envolveu-o, beijando-o allucinadamente, com frenezi e com lagrimas.

Foi-se com o primeiro cantar do gallo, saltou a janella e fugiu ligeira, perdendo-se na escuridão do jardim, recolhendo-se ao cubiculo em que vivia com uma negra, que nunca dormia em casa, porque, mal terminava o serviço, sahia com outras á gandaia.

Isidro, sem somno, accendeu a vela, tomou um livro e poz-se a lêr. Sentia-se abatido, uma canceira prostrava-o amollecidamente. Por vezes faltava-lhe o ar, um peso opprimia-lhe o peito, tinha uma constricção na garganta e saibo a sangue.

Rispida sobreveiu a tosse a golpes seguidos. De repente uma golfada encheu-lhe a boca — era sangue. Nervoso lançou-se da rêde para a porta,

mas deteve-se no meio do quarto suffocado, em ansia mortal. A tosse arrancava-lhe o sangue todo, aos jorros. Já pelo quarto luziam largas placas e elle ainda cuspilhava sangue, sempre sangue e a baba que lhe escorria da boca era sanguinea. Foi á porta, abriu-a. O corredor escuro estava em silencio. Sahiu em pontas de pés e bateu á porta do quarto de D. Candida.

— Quem é ?

— Eu, mamãi. Estou muito incommodado, tenha paciencia.

Houve um reboliço no quarto. A velha poz-se logo de pé, chamando as negras que dormiam perto, a Severa, a Brasilia, e, instantes depois, as tres entravam no quarto de Isidro, e quando viram o sangue, foi um aterrado alarido.

D. Candida atirou-se de joelhos, implorando a Deus a vida do filho ; as negras, em choro afflicto, correram a chamar Andreza, que entendia de curas, e toda a gente despertou. A casa encheu-se e em torno, na chacara, appareciam vultos indagando. Um moleque foi despachado para avisar Americo e trazer o Dr. Claudio.

Accendeu-se a capella e, pelos cantos obscuros, era um resmungar de crianças que fervilhavam estremunhadas. Cães entravam farejando e na cozinha, emquanto Andreza fazia um chá, murmuravam-se conjecturas : « Alguma veia que arrebentou » . . . « O coração, quem sabe . . . » e a curandeira, mais sábia, affirmou : « É do peito. Já vi uma menina morrer assim. Não ha como botar uma chave nova na boca ; cessa logo. Nhonhô não quer . . . »

Ao amanhecer Isidro dormia, quando o Dr. Claudio chegou com o Americo e foi logo para o quarto. O enfermo acordou e, desanimado, deixou-se examinar, pedindo allivio para a ansia em que estava. — « Que lhe déssem alguma coisa para a tosse, era a tosse que o martyrisava ».

O medico não poude occultar a verdade: era a tuberculose. Americo ficou consternado e D. Candida, quando elle lhe disse que era preciso mandar Isidro para o sertão, passar uns tempos tomando bom leite, passeiando a cavallo, respirando ar puro, deixou cahir a cabeça e poz-se a chorar aos arrancos.

— Tenha coragem, titia. O que elle tem é fraqueza.

—Pensas, então, que não sei, Americo ? Aquelle sangue, aquella magreza, aquelles olhos tão no fundo... Ha muito que eu dizia aqui em casa que meu filho estava com a tisica. Meus olhos não se enganaram. Seja tudo pelo amor de Deus !

— Mas na Matta Funda elle fica bom, titia. Quantos foram para lá perdidos ? O Gesteira, não se lembra ? ninguem dava nada por elle e está ahi, deitou corpo, nem parece aquelle esqueleto que andava pelo Campo Grande. Tenha coragem.

— Pois sim. E quem ha de ir com elle ?

— Eu, se quizer. Demais, elle tem lá tia Balbina. Vai d'aqui no vapor até Palmas, toma animaes e, num dia, póde fazer folgadamente, sem fadiga, as quatro leguas.

— Só se eu fôsse com elle.

— A senhora ? Titia não póde. Escreva á tia

Balbina; ella manda conducção e ninguem o tratará melhor do que ella. E garanto-lhe que elle volta outro, mesmo porque na Matta Funda não ha nada mais a fazer senão comer, andar a cavallo e dormir. Lá é que elle não fará extravagancias.

— E que diz o doutor?

— Faz questão de que elle parta immediatamente.

— Pois sim. Seja tudo pelo amor de Deus.

Submettido a tratamento rigoroso, sempre acompanhado, porque Severa passou a dormir na sala para acudir ao primeiro chamado, Isidro foi melhorando: mas a saudade de Irene trazia-o em irritação frenetica. A mulatinha, para lembrar-se, levantava a voz quando passava no jardim, ás vezes mesmo, vendo a janella do quarto aberta, ousadamente atirava flôres para dentro. Isidro corria, debruçava-se, mas já não a via.

Quando a mãi lhe falou na imposição do medico, revoltou-se:

— Não, não ia para parte alguma; não sahia de casa. Queria lá saber de mattos. Arvores tinha-as elle ali.

Mas Americo interveiu imperioso, impondo-lhe a viagem.

— Que havia de ir. Não se tratava de passeio, mas da vida. O medico declarára que se elle não partisse immediatamente, podia ir numa daquellas. Que diabo! tambem não é o fim do mundo e vais vêr o que é belleza. Já lá estive: fui passar uma semana e fiquei mez e meio. Has de gostar. Tia Balbina é uma santa.

Só Irene o prendia. A mulatinha selvagem,

com a sua furia amorosa, com o seu almiscar florestal, com os seus dengues lascivos, havia-o escravisado. Não tinha coragem de a deixar. Mas como levá-la ? sob que pretexto ? A mãi já desconfiára.

Andavam a preparar-lhe a bagagem, quando, uma manhan, com o sol, elle sahiu de casa para o bosque, seguindo os caminhos costumados, a assobiar para attrahir a pequena. Onde andaria ella ? talvez na turma que capinava, talvez entre as lavadeiras.

Foi á ribeira, não estava. Subiu á roça, na espalda da collina, desceu ao grotão e, já desesperado, sem preoccupar-se com o que pudessem pensar, perguntou por ella a um negro que roçava um mattagal. Não a vira. Devia estar com as mucamas, em casa. Irritou-se. Sim, talvez estivesse em casa — a mãi reunira todas as raparigas para os arranjos domesticos : andava com tanto serviço — limpeza da capella, substituição das cortinas, preparo das malas que elle devia levar. Estava, com certeza, entre as outras, apezar da antipathia que por ella mostrava D. Candida.

Descia mal humorado, mas, ao passar a estiva, viu, do lado opposto, de pé entre as tayobas, sorrindo, Irene, que o sentira e andava a procurá-lo. Fez-lhe signal para que o seguisse e retrocedeu para o bosque.

Estava impaciente, sentia necessidade d'aquella criatura lubrica, e antes mesmo da sebe espessa os haver emparedado, defendendo-os das vistas dos que, por acaso, passassem no caminho, abraçou-a, beijou-a, farejando-a, sorvendo o aroma excitante que ella trazia das arvores, das hervas

dos campos, dos cipoaes, dos juncos da beira de agua, de toda aquella vegetação que era o seu meio. A boca, onde elle buscava beijos, sabia-lhe a fruto agreste; os cabellos, que lhe roçavam pelo rosto, eram como filandras, das que pendem das frondes.

Sentaram-se na alfombra macia e elle disse-lhe a sua angustia, a tristeza de a deixar. Falou-lhe do soffrimento que ia padecer lá longe, naquellas terras bravias, sem ella, e a mulatinha, desfolhando um ramo tenro, a mordicar as folhas, ouvia-o cabisbaixa, balançando os pésinhos nús. De repente, com um suspiro que lhe fez crescer o collo, disse:

— Eu não sei como ha-de ser... Com o senhor aqui, por mim, ainda eu podia escapar de sinhá, mas só... esticou o beiço desanimada. Commigo vai ser peior do que foi com mamãi.

— Mas que ha?

— Uê! pois então o senhor não sabe?! fitou nelle os olhos: Mais claro... e repuxou o cós da saia: olhe só.

— Estás!?...

— Ah! não havia de não...

— Desde quando?...

— Sei lá! riu, mordicando as folhas que arrancava. Houve um largo silencio.

— Só se eu disser á mamãi.

A pequena levantou arrebatadamente a cabeça:

— O senhor está maluco!? Deus me livre.

— E então?

— Ha de ser o que Deus quizer. Isidro sentiu os olhos marejados, abraçou-a commovido, beijou-a com pena. Pobre Irene! Ella deu de hom-

bros, indfferente: Se viesse... que se havia de fazer? Mas não pensasse mais nisso. Tratasse de ficar bom, e se quizesse fazer alguma coisa por ella...

— Por certo.

E, docemente, como em segredo:

— Quando eu voltar, se vier bom, como espero, tiro-te d'aqui. Não digo que vá viver comtigo, mas arranjo-te uma casa e nada te ha de faltar, descança.

— Captiva...

— Ora, captiva... Já te disse que arranjarei tudo. Mamãi não é capaz de negar-me a tua liberdade, se eu pedir. Ha tantos meios! Quando a gente quer bem...

— Ah! isso sim... O senhor vai e nunca mais se lembra de mim. Longe da vista...

— Não sejas tola.

Ella acenou affirmativamente, deixando-se abraçar, sem um movimento, impassivel, como distrahida.

Foi num domingo radiante, justamente á hora em que uma devota procissão percorria a cidade, empavezada de colchas, juncada de folhagens, com os sinos de todas as igrejas repicando, que o *Aventureiro*, vaporzinho da carreira das Palmas, deixou o ancoradouro, com uma barcaça a reboque, singrando em direcção á foz do Maruhy.

Isidro, que recusára a companhia inutil da Severa, porque tia Balbina, na carta em que annunciára ter tudo prompto para o receber, pro-

mettera mandar um homem de confiança buscá-lo ao porto, e escravos, com um carro, para o transporte da bagagem, seguia só e animado.

Sem o «trambolho» da velha negra chegaria mais depressa ao repouso da Matta Funda, entrando logo na delicia d'aquelles ares puros e milagrosos, tão gabados pelo Americo.

Tia Balbina, sempre meiga, escrevera que nada lhe havia de faltar. Fôsse no primeiro vapor do mez e um camarada o tomaria a bordo para guiá-lo ás terras do sitio.

Durante uma hora morosa, emquanto as pás das rodas batiam a agua salgada do canal e as ilhas iam ficando na distancia, Isidro, debruçado á balaustrada, não tirou os olhos da cidade, que a noite envolvia. Viu ainda as luzes da illuminação pontilhando a treva, foguetes explodindo no céu. Por vezes, numa aragem mais forte, chegavam-lhe amortecidos sons de sinos, até que, numa volta, achou-se em mar largo, navegando ao longo da costa escarpada, com distanciados fogos luzindo em cabanas de pescadores.

Já os passageiros se iam agasalhando, ao longo dos corredores lateraes, em cadeiras, em bancos, sobre malas; outros, no salão, em rêdes, tão juntas que se esbarravam. Uma senhora recolhera-se com o filho ao acanhado cubiculo do lavatorio, para passar a noite longe dos homens, que, posto fôssem todos conhecidos, eram sempre homens, que a podiam vêr em attitude menos grave, na inconsciencia do somno.

A lampada oscillante dava uma luz escassa e livida, e, no silencio, a machina fazia um barulho

monotono, chiado, arquejado. Isidro procurou a sua rêde e, mesmo vestido, tirando apenas as botinas, deitou-se, cobrindo-se com as varandas.

O vaporzinho lá ia e, á proa, o pratico, um caboclo conhecedor de todos aquelles vãos, guiava a manobra, ouvindo os repenicados de uma viola, tangida por quem entendia do officio e tinha sentimento e doçura para cantar amores.

Não deviam estar muito longe da barra do Maruhy. « Lá para as dez horas estamos nelle », disseram, e foram as ultimas palavras que Isidro ouviu, adormecendo ao balanço macio da rêde, que ia e vinha docemente, com as oscillações do vapor.

Amanhecia quando um estrondo o despertou.

Um homem rosnou do fundo da rêde « Diabos de coivaras ! » Iam pelo rio, tão estreito que, por vezes, o *Aventureiro* roçava pelas pendidas frondes. A folhagem invadia-o, varrendo-o com estrondoso farfalho ; galhos estalavam.

Não raro eram grossos troncos derrubados, com as raizes rebentando de fundas brocas abertas na barranca. O pratico berrava, homens corriam á prôa com varas e desviavam o vapor, e os passageiros resmungavam contra o desleixo da companhia que não mandava limpar o rio, sujeitando-os áquelles incommodos, quando não eram paradas de horas, de dias, ás vezes, como já acontecera numa grande cheia que atravancára de troncos uma volta do rio formando verdadeira estiva.

O céu, dourado e calmo, reflectia-se na corrente, ainda escura nas proximidades das mar-

gens com a sombra fechada do arvoredo. Era um vivo concerto de aves pelos ramos—sabiás e rolas, japys e patativas e, nos galhos mais baixos, balançavam-se as ciganas piando. Longe, nos banhados, as siricóras faziam alarido alegre e jacarés, espapados á beira d'agua, olhavam immoveis, quasi confundidos com a lama. Gallos cantavam na terra proxima e cães, irrompendo dos mattos, vinham ladrar ao vapor, acompanhando-o ás investidas pelo alto da barranca.

A vida a bordo era insipida. De manhan, com a aragem fria e o perfume agradavel, resinoso das mattas, os passageiros espalhavam-se pelos corredores, pela prôa onde o pratico, sempre attento, ia seguindo os meandros do rio, ou palestravam com o commandante, caboclo alegre, grande sabedor de casos, historia viva de toda aquella decahida região ribeirinha.

Conhecera-a nos tempos famosos da riqueza e, pouco a pouco, vira-a ir desfallecendo em miseria melancolica. Cidades que foram centros de commercio, sempre agitadas, com os seus campos coalhados de gado, as suas feiras concorridas, os seus engenhos refervendo de gente, cercados de cannaviaes que iam topar com as mattas, eram, então, ruinas, com o casario a cahir, as mesmas igrejas fendidas, tão abaladas nos seus muros ennegrecidos que, ás vezes, na hora da missa, um bloco de barro esbarrondava-se em plena nave, espavorindo o povo que se precipitava atabalhoadamente, aos empurrões, fugindo.

Ia apontando os lugares de maior fama, mostrava, no meio dos mattos, restos de grossos mu-

ros, pilares denegridos, cumieiras tisnadas por entre as vigas das quaes subiam arvores; paredões monstruosos cobertos de hervas; ferragens soterradas. Nomeava os engenhos assignalados pelos destroços, referia episodios da vida dos senhores, lendas, casos tragicos. « Olhe, era ali naquelle remoinho d'agua, que ferve sempre, que Manoel Rebolão, do *Paraiso*, jogava os corpos dos escravos que matava ». Ou então, estirando o braço, mostrava sitios de encanto — uma rocha, que era o throno da mãi d'agua, a toca do curupira, negra furna cavada no barrocal.

Interrogavam-no sobre apparições: « Se vira alguma, onde ? » E elle, recordando, lá ia dizendo, em tom banzeiro: « De uma feita, foi p'los tempos do Natal — e por isso não me aconteceu coisa de maior — ainda não havia vapor e a gente fazia a viagem nas barcaças, era de noite, lá pelas tantas, quando nas alturas do antigo engenho do Vereza eu ouvi uma voz muito afinada tirando uma cantiga . . . » E referia a visão da yara, núa, ao luar, sentada na rampa, a pentear os cabellos compridos, enfeitando-os de mururé. Citava testemunhas, indicava os lugares: « Foi ali! » E todos ficavam olhando, á espera de que surgisse o ser mysterioso, a princeza fria das aguas correntes que attrahe as crianças e perde os pescadores.

Os passageiros tinham tambem os seus casos, cada qual referia uma aventura — um que vira sombras gementes, outro que assistira, aterrado, ao assombramento de toda uma boiada, cujo dono fôra jurado pelo *caapora;* ainda outro que tivera aviso da morte de um parente pelo acauan que can-

tára tres vezes em volta da casa, justamente quando se dava o caso triste. E o *Aventureiro* lá ia, mais lento, com a barcaça a reboque.

Á hora do sol recolhiam-se todos ás suas rèdes, espichavam-se nas suas cadeiras e só se ouvia o chofrado bater das rodas e o murmurio da folhagem do arvoredo rente ao qual o vaporzinho deslisava.

Nas vizinhanças das cidades, os que ficavam faziam as suas despedidas, arranjavam a bagagem e iam encostar-se á balaustrada, querendo vêr os conhecidos que appareciam em terra e, logo que se avistavam, eram saudações e perguntas.

Mal era lançada a prancha, precipitavam-se os visitantes, a melhor gente da terra, indo a noticias, saber por miudo os acontecimentos da capital, receber encommendas, cartas que o commandante levava por obsequio, e a sala de jantar ficava abarrotada. Abria-se cerveja, ás vezes champagne, emquanto se ia fazendo a descarga. Moças, á sombra das arvores, ficavam olhando, entretidas, e á tarde, quando o vapor largava, toda a gente o seguia com olhos saudosos, até que o arvoredo o occultava deixando apenas livre o fumo que subia como ultimo adeus, dissipando-se no ar.

A cidade das Palmas, á margem do Maruhy, era um alvo, extenso areal forrado de sombras de coqueiros. Fôra a mais abastada e risonha das cidades sertanejas, por ter sido o mercado maior d'aquelles confins, o ponto de juncção de todas as estradas.

Ali reuniam-se as immensas boiadas, as tropas do sertão carregadas de carne, de cofos de farinha,

de rapadura e mel, de doces, de todos os productos da pequena industria sertaneja: rêdes de linha e de palha, botas de couro branco, artefactos de coco e de chifre, essencias, favas de cheiro, rendas e crivos, armas finas, sellas lavradas, arreios de preço.

Grandes depositos de sal rebrilhavam ao sol, em dunas, e pelos campos adjacentes estendiam-se as telhas e os tijolos queimados nas olarias, onde tambem se fabricavam os lustrosos alguidares, as grandes talhas de fôrma e as mimosas quartinhas de barro sanguineo.

Os armazens expunham os artigos europeus, desde o madapolão até o panno fino e a seda da India, as joias e os remedios virtuosos, o rifle e os chapéus floridos e toda a sorte de quinquilharias, com que os regatões sortiam os barcos em que subiam os rios.

Era uma vida rumorosa — sempre caravanas chegando, partindo, festas, batuques e congadas em torno dos ranchos. Ás vezes, companhias de cavallinhos armavam um circo no campo e era um alvoroço na cidade. Toda a gente lá ia — as moças mimosas e os rijos tropeiros de alpercatas, com os seus gibões de couro, a faca á cintura, rindo, chalaceando com o palhaço, pasmando commovidos para os acrobatas quando os viam no trapezio, balançando-se arrogantemente de um a outro extremo de circo.

Pouco a pouco, porém, a affluencia foi escasseando e a cidade perdeu o prestigio, conservando apenas as mostras da antiga opulencia nos edificios enormes, nos vastos ranchos á beira dos caminhos.

Quando Isidro avistou as torres das duas igre-

jas, respirou alliviado. Quatro dias lentos de subida naquelle cacifro, com os enfadonhos companheiros que só lhe falavam das infamias politicas, contando vinganças, arbitrariedades dos mandões, ousadias da marotagem, sempre a olhar a invariavel paizagem de um verde queimado, ao longo das margens tão chegadas que, ás vezes, as copas do arvoredo acenoso, juntando-se, formavam densa, sombria abobada, sob a qual o vapor passava lentamente como por um tunnel.

De quando em quando, uma cidadesinha pobre e sempre a mesma gente, com as mesmas perguntas, os mesmos olhos ingenuos, contemplativos e tristes.

O commandante, quando o *Aventureiro* encostou á ponte, falou a Isidro mostrando-lhe, em terra, um homem de tez queimada que se espichava entre a multidão, alongando os olhos para bordo, como á procura de alguem :

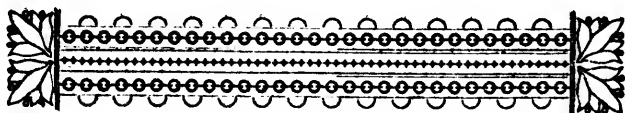
— Aquelle é que é o major Bentes. Bom homem, menos quando se mette em politica.

Lançada a prancha, o major foi o primeiro a sahir e logo o commandante o apresentou a Isidro ; e os dois, sem grandes expansões, trocaram ligeiras phrases sobre a familia, a viagem, a belleza da cidade e a sua decadencia.

O major hospedou-o na sua casa de azulejos, com figuras de louça, apresentou-o á mulher, ás filhas, duas timidas mocinhas educadas nas freiras, muito sérias, sempre juntas, com ares modestos de religiosas, mal murmurando, de olhos sempre baixos, as mãos cruzadas ao collo. Disse-lhe que os negros da Matta-Funda já lá estavam, com

o carro e o camarada, que a senhora Balbina mandára, era um homem destorcido, o Manuel Felicio.

Podia partir tranquillo com elle — não havia mais fiel nem mais valente. Se quizesse ficar uns dias para vêr a cidade, passeiar, não fizesse cerimonias. Mas Isidro estava ancioso pelos bons ares do sitio e não supportava aquella residencia conventual, que cheirava a incenso desde a entrada, e sentia-se attrahido pela grande floresta, como se uma voz encantada o chamasse do recesso da Matta-Funda para as sombras salutares, para a frescura acceitosa dos seus cantos floridos.

E nessa mesma tarde partiu.

III

— Eh! mundo! suspirou Manuel Felicio, o *Anta*, passando um raspão de esporas no ventre do *fabrica*, que ainda esquipava sereno, como se já não houvesse deixado atráz duas leguas asperas por areaes e campos de silvado.

Iam os cavalleiros por um caminho balofo, de areia solta, e, como a lua, em pleno, rasgava as nuvens, branca e triste, cravavam-se na terra ingrata, muito hispidas e immoveis, as sombras duras e agudas dos gravatás.

Á frente, em fogoso alfario, de cabeça pequena, nobre e sofrega, peito largo e arrojado, Isidro rompia a marcha. Ia entretido a olhar aquelles ermos de tanta desolação e socego, ouvindo as pabulages do *Anta*, curiboca de fama das bandas do Cariman, que não sabia fazer meia legua de estrada sem trova e sem tiquira.

Deus não dava um solzinho, nem amenisava o estirão a sombra de um arvoredo, que Manuel Felicio não dissesse, arrancando da ilharga a combuca floreada: « Êta! calôsinho bravo...» ou: « Ahi, fresquinho gostoso...» e lá ia o codorio, guela abaixo, saboreado com estalos sonoros da lingua. « Ahn! fogo de engenho mod'o frio» ou « Fresco bom mod'a quentura». Pretextos. Passava a manga do casaco pelos beiços grossos, peganhentos de sarro e, por entre os dentes, brancos e limados, num silvo, esguichava a saliva longe.

Turuna estava ali — forte como um moirão, déstro como um cangussú. Tinha historia, e a gente d'aquelles fundões falava d'elle com respeito e amizade: « É estourado, mas tem um coração de pomba», era o dizer geral. Mas não abusassem, ah! não, que era homem para varrer uma feira á ponta de faca. Elle mesmo dizia, jogando o corpo robusto: « Ahn! quando o *Anta* bota a unha de fóra não é p'ra dá cafuné em ninguem. »

Contava-se o caso do Sumidouro como façanha épica; mesmo nos descantes, á viola, nos tempos alegres de samba, os sertanejos rimavam o feito do curibóca.

Tratava-se de uma eleição renhida e os conservadores haviam ajuntado um mundo de gente no Sumidouro para vedar a entrada aos liberaes, quando o *Anta* riscou no seu *fabrica* libuno, todo vestido de couro, como se fôsse a uma vaquejada. Os conservadores, confiados, tomavam o largo e, com muita empafia, arrotavam valentias, ameaçando céus e terras, quando Manuel Felicio, fingindo brandura, atirou o cavallo para o adro da igreja.

O primeiro que pulou do bando foi Terencio, negro de cara chata e carapinha dura, vaqueiro, máu como elle só, e, atirando as mãos ao bridão do libuno, intimou, com um vozeirão de trovoada, com a espuma a ferver-lhe nos cantos da boca rasgada e grossa :

— Aqui ocê não bóta nome de ninguem, seu pábula, nem que Deus Nosso Sinhô chova raio.

Anta cuspiu o cigarro e rindo, com os dentes brancos e agudos alumiando, falou mansinho :

— Terencio, dêxa di passage. Ocê sabe qu'eu não sou mico qui morre de gatimonha. Vai vê tua gente, rapaz. Alimpa o caminho modi passá quem tem seu qui fazê.

Mas Terencio era negro de opinião e insistiu :

— Que não ! Ali não entrava liberá, nem que Deus Nosso Sinhô mandasse.

Com a berraria do negro a gente do barracão foi chegando, foi chegando com um zum-zum de briga, e era uma rapaziada direita : cada bruto que fazia medo ! Uns com páus, outros com facas novas, que o doutor distribuira, e Serapião Peba, grande e gordo, de olhos esbogalhados como um cururú, com uma foice que até fazia correr um arripio de frio pela espinha, quando relampeava ao sol nas mãos cabelludas do *bicho*. E tudo ajuntou-se em volta de curibóca, que ria.

— Gente, isso de partido não vale a vida de um homem. Alimpa o caminho, gente. Mas qual ! Bradaram todos : « Que não ! Que não ! » Um mulato mais afoito arrojou-se, corcoveado, rugindo : « Vai ferro ! » e um páu sarilhou zunindo. Mas o curibóca picou o *fabrica*, empinou-se, deu uma pan-

cada no cabano, derrubando-o para a nuca e, quasi de pé nos estribos, jogou o animal. O cavallo virou nos pés, mais leve do que um catingueiro, e a gente só ouviu um tinido que ficou cantando muito tempo e a foice de Serapião voou longe, fuzilando, e foi como se um raio houvesse cahido no largo. Estrondavam tiros, páus estalavam no ar e nada! o curibóca ia varando, varando!

De repente, num pulo, deixou o *fabrica* e, a pé, encolhido que nem onça, com a faca na mão, rugindo, espantava. Os conservadores fugiam, era um voar de gente que lembrava a abalada dos papagaios do milharal, quando um tirazio atrôa. A poeira cahiu e o curibóca estava sósinho, suado e rindo, com os dentes muito agudos e brancos aluminando. Poz-se, então, a falar para o ermo:

— Uai! gente... antonce?! Depois, prendendo o cavallo que andava com as redeas de rasto, catando as hervas seccas do largo, entrou na igreja, esteve lá dentro, esteve! e, quando sahiu, já as pombas e os colleirinhos, que haviam fugido com aquelle tempo quente, tornavam.

Manuel Felicio petiscou a isca, accendeu um cigarro, puxou uma fumaça cheia e vendo o páu de rojões, com que os adversarios pretendiam festejar a victoria, chegou fogo e tudo aquillo arrancou rasgando os ares e pipocando como fuzilaria. As pombas e os colleirinhos abalaram de novo e o largo ficou deserto, ao sol — só o vento mexia a poeira e revolvia as folhas seccas e um bacorinho desconfiado grunhia com o papo atolado na lama. Dos valentões nem sombra!

O curibóca desprendeu o cavallo, passou a

perna e tocou, rindo sempre e, só para enfezar a gente, abriu a boca e mandou um brado aos ares : « Viva seu dotô Leoné » e, sósinho, enchendo a voz, fez elle mesmo o côro : « Vivooôh ! » E os conservadores perderam no Sumidouro.

Serapião e Terencio foram para a cama e não sahiu gente sem lanho. Elle bradára : « *Anta* vai rompê, gente ! » e rompera. Mas coração, ali. Uma roxinha fazia d'elle o que queria e as crianças eram tão confiadas com o curibóca que até lhe puxavam a barba, hispida e crespa, e elle ria. Só uma coisa fazia o *Anta* mudar de côr — era trovoada. Subia no céu uma nuvemzinha côr de chumbo e o *Anta* murchava que nem jaboti no inverno, de olhos apertados para não vêr os relampagos. E se a coisa durava — pobre curibóca ! — estendia um cobertor no chão e, ajoelhado, com o rosario nas mãos enclavinhadas, punha-se a rezar a *Magnificat*. Medo de raio até ali, mas fóra disso . . . eh ! fera.

Deixaram Palmas ao cahir da tarde, com aragem macia, quando as corujas começavam a chirriar nos ares pallidos, e Manuel Felicio contava chegar á Matta Funda ao luzir d'alva, antes do primeiro toque da manhan. Para elle, vaqueano velho, aquillo era um sopro, o dobro que fôsse ! Mas Isidro, ao fim da primeira legua, já arquejava e, volta e meia, pedia informações :

— Quantas ainda faltavam, a que horas chegariam, senão havia algum rancho onde pudessem descançar um momento, tomar alguma coisa.

O *Anta* sorria :

— Por aqui não ha moradia, patrãosinho. Vosmecê não vê luz de casa nestas quatro leguas : é

caminho só, campo e catinga. Mas é uma tirada direita. Lá pelo Buritysal a gente encontrava sitios, mas era uma volta doida, mais uma legua puxada e das duras. Vamos indo. O melhor é vosmecê não pensá. Quando má se precatá tamo batendo em casa.

Com a monotona cantilena do curibóca, Isidro foi amollecendo na sella, como acalentado. Bocejava, mal podia com as palpebras que se fechavam pesadamente. As pernas magras bambeavam frouxas de encontro aos flancos do animal que esquipava, jogando areia para os lados.

Por vezes, de um touceiral longinquo, rompiam silvos agudos e sombras fugiam aligeras, farfalhando. O moço despertava em sobresalto, olhava attonito em redor, mas tudo era paz e somno — só o curibóca, de olhos no céu, as redeas abandonadas, seguia á mercê do cavallo, cantando sempre, guaiadamente.

Os campos rasos, de herva secca, cheiravam a rescaldo. A terra, ainda quente da soalheira, exhalava um bafio morno e no varrer do vento cálido voavam folhagens esturricadas, ramos seccos arrastavam-se chocalhando como animaes estranhos que fugissem.

A lua nascia enorme, de um amarello baço. Logo, porém, a vastidão animou-se e, á medida que o astro subia vagaroso e a claridade alargava-se, por toda a solidão immensa e muda insulas de bosques estendiam grandes sombras que as tornavam maiores no livor do luar. Por vezes um murmurio d'agua soava frescamente no silencio — algum corrego que ainda fluia regando o deserto e longe, no taci-

turno horizonte, as serras altas, com as arestas colossaes, fechavam a planicie como muralha cyclopica, de ameias irregulares, por entre as quaes as estrellas luziam.

Os viajantes tocavam aproveitando o frescor da noite, porque o sol, desde as nove, queimava como fogo vivo e era quasi impossivel caminhar sob a adustão, pelas areias escaldantes d'aquelles páramos.

De repente, Isidro perguntou, mostrando a sombra d'um cerrado:

— Que mattos são aquelles?

— É caatinga, patrãosinho. Não ha esse pintado capaz de passá ali perto di noite. É una inferneira! vosmecê não imagina. Tudo quanto é ruindade vive acolá, de tocaia. Mêmo de dia, cô sol claro, é uma berraria d'almas malditas, um corre-corre de demonios. Ha ali dentro um ribeirão, mas só o diabo é que vai bebê d'aquella agua onde as yaras fazem os seus encantos; nem boi perdido, patrãosinho. Dizem que quem bebe vira bicho. A gente estoura de sêde, mas vai passando.

E, pegando o fio das lendas, o curibóca foi contando o que sabia de encantos: apparições de monstros hybridos — mulheres que eram metade gente, metade cobra e viviam enroscadas nos jequitibás, chamando os tropeiros pelos nomes; galopadas desabridas do corupira com a sua vara assanhada de porcos; esqueletos que se encarapitavam nas penhas, nas rampas; sombras gementes que esvoaçavam nos ares; luzes errantes que perseguiam os cavalleiros. Um horror, patrãosinho. A gente não qué acreditá, mas vê, sente. Até

os animaes sentem e tremem quando essas coisas apparecem. Eu, quando o meu cavallo empaca e refuga, não querendo mettê a cara num caminho, não teimo, dou volta. Mais vale esticá um bocado a jornada do que ficá por ahi assombrado, bobeando ou esganado pelo diabo.

Hoje não ha perigo, que é sabbado de Nossa Senhora, mas hontem! isso aqui ferveu. D'uma feita, mod'umas pendengas d'eleição, tive de atravessá este pedaço numa sexta-feira, di noite e foi uma campanha! Não fôsse a oração que não me deixa e eu não sei que teria sido do pobre de mim. Mais d'uma legua uma ema me seguiu o rastro, roncando, pulando, derrubando matto, fazendo um mundo d'estrepolias, só p'ra me tonteá. Ora eu sentia ella atraz de mim, ora via ella na frente, diminuindo, crescendo. Ás vezes ficava tão desconforme que fechava o caminho todo. E eu só rezando, fazendo cruzes...

— E então?

— Sumiu. Quando cheguei á Matta Funda, de manhãsinha, dei graças a Deus. E, tranquillamente, confirmou: Hoje não, é sabbado; não ha perigo.

— E ladrões?

— Como é que vosmecê diz? perguntou o curibóca fazendo avançar o *jabrica*.

— Não ha ladrões por aqui?

O curibóca respondeu vexado, como se a pergunta o affrontasse:

— Isso não, patrãosinho. Ladrão... Ladrão de quê? Aqui não. Vosmecê póde trazê todo o ouro do mundo que ninguem cubiça. Ladrão... Vôte! e riu.

— E essas cruzes que temos encontrado pelo caminho ?

— Ah ! isso é gente que fica por ahi — metade por politica, outra metade por muié. Vosmecê sabe, elles pegam um desafio, começam a fazê bonito . . . palavra puxa palavra, dito d'aqui, dito d'ali . . . de repente cresce um p'r'o outro e ahi está. A parnahyba sáhe da casca, alumia e um róla. Eu vou mostrá a vosmecê o lugá onde ficou um rapazinho que era mesmo a flô d'este recovão. Andava-se enfeitando para uma roxinha, noiva d'um vaqueiro. Um dia os dois se encontraram — o vaqueiro era vivo que nem maracajá: enfiou o rapaz e metteu a cara no mundo d'uma vez. Dizem que foi p'ra Matto Grosso. Não sei. Agora ladrão . . . Isso . . .

Uma ave levantou vôo e fugiu rastejando, pousou adiante, no caminho claro. Isidro susteve o animal.

— É bacuráu, patrãosinho, bicho bom, acompanha a gente.

Ao dobrar para a madrugada começou o frio. Uma nevoa velou a lua pallida, que descahia sobre a serra. Rochas laivadas alvejavam e, como já iam pegando a região florestal, o terreno era mais accidentado. Tócos negrejavam á flôr da terra, troncos exciduos esgalhavam os ramos contorcidos e um ribeiro, estrangulado entre esbarrancadas margens, rolava com fragor refervendo nas pedras. A herva crescia viçosa, ondulando em extensos pastos, cabanas appareciam longe, cercadas de burytys annunciadores d'agua.

Entravam na zona feraz da matta. Era a terra

prospera, a terra bemdita da multiplicação, a lando fecunda das colheitas fartas, onde toda a semente brotava.

Ás vezes, na orla do bosque, um pé de milho isolado esfolhava as suas espadanas verdes, a rama do feijão alastrava, subia enroscadamente pelos troncos com as suas vagens seccas chocalhando ao vento.

O luar não tinha a liberdade que encontrava nos campos — contido pelas frondes, deixava o solo em trevas ou estrellado de nimbos. Rumorejo perenne accusava a vida inquieta dos insectos nos recessos e dentro, nas frias sombras, lumes circulavam, pairavam, iam e vinham, ora altos, ora rentes da terra, pousavam faiscando, desappareciam — eram pyrilampos erradios que fugiam ao clarão do luar.

Isidro olhava empolgado pela grandeza magestosa da matta que se annunciava por aquelles massiços dispersos, que eram como as suas sentinellas avançadas. A floresta ainda estava longe, mais de legua, e já a sua sombra parecia impôr-se entenebrecendo, avassallando os campos.

— Onça aqui é matto, disse o curibóca. Isidro estacou o cavallo aterrado. Não se assuste, patrãosinho. Desatou a rir. Eh ! gente da cidade não tem sangue mêmo. Antonce é assim ? Vosmecê pensa qu'o bicho é besta ? Elle sabe muito bem quando deve atacá. Vamos indo, deixe a onça no seu toco. Tá namorando a lua.

Mas o rapaz já não se sentia com animo de seguir na frente e foi necessario que o curibóca emparelhasse com elle para que a viagem continuasse no mesmo andar.

Chegaram, por fim, á orla da matta serena e os animaes, resfolegando, com a fresca respiração cheirosa e humida da brenha, reanimaram-se e ardegos, com ansia, reconhecendo o caminho que levava á casa, relincharam sofregos, retomando briosamente o ligeiro esquipado.

A treva esbatia-se. Uma barra rosada começava a estender-se, a subir no horizonte raso, do lado dos campos e, com as linhas estranhas, as fórmas bizarras das nuvens, em agulhas direitas, em arredondados zimborios, em eirados lisos, era como o panorama sumptuoso de cidade immensa, longinqua, de ouro, e toda arreada de purpura. E subia, emergia da terra.

O céu illuminava-se rapidamente. Destacavam-se as linhas, os finos perfis dos cimos, os contornos das arvores; a côr accentuava-se — aqui o verde-escuro e lustroso, ali o verde-claro tirando a amarello, além o matiz mais suave do verde-gaio, o sanguineo forte das escalavradas barrancas, o flanco raspado a laivos das altas pedreiras negras.

A luz crescia, rolos purpurinos fundiam-se em rosa e ouro e, por toda a extensão do immenso campo deserto, a vida resaltava alegre, ao esplendor triumphante do sol que nascia.

Bandos d'aves fugiam do arvoredo, ainda obscuro, para a claridade dos espaços e os sabiás cantavam nos ramos, cortando docemente a chirriada estridula das cigarras.

O sol, num disco fulgurante e fremente, rompeu d'entre as nuvens cálidas e logo rebrilharam as frondes orvalhadas, reluziram as hervas humidas que a brisa punha em agitação traquinas.

Bandos de emas galopavam longe. Galos mugiam, saudando a luz, e o curibóca, apezar de ter sempre, nas suas constantes viagens, aquella visão maravilhosa das madrugadas límpidas, não poude conter o enthusiasmo e, religiosamente, agradecido ao Creador de tanta belleza, arrancou o chapéu de couro exclamando:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!

Isidro correspondeu christãmente:

— Para sempre seja louvado!

E ambos, de olhos no céu, seguiram contemplando, maravilhados, a eterna luz que renascia. Cantos d'aves cruzavam-se e sobre todos vibrava o resôo retumbante das arapongas metalicas.

O sol já aquecia quando avistaram a casa da Matta Funda — alta, cercada de varandas, com o immenso curral na collina, a eira murada em frente com frondoso umbuzeiro ao meio, esgalhando a copa, larga, acolhedora como um rancho.

O pomar estendia-se tão cerrado que quasi não havia espaço entre as frondes. O coqueiral ia pelas terras fóra pegando com a raia dos pastos. O rio cortava o sitio em voltas graciosas; ao longo das margens ficavam os chiqueiros cobertos de palmas de carnauba.

Quando os cavallos vararam a porteira, cães romperam assanhadamente dos mattos, investindo com ferocidade, mas o curibóca abrandou-os chamando-os pelos nomes:

— Eh, Suruby! Cala a boca, Azucrim! e os animaes, reconhecendo-o, davam de cauda, ga-

niam encolhidos, rebolando ou aos saltos e ficavam pelo caminho ou volviam aos frescos recantos em que dormiam.

Uma rua de mangueiras levava á entrada da casa, toda de pedra, com rijas columnas de aroeira, de onde pendiam grossas argolas. Cheiro morno de estabulo enchia o ar. O terreiro estava todo em torrões, como arado de fresco. Havia covas fundas, sulcos de rodas e o estravo, em montes, seccava ao sol, sob o vôo das moscas. Gallinhas ciscavam cacarejando, pombos voavam com estalos de azas, num ponto e noutro cantavam gallos, grasnavam patos, ovelhas baliam docemente.

Renques de moirões especados, com argolas rijas, faziam uma como balaustrada em volta do terreiro. Junto ao muro empilhavam-se aguilhadas, cangas, montes de fueiros e um carro tombado conservava o toldo de palha como se houvesse chegado de viagem.

Negras, em mangas de camisa, com as saias arregaçadas até os joelhos, iam e vinham com vasilhas. Sob um alpendre, dois negros, os bustos nús, reluzindo, agarrados a mãos de pilão, socavam em rythmo, cantando aos arrancos.

— Eh ! gente, bradou o curibóca. A negrada estacou risonha, olhando o camarada que saltára do *fabrica* suado e lá ia arrastando as chinelas. Prendeu os animaes e, sempre alegre, subiu á varanda e bateu as palmas. O' de casa ! Estão lá p'ra dentro... E foi entrando com intimidade, seguido de Isidro.

A sala vasta, de telha van, com as paredes denegridas, era triste e mais triste a fazia o mobilia-

rio negro e rustico: cadeiras pesadas de jacarandá, sem lustro, mesas de pés monstruosos, um grande armario, sofás enormes de couro taxeado.

O soalho era igualmente escuro, de grossas taboas que reluziam, e nos cunhaes pendiam argolas, retorciam-se ganchos á espera das rêdes. O curibóca atirou o chapéu para cima da mesa e, de novo, atroou o silencio com as palmas sonoras.

— Quem sabe se tia Balbina ainda está dormindo? murmurou Isidro.

O curibóca voltou-se de repellão:

— Dormindo! Quem? Vosmecê não conhece a patrôa. Dormindo!... Na cama a esta hora do dia! só por doença braba. Nossa Senhora! Ás quatro da manhan, com as estrellas alumiando e frio de encruá o mais duro, já ella anda por ahi vira-mexendo, quando não sáhe a cavallo para a mangueira. Dormindo!? Nossa Senhora! Se vosmecê dissesse que ella não dorme, diria a verdade. Eu acho que nosso Senhor botou, por engano, uma alma de homem no corpo de nhá Balbina. Homem e direito tá ali! Só depois que ella tomou conta da Matta Funda foi que isto ganhou geito. Não dava para a despeza e nhô Chiquinho não era molle, mas vosmecê sabe, tino não se inventa, é um dom... e nhá Balbina nasceu p'ra dirigi — entende do riscado como ninguem e tem bom sangue. Peste está fervendo na redondeza, aqui não morre uma rez. Que é isso? sorte. Dormindo!... Nossa Senhora! Que é que vosmecê pensa? Assim mesmo quebrada, porque nhá Balbina me conheceu curumin, quando vai a Palmas, não quer

saber de carro : é a cavallo e na frente, rompendo o caminho. Gente antiga, patrãosinho.

O curibóca continuava a exaltar a senhora, quando ella appareceu, com uma penca de chaves á cintura. Era alta e secca, de um moreno queimado. Os olhos tinham ainda muita vida, brilhavam ardentemente e a boca pequena, vermelha, de labios finos, ornada de dentes magnificos, era imperiosa, energica. Fez uma parada brusca dando com o sobrinho, que a esperava de pé, e exclamou fitando nelle os olhos vivos :

— Que é isso, menino ! ? Que magreza é essa ! Que é que você tem, filho de Deus ? Pois eu contava vêr um homem guapo e venho encontrar um enguiço assim ? ! Que é que você andou arranjando lá por essas terras ? Iche ! Você precisa tomar cuidado. Isidro beijou-lhe a mão magra e ella, sempre pasmada, media-o, examinava-o dos pés á cabeça : Você está que faz dó. Candinha não exagerou. Que é que você sente, rapaz ?

— Nada, tia Balbina : um pouco de fraqueza e agora cançaço da viagem. Para quem não está acostumado a andar a cavallo, é de estrompar.

— Senta ; e mirava-o sempre. Por fim pediu noticias da irman, dos parentes, dos conhecidos da cidade e tocou no assumpto melindroso. Porque não te formaste ?

— A molesta, tia Balbina.

E descreveu-a com mil tormentos, caudaes de sangue, toda a Universidade á cabeceira do seu leito, medicos, os mais celebrados, acudindo com hemostaticos, um tratamento longo, prohibição

absoluta de abrir livro, de fazer o menor esforço, de preoccupar-se.

— Boa vida, hein ?

— Um aborrecimento, tia Balbina.

— Pois aqui, meu filho, não ha distracções, mas o ar é puro, o leite é forte e a carne é san. Has de voltar gordo e com outras côres, isso garanto eu. O principal para a saude é o regimen e aqui tudo é feito a tempo e a horas : dorme-se ás oito, levanta-se ás seis ; almoço ás nove, jantar ás quatro, ceia ás sete ; é assim. Frutas e leite á vontade, cavallos e armas quando quizeres e caça não falta. A freguezia é perto, um quarto de hora a cavallo, mas não ha que vêr : umas casinhas velhas, a igreja, a cadeia, e é tudo. Aos domingos não perco a minha missa. Tu, com certeza, nem sabes o Padre Nosso. Os mocinhos de hoje têm até vergonha de confessar que foram baptisados.

— Eu não, tia Balbina.

— Pois sim.

— E a matta, tia Balbina ?

— É tudo isso que se vê — vai d'aqui até Piracema, duas leguas, que são de Deus, senhor de tudo, e nossas emquanto houver vida. No teu quarto não ha luxo, mas o necessario não falta. E vai tomar o teu banho, que o almoço não tarda ; depois, se quizeres dormir, rêdes ha a cada canto. Vai !

Um crioulo esperava á porta para conduzi-lo.

— É o pagem que fica a teu serviço. Vai com elle, Romão.

O curibóca ficou um momento descrevendo a viagem ; depois, pedindo licença, sahiu para

descançar um bocado, porque tinha de seguir á tarde para o Indayá, levar uma carta do major Bentes para o vigario. D. Balbina sahiu á varanda.

Já o sol queimava. Á sombra do umbuseiro brincavam molecotes; um lento rebanho atravessava a ponte sobre o rio, caminho do bebedouro. A sineta tiniu na forca junto ao alpendre e logo a negrada, que mourejava na vizinhança da casa, abandonou o serviço, descendo á ração. Vinham de todos os lados, por varios caminhos — da collina os que trabalhavam na mangueira: da margem do rio, do pomar, as mãis com os filhos pequenos enganchados á cinta. A senhora, á varanda, olhava distrahidamente o campo que se estendia, verde, aqui, ali entouceirado em arvoredo, até findar na linha baixa do céu. Nuvens brancas jaziam immoveis, em rebanhos, como se pastassem com o gado que se movia em manchas entre as hervas ondulantes.

Ás vezes uma poeirada subia abrumando os ares e um denso bolo passava com estropeada: era uma ponta de gado que os vaqueiros tocavam aboiando, ligeiros nos campiões de fiança, que cercavam os garranos, investiam com os bezerrotes, partiam lestos sobre os touros teimosos, flanqueando-os para que o cavalleiro os apuasse á ponta de aguilhada, mettendo-os no bando. E lá ia o tropel, aos berros, e perdia-se. E o campo ficava de novo deserto, sob a ardencia do sol, com as nuvens quietas deitadas, adormecidas no extremo da terra.

Para um lado, a matta ainda virgem, alta, ramalhosa, fechada, gerando as aguas benignas;

para o outro lado as culturas ferteis, o arrozal reverdecendo, toda a extensão alagada de uma baixinha; o milho apendoado, a mandioca, a canna, tudo em fartura crescendo, progredindo como por milagre.

Todo o segredo da immensa ventura da senhora, diziam, estava na sua fé. Tres vezes ao dia, devotamente, de joelhos, rezava, pedindo a graça divina: de manhan ao levantar-se, á hora abençoada do meio-dia e á noite ao recolher-se, e toda a sua gente, do mais velho ao mais novo, não partia para o serviço nem descançava sem rezar, pedindo a benção, agradecendo a bondade do céu, sempre propicio. Quanta gente na villa vivia das esmolas da senhora!

Todos os paramentos da igreja tinham sido offerecidos por ella, e nas aguas das suas fontes levavam-se respeitosamente as toalhas dos altares e as vestes brancas do sacerdote.

Nas proximidades do Natal, lá iam os seus negros, com um feitor, limpar a igreja, reparar os muros, capinar o adro, caiar, lavar a nave, os altares, ao som de canticos. E era ella quem fazîa quasi todas as despezas com a festa, que attrahia gente das mais fundas bibocas, porque a feira era alegre e concorrida pelos regatões, que sempre levavam novidades. Ás vezes appareciam saltimbancos, pelotiqueiros, *curados*, que expunham serpentes, e sempre havia bandos pastoris, congadas e baiões com violeiros famanazes.

A gente da freguezia era rude, vaqueiros na maioria, as mulheres rendeiras; viviam pobremente nos seus casebres de palha, á sombra dos coqueiraes.

O vigario dominava-os com brandura, sempre cercado de mulheres e crianças, ensinando o catechismo, doutrinando sobre a virtude. Era um velhinho suave, serrano, que se affeiçoára áquella caboclada, e ali, com ella, jurára acabar os dias, contando dormir o seu ultimo somno á sombra de uma magnolia que elle mesmo plantára no cemiterio.

Rejeitára offertas vantajosas de transferencias para cidades mais alegres, até um bispado, honra com que lhe acenaram em certa occasião arriscada para os conservadores. Elle sorriu e, certo da fidelidade da sua gente, respondeu ao emissario — que faria tido quanto lhe pediam, se lhe déssem um sino novo e mandassem reparar a sacristia e o altar do Sacramento, para não estar sempre a incommodar a senhora da Matta Funda. Tudo se lhe fez e o velhinho correspondeu lealmente ao generoso chefe, dando-lhe a votação cerrada da vaqueirama. Um d'elles, liberal teimoso, interpellado certa vez, num rancho, sobre a traição respondeu altivo: « Eu não votei em ninguem! Meu voto foi p'ra Nosso Senhor!! »

Com a igrejinha reparada e o sino a cantar alegre entre a revoada de pombas e de andorinhas, que viviam no campanário, mais se apegou o sacerdote ao seu ermo.

No mais, quem mandava a riqueza era Nosso Senhor — d'elle é que vinha o sol, d'elle é que vinha a chuva, e era a sua mão que abençoava, tanto o canteirinho do pobre em que floria o bogary, como os campos que se forravam de herva fina, e a serra grande, a serra farta, a serra gene-

rosa, que fornecia o lenho, criava a caça e despejava copiosamente, pelos seus flancos robustos, as aguas abundantes e fecundas dos rios.

Isidro, depois de regalado banho, tomou conta do quarto a que o Romão, assobiando com desembaraço, abrira todas as janellas. As paredes, caiadas de fresco, resplandeciam entre o escuro do forro e o negror severo da mobilia archaica: a cama larga, de columnas torsas, a commoda com puxadores de prata, o lavatorio recortado em florões e corymbos, as cadeiras de alto espaldar esculpido, dois aparadores com mangas de crystal lavrado resguardando ramos e palmas de capella.

A rêde lá estava colhida a um canto, e pelles de onças mosqueavam o soalho encardido, onde appareciam remendos. Na sombra do jardim murmurava sempre a agua de um bicame e era tanto o passaredo, que o chirreio, por vezes, atordoava.

— Linda vista! exclamou Isidro, debruçando-se a uma das janellas, para admirar a grandeza da paizagem.

Era a matta, que ondulava fronteira, fechada, escura, mysteriosa, apezar do vivo sol que lhe cahia de chapa sobre as franças douradas.

Ficou immovel, extasiado, a olhar, não o que ali tinha á vista, mas o que lhe sahia do coração: a sua chacara, de sombras meigas; as limpidas aguas da ribeira saltando por seixos, insinuando-se por mattos, com as margens sempre floridas; os agitados coqueiros, onde os bemtevis avisavam; as mangueiras versudas, á cuja sombra sempre

erravam pesadas borboletas fulgurantes e pombas tristes gemiam, e Irene ardente, sahindo do sol, com as faces abrasadas, os olhos sempre alagados de desejos, o collo sempre arfando de ansia, buscando-o, attrahindo-o, arrastando-o para o prazer mortal no fundo umbroso do arvoredo.

Romão, que lhe surprendeu o suspiro, imaginando que era a saudade da casa que o vencia, chamou-o. Já haviam tocado para o almoço. Sahiram.

D. Balbina esperava-o na grande sala, onde se estendia a mesa hospitaleira, carregada de louça azul, com flôres em vasos de porcellana antiga.

A comida, abundante e sadia, era servida a fartas porções. As travessas passavam fumegantes, acoguladas de enormes viandas; as terrinas revezavam-se transbordando; o prato do arroz era uma collina. A um extremo da mesa as mucamas iam ordenando o pospasto — a terrina em que alvejava a coalhada, os louros bolos de milho, o leite gordo coscorado de nata amanteigada.

Isidro olhava verdadeiramente aterrado, e as negrinhas, que iam e vinham, sacudindo ramos de murta para espantar as moscas, riam á socapa dos seus espantos, das suas exclamações, toda a vez que D. Balbina lhe pedia o prato para servir mais uma concha de arroz, repetir a cabidella ou juntar um pouco de lombo de porco, alvo e gordo.

— Não, tia Balbina, assim rebento! Não posso mais. Comi como um alarve!

— Ora, qual! d'isto é que tu precisas. São estas coisas que dão força. Deixa lá os pratinhos enfeitados. Olha, vinho não ha, o melhor vinho é

este — e mostrava a bilha marejada de humidade, porejando frescura.

Conversando sobre a vida do sertão, lembrou-lhe a conveniencia de uma visita ao vigario. Conheceria um santo e veria, de uma vez, a freguezia. Passeios não faltavam: a «Boca da matta», o «Alto da cachoeira», o «Curral das antas», uma cerrada ilha de verdura no meio da agretes campina. Mas tudo isso é para se vêr de manhan, com a fresca, e não com o sol do meio-dia. Vocês, da cidade, quando deixam a rêde já o dia vai descambando.

— Eu não, titia: acordo cedo.

— Faço ideia.

— Ás seis estou de pé.

— Quem ? !

— Eu.

— Pois sim.

— Titia ha de vêr.

Ao fim do almoço a tia convidou-o para vêr a casa. «Não convinha que elle se fôsse deitar com o estomago cheio» e, seguida de uma negrinha, que levava a grossa penca de chaves, lá o foi levando pelos corredores, abrindo portas, janellas, mostrando-lhe todos os vãos: os quartos de hospedes, a despensa atulhada de salmouras, de mantas de carnes, de linguiças e chouriços, de queijos, de latas e potes de doces; o quarto dos arreios, o das armas, o oratorio; a varanda de trabalho com as almofadas do crivo nas esteiras á espera das mucamas, a cozinha obscura com o immenso fogão de barro e os fornos redondos.

Depois, fóra, á volta do terreiro, as senzalas, as officinas, os paióes.

Levou-o á margem do rio, mostrou-lhe os chiqueiros, onde os cevados roncavam de borco no lodo molle com a papeira esparrimada, os olhos sumidos ; chegou á cerca do pomar, á casa da salga dos couros, á pilha dos chifres, num arranchado que tresandava á carniça.

Bacorinhos corriam seguindo as porcas de mamas bambas, gallos cantavam empoleirados nas cercas, cabritinhos rompiam ás cabriolas e, por toda parte, era o mesmo cheiro morno de curral, dé mistura com um fortum de sangue que viciava o ar e attrahia de longe os urubús.

O esterco curtia em montes que reçumavam, encharcando a terra gorda ; a mesma lama, que se espalhava em polpa peganhenta, era vermelha como amassada com a sangueira do gado e exhalava ácida, sob enxames de moscas zoadoras. Passaros negros reviravam o estrume.

Isidro caramunhava enojado. Quando a senhora o deixou, Romão adiantou-se para guiá-lo aos lugares pittorescos. Mostrou-lhe, ao longe, o « Curral das antas », espesso touceiral de coqueiros, ilhado no campo secco, de herva esmarrida, apontoado de pedras e de tocos ; a subida para a matta ; chamou-lhe a attenção para o estrondo da cachoeira, e elle a tudo prestava um distrahido olhar, com um vago sorriso, já enfarado d'aquella vida bruta, d'aquella exuberancia excessiva, d'aquella seiva que o cercava : força monstruosa de geração pullulando na terra, transmittindo-se a tudo que vivia naquelle ventre estupendo, sob a influencia procreadora do sol.

Recolheu-se estafado, atirou-se á rêde a pen-

sar na cidade, sentindo-se muito só, sem conforto, exilado em terra de degredo. Foram despertá-lo para a merenda e, entrando a sala, de novo pasmou do que via: pratarrazes e malgas, bules immensos e uma cesta acogulada de frutas.

— Não, titia; estou ainda cheio.

— Um pouco de leite ao menos.

— Nada.

— Pois, meu filho, é o que ha.

Volta e meia a sineta soava no terreiro.

— E o gado, titia?

— O gado? está na malhada. Quem sabe se eu havia de o ter aqui.

— Pensei...

— Aqui tenho apenas alguns bois de carro e as vaccas leiteiras; o grosso vive no campo. Has de vêr.

— Quantos, mais ou menos?

— Sei lá! nascem, morrem...

Para a tarde a tristeza foi crescendo no coração de Isidro. Debruçado á janella do quarto, respirando o ar puro da matta, olhava recordando e foi vendo o triste esmaecer da luz.

Nunca sentira a poderosa suggestão do crepusculo — era a primeira vez que se encontrava com a natureza silente, a mysteriosa natureza, tão grande, tão multipla, a mesma na estupenda serra e no lirio, uma só alma subdividindo-se em vozes, aromas, effluvios, côres e auras.

As cigarras cantavam. O céu perdia o esplendor. Para os lados dos campos tudo era fogo e sangue; a terra ardia, o céu, barrado de chammas, fulgurava, e os negros perfis das arvores pareciam

restos carbonisados de uma flora adusta, resistindo, de pé, ás labaredas comburentes. Para os lados da serra a melancolia augmentava. Já a noite estendia a sua bruma, adensando-a a mais e mais.

A gente deixava o serviço, ovelhas recolhiam em silencio, as gallinhas empoleiravam-se. Mucamas passavam com lampiões e candeias, luzes appareciam nos pontos mais obscuros da casa, e lentas, tocadas por molecotes, vaccas subiam a colina, mugindo, com o pescoço muito alongado, voltando-se, parando, com um berro mais prolongado, como a chamar os filhos.

De repente um canto tristonho cresceu no terreiro : eram os negros que chegavam da lavoura, com feixes de canna, cofos de macacheira : « Suns Christo ! » e, estendendo a mão, ficavam um momente immoveis, á espera da benção da senhora ; depois seguiam lentamente, retomando o canto barbaro.

Oh ! a tristeza da tarde. Tudo lhe acudia tumultuosas lembranças : os dias ligeiros de Coimbra, as alegres troças, Dolores . . . Depois Irene . . . Uma voz cantou delongada :

> Nâô cança, não, corredô ;
> Dêxa di tanto corrê ;
> P'ra que tamanha agonia
> Si a morti ganha d'ocê

As pombas gemiam e as nuvens de ouro e purpura, que empavezavam o céu, desappareciam desmaiadas. Estrellas claras brilhavam tremulamente, como se batessem azas.

Na manhan seguinte, cedo, Isidro montou a cavallo e partiu para a freguezia, em visita ao vigario. Romão, muito garrulo, ia-lhe mostrando as curiosidades do caminho, aberto entre barrancas : a « Gamelleira do missionario », arvore monstruosa, cujas raizes ondulavam em altos colleios á flôr da terra, perdendo-se nos mattos.

A lenda referia que ali vivera um santo missionario, milagrosamente sustentado pelas pombas do deserto, que o acompanhavam, formando cerrado pallio de azas, quando elle entrava ao sertão para prégar aos selvagens.

A « Agua de choro », fonte que manava com triste murmurio dentre as pedras negras de um grotão. Mostrou o açude da Matta Funda, que reluzia ao longe, cercado de espesso arvoredo, e, perdidamente, os campos longinquos, as casas dos vaqueiros, construidas sobre barrotes, sempre achegadas a touceiras de buritys.

A freguezia era um vasto coqueiral, em chão pardo de areia, encarapinhado de moitas de gravatás. As cabanas, espalhadas em desordem, todas de reboco, cobertas de palha, formavam verdadeiro labyrintho : andava-se por entre ellas ás voltas. Ás vezes accumulavam-se em nucleo, logo adiante era um vasio ; reappareciam mais longe, apinhadas, depois espaçavam-se novamente, como se formassem tribus separadas, com independencia hostil, de ponto em ponto. Os terrenos não tinham divisão — o campo era commum e os animaes confundiam-se no pasto geral, sem que houvesse jámais discussão entre os donos.

Cobertos de telha, só o sobrado, antigo casa-

rão que cahia em ruinas, residencia de um perverso senhor de engenho, que morrera de peste no tempo do *chega e vira ;* dois armazens, a igreja e o presbyterio ao lado, com o seu frondoso passal murado de adobe.

As mulheres, em mangas de camisa, hombros nús, trabalhavam ao ar livre, á sombra das gamelleiras, com as crianças brincando em volta, aos rebolos na esteira, e os periquitos chalrando entre a folhagem basta. Eram as rendeiras famosas da Matta Funda, cujos crivos e labyrinthos alcançavam preços elevados nas feiras das cidades proximas.

Velhos, de rosto encarquilhado, em camisolões de algodão, teciam cestas, trançavam cofos, esteiras, chapéus de oricury, resmungando toadas melancolicas. Perto, as pombas, em bandos, arrulhavam com murmulho perenne como de agua corrente.

A caboclada alvoroçou-se ao vêr Isidro — as mulheres suspenderam o trabalho, esconderam os compridos cachimbos e, vexadas, de olhos baixos, as moças murmuravam ; algumas fugiam, desapparecendo nas cabanas ; as velhas encaravam-no com ar hostil. Elle saudava-as. Romão, risonho, tinha uma palavra para todos.

— Eh ! nhô Joaquim, mecê sempre no duro. Deus sarve, gente. Esse afobamento todo é só mod'a festa do Retiro ? Renda qui nem matto. Isso vai sê uma cobrêra di não ficá ninguem pobre na Matta Funda. Nhá Flô, mecê é qui não tem tempo di fazê merca — é tudo p'ra casa, casamento tá hi. Eu só quero vê quem é qui cunvida eu.

Riam, espoucavam muchochos.

Perguntaram pela senhora, o crioulo respondia e, fazendo a egua enfeitar-se toda, ia de uma choupana á outra, bradando, com intimidade, os nomes dos moradores.

Isidro acompanhava-o e, quando a caboclada soube que elle era sobrinho da senhora, dissipou-se a desconfiança e todos o receberam com lhaneza, estendendo-lhe a mão.

— E seu vigario? perguntou Romão.

— Tá lá.

Tocaram. A igreja estava aberta. No adro, capinado de fresco, onde avultava immenso cruzeiro, pombos mariscavam; sentindo os cavalleiros, fugiram com estrondoso ruflo de azas. Apearam, deixando os animaes á redea, e entraram.

De telha van, com as brancas paredes núas, a igreja tinha tres altares, sendo o central consagrado á Senhora da Conceição. Era aceiada e alegre — o sol entrava em feixes pelos olhaes, rebrilhando no ouro vivo do nicho, dos ciriaes e das palmas que ladeavam o crucifixo.

O vigario estava na sacristia, onde um caboclo, trepado a uma escada, raspava do angulo do tecto os restos de uma vespeira. Romão ajoelhou-se e pediu a benção: «Benção, seu vigario». O velhinho voltou-se sereno e, dando com Isidro, sorriu:

— É o sobrinho da senhora?

— Sim, Sr. vigario.

— Um mocetão! e deu-lhe a mão a beijar. Depois, modesto, referiu-se á igreja: Isto aqui é um ranchinho — é a cabana de Deus entre as caba-

nas dos pobres. Não se póde fazer mais. Como se foi de viagem ?

— Bem, Sr. vigario.

— É uma estiradazinha, mas o caminho é bom. Já viu a imagem ? É um presente da senhora, obra do Porto. É linda ! E o que tem feito por esta gente ! accrescentou em tom mysterioso. Sente-se.

Offereceu um escabello, sentou-se no comprido banco, com a batina arregaçada, deixando vêr os pés calçados em alpercatas, como os de um santo dos antigos tempos, e, informando-se da sua saude, garantiu-lhe que elle regressaria curado com aquelles ares, com aquellas aguas, com o favor da milagrosa Senhora.

O caboclo continuava a raspar o muro, de onde esfervilhava uma poeirada que rebrilhava ao sol.

— Vamos um pouco á minha casa, é aqui ao lado.

Atravessaram a porta da sacristia e acharamse na sala branca do presbyterio, muito clara, com as janellas que abriam para a horta emmolduradas em trepadeiras.

— Esta é a minha cella, aqui vivo ha vinte e cinco annos, com a graça de Deus.

— Nunca sahiu, Sr. vigario ?

— Duas vezes. Para que mais ? Dou-me bem aqui, nasci para isto. Cada um com o destino que Deus lhe deu.

O caboclo appareceu com a escada e o vigario recommendou-lhe : que fizesse um café bem feito, porque havia ali gente da cidade.

E a conversa cahiu sobre a terra e a gente.

O vigario, muito simples, cheio de abusões, infiltrado das idéas do povo rude, era um vencido do meio. Nem por viver sempre a reler os Evangelhos conseguira escapar á suggestão poderosa da terra e das almas barbaras. Com a mesma fé falava dos mysterios divinos da religião e dos bruxedos, dos milagres e dos encantamentos; citava um versiculo biblico e um caso de sortilegio.

— Traga sempre Deus no coração, meu filho, — o mundo é um carrascal de perigos: quem anda por essas estradas, está sujeito a tudo. Eu mesmo, quanta vez me tenho valido da Senhora para escapar a ciladas damninhas! Que elle ha coisas... Oh! e meneava a cabeça branca, assegurando. Não as tomam a serio os que vivem longe, mas quem mora nestes agrestes e é forçado a andar de noite e de dia por brenhas e campos desertos, póde dizer se ha ou não. Almas d'esses indios infelizes — calcule os milhões, meu filho! que não foram purificadas no baptismo, ellas por ahi erram, penando, por esses mattos, por essas grotas, por essas furnas. Eu tambem, quando aqui cheguei, muito moço, ria do medo dos caboclos. Mas vi, meu filho. Vi!

O caboclo appareceu com o café; beberam, e ainda o vigario referiu episodios da sua longa vida naquelles ermos, recommendando a Isidro que sempre trouxesse Deus no coração para combater as tentações do demonio, e, quando o moço despediu-se, elle foi ao quarto e voltou com uma medalhinha de cobre com a effigie da Conceição. Deu-lh'a, fôra benzida no dia mesmo do orago.

— Traga-a ao pescoço: é uma defesa. E appa-

reça, venha por cá de vez em quando, á missa dos domingos.

— Hei de vir, Sr. vigario.

— Deus o abençôe. E recommende-me muito á senhora sua tia.

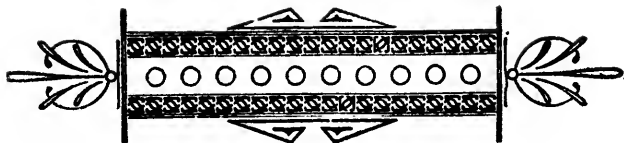
Romão, que ouvira toda a conversa, em caminho contou a Isidro os milagres do santo homem:

— Mecê não magina o poderio d'elle: é p'ra benzê terra mardita; é pr'a levantá praga; é p'ra curá indimoninhado; é pr'a fazê vi chuva, é p'r'um tudo. A um quarto de legua d'aqui havia um grotão encantado onde morava um azucrim — minha mãi inda arcançou isso e conta. Quem passava ali perto perdia o rumo e mais d'um ficou abobado p'ra toda a vida. Disque o diabo pegava a gente pela sombra. Um sabbado seu vigario juntou o povo, tirou Nossa Senhora do artá e lá foi com ella, em prucissão, p'r'o lugá incantado, benzeu de volta e nunca mais se ouviu uma voz e a terra secca e brava dum'hora p'ra outra entrou a dá di tudo e hoje é até um lugá onde faz gosto a gente ficá descançando quando u só castiga. Nem parece u que foi. Gente de dantes conta e só mecê uvindo. Home santo!

D. Balbina, quando Isidro entrou, vermelho do sol e suado, bradou com fingida zanga:

— Homem, por pouco mais você ficava lá com seu vigario.

— Gostei d'elle, titia. Bom velho.

— Um santo, meu filho! affirmou a senhora, encaminhando-se para a mesa que as mucamas começavam a servir.

IV

Ao fim da primeira semana, ligeiramente escoada em divertidos passeios e em visitas aos sitios pobres da vizinhança, Isidro, enfarado da garrulice de Romão, decidiu repousar em casa, a lêr os livros devotos da biblioteca da senhora. Que vira naquelles passeios? — terras de pouca monta, mal plantadas, com escassa cultura e miseria vasta: os homens descalços, em mangas de camisa, estafando-se ao sol nas lavouras mirradas; as mulheres magras, amarellas, mourejando na eira, na engenhoca, ou cuidando dos animaes domesticos, que mantinham em lodo as cercanias da casa, fossando, patinhando, espojando-se nos aguaçaes; algumas em adiantada gravidez, derreadas, o ventre enorme, arfando ao peso das cargas e a criançada rachitica, tristonha, núa, opada,

amorrinhando á beira d'agua ou guiando vagarosos bois entrezilhados.

Refestelado na rêde, com o *Flos sanctorum*, atolando-se na sangueira dos martyres, passava os dias quietos ouvindo o chiar dos carros e os galreios das patativas no pomar. Quando o chamavam para a mesa, fechava o livro, atava despreoccupadamente a gravata e, arrastando as chinelas, lá ia, sempre com um louvor inedito, uma palavra grata para a boa terra, para os puros ares sadios, para o esplendor d'aquelle sol que alegrava, que se infiltrava no corpo como um sangue forte.

A tia já o achava outro — melhor de aspecto, córado, os olhos mais limpidos, a pelle mais fresca, e elle confirmava, attribuindo principalmente aos somnos regalados que dormia, desde que se deitava até á hora macia e calma em que o gado passava pela estrada, mugindo, a caminho do pasto.

Á noite, depois do chá, na rêde, referia as suas santas leituras, e mucamas e negrinhas, sentadas em circulo attento, ouviam-no boquiabertas e elle contava, com muito relevo de imaginação, os tormentos das virgens christans no tempo cruel dos imperadores romanos, as carnificinas no circo, os supplicios nos carceres, as primeiras missas no fundo das catacumbas, o exilio voluntario dos monges alimentados nos desertos pelos animaes do bom Deus.

D. Balbina limpava lagrimas commovidas e toda a assistencia chorava em silencio, e fóra, na mangueira, o gado atroava a calma nocturna com os berros espaçados que se prolongavam pelas quebradas.

Mal escurecia, toda a gente ficava em ansiedade — as crianças vinham chegando timidas, sentavam-se disputando os lugares, cochichando, relembrando os contos da vespera. Velhas negras ficavam á distancia, humildes; as mucamas graciosas cercavam a rêde em que D. Balbina se sentava e, quando o moço apparecia, era uma alegre agitação na roda que se ageitava para ouvir melhor, sem perder uma só palavra, as tristes scenas do christianismo, quando ainda os apostolos erravam pelo mundo e a natureza cedia passiva ás preces dos santos eremitas, ao clamor piedoso das victimas innocentes, rebentando em milagres. E para a gente da Matta Funda Isidro tornou-se um verdadeiro idolo, respeitado, adorado, attendido com veneração.

Uma manhan, manhan de lindo sol, levantou-se disposto a visitar a matta que os seus olhos rondavam de longe, enamorados. Disse a Romão o seu desejo e o negro, trefego, sempre cantando, precipitou-se para sellar os animaes, mas estacou á voz de Isidro que declarou imperativamente:

— Basta o meu cavallo.

O negro mirou-o espantado.

— Mecê vai só?

— Vou.

— Na freguezia?

— Por ahi...

— Mecê se perde.

— Qual! E deu-lhe as costas.

O negro desceu resmungando. Isidro tinha horror ás parolices do companheiro que lhe déra a tia — não podia gozar um trecho de paizagem nem

seguir a evolução de um sonho inspirado pela natureza, porque, a todo o momento, o negro o distrahia com um commentario lorpa, uma exclamação descabida, uma gargalhada fóra de proposito, ou cantando, assobiando, arremettendo com o cavallo para mostrar destreza.

Só, poderia extasiar-se, dar largas á sua imaginação, sem ser interrompido, parar onde quizesse, seguir as veredas que o attrahissem. Montou, lançando o cavallo a galope, receioso de que a tia, ao vê-lo sahir só, mandasse o negro segui-lo, apoquentá-lo, estragar-lhe o passeio com a chalrice.

Guiou para a matta. O caminho, uma trilha sinuosa, partia da porteira em acclive accidentado, ora liso, direito, chão, ora cavado em barrocas. O campo rociado scintillava ao sol e nuvens de passaros cruzavam-se em vôo alegre no ar frio e fino. Raso, de transparencia limpida, como uma lamina de vidro, ia o corrego á sombra das arvores por entre balsas floridas de mururé.

Á medida que subia, o caminho, menos visitado, tornava-se mais bravio, apertando-se. Ramas agrestes pendiam, finos, flexiveis cipós cruzavam-se ao alto em teia silvestre. A terra desapparecia sob a herva viva, que pullulava, escondendo a passagem, como se a natureza quizesse vedar o transito, desfazendo a vereda batida pelos que, raro em raro, ousavam penetrar a floresta.

Chirriado de cigarras, murmurio de folhagens, rolar de aguas perdidas, pios, cantos, queixumes de aves, fragor de galhos, rangidos de coqueiros, estalos rispidos de palmas, estrepito de azas de insectos que fugiam, eram os rumores que Isidro

ia escutando, com enlevo, ao penetrar a solidão mysteriosa da grande matta, que se lançava altiva, possante, pelo corpo da serra virgem.

Nem se lembrava dos animaes ferozes que a habitavam: onças, serpentes monstruosas; nem dos duendes, que a percorriam assombradoramente, cavalgando monstros, atravéz dos invios desvãos sombrios. O sol apparecia sempre, ora em discos no chão humido, acamado de folhas, ou em volta dos troncos, em espiras de ouro. Era elle que o levava, discreto, formoso companheiro, abrindo-lhe a marcha com o esplendor; era elle que lhe mostrava os perigos, guiando-o para os melhores terrenos, desviando-o dos alagados, dos troncos cahidos, dos penhascos forrados de mattos aggressivos, e ainda alindando todo aquelle interior sumptuoso, onde residia a alma da terra, a sua força estupenda, o viço da sua eterna belleza.

Sentindo a floresta, vibrou num arripio e voltou-se na sella para olhar da altura a terra inferior da planicie. E viu em baixo, mesquinha na distancia, branca no verde forte do arvoredo, a casa do sitio, com o terreiro atorroado, a gente, que se movia com lentidão preguiçosa, o gado disperso, immovel, na esplendida campina. Longe, o coqueiral fechado da freguezia, a torre branca da igreja, e clara, fixa, rutila, com um lampejar de lamina, a agua do açude, alargando-se sem uma ruga, reflectindo o céu e as arvores.

O cavallo pisava fofamente, atolando as patas no gordo nateiro, sacudindo a cauda, a afugentar as moscas assanhadas. Besouros negros zumbiam, zoavam, e, pelos ramos esgalhados, scintillavam,

como filigranas de prata, largas teias de aranhas gottejadas de orvalho.

Os grossos troncos rugosos, esborcinados, apinhavam-se — uns lançando-se direitos como columnas, outros requebrados, retorcidos, confundindo, baralhando as frondes, que fechavam a abobada sombria. Cipós robustos enleiavam as arvores, encordoando-se enredadamente de uma a outra em largas malhas, de onde pendiam filandras.

A sombra carregava-se em crepusculo e o silencio seria absoluto se, a quando e quando, não o quebrasse o roçagar de um ramo, o cahir de um galho secco, o desprender de uma folha, o lento vôo de um passaro.

Isidro sentia-se invadir pela força latente da natureza. Tudo reçumava vigor; mesmo nos apodrecidos residuos a vida exuberava: era o pantano fecundando a sua flora perfida, abrindo grandes flores álacres sob o vôo irrequieto das muscidias vorazes; era a furna com o seu tapigo de fetos rendilhados; languidas avencas nascendo á sombra, na humidade dos algares fundos, no recosto dos penhascos laivados de agua, que escorria, alagava os seus rijos flancos limosos, como um suor.

Borboletas esvoaçavam, perdiam-se, batendo as lentas azas pintalgadas a vivas côres, como parasitas que se houvessem despregado dos troncos.

Uma clareira abria-se luminosa, com o chão secco, forrado de folhas crepitantes, cruzado de raizes gigantescas em vergões que ondulavam, como se ali se reunissem para gozar a luz, sorver o sol e levá-lo ás arvores. Mas logo recomeçava a

floresta mais soberba depois do claro oasis, tenebrosa, monstruosa, arfando com o perenne murmúr da sua respiração augusta.

Para onde iria ? Olhava, perscrutava enleado — não havia caminho : o labyrintho complicava-se a mais e mais na densa solidão.

As arvores attrahiam-no, seduziam-no. Que haveria além ? Que vozes seriam aquellas que cochichavam no fundo da brenha ? O cavallo agitava-se afflicto, cabeando sob a ferroada das moscas avidas que o perseguiam.

O silencio pesava, o ar era frio. Por vezes parecia-lhe ouvir bramidos, como de feras que o andassem rastreando. Ao crebro ruído dos ramos, logo acudia com os olhos assustados, na quasi certeza de vêr a monstruosa cobra esmagadora, que se enrosca nas arvores e laça os veadinhos lépidos, triturando-os nas espiras do corpo formidável, até os reduzir á espapada carniça.

A floresta infundia terror, defendia-se com o assombro, espalhava o seu bando sinistro de suggestões pavorosas para garantir o seu recesso, vedando o passo ao temerario. Isidro sentia as pancadas violentas do coração e, attentando em tudo de olhos desvairados, em oppressão angustiosa de medo, deu volta, guiando pelas pisadas que o animal deixára em fundas depressões no terreno encharcado.

Subitamente, ao reentrar na clareira, estremeceu e, a um instinctivo repellão das redeas, o cavallo estacou. Uma figura monstruosa, especie de mandragora, fechava-lhe o caminho. Não a vira antes ; como apparecera ali ?

Era, talvez, o genio tragico da selva, que irrompera da terra, para tomar-lhe contas da affrontosa ousadia. Os olhos, immensamente alargados de pavor, fitavam a apparição immovel e rigida, sob o esplendor solar, que a cercava de um reverbero mystico.

Acalmando-se, serenando diante da attitude impassivel do estranho hamadryas, Isidro viu que era apenas um velho tronco, resto de arvore, morta, talvez, pelo fogo do raio que arrasára aquelle circulo, fendendo os madeiros robustos, cujos toros escalavrados seccavam no chão esteril, onde só havia a crestada folhagem formando alta e macia alfombra.

O tronco apparentava o todo de um homem ajoelhado, de mãos postas, a cabeça pendida sobre o peito rugoso. Observado, porém, detidamente, não tinha um só traço perfeito — a impressão completava o ligeiro esboço da natureza: era como uma sombra materialisada.

A cabeça era desconforme, eriçada de hispidas farpas, que lhe punham em volta uma grenha dura e amarella; os olhos eram duas saliencias nodosas, o nariz resaltava desproporcional, e logo se alargava o busto de hombros escorridos, peito cavado, onde cresciam as mãos brutas, grosseiras, forradas de engelhada casca, duramente enclavinhadas, e o corpo era o resto do tronco, que se espalhava nas raizes como nas dobras de uma tunica, ondulante na terra, entre as folhas cahidas.

Isidro contemplava maravilhado. Que artista teria andado a desbastar aquelle bruto lenho selvagem, que só pedia um pouco de trabalho pacien-

te para tornar-se uma esculptura? Sorriu a um pensamento: lembrou-se de Sardoeira, dos seus dias em Coimbra, e, enlevado, attrahido pela imagem tosca, apeou, poz-se a andar em volta do tronco, examinando-o, tocando-o, passando-lhe a mão pelas rugas asperas, descobrindo outros detalhes — as ondas dos cabellos que rolavam pelas costas, o talho da boca, a grossa barba despejada no peito, e já o via perfeito, vivo, movendo-se, estirando os membros, a caminhar por entre as arvores como senhor da floresta.

Se o pudesse arrancar, levá-lo para o sitio, trabalhá-lo... Em torno os passaros cantavam alegremente e toda a brenha parecia sussurrar. Elle ouvia vozes, cicios, murmurios, risos; eram, sem duvida, as arvores felizes, que rejubilavam orgulhosas. O deus silvestre achára um crente e as sacerdotisas captivas e os hierophantas enracinados sentiam-se desvanecidos com aquelle culto superior do homem.

O sol accendia-se mais, rutilando esplendidamente na lustrosa folhagem, as aves galreiavam álacres; borboletas, insectos surgiam no ar, na terra, pelos ramos, dentre as folhas. Era toda a selva com os seus seres que celebrava a apotheose do idolo augusto e Isidro admirava, já imaginando aquelle monstruoso madeiro polido, com todas as linhas das feições nitidamente retocadas, sahindo perfeito da escabrosa crysalida em que jazia na clareira deserta, toda dourada pelo sol, como uma capella.

Agachou-se, sempre examinando, entretido, sem pensar no que havia no interior mysterioso

do bosque virgem — as féras carniceiras, as viboras, os insectos venenosos, os negros aranhões felpudos, que saltam com os dentes em torquez — toda a sua attenção era para a figura rude.

Vivamente inspirado, ergueu-se, espalhando os olhos em torno e, vendo o animal que arrancava hervas tenras, passou-lhe as redeas, montou e, com um derradeiro olhar á imagem, sahiu do recesso, tocando vagarosamente para o caminho, a notar as arvores, os coqueirinhos graciosos, os cipoaes, as pedras para guardar os signaes do roteiro.

Em casa não disse palavra sobre o achado que fizera, certo de que, immediatamente, todos haviam de querer vêr a «curiosidade» e o seu sonho artistico seria sacrificado. Calou-se, meditando o seu plano, recolheu-se ao quarto e, na rêde, com as janellas largamente abertas, poz-se a gisar mentalmente a figura que pretendia esculpir, aproveitando o esboço que encontrára na brenha.

Só então pensou nos instrumentos necessarios. Podia arranjá-los nas officinas do sitio, mas dariam pela falta e por tão pouco, talvez, fôsse forçado a descobrir o seu segredo, a surpresa que pretendia deixar na floresta como lembrança das suas visitas. Não, o melhor era ir buscá-los a um dos armazens da freguezia.

Na tarde d'esse mesmo dia montou a cavallo e partiu, pretextando o desejo de ouvir o terço rezado pela caboclada. Comprou uma serra, uma goiva, formões, uma enxó e, com tão reduzido apparelho, regressou ao sitio, satisfeito.

A noite foi lenta para a insomnia ansiosa. Ain-

da luziam estrellas e, debruçado á janella, aspirando o frescor da manhan, ouvindo as vozes dos animaes e o eterno murmurio da agua, Isidro contemplava a serra frondosa onde jazia o grande idolo. Quando D. Balbina o viu apparecer, á hora em que as negras entravam com o leite, não poude conter uma exclamação :

— Que é isto ! Que milagre é êste ! Você de pé, tão cedo ? !

— É verdade, titia. Passei uma noite admiravel, attribuo-a ao passeio de hontem. Sinto-me como nunca !

— Pois é. Para a saude não ha como levantar cedo e sahir. Porque é que vocês na cidade são todos uns entanguidos, amarellos, encarangados ? porque cozinham o sangue na cama. É d'isso que você precisa. Vem tomar alguma coisa, porque tambem não é bom sahir com o estomago vasio. Mas cuidado, não te afoites muito, que esses mattos por ahi não são seguros. Leva sempre a espingarda. Assim como assim, ninguem perde por ser cauteloso.

Isidro engoliu ás pressas a sua malga de leite com alguns beijús, e, escondendo o embrulho dos ferros, desceu ligeiramente a escada de pedra, montou a cavallo e partiu.

A floresta recebeu-o com mais perfume e mais alegria, talvez, do que na vespera e elle lá foi abalsando-se, sempre a guiar-se pelos troncos, pelas palmeirinhas, pelos cipoaes encruzilhados, pelos rochedos, até que se achou na clareira, diante do tronco, humido ainda do orvalho da noite.

Prendeu o cavallo e, açodado, despejando no

sólo a ferramenta, que luzia, pôz-se a examinar o lenho, vendo onde devia entrar com a serra desbastando, onde devia cavar com a enxó, metter os formões, compondo, aperfeiçoando: aqui uma saliencia que pedia realce, ali uma reentrancia a cavar, uma curva a accentuar.

E, rapido, febril, poz-se logo a trabalhar no silencio augusto. As arvores pareciam reter os ramos, sustar as folhas, quietas, contemplando, maravilhadas, aquelle activo afan do homem que serrava, debastava, escavacava, polia, fazendo saltar as lascas do madeiro, que se despia da negra e rugosa casca, mostrando o lenho amarello e cheirando a resina.

O sol veiu vindo, tépido e dourado, alastrando nas folhas que esvoaçavam, fulgurando na cabeça monstruosa da figura, já sem as agudas aspas que a eriçavam. E Isidro ia ondulando a cabelleira, trazia-a ás temporas, despejava-a pelos hombros, encaracolava-a em bucres.

A fronte aspera alisava-se, perdendo as apophyses nodosas, os olhos ajustavam-se, o nariz afilava-se e elle poude ainda indicar as pomas das faces, a depressão do mento, a curva dos labios, o ondular suave da barba.

Mas o sol aquecia, a hora ia alta. Suado, afastou-se para contemplar, á distancia, a figura selvagem e achou-a outra, já com feições, humana. Desceu contente, assobiando uma alegre canção. D. Balbina já estava preoccupada com a demora e, quando o viu entrar, alagado em suor, preveniu-o:

— Olha lá! você ahi por esses campos sem

uma pessoa . . . Vê lá se te acontece alguma coisa. Esses bois não são certos. Mesmo os que lidam com elles não andam seguros, quanto mais você.

— Qual, titia. O cavallo é bom. Em ultimo caso, para que vou eu armado ?

— Eu sei ! Olha, o Americo ia ficando ali em baixo, uma tarde, nas pontas de um garrano. Não é bom abusar.

Almoçou com appetite, sempre louvando aquella terra maravilhosa, que cada vez mais o seduzia com a sua belleza, com a sua fartura. Era um encanto de que seus olhos se não fartavam.

Com a fadiga das manhans trabalhosas, pretextando ter de acordar cedo, logo depois da reza mettia-se no quarto, e mucamas e negrinhas ficavam pelos cantos, desconsoladas, lamentando a falta das lindas historias, vidas de santos, que elle promettera contar, com milagres benignos e rudes provações nos desertos entre cardos e viboras.

Ao luzir da manhan lá ia elle, sempre por voltas longas, para que o não vissem tomar o caminho da floresta, na qual abrira veredas novas, que levavam á clareira.

Durante um porfiado mez, sem tregua de um só dia, desbastou, acepilhou, retocou, poliu a imagem, que se ia tornando perfeita dia a dia, severa na sua attitude de monge em oração, ajoelhado nas folhas. Não se fartava de contemplar a esculptura ascetica, e sempre achava que esmerar, que suavisar nas feições, no pannejamento, que cahia em dobras duras ao longo do corpo erecto.

Ás vezes, repousando sentado numa alta raiz,

ficava a olhar enlevado e desejava, então, que alguem apparecesse. Queria gozar o assombro, o pavor que a figura inesperada havia de causar, e sorria como se, em verdade, estivesse a assistir ao que imaginava.

Uma manhan, apezar das grossas, apojadas nuvens, que rolavam baixo, vagarosamente, escurecendo os campos, teimou em sahir, para retocar as mãos, que ainda lhe pareciam grosseiras. Esporeou o cavallo e lá foi, com o vento a zunir, vergando os ramos que se debatiam angustiosamente. Galopou atravez da poeira densa que se levantava, em rolos, dos caminhos seccos. Trabalhava apressado, quando o aguaceiro desabou, estrondando na matta, com faiscantes relampagos e trovões que abalavam. Correu a refugiar-se na cava de um penhasco, tremendo ao ouvir o estrepito da trovoada e o rumoroso jorrar da chuva na folhagem alta do arvoredo, que o vento conflagrava.

Corregos cresciam barrentos, insinuavam-se pelos meandros, perdiam-se com chocalhar fremente. Pelo dorso anfractuoso das pedras despenhavam-se cachoeiras e, sob a chuva, côr de ouro, como se conservasse o esplendor do sol, orava, immovel, o idolo florestal, ajoelhado nas duras dobras da tunica, que se estendia sobre a folhagem.

Aproveitando a estiada, Isidro correu ao animal, que esperava pacientemente, escorrendo, de orelhas murchas, as patas num lodaçal. Montou e, guiando-o pelos trilhos alagados, sob o lentejo das folhas, ganhou o recosto e, mal avistou, atravéz da chuva, a casa do sitio, cravou as esporas, mettendo afoitamente a galope.

Apezar dos cuidados de D. Balbina, que todo o dia, resmungando, amuada e cheia de apprehensões, andara pela casa a recriminar a imprudencia, Isidro, abafado, bebendo chás fortes adoçados a mel, gemmadas batidas em vinho, para a tarde, com o frio, foi sentindo o peito opprimido, a respiração difficil, com um sarrido silvante. Á noite, num accesso angustioso de tosse, cuspilhou sangue ; mas guardou segredo, para não alarmar a velha senhora, que já se apegára com os santos, fazendo promessas para que nada acontecesse « áquelle doido ».

Deitou-se cedo, abafado sob o peso dos cobertores immensos. O quarto, defumado a alfazema, recendia tepido, em aconchego agradavel. Teve febre e ansias que o arrancavam aos travesseiros, á falta de ar, numa agonia oppressa de suffocação, e, apezar de haver gente no quarto visinho, prevenida para acudir ao primeiro chamado, não se atreveu a bater na parede, como lhe recommendára a tia. E toda a noite, rolando na cama, arquejando, tossindo, pensou na morte com pavor, lamentando achar-se tão longe, naquelle deserto, sem um medico, porque o mais proximo residia d'ali a duas leguas, no Sacramento, e era tão velho, tão achacado, que mal se podia ter a cavallo.

Já os gallos haviam cantado pela segunda vez quando adormeceu, ouvindo a chuva, que jorrava tempestuosa, e o esfusio agudo da ventania brava. Acordou com a voz da tia, que, á porta, pedia noticias : « Se sentira alguma coisa ? Como ia passando ? »

Molle, alquebrado, tentou levantar-se; mas o corpo vergava em tibieza flaccida. Queixou-se: «Que apanhára uma constipação valente. Estava moído, sentira febre; mas era coisa passageira.» D. Balbina pediu licença para entrar e logo embarafustou pelo quarto esbaforida, alarmada, e foi direita á cama, affirmando:

— Que já contava com aquillo. Pois era lá coisa que se fizesse, sahir de casa com um temporal d'aquelles!

— Não chovia quando sahi, titia.

— Ora! não chovia... Mas então você não viu que o tempo estava armado? Assim, meu filho, assim não é possivel.

E, tomando-lhe o pulso, sentindo-lhe o calor da fronte, logo declarou, em atarantado desespero — que estava a arder num febrão. E sahiu a dar ordens, toda a gente poz-se em alvoroço, lembraram-se remedios, sympathias, rezas. Foi um pequeno á freguezia chamar o vigario, e o velhinho, sempre prompto, appareceu no meio do dia com a sua caixa homoepathica e encontrou o oratorio acceso, as mucamas rezando á Senhora da Saude, uma agitada balburdia na casa sempre tranquilla.

Durante tres dias obscuros e insipidos, de grande frio, choveu desabridamente. Os rasos filetes d'agua, que mal luziam aqui, ali, nas abertas do matto, cresceram, espalharam-se em marneis; o açude transbordou sobre as margens altas, cobrindo a represa, despejando-se em cachoeira estrondosa, as baixadas ficaram em charcos. O terreiro tornou-se um lodaçal em que os animaes patinhavam e o rio cheio, grosso, rolando com

furia devastadora, subia ás barrancas, escarvava a terra, expondo as raizes das ingaraneiras, levando troncos aos rebolos, aguas abaixo, em ruir de catastrophe.

Melhorando, sempre risonho, posto que intimamente o medo o fôsse estarrecendo, Isidro falou em partir. Vinha chegando o tempo das aguas, a vida ia concentrar-se entre as paredes da casa com a humidade e a tristeza de semanas, mezes de chuva e vento. D. Balbina, que já se habituara á companhia do sobrinho, quiz ainda retê-lo, mas conformou-se ouvindo a opinião sensata do vigario.

— Deixasse-o ir. Aquelles mezes que vinham eram sempre doentios. Elle voltaria a passar outra temporada na boa época. Era melhor. Ali não havia recursos, só mesmo para quem estava habituado a viver á lei da natureza. Deus havia de acompanhá-lo. Com outra estadia no sertão ficaria de todo curado.

— Senão fizer tolices, como fez.

— Ah ! sim . . . E se não vai enfarado da simpleza d'esta serra brava e da sua gente.

— Ó seu vigario ! Vou encantado, e volto.

— Já sabes como se vive por aqui . . . se gostaste . . .

— Como não ? A prova é que vou carregado de saudades.

— Tambem não é só deixá-las, disse o vigario com brandura.

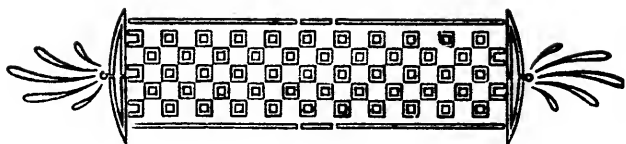
— De certo.

Logo começaram os preparativos para a viagem. Isidro pensou em ir vêr o tronco, a figura

que esculpira. Talvez que, com aquellas chuvas que haviam reverdecido campos e collinas, o madeiro, renovado de seiva, tocado pela força mysteriosa que circulava, remoçando toda a paizagem, houvesse revivido, deitando ramos, criando folhas, rebentando em flores, subindo em nova arvore grande, robusta, copada. Olhando a matta, sentia desejo de lá ir, de fugida, vêr apenas, mas o camarada chegou, sempre novelleiro, contando historias de amores, casos de morte, milagres, e uma tarde, á hora macia do nascer da lua, quando os morcegos cruzavam o campo, Manoel Felicio, montando a cavallo, declarou :

— Se a gente tocar bem, patrãozinho, ainda péga o carro que sahiu de manhan.

— Pois é tocar, que agora sou cavalleiro.

E, com toda a gente á varanda, acenando adeuses, os dois sumiram-se na sombra da noite.

V

Depois de abraçar a mãi, que o achou « outro », só com a tez mais queimada, Isidro pediu noticias de Americo. « Sahira a viajar : Tres mezes de Europa, para robustercer-se ao frio, gozar as novidades francesas ». Logo procurou informar-se de Irene, que não lhe apparecera.

Não achava meios de fazer a pergunta, mostrando interesse particular por uma escrava, principalmente lembrando-se do estado em que a deixara.

Foi á mesa do almoço, falando, queixoso, das cartas que recebia, sempre ligeiras, só de conselhos, sem uma noticia de casa, que D. Candida, com repulsão e nojo, alludiu á morte da rapariga : « Uma sem vergonha ! » E nada mais disse. Mais tarde elle soube toda a verdade por uma negra : « A pobresinha apanhára barriga e, com medo da vingança da senhora, tomára um rôr de

remedios, para mover. Apparecera morta numa poça de sangue, a um canto da chacara, com o rosto coberto de lama, como se houvesse fossado no barro. » Pobre Irene!

Pensou ainda alguns dias na rapariga, visitou os sitios em que se encontravam; mas depressa esqueceu aquelles amores, distrahido pela vida da cidade — festas de igrejas, bailes, espectaculos.

Apezar das recommendações do medico, deixava-se ficar até tarde na troça, com rapazes. D. Candida lembrava-lhe a molestia, a sua fraqueza: « Que não fôsse atraz dos outros, que tinham saude. Tomasse cuidado! Lá porque estava melhor não devia abusar ». Isidro encolhia os hombros.

— Não podia viver como frade, sempre emparedado. Estava habituado a deitar-se tarde, e aquella vida molle, a que o queriam forçar, não era para um homem que fôra criado solto, livre, ao sol. Chegou mesmo a falar em nova viagem á Europa, queixando-se da monotonia morrinhenta da provincia — dias inertes, noites vasias, falta de meio intellectual; só a politicagem e a intriga, a beatice e o namoro. Não podia com aquillo.

D. Candida resignava-se, suspirando e, sempre que elle entrava a horas altas, lá ia recebê-lo — vêr se vinha agasalhado, saber se sentia alguma coisa. Acompanhava-o ao quarto, cuidadosa, apprehensiva, temendo que o sangue o suffocasse num accesso de tosse. Não dormia tranquilla, sempre a pensar em sangue, a vêr sangue, e, ao mais leve ruído, saltava da cama espavorida e ia escutar á porta do quarto do filho, ansiosa, tremendo.

Uma carta da tia Balbina poz em fervorosa agitação a casa. A boa senhora reclamava, com insistencia, a volta de Isidro, garantindo-lhe a cura radical e, em longas paginas, com miudos detalhes, narrava o milagroso achado que um menino fizera na Matta Funda e descrevia a imagem do «Senhor» nascida da terra, a rezar, entre as grandes arvores, como Jesus no deserto.

Dizia o grande e commovido alvoroço do povo, a subida de toda a gente ao lugar do milagre, a cerimonia do córte da imagem, ao som de canticos, a procissão numerosa que a trouxera, em andor sylvestre, a collocação na igreja, o benzimento e os milagres que ia fazendo.

Já a noticia chegára ás mais arredadas povoações e raro era o dia em que não apparecia um enfermo, com offertas, pedindo a protecção do Bom Jesus. Isidro que fôsse, ella tinha certeza de que elle tornaria inteiramente são. Outros, quasi cadaveres, levados em rêdes, em carros, agonisando, lá andavam, rijos e alegres, como se nunca houvessem soffrido. Até uma cega recuperára a vista.

Isidro, lendo a carta da tia, esteve para referir a verdade, contrariando a mãi, que já pensava em mandar pedir um registro da imagem. Calou-se, porém, com certa vaidade, e recolheu ao quarto, a pensar na figura selvagem, arrependido de se haver retirado do sitio — teria assistido a tudo.

E gozava, sentia-se orgulhoso de haver criado aquelle deus que applacava as dôres, que reaccendia a vista, que desentrevava os aleijados, que tornava fecundos os ventres estereis e respon-

dia com a abundancia ás preces dos humildes semeadores das terras mortas, exactamente como o Christo, quando percorria benignamente os caminhos da secca Jerusalem, espalhando a suave bondade dos seus milagres e a doce consolação das suas palavras misericordiosas.

Teve um desejo forte de chamar a mãi, dizer-lhe tudo, mostrar-lhe a mentira d'aquella alvoroçada crença, mas faltou-lhe o animo, mesmo certo receio, escrupulo de offender a Deus, conteve-o no silencio. E todo o dia ficou a revêr a matta brava, a figura do hamadryas, a caboclada em chusma, a subir os asperos caminhos que elle sempre alegremente trilhára, o vigário no meio do povo, guiando os canticos religiosos, emquanto os carapinas, ajoelhados devotamente, serravam o tronco ; a marcha para a igreja, atravéz dos campos luminosos, toda a grandeza d'aquella estupenda idolatria.

Na manhan seguinte, abrindo o jornal, encontrou uma estirada correspondencia da Matta Funda, toda consagrada ao mysterioso apparecimento da imagem e aos factos maravilhosos que precederam o felicissimo acontecimento : Um anjo que fôra visto pairando acima da serra, com as largas azas fulgurando na suave serenidade da tarde ; vozes meigas que cantavam no interior da matta ; chuva de estrellas ; uma criança de peito que, subitamente, abrira os labios e annunciára, em claras palavras, a visita de Deus.

Depois, era a narração ingenua do menino que descobrira a imagem, « levado por um passaro que o attrahia, cantando de ramo em ramo ». Por

fim, a subida do povo, com o vigario, a trasladação da imagem, os grandes prodigios que se realisavam, o movimento de fieis que, de toda a parte, affluiam á Matta Funda.

E terminava com exaltadas palavras de louvor á virtude da boa gente do sertão, que merecera de Deus tão subida prova de amor.

Releu a carta, demorando-se nas referencias ás manifestações da graça, annunciadoras da existencia da imagem florestal. Não seriam invenções do vigario ? — que era d'elle o escripto. Parecia-lhe um sonho tudo aquillo. Mas, pensando, foi-se elevando em arroubo mystico e viu distinctamente erguer-se na penumbra do quarto, diante dos seus olhos pasmados, a mesma figura que esculpira na brenha, cercada de esplendor irradiante. Sentou-se vivamente e, impressionado, arfando, fitou os olhos — a apparição desvaneceu-se e só ficou um raio de sol, que atravessava uma fresta do forro, abrindo-se em disco de ouro no soalho. Levantou-se, vestiu-se, abriu de par em par as janellas.

Era dia alto — todo o jardim brilhava á luz intensa e á beira d'agua as lavadeiras cantavam guaiadamente.

Ao sahir do quarto communicou a D. Candida a sua resolução de partir para o sertão. Queria vêr a imagem, testemunhar os milagres, gozar aquelle espectaculo raro de uma revelação. Telegraphou para Palmas, ao major Bentes, pedindo para mandar aviso á Matta Funda e, seis dias depois, com ansia de rever os lugares que os anjos visitavam, onde assistia benigna a graça misericordiosa, subia, de novo, o Maruhy.

Ao longo das margens, nas pequeninas cidades e povoações ribeirinhas, não se falava em outra coisa senão no apparecimento do Bom Jesus, na Matta Funda. Nas barrancas, sentados em terra, nas areas, ao sol, ou á sombra das arvores, bandos de enfermos esperavam o vapor, disputando, com ansia, um lugar, fôsse onde fôsse, custasse o que custasse, mesmo nas barcaças, á intemperie.

Entrevados eram conduzidos para bordo em braços, e sorrindo, encolhidos nas esteiras, com rosarios e bentinhos, davam graças a Deus por se acharem èmbarcados. Cegos iam tacteando; outros, amarellos, macillentos, com immensos ventres, seguiam devagar, arquejando; mãis levando os filhos ao collo, embrulhados em chales, e, quando o vapor largava, toda aquella chusma infeliz entoava um cantico religioso que chamava gente ás barrancas.

Nas Palmas, a affluencia era maior. Aos enfermos ajuntavam-se negociantes com as suas réeuas, os seus carros de bois, e tudo seguia, em cerrada caravana, caminhando nas horas de sombra e frescura, parando quando o sol ardia, em demanda do lugar bemdito onde Jesus apparecera para consolo e allivio dos pobres.

Isidro estava verdadeiramente maravilhado, e quando Manoel Felicio o recebeu alegre, contando os prodigios do santo, as grandes mudanças que se haviam operado na freguezia, o povaréu que lá vivia fazendo penitencia, rezando de dia e de noite, sentiu forte emoção, a voz prendeu-se-lhe na garganta, arrasaram-se-lhe os olhos de agua.

Fôra elle o autor de tudo aquillo. Era elle quem

ia levando toda aquella gente para a esperança. Deus o escolhera para intermediario do milagre, attrahindo-o á clareira, deparando-lhe o tronco esboçado que elle apenas retocára e polira. Havia mesmo em tudo aquillo um prodigio, sim, porque o tronco lá estava e ninguem, antes d'elle, o descobrira. Atravéz dos campos rasos até á alta, encrespada serra, foram sempre encontrando peregrinos. Lentos carros de bois, rinchando, lá iam com familias apinhadas; bandos de cavalleiros, liteiras, rêdes, gente a pé. A poeira empannava os ares luminosos e veredas novas colleavam pelo deserto.

Á noite luziam fachos, lampejavam fogueiras aqui, ali, em ranchos de palha; e eram cantos devotos ou alegres zangarreios de violas emquanto os animaes repousavam. Não raro uma cruz de madeira verde mostrava a cova de um infeliz — os caminhantes não se detinham, benziam-se, faziam votos pela salvação da alma que se partira e seguiam com fé, louvando o Senhor, entoando um hymno rustico que era a glorificação de « Jesus, bem vindo ».

Foi com verdadeira emoção que elle avistou a casa do sitio, mais alva no verdor novo do pomar. D. Balbina recebeu-o contente e, antes mesmo de o levar aos seus aposentos, contou-lhe, com todos os pormenores, o apparecimento do Bom Jesus, citou-lhe os principaes milagres, os beneficios que fizera, alliviando infelizes, reviçando terras mortas.

A casa refervia em azafama de festa e, nos cubiculos do terreiro, havia gente agasalhada por esmola, familias inteiras que passavam os dias

nos portaes, ao sol, com o enfermo estendido na esteira, immovel, esperando pacientemente que se realisasse o milagre.

Nem por irem os dias correndo sem manifestação alguma de melhora os infelizes descorçoavam, a fé augmentava a mais e mais e, todas as tardes, cerrando a porta, deixando o doente, ás vezes confiado a uma criança, lá iam todos, devotamente, para a freguezia, cantar em torno da imagem, na igreja, que era pequena para conter a multidão.

Isidro, apezar da fadiga, na tarde do mesmo dia da chegada quiz vêr o santo e a povoação, que se estendera em torno da igreja, por entre o coqueiral, como um acampamento de nomades.

D. Balbina, que fizéra uma promessa para que êlle fôsse feliz na viagem, mandou tambem sellar o seu cavallo e, ao cahir do sol, partiram para a freguezia, com um pagem.

Logo ao deixarem a porteira, Isidro notou a suavidade da estrada, dantes tortuosa e agreste e tão cheia de covas que era preciso levar o animal ás voltas cautelosas, ás vezes trepando arriscadamente á barranca, para evitar os lameiros em que se encravavam, até aos eixos, as grandes rocas dos carros — toda ella era, então, liso e claro lance, macio e tão alvo que parecia calçada e recoberta a areia fina. Mesmo as rampas haviam sido alhanadas e só pelas bordas crescia a herva rija e secca, eriçada como cerda.

Tia Balbina falou-lhe então do piedoso serviço, que, a pedido do vigario, faziam os peregrinos, achanando a estrada que levava á igreja, para que

os enfermos caminhassem com segurança e facilidade. E mostrava-lhe cabanas, ranchos, choças, tão pobres, que eram apenas uma méda de palmas entre as hervas.

Á medida que avançavam, iam encontrando grupos : homens levando rêdes nas quaes gemiam enfermos, outros carregando ás costas entrevados. Alguns trotavam, arquejando, vergados ao peso de immensas pedras. Um velho ia lentamente, de joelhos, cercado dos seus que, vagarosamente, o acompanhavam, e conversava, gracejava, ria, apressando-se para chegar a tempo, insensivel á dureza dos caminhos.

O sino vibrava no silencio da tarde, chamando á oração, e de todos os lados sahia gente açodada, cantando rezas numa toada gemente que se prolongava pelo ermo.

Já as aves e os insectos da noite erravam nos ares trissando, chirriando, lampejando, e os grilos cantavam alegremente na solidão em guizalhar que não descontinuava.

Quando chegaram á freguezia, Isidro ficou em atordoado espanto. Centenas de luzes moviam-se por entre os coqueiros, fogueiras ardiam avermelhando os troncos e as folhagens, e cantares troavam, pregões disputavam-se. Um alarido crescia para os lados da povoação adensada, onde resoavam surdos atabaques como em batuque.

No largo estacionavam carros. Immenso povo apinhava-se diante da igreja avançando difficilmente com sussurro perenne. Por vezes rompiam gritos, clamores, reclamos ; um nome bradado era repetido com desespero. O sino continuava a re-

picar e carros chegavam ainda, rinchando. Gente affluia a correr e por sobre toda a multidão, clareando docemente a paizagem, fazendo realçar a alvura da igreja, caiada de fresco, o luar suave estendia-se devagar e mystico.

Apearam junto ao presbyterio. O vigario acolheu-os festivamente, lisonjeado com a volta de Isidro:

— Então, isto por cá não é tão máu como se diz. Como dispunha ainda de um bom quarto de hora, quiz que descançassem um bocado, emquanto ia mandar abrir a tribuna.

— Para mim não, senhor vigario, peço para ficar em baixo, com o povo: quero vêr de perto a imagem.

— Tem muito tempo. Amanhan, se quizer. Hoje é impossivel. Não imagina o que lá vai de gente.

— Não faz mal.

— Eu não aconselho; mas se quer... O que posso fazer é levá-lo em minha companhia, arranjar-lhe um lugar perto do pulpito. Ainda assim...

— Aceito.

— Pois sim. A senhora é que não se deve lá metter naquella barafunda: é um aperto que suffoca.

Effectivamente, da sala ouvia-se o rumor resoante que vinha da igreja, como um forte rolar de aguas em caverna. Já o caboclo ia e vinha com o thuribulo. Fóra rinchavam carros, o vozeiro crescia, e, longe, soturno, continuava o estrupido do batuque. O ar da noite entrava pelas janellas, cheirando a magnolias.

— Então, meu filho? Nem parece aquella terrinha calada e deserta que viu, não é verdade? É um povaréu por essas estradas.... casas novas, e todo o dia gente a chegar de todas as partes, com devoções e presentes. Já não sei onde hei de guardar as promessas que recebo: as paredes da sacristia estão de cima abaixo. É a graça de Deus. Jesus continúa a ser o pai da pobreza, é entre os pobres que se sente bem. Entre elles nasceu, entre elles se mostra.

O que tenho visto nos ultimos tempos, neste cantinho do mundo, bastava para convencer-me da existencia e da misericordia do Eterno, se, pela vida que levo e pelas muitas provas que tenho tido, d'ella não estivesse, ha muito, convencido. Que falem os pobresinhos que por ahi andam, e aqui a senhora, que tem sido testemunha de todos os prodigios com que o Senhor nos tem amerceado. Bemdito, louvado seja o que nos visitou, e sempre há de viver comnosco, — murmurou docemente, e continuando, no tom affavel da palestra: Já não falo das grandes curas, mas do expurgo de terras malditas, que rebentaram em fertilidade, dos arrependimentos...

D. Balbina lembrou, ainda estarrecida, fazendo no peito o signal da cruz:

— O estuporado, senhor vigario.

— É verdade. Coitado! Isidro não conhecia o caso. O vigario narrou-o em breves palavras. Um infeliz, meu filho. Era carreiro. Foi justamente no dia da trasladação da imagem. Vinhamos pela estrada, todo o povo a cantar, quando um carro appareceu na volta do caminho. O carreiro foi in-

timado a parar. Era moço, genioso, zangou-se, e, encostando-se á canga, firmado á aguilhada, só tirou o chapeu porque uns homens exigiram. Ficou resmungando, amuado, e quando viu a imagem no andor, dizem que sorriu com desprezo, rosnando—que Deus me perdôe—e bateu nas faces, D. Balbina imitou-o: «Então esse páu bruto é que é Nosso Senhor? Melhor do que isso vou eu buscar no matto todos os dias.»

No mesmo instante todo elle se retorceu como um couro ao fogo — a boca ficou enviezada, os olhos metteram-se-lhe para dentro, as mãos e os pés entortaram que nem raizes. E o povo, quando o viu cahir, espumando e uivando que nem cão damnado, ajuntou-se em cima d'elle, e nem sei como ainda cheguei a tempo de o salvar.

Levei-o commigo, dei-lhe casa, remedios; mas o mal era de Deus e o desgraçado só durou tres dias.

Horas antes de morrer quiz confessar-se e arrependeu-se. Quando o corpo foi levado á igreja, para a encommendação, todos viram, meu filho! D. Balbina affirmou: «Eu vi!»—no momento em que me voltei para a imagem, pedindo misericordia, tudo desappareceu: a boca, as mãos, os pés voltaram ao natural e um ar de felicidade estampou-se no rosto do defunto. Foi o perdão.

Isidro respirou larga, desafogadamente, como alliviado de uma oppressão. Não comprehendia o prodigio e temia pela sua duvida.

O sino poz-se a repicar vivamente e o vigario levantou-se, alisou a batina, pediu licença; era a hora. D. Balbina chamou Isidro á parte, le-

vou-o para a janella, que o luar illuminava, e pediu-lhe :

— Faze uma promessa pela tua saude, meu filho. Eu sei que vocês, rapazes da cidade, não crêm, mas as provas estão ahi. Deus existe. Não crês em Deus ?

— Eu, titia ?

— Então . . .

— Descance, titia.

— Eu já fiz a minha, mas é preciso que você mesmo faça. E até já, eu vou indo. Espera-me aqui á sahida.

Foi-se pelo corredor, que uma candeia mortiça alumiava, e onde havia a escada que levava á tribuna.

Isidro, emquanto o vigario fazia uma oração, inclinado diante do crucifixo, e o caboclo agitava o thuribulo, para avivar as brasas, pensava naquelle mysterio, em todos os prodigios que lhe relataram, cujas provas ali estavam evidentes. Mas como aceitar a idéa de divindade, se aquelle deus de amor e de vingança lhe sahira das mãos, em lentas, aturadas horas de trabalho no fundo da floresta ? Teria elle corrigido apenas a obra celestial, retocado a factura divina, tirando-lhe as asperezas que a deformavam ou fôra um simples instrumento da graça, inspirado como os apostolos, que se encaminhára, levado pela propria Providencia, para realisar uma intenção do Senhor ? A verdade é que o deus, que ali adoravam, era materialmente creação do seu genio.

O vigario ergueu-se, persignou-se e sorriu-lhe, dizendo baixinho :

— Vai arrepender-se de não ter ido lá para cima, ha de vêr.

O caboclo correu o reposteiro e passaram.

Um bafo de fornalha abrasou-lhe o rosto, os olhos ficaram um momento obumbrados, vacillou num atordoamento, mas reagindo, dominando-se, avançou, lançando os olhos pela igreja apinhada, e estremeceu, vendo a multidão densa, que oscillava, constrangida. Homens com gibões de couro, chegados do campo ; outros em mangas de camisa ; mulheres com as cabeças amarradas, sustentando os filhos nos hombros ; negros, caboclos, physionomias ferozes, alguns tão encarquilhados que mal se lhes distinguiam os olhos, a boca. Enfermos encostavam-se ás paredes e, no meio da nave, cercado de ripas floridas, com quatro alentados vaqueiros guardando os angulos, a imagem da floresta, o Bom Jesus da Matta Funda, avultava monstruosamente entre cirios e palmas.

A illuminação dos altares era escassa — a mesma Senhora da Conceição jazia em esquecida penumbra, no fundo do seu nicho dourado ; mas na turba, aqui, ali, ardia uma vela de carnauba, candeias brilhavam oscillando em pontas de varapáus.

Isidro olhava, sem poder mover-se, apertado na multidão que se condensava, resistindo ao esforço, que faziam os que entravam, disputando lugar porto do pulpito para ouvir a predica do vigario. O calor suffocava ; havia um cheiro acre, de azedume e de hervas, abrumado de fumo.

Subito, com fragor de desabamento, ajoelharam-se todos e surdamente, em soturno, merenco-

reo vozeio, o povo poz-se a rezar o Padre Nosso, acompanhando o vigario.

Isidro sentiu-se empolgado — uma emoção forte dominou-o, a massa bruta impunha-lhe o seu prestigio. Ajoelhou-se, de mãos postas, os olhos na imagem, rezou. Mas . . .

Era a floresta, a immensa, cerrada matta, com o seu possante arvoredo a debater-se ás lufadas de um grande vento. As frondes rumorejavam, vergavam-se, galhos estalavam, grandes ramos e palmas desprendiam-se, vinham de raspão pelos troncos, farfalhando. Folhas seccas voavam em loucos torvelinhos e a tormenta crescia estrondosa, ao flammejar dos relampagos, e elle sentia-se preso, agarrado pelas arvores vingadoras, que o torturavam, por elle haver profanado o seu idolo, e deus silvestre.

Os cipós enlearam-n'o — sentia-se ir esmagando, triturando aos poucos — já lhe faltava a força, já lhe faltava o ar, a vista escurecia. De repente um brado estrondou. Desempannou-se-lhe o olhar e viu-se abafadamente opprimido no meio do povo que se levantára murmurando.

Lá estava a imagem entre cirios, e, docemente, começou uma oração entoada por todas as vozes, em plangencia afflictiva como reclamo do soffrifrimento á misericordia.

Suava, as arterias das temporas latejavam com força. Quiz avançar ; um caboclo voltou-se, cantando, fitou nelle os olhos e tomou-lhe a frente, immovel como uma columna. Outros empurravamno : os gibões de couro roçavam por elle asperamente, todo aquelle povaréu parecia haver-se ali

ajuntado para esmagá-lo. Quiz recuar; impossivel!

As vozes bradavam exaltadas, estrondavam, e lá fóra, no adro, como em echo, continuava o canto, entoado pelos que não haviam conseguido varar a multidão.

De novo, fragorosamente, todos se ajoelharam e o vigario começou a predica, falando de Jesus, o meigo Jesus dos pobres, da sua bondade, da sua piedade, e era para a imagem que dirigia os gestos, mostrando-a, invocando-a, como se ella fôsse o mesmo nazareno que sarava os enfermos, á sombra dos eloendros, que multiplicava os pães para os que o ouviam, que chamava da morte aos que já se desfaziam na terra.

Houve um movimento brusco do povo, um alvoroçado recúo, justamente diante da imagem: uma mulher cahira desmaiada. O vigario falou do pulpito: que a amparassem, que a levassem para o adro. Homens tomaram-na nos braços e, difficilmente, foram rompendo a turba, que logo se fechava como as aguas.

Isidro sentia-se a mais e mais arrochado. Doíalhe a cabeça, vivo fogo queimava-lhe a garganta; suffocava. Sentiu uma dôr aguda, levou a mão ao peito e, contendo a respiração, logo pensou no sangue, sentiu-lhe o saibo; tossiu frouxamente.

O vigario recomeçou a meiga narrativa messianica, descrevendo os trabalhos de Jesus, as suas caminhadas por sóes ardentes, atravéz dos desertos, para levar allivio a um pobresinho, prégar aos peccadores, salvar um arrependido, explicar um mysterio.

A tosse voltou-lhe com angustia, sentiu uma golfada grossa. Baixou a cabeça, levou o lenço á bocca e viu o sangue, o sangue vivo, em posta rubra que lhe sahia como de uma ferida e mais sentia, grosso e quente, aos gorgolões, como se todas as arterias houvessem rebentado naquelle esforço, naquella oppressão entre a gente barbara.

O pavor deu-lhe forças. Num recúo insistente foi repellindo os mais obstinados. Alguns resmungavam, protestavam, reagiam, mas comprehendendo que elle cedia lugar afastavam-se e elle passava aos empurrões, oscillando de um a outro, a offegar. O coração batia-lhe impetuosamente.

Voltou-se, quiz falar ás mulheres que nem sequer o olhavam, mas receiou que o sangue lhe jorrasse da boca. Foi indo de frente, direito á porta da sacristia.

As pernas frouxas tremiam-lhe, arrancos empuxavam-lhe o peito como se os pulmões se fôssem despegando, o ar tornava-se-lhe difficil. Um momento, sem forças, ficou amparado pela multidão immovel, numa agonia mortal, mas poude ainda avançar, chegar ao reposteiro, atravessar as ultimas filas, ganhar a sacristia e, na liberdade, sorvendo o ar fresco que entrava do campo, só, diante do livido Christo, abateu no banco derreado e ficou arfando, numa angustia crescente que o ia abafando, estrangulando, matando.

Harto jorro subiu-lhe á garganta e refluiu como aspirado — ergueu-se, atirou-se de encontro á parede, com a cabeça entre os braços, suando frio de agonia. Docemente, uma voz meiga tirou o hymno glorioso ao Bom Jesus :

Deixando a vossa grandeza,
Senhor da terra e dos céus,
Quizestes vir á pobreza
Trazer a graça de Deus.

Jesus de amor e bondade
Que a nossa dôr applacais,
Na terra e na eternidade
Bemdito sempre sejais!

O côro atroou formidável, reboando na igreja:

Jesus de amor e bondade,
Que a nossa dôr applacais,
Na terra e na eternidade
Bemdito sempre sejais!

Fóra, ao luar, cantavam acompanhando as vozes que, gloriosamente, atroavam a nave e, de longe, dos vãos perdidos, das portas das cabanas, dos carros, vinham gritos de louvor, desferidos com verdadeiro frenesi, como se os que os soltavam receiassem não ser ouvidos pelo Bom Jesus e quizessem sobrepujar o côro estupendo dos que o cercavam.

A voz meiga entoou outra estrophe, lembrando o nascimento humilde do Messias, entre gado e pastores. Elle relanceou o olhar pela sacristia. Toda uma parede estava coberta de promessas — braços, pernas, ventres de cera, quadros allusivos a milagres, retratos, armas. A um canto, um monte de cirios; sobre a immensa commoda, pacotes de velas, flores.

Eram as offerendas da pobre gente. E o can-

to crescia grandioso, retumbando como lamento de catastrophe. Parecia que do mesmo céu, alto e sereno, vinham vozes. Os anjos deviam andar perto, esvoaçando, cantando aereamente em torno da igreja e ao lado da sacristia, no jardim, cantavam docemente. Talvez os rosaes em flôr, os alvos bogarys abertos, as arvores, os ninhos, as mesmas pedras, as mesmas aguas, a mesma terra, os insectos errantes, tudo quanto o luar esplendido purificava. As rajadas sonóras entravam pelas janellas enramadas de trepadeiras. O povo vociferava o cantico.

Elle sentia a multidão, a densa turba devota que se lançava d'encontro á igreja como uma horda assaltante. Era a Fé que o cercava e fôra elle o creador d'aquelle Bem que espalhava milagres.

Lembrou-se, então, das palavras da tia. Aprumou-se em derradeiro esforço e, ao estrugir do canto, sem poder, ao menos, murmurar a promessa, fê-la no coração — áquelle mesmo deus salvador que elle arrancára da brenha e que sarava os enfermos, dava vista aos cegos, desentorpecia os entrevados, cobria de flôres as terras sáfaras, fazia rebentar veios d'agua nas rochas, vingava as affrontas, levantava os humildes.

Uma paz suave envolveu-o : abrumaram-se-lhe os olhos, os braços descahiram-lhe abandonados, e, sem dôr, sem ansia, como uma corrente facil, golfada de sangue escapou-se-lhe da boca, encharcou-lhe o peito ; outro vomito jorrou, esparrimou-se no soalho.

Os olhos dilataram-se de terror fitos na grande mancha que reluzia.

O ar que elle aspirava, aos haustos, refluia grugrulejando, repellido pela rubra torrente.

Ainda poude amparar-se, oscillou raspando, com as mãos espalmadas, a lisa parede. Foi descahindo de flanco, tombou; a cabeça bateu no banco com um som ôco.

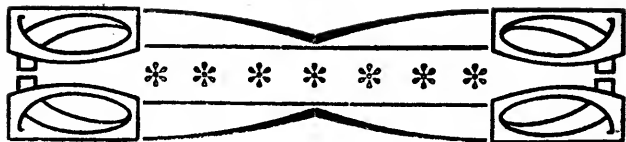
Duas velas ardiam espalhando tremulamente uma livida claridade funérea. Lembrou-se de ir procurar a tia, mas não conhecia o caminho que levava á tribuna, nem lhe sobravam forças. Gritar, chamar... como? se todo o recinto e fóra, o espaço, estavam cheios do vozeiro dos crentes. O seu idolo matára-o e ainda fizera a solidão em torno da sua agonia. Todos lá estavam em volta do tronco — era a sua obra que o isolava, que o fazia acabar miseravelmente, na triste e obscura sacristia, onde echoavam os louvores dos homens á arvore bruta que elle tornára um Deus.

Cerraram-se-lhe os olhos, sons vagos rolavam-lhe nos ouvidos. Viu nevoas diaphanas pairando, fórmas fluidas que se cruzavam com scintillações sideraes, anjos, talvez.

As vozes tornavam-se mais brandas, perdiam-se como se fôssem pelos espaços fóra. Á falta de ar escancellou a boca, abriu agoniadamente os olhos, ergueu, com ansia, a cabeça... Longinquas, morriam na doçura da noite, as vozes brandas:

> Na terra, na eternidade
> Bemdito...

e a cabeça bateu surdamente no banco.

OS POMBOS

OS POMBOS

Quando Joanna appareceu á porta bocejando, fatigada da longa noite em claro, á cabeceira do filho, Tiburcio, de pé no terreiro, firmado á enxada, olhava o pombal alvoroçado.

O sol começava a subir dourando as folhas humidas ; á beira do corrego esvoaçavam rôlas e os sanhassos faziam alegre algazarra nos ramos altos das arvores das cercanias.

O caboclo, immovel, não tirava os olhos do pombal que ficava á sombra de copada mangueira. Por vezes franzia a fronte queimada accusando a luta intima, graves preoccupações que lhe trabalhavam o espirito. Um pombo abalava, outro, logo outro — elle voltava a cabeça, seguia-os até perdê-los de vista e tornava á contemplação melancolica.

As aves iam e vinham, entravam, sahiam agitadas, arrulhando alto ; esvoaçavam em redor da habitação, pousavam nas arvores, no sapê da cabana, baixavam á terra inquietas, fazendo roda, arrufadas.

Algumas pareciam orientar-se buscando rumo — alongavam os olhos pelo claro espaço, aprofundando a vista nos horizontes remotos ; outras voavam, descreviam grandes voltas e regressavam ao pombal. Juntavam-se em reboliço turturinando, como se discutissem, combinassem a abalada.

Algumas, indecisas, abriam as azas ameaçando o vôo, mas logo as fechavam ; outras arrojavam-se, mas retrocediam sem animo e o rumor crescia, na atropellada excitação da faina da partida.

O caboclo não se arredava, olhando. Elle bem sabia que era a vida de seu filho que ali estava em jogo, pendente da resolução das aves. « Quando os pombos desertam, a desgraça vem logo. »

Vendo-o, Joanna perguntou :

— Que é ?

O caboclo coçou a cabeça sem responder. Ella insistiu :

— Que é, Tiburcio ?

— A mode que os pombos 'tão arribando, Joanna.

A cobocla sorriu tristemente :

— Uai ! só agora é qu'ocê 'tá dando por isso ? Desne que elle cahiu de cama. Eu não quiz falar, mas bem que eu 'tava vendo.

O caboclo poz a enxada ao hombro e foi-se lentamente a caminho da roça, por entre o capim molhado que exhalava um cheiro picante.

Gallinhas cacarejavam occultas nas hervas altas e um fio d'agua, que derivava fino e suave, lampejava aqui, ali, nas abertas do matto. Tiburcio, sempre de cabeça baixa, enxada ao hombro, seguia impressionado com a repentina migração das aves.

Era o annuncio fatal. Elle bem ouvira a coruja noites e noites seguidas; não fizera caso — tudo ia bem; o pequeno com saúde, elles sempre robustos. Mas ali estava a confirmação do aviso — a fuga dos pombos; todos criados por elle, lá iam, abandonavam-no presentindo a chegada da morte.

Voltou-se, levantou o olhar — as aves esvoaçavam descrevendo circulos e Joanna lá estava na soleira da cabana, encostada ao umbral, braços cruzados, a cabeça pendida, de certo chorando, coitada!

Revoltou-se com uma surda explosão de odio contra as aves ingratas. Nunca tivera coragem de matar uma só e vivia sempre a concertar o pombal, mais uma coisa, mais outra, pensando em augmentá-lo para os novos casaes. E o filho? Não era elle quem piláva o milho para os borrachos? quem sempre andava pela mangueira, de ramo em ramo, a vêr se havia alguma fenda no pombal por onde a chuva penetrasse? Quem sabe se era porque o não viam que os pombos abandonavam a casa?

Encolheu os hombros e seguiu, matto dentro. Ao atravessar a estiva, o coração bateu-lhe com força, na emoção d'um presagio. Parou. A agua rebalsada reflectia-o immovel e elle olhava sem vêr

a sua imagem, pensando no pequeno que delirava, ardendo em febre.

Enveredou pela roça. O milharal apendoado era tão alto que o homem desapparecia seguindo os carreiros cobertos de folhas seccas. Pomas de terra fôfa encobriam formigueiros que elle sempre arrasava nos dias tranquillos. Nem deu por ellas. Seguia. Papagaios fugiam chalrando, com as verdes azas luzindo ao sol; gafanhotos enormes saltavam nas folhas. Por vezes um calango rastejava ligeiro.

Havia um ranchinho de palha — era ali que o filho costumava ficar arranjando as suas arapucas; ainda lá estava um feixe de taquaras, mas a herva começava a invadir o abrigo abandonado. Tambem ia já para um mez que o pequeno ali não apparecia. Quando chegou ao mandiocal, sentou-se alquebrado — a enxada pesava-lhe ao hombro como uma carga, as pernas afrouxavam, todo o corpo resentia-se de fadiga como se elle chegasse de estirada viagem. Sentou-se num comoro e pozse a riscar a terra com um graveto, pensando.

Ás vezes parecia-lhe ouvir a voz da mulher echoando; levantava a cabeça e, attento, sobresaltado, ficava á escuta. Só ouvia o crepitar das folhas balançadas pela viração e o zizio dos insectos ao sol. A terra transpirava, um vapor diaphano subia tremulamente do solo aquecido, as folhas pendiam languidas e no céu, d'um azul intenso, passavam urubús vagarosos demandando as malhadas longinquas.

De repente um pombo atravessou os ares, outro, outro logo depois. Tiburcio poz-se de pé

olhando — lá iam elles, lá iam! Azas estalaram — eram outros. Aquelles não tornariam mais, nunca mais! fugiam espavoridos, sentindo a morte que devia vir perto.

Lançou um olhar largo em volta e só viu a verdura farta ondulando á brisa, sob a claridade cálida. Devia ter levado o filho á villa logo que elle cahiu doente; mas quem podia contar com aquillo? De repente, um febrão, delirio... Que fazer? Levantou os olhos para o céu e ficou contemplando o azul luminoso. Mais um pombo passou. Meneou a cabeça desanimado e, atirando um murro á coxa, poz a enxada ao hombro e deu volta tornando á casa. Quando Joanna o descobriu no terreiro, como se adivinhasse o seu pensamento, disse:

— Foi mesmo melhor você voltar, meu velho. Eu aqui sósinha nem sei que hei de fazer.

Elle olhou o pombal — estava deserto, em silencio.

Ao cahir da tarde sentou-se no limiar da cabana e, fumando, ficou á espera dos pombos. As cigarras cantavam, todos os passaros, que tinham os seus ninhos nas arvores proximas, recolhiam e, como ainda havia luz, deixavam-se ficar nos ramos, desferindo os ultimos galreios.

O céu empallidecia, nublava-se de leve o fundo campo triste. A aragem da tarde espalhava o suave arôma das açucenas que abriam. Perto um cão ladrava, a espaços; por vezes um lento mugido entristecia o silencio. Tiburcio não tirava os olhos do pombal senão para os alongar pelo espaço, procurando descobrir uma das aves. Talvez tornassem.

Onde achariam ellas melhor abrigo ? A floresta era arriscada e pombos de casa não fazem vida no matto. Que outro pombal os teria attrahido ? Se elle houvesse seguido a direcção do vôo . . . Alguns tinham tomado para os lados dos campos, outros haviam endireitado para a serra. E não voltavam.

Começava a escurecer. Joanna accendeu a candeia. Já os sapos coaxavam nos aguaçáes. Uma estrella luziu no céu. Tiburcio fitou nella os olhos e poz-se a rezar baixinho. O silencio era apenas interrompido pelo borborinho d'agua do corrego que rolava perto, nos fundos da cabana, saltando, escachoando em pedrouços. Tiburcio suspirou e ergueu-se, encostou-se ao umbral sem animo de entrar. Joanna chegou-se á porta.

— Então ? . . .

— No mesmo. Agora nem agua. Qual !

Elle desceu o degráu de madeira, chamou-a e caminharam vagarosamente no terreiro que começava a clarear. Junto á mangueira, justamente sob o pombal, pararam e o caboclo, baixinho, como se receiasse ser ouvido pelo filho, perguntou :

— Joanna, você não sabe reza nenhuma p'ra isso ? e mostrou o pombal deserto.

— Nhá Lina é que sabe.

— E chama ?

— Diz que sim.

Tiburcio ficou a pensar. Subito, levantando resolutamente a cabeça, disse em voz firme :

— Eu vou lá.

— Agora ?

— Então ? Você não diz que chama ?

— Eu nunca vi, Tiburcio. Dizem.

— Você não quer.

— Eu? eu não. Só o que acho é que é muito tarde. Você já viu como elle está? não dá accordo de nada. Eu ando, falo, viro e mexo no quarto e elle . . . nem como coisa. Ali só Deus!

A voz ia-se-lhe travando na garganta; de repente desatou a chorar. Tiburcio afastou-se, poz-se a andar vagamente no terreiro. A lua subia, os campos alvejavam e as sombras das arvores, muito negras, tisnavam a claridade.

— Tem paciencia, minha velha. A gente fez tudo. Os grillos cantavam estridulos; um caboré passou com um grito rascante. O caboclo murmurou: Já sei. De repente Joanna estremeceu, voltou-se hirta para a cabana, por cuja porta escancarada sahia ao terreiro um raio de luz livida e, depois de olhar um momento, como assombrada, partiu de arranco.

Tiburcio, immovel, sem comprehender o que fizera a mulher, esperava vê-la reapparecer tranquilla, quando um grito lancinante atravessou o silencio. O caboclo arrojou-se para a cabana, foi direito ao quarto que uma lamparina alumiava: a mulher, de joelhos junto ao catre, debruçada sobre o filho, soluçava desesperadamente.

— Que é, Joanna?

Ella rouquejou, atirando os braços sobre o corpo da criança.

— Acabou! Vê . . . Elle inclinou-se: o seu rosto roçou por uma face que ardia, a sua mão tremula poz-se a apalpar um corpo abrasado, sentindo o

peito magro ripado pelas costellas, o ventre fundo. Vê o coração, Tiburcio.

Elle apenas disse:

— Acabou.

A mulher ergueu-se de impeto, desfigurada, com os cabellos desgrenhados, os olhos flammejantes; quiz falar, estendeu os braços para o marido, mas cahiu mollemente numa canastra e, dobrando-se toda, rompeu a chorar, redizendo o nome do filho com a ternura a coar-se pelos soluços:

— Meu Luiz! Meu Luizinho! Tão vivo, minha Nossa Senhora!

Tiburcio afastou-se e, na sala, diante da mesa em que jazia a candeia, parou com o olhar perdido, os labios tremulos e as lagrimas rolando em grossas gottas ao longo da face ossuda. Joanna rompeu do quarto cambaleando como ebria e, vendo-o, atirou-se-lhe nos braços; elle amparou-a sem dizer palavra e, abraçados, ficaram largo tempo de pé na estreita sala obscura onde os grillos cantavam.

Joanna tornou para o quarto. Tiburcio ficou encostado á mesa, de olhos fitos na luz da candeia, que oscillava com o vento. O luar entrava alvo, caleando as paredes. Elle moveu-se com arrancado suspiro, foi até a porta, sentou-se na soleira, accendeu o cachimbo e quedou olhando o campo illuminado. De repente pareceu-lhe ouvir arrulhos — levantou a cabeça, olhando. As estrellas scintillavam na altura, a copa das arvores reluzia ao luar. Seria illusão?

Encolheu-se e, immovel, attento, ficou á escuta: os arrulhos continuavam. Ergueu-se impetuo-

samente e caminhou direito ao pombal, collando-se ao tronco da mangueira. Seriam os pombos que voltavam depois da passagem da Morte? Respondendo á sua idéa, poz-se a resmungar enfurecido:

— Agora é tarde! Agora é tarde, malditos!

Um ruflo d'azas, turturinos meigos, pios partiram do pombal. Não havia duvida. O rosto contrahiu-se-lhe em rictus. Adiantou-se e, do meio do terreiro, olhou o pombal, caminhando resolutamente para a cabana.

Joanna soluçava. Elle apanhou a candeia, dirigiu-se á cozinha e, vendo o machado a um canto, tomou-o, sempre resmungando. Voltou ao terreiro e, sob a mangueira, arregaçando as mangas da camisa grossa, brandiu o machado.

Ao primeiro golpe no poste que sustentava o pombal as aves calaram-se. Tiburcio redobrava de esforço, arquejando. A um estalo secco afastou-se, mas a construcção continuava de pé, resistindo. Encostou o machado ao tronco e, agarrando-se aos galhos, guindou-se, foi marinhando pela arvore acima, e, firmando-se numa forquilha, atirou um ponta-pé á grande caixa que rapidamente pendeu, ruiu, com estrondo no terreiro.

Dois pombos voaram assustados, estonteados, incertos na claridade nocturna, e pousaram no tecto da palhoça.

O caboclo escorregou ligeiro pelo tronco e viu dois pequenos corpos que piavam, oscillavam, arrastavam-se — eram dois borrachos. Agachou-se, tomou-os nas mãos, poz-se a mirá-los: eram hediondos, ainda implumes, tendo apenas leve pennugem sobre as nervuras do corpo engelhado

e molle. O caboclo virando-os, revirando-os nas mãos encoscoradas, sentia-lhes os ossos frageis, e os animaes debatiam-se movendo o coto das azas, esticavam o pescoço, piavam.

Rilhando os dentes, foi-os espremendo, esmagando — os ossos tenros estalavam como gravetos, o sangue espirrou, escorreu-lhe por entre os grossos dedos, pelos punhos.

Em impeto de furia arremessou-os ao chão, elles bateram fofos como frutos podres que se esborrachassem e o caboclo espesinhou-os com rugidos surdos. Os pais arrulhavam afflictos na palha da cabana, indo e vindo.

Joanna, abraçada ao filho, soluçava quando Tiburcio entrou no quarto. Quedou diante do catre, a olhar. Subitamente a mulher estremeceu e, levantando-se de salto, agarrou o braço do marido, os olhos muito abertos, a boca em hiato, a cabeça inclinada como a ouvir vozes, rumores longinquos.

— Que é, Joanna ? Que é qu'ocê tem ?

Ella murmurou apavorada:

— Os pombos, meu velho. Ocê não tá ouvindo ? Eram os arrulhos tristes que vinham de cima da casa. Estão voltando. Quem sabe ? ! Elle ainda está quente . . .

E havia uma esperança immensa no coração dolorido da cabocla. Tiburcio encolheu os hombros:

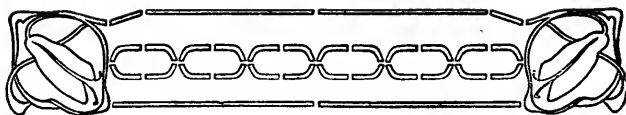
— É chôro d'elles. Estão chorando como nós. É um casal que ficou por causa dos filhos. Eu derrubei o pombal, matei os borrachos. Olha — e mostrou as mãos ensanguentadas. Elles voaram, estão em cima da casa. Você quer vêr ? Foi sahindo; ella acompanhou-o. Desceram ao terreiro,

Tiburcio mostrou o pombal tombado, depois apanhou os esmagados corpos dos borrachos. Olha aqui . . . Joanna olhava sem dizer palavra. Cessára de chorar, espantada, mirando o marido cujos olhos accessos fulguravam. Elle derreou o busto e atirou o primeiro borracho ao sapê, rugindo : «É bom ? ! » atirou o segundo : « É bom ? ! » Os pombos abalaram espavoridos, perderam-se nas galhadas negras. « É bom ? ! » Joanna não tirava os olhos do marido, muda, aterrada, vendo-o chorar aos arrancos, a olhar as mãos espalmadas, tintas de sangue.

— Vamos, meu velho. Foi a vontade de Deus. Está no céu.

E vagarosamente o foi levando.

Entraram e, diante do catre em que jazia o filho morto, as lagrimas romperam dos olhos de ambos e sobre o tecto da palhoça os pombos, que haviam tornado, arrulhavam doridamente.

SEGUNDAS NUPCIAS

SEGUNDAS NUPCIAS

I

Quando se disse que Julieta despira o luto apparecendo no grande baile do *Club Aurora*, com um vestido claro, ás listas, um ramo de malva e cravos entre as rendas do corpinho, em toda a pequena cidade, desde os altos da rua Augusta até as ultimas casas da Estrada Nova, commentou-se o escandalo, porque não havia ainda um anno que Silverio Donato, o collector, fôra levado ao Campo Santo, numa tarde de grande chuva e trovões, pelos fins de Janeiro.

Silverio, que vivera largos annos em celibato ascetico, numa casinha de janellas verdes, á sombra d'um pomar, ao entrar aos quarenta annos, sentindo-se muito só com o Manuel, um velho hortelão e os pombos que vinham familiarmente comer á sua mão, sob a vinha esteril, que colmava

a varanda da sua casa, pensou, mais para ter uma companhia do que mesmo por amor, em levar á igreja a filha da viuva Emerenciana, a loura Julieta, que era, sem contestação, o mais formoso rosto e o corpo mais esbelto da cidade.

Na botica do Seabra e no armazem do Pires falou-se, com malicia, d'aquella loucura do collector, que « até podia ser pai da menina ». Mas o casamento fez-se e, com festa : dançou-se toda a noite e houve copiosa ceia, sendo tantos os convidados que muitos foram comer ao ar livre, em mesas de taboas tôscas, que os empregados da collectoria, querendo ser gentis com o chefe, haviam estendido no jardim, sobre cavalletes, entre os sabugueiros em flôr.

Silverio, nos dois primeiros mezes, não fez modificação alguma nos seus habitos : ás 9 da manhan, escanhoado e almoçado, com o cigarro ao canto da boca, sempre de brim, descia lentamente a caminho da collectoria e lá ficava até as 3 da tarde, sahindo á porta, de quando em quando, para descançar os olhos alongando-os pela risonha paizagem de lisos campos que se estendiam, sem o menor relevo, até á base da collina, onde os muros do cemiterio alvejavam ao sol.

Quando o relogio da igreja batia as tres sonóras e lentas badaladas, methodicamente encerrava o seu dia e, fechando o cofre e os livros, entregava a casa ao Fabricio, que nella ficava tendo, como servente e guarda fiel, todos os aposentos do fundo onde vivia com a familia. Ia, então, até á botica á cavaqueira politica ou dava uma chegada ao armazem do Pires. Uma ou outra vez, nos dias de

bom humor, subia ao Club para jogar uma partida de bilhar com o Sá ou com o Vidoeira dos carros, a cerveja.

Recolhia-se á hora do jantar e, empurrando a cancella do jardim, ficava um instante a escorar as roseiras ou a vêr as orchideas, depois, sem alvoroço, paternalmente, beijava a fronte branca de Julieta, que sempre lhe apparecia de vestidos claros, perfumada e com flores.

Com o tempo, porém, Silverio foi-se tornando taciturno: uma sombra de desconfiança empannava-lhe a vida calma. Uma tarde, entrando em casa, foi direito á horta onde o hortelão andava a regar as alfaces e, chamando-o á parte, discretamente, perguntou:

— Esteve aqui alguem, Manuel?

O homem, no mesmo tom de sigillo e mysterio, arregalando os olhos e meneando com a cabeça grisalha, empastada de suor, respondeu:

— Não, senhor. Não esteve cá ninguem.

Se via a mulher triste interrogava-a de má sombra; se a via alegre ficava desconfiado, sem atinar com a causa d'aquelles risos casquinantes.

Na collectoria os companheiros começaram a notar que o Silverio, dantes tão assiduo, não arredando pé da repartição senão quando o relogio da igreja dava as tres horas, mezes depois do casamento, furtando-se ao serviço, a pretexto d'isto ou d'aquillo, sahia, de quando em quando, para ir á casa, tornando, pouco depois, sempre carrancudo. Os companheiros sorriam, cochichavam: « Ah! meu amigo, mulhersinha moça e bo-

nita . . . Pudéra ! Donato anda com a pulga atraz da orelha. »

Se alguem lhe dizia, para ser amavel, que encontrara Julieta, os olhos do collector fulguravam como accesos em colera, descerravam-se-lhe os labios e logo, em ansia mal disfarçada, perguntava : « Onde ? Se ia só ? Para que lado se dirigia ? » Á noite, no seu gabinete, interrogava a mulher com severidade, terminando sempre com palavras sentenciosas. Numa d'essas vezes chegaram ao extremo. Elle disse :

— Vê lá, Iêta ! isto é uma terra pequena e de maledicencia, fala-se de tudo e eu não quero o meu nome arrastado pelos negocios como o do Valerio, que até serve de chacota aos negros das fazendas. Vê lá !

— Então eu não posso mais visitar mamãi ?

— Não digo isto, mas não quero que estejas todos os dias na rua. Falam . . . Eu bem ouço o que dizem das outras.

— Ninguem está livre da calumnia.

Estas palavras de Julieta, ditas ingenuamente, despertaram o ciume no espirito alarmado do collector que, com voz surda, os olhos injectados, num impeto grosseiro, nunca visto, avançou para a mulher que recuou aterrada, como diante de um assassino :

— Porque dizes isto ? Porque ? Fala ! Sangraste em saúde, hein ? Já tens medo da calumnia ! E com o indicador espetado, os labios lividos e tremulos, a physionomia demudada, jurou : Olha, Iêta, se me constar alguma coisa a teu respeito . . . Eu não sou homem de prometter em vão. Vê

lá! Pensas que não percebo que não gostas de mim?

— Eu?!

— Tu, sim. Pois, olha: ainda que eu morra, estás ouvindo? ainda que eu morra, casa com outro e has de vêr. Casa! Casa com outro!... Vendo, porém, que a mulher commovia-se, disse-lhe em tom carinhoso, já arrependido da rebentina: Porque não escreves á tua mãi para que te venha vêr? Que fica ella fazendo em casa? Que venha. E, de uma vez para sempre, precisamos acabar com estes passeios. Tenho mantido até hoje o meu nome muito limpo, não quero agora, depois de velho, que o andem a enxovalhar por ahi de loja em loja. Não, senhora! Quando quizer sahir, previna-me para que eu a venha buscar. Uma senhora casada só vai á rua com o seu marido.

— Pois sim, suspirou resignadamente Julieta.

Para evitar outras scenas nunca mais sahiu só. Com elle ia á missa, a visitas, ás compras e, se algum homem subia á casa das janellas verdes na ausencia de Silverio, Julieta, sem apparecer, gritava: «que o marido estava na collectoria» ou mandava uma negra despachar a visita.

Por indiscrição de alguma das escravas as scenas mais intimas da vida do collector chegavam á botica e ao armazem do Pires, e á tarde, entre os bocaes de grageas, emquanto rotulava uma poção ou fechava uma capsula, o Seabra, derreando a cabeça, espiando por cima dos oculos escuros, ria, desdentado, criticando o collector, referindo, com exaggero, episodios que ouvira:

— É uma féra! Dizem até que fareja os len-

çóes da cama, que examina, peça por peça, toda a roupa suja da mulher antes de a mandar para a fonte. Uma féra, o tal sonsinho.

E nos voltaretes do armazem o motivo das melhores palestras era o ciume do Silverio : « Está ficando varado, já nem cuida da barba. Deu para falar só. »

Essa vida, porém, foi de curta duração, porque, tendo descido á capital, a negocio, num Janeiro epidemico, quando, á tarde, desembarcou na estação da cidade, escaldava num febrão, com a cabeça a estourar.

Julieta e D. Emerenciana desvelaram-se á sua cabeceira e os tres medicos da cidade, ajudados pelo Seabra, foram de rara solicitude, ainda assim não conseguiram vencer o mal que levou o collector, em menos de uma semana, com uma lenta agonia.

Foi grande a consternação na cidade, mas como dissessem que elle havia morrido de febre amarella, poucas pessôas compareceram ao enterro, ainda porque na hora do sahimento desabou uma chuva torrencial, batida da ventania, alagando os campos, e um lençol d'agua barrenta precipitava-se escachoante pela ladeira pedregosa.

Á noite, na botica, falando-se, com lastima, na morte do Silverio, alguem aventurou :

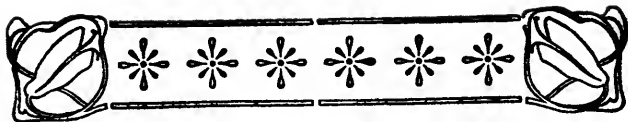
— Foi uma sorte grande para a Julieta : ficou arranjada. Silverio deixou bens e, aqui entre nós, parece que ella não sentiu grande coisa. Mesmo aquella scena na hora da sahida do enterro, aquillo de arrojar-se do quarto, desgrenhada, aos gritos, pedindo que elle a viesse buscar . . . velha come-

dia, meus amigos. Tenho visto muito! Agora está livre, moça, com bons cobres, póde escolher á vontade.

— Isso é que é, mesmo porque o Silverio (Deus lhe fale nalma!) foi um carrasco para a rapariga. É porque ella é bôa, outra... ahn! Afinal, uma moça — porque a Julieta não tem ainda dezenove annos — gosta de divertir-se e elle nem consentia que ella fôsse ás festas de igreja, quanto mais ao resto.

— Ciumento até ali.

— Era demais.

— Uma féra!

II

O apparecimento de Julieta no grande baile do *Club Aurora* foi o assumpto das palestras durante toda a semana. O Seabra, só por espirito de contradicção, defendeu-a:

— Ora, deixem lá! Está na idade, faz muito bem. Durante a vida do marido nunca foi a um baile nem a um espectaculo. Deixem lá! Outras ha por ahi, quarentonas, que fazem peior. Olhem a Anna Medeiros — um mez depois da morte do marido abria a janella dos fundos, a horas altas da noite, para receber o Manuel Valente. E tem tres filhos.

A opinião do boticario criou adeptos e Julieta teve defensores, posto que as matronas severas não lhe perdoassem o desanojo intempestivo e os modos desembaraçados com que se portára no *Club*.

Depois da morte do collector, a viuva, para

não ficar na casa, que tantas recordações lhe trazia, mandou defumá-la e limpá-la e alugou-a, transferindo-se, com a mãi, para um sitio de onde vinha, raro em raro, á cidade, a compras.

Visitavam-na as amigas, homens poucos. O mais assiduo era o Dr. Passos que, ás vezes, quando lhe dava na cabeça, guiava a egua para os cafesaes do *Bambual* e, saltando junto da varanda, subia gritando, desde a porta, que lhe arranjassem um pouco de dôce e uma chicara de café. Estirava-se no sofá com um livro e ali ficava lendo até que o sol abrandasse para retomar o caminho.

Era um intimo, d'elle ninguem suspeitava, porque fazia o mesmo em todas as casas e fazendas do municipio.

Caridoso, seguindo, ao sol, pelas estradas largas, ao passo lento da egua, com um livro aberto muito chegado aos olhos myopes, as redeas abandonadas, detinha-se para ouvir as queixas de um negro enfermo, que sahia ao caminho com a enxada e, quasi de joelhos, de chapeu na mão, tomava o passo ao animal e gemia, falando dos seus soffrimentos. O medico interrogava-o balançando as pernas e, abrindo a carteira, fazendo do livro estante, receitava a lapis, recommendando invariavelmente — que não bebesse.

Foi no sitio do *Bambual*, numa noite fria de Junho, com desabridos ventos e aguas desabaladas, que appareceu, molhado e transido, já quando as portas e as janellas iam sendo fechadas, um ho-

mem que, ao entrar na sala, fez que as duas senhoras estremecessem de pavor.

Alto e magro, pallido, com um farto bigode negro e negros cabellos, era o retrato vivo de Silverio Donato ; apenas os olhos pareciam mais meigos sob as negras pestanas, entre olheiras roxas.

Quando o viram, D. Emerenciana e Julieta abriram a boca como se quizessem gritar por alguem, mas o Dr. Passos, gottejante, com as abas do chapeu de palha derreadas sobre os hombros, a escorrerem, as calças colladas ás pernas, as mãos pingando, foi da porta pedindo alguma coisa, porque estava « como um pinto » e, só depois de haver bebido um trago apresentou ás senhoras o companheiro que introduzira.

— Luiz Peres, meu socio de *banho*. Vinhamos por ahi fóra quando fomos surprendidos por este aguaceiro tremendo. É um diluvio ! Não se vê nada ; os animaes atolam-se.

E pediu que mandassem recolher os cavallos que haviam ficado á chuva, tiritando. As senhoras, querendo ser gentis com elle, posto que tivessem escrupulos de receber dois homens em casa, offereceram um dos quartos do fundo, onde poderiam passar a noite agasalhados, porque era uma falta de coração deixar que duas criaturas se expuzessem, á noite, a um temporal d'aquelles.

D. Emerenciana chamou as negras e, em pouco tempo, foi servida a ceia. Emquanto comia, o Dr. Passos, gárrulo e communicativo, recordava episodios do tempo de Silverio, e Julieta, mais intima, ousou alludir á parecença do hospede com o seu finado marido. O medico, servindo-se de dôce,

lançou um rapido olhar ao rosto do companheiro e disse, sem preoccupação, levando á boca uma colherada :

— Sim, tem traços.

— Traços, não! emendou D. Emerenciana — é seu Silverio todo inteiro. Nem que fôssem irmãos.

O hospede sorriu e, ao despedir-se para recolher-se, emquanto o Dr. tomava um punhado de biscoitos, poz, com tanta demora, os olhos tristes em Julieta que a viuva estremeceu e no quarto, despindo-se, confessou á mãi que estava impressionada e até com medo, porque nunca vira duas criaturas assim tão parecidas. D. Emerenciana concordou, mas adormeceu. Julieta só pela madrugada, quando os gallos começavam a amiúdar, conseguiu conciliar o somno. Quando se levantou, ás dez horas, já o Dr. e o de nome Peres haviam partido e ella encontrou sobre o console da sala, junto ao relogio, em uma concha de madreperola, um cartão de visita com o nome *Luiz Peres* e, em letras miudas, pouco abaixo, *lavrador*.

Muito se falou no sitio de semelhante homem e, quando o Dr. appareceu, Julieta interrogou-o, informando-se minuciosamente, curiosamente, do que fôra seu hospede.

— Conheço-o pouco. Joguei duas vezes com elle o voltarete e a manilha. É um excellente parceiro e bôa prosa. Disse-me o Dimas que elle anda a negociar uma fazenda lá para os lados do Paty.

As senhoras estranharam que o medico, conhecendo tão superficialmente o homem, andasse com elle em viagem e o tratasse com tanta intimidade.

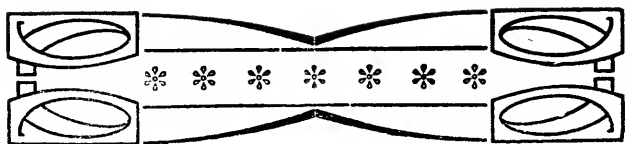
— Que querem ? sou assim. E elle é um homem

limpo, vê-se logo ; o Dimas conhece-o. E não é tolo : tem a sua leitura e ideias. Demais, eu nada receio. Ladrões ? só se me quizerem levar o relogio e a egua ; dinheiro não acham. E sacudiu o collete esticando o beiço. Sabe quaes são os defeitos que lhe noto ? fala pouco e tem sempre as mãos geladas.

— É verdade, affirmou D. Emerenciana ; tambem notei isto naquella noite, mas attribuí ao frio, porque os senhores chegaram aqui encharcados.

— Não, é sempre assim, disse o medico. Mas tem uma qualidade que o torna precioso em viagem : os cães fogem d'elle como o diabo da cruz. Não ha cão que, em o avistando, não se ponha a andar, d'orelhas encolhidas e rabo entre as pernas.

— Porque ?

— Sei lá ! Quando lhe pedi a razão de tal mysterio, encolheu os hombros, sorrindo. Para uma terra como esta, onde a cachorrada atira-se impunemente ás cannelas de quem passa, não póde haver melhor companheiro de viagem.

III

Julieta levou muito tempo a pensar no homem pallido, de olhos tristes, mas pouco a pouco foi-se-lhe desvanecendo a impressão e voltou-lhe a alegria de passaro livre.

Foi em Dezembro que o seu primo Prates, agente da estação e secretario do *Club Aurora*, mandou-lhe um convite para o grande baile do Natal, comprpromettendo-se a ir buscá-la, com a irman, e a dar-lhe hospedagem na cidade.

Sussurrava-se que elle andava a fazer-lhe a côrte, com interesse, porque o sítio, com a administração intelligente e zelosa de D. Emerenciana, prosperava e o dinheiro do collector rendia, empregado em predios solidos, em terras arrendadas, em apolices.

O Pires affirmava que o Prates já havia feito o pedido e tratava do enxoval, guardando segredo para que as más linguas não murmurassem contra

a precipitação da viuva e, quando a viram chegar no troly, com Eugeninha e o primo, de lilaz, córada e forte, as vozes cresceram e no armazem o Pires bradou triumphante:

— Então ? Que dizia eu ? Ahi estão elles como dois pombinhos. O Prates é um felizardo: vai metter-se em cobreira grossa e leva uma mulher!... — concluiu, com os dedos apinhados á boca, chuchurreando, d'olhos arregalados.

Á noite foi um escandalo quando ella appareceu no *Club*, com um vestido claro, ás listas, e um ramo de malva e cravos entre as rendas do corpinho. Dançou sem preferencias, mas ás onze e meia, estando a uma janella com as filhas do engenheiro da estrada de ferro, que haviam tomado parte no concerto, empallideceu de repente e estremeceu tão forte que as meninas notaram, e logo, sobresaltadas, aconselharam que sahisse da janella, porque a noite estava esfriando e ella podia apanhar alguma coisa ali.

Mas não fôra o frio. Os olhos azues de Julieta haviam descoberto no fundo da sala, sempre pallido e triste, o hospede da noite tormentosa e já elle encaminhava-se lentamente para a janella, porque tambem a reconhecera. Fazendo cerimonioso cumprimento ás meninas, estendeu-lhe a mão e, como estava sem luvas, ella estremeceu ao contacto dos seus dedos gélidos e molles.

Falaram algum tempo, mas como dessem signal para uma quadrilha, elle tirou-a para a primeira valsa e afastou-se.

Quando o viu longe, Julieta observou ás filhas do engenheiro e á prima:

— Viram como esse homem se parece com o meu finado marido ?

— Com seu Silverio ? É verdade, affirmou Eugeninha. É mais magro, mas parece-se muito.

— É de impressionar.

— Quem é ?

— Dizem que anda por aqui a negocio. Quer comprar uma fazenda no Paty.

— É formado ?

— Creio que não.

Organisavam as quadras e o Prates, azafamado, veiu tirá-la. Outros rapazes levaram Eugeninha e as filhas do engenheiro.

Quando Luiz Peres procurou-a para a promettida valsa, Julieta deixou-se levar como uma criança, humilde e com medo e, emquanto volteava, á claridade fulgurante das luzes, arfando, sentia na cintura a impressão fria da mão do seu cavalheiro e, levantando timidamente os olhos, via-lhe a face pallida, a boca descórada e os olhos amortecidos como os de um somnambulo.

Foi nessa mesma noite, no vão de uma janella, emquanto os pares giravam vertiginosamente, que Luiz Peres, falando da sua fortuna e da solidão em que vivia, exprimiu-lhe a sua sympathia, ousando pedir-lhe a mão.

Ouvindo-o, Julieta estremecia, vibrava como se ouvisse um tumulo — era a mesma voz de Silverio, as mesmas expressões peculiares, notadamente um « aliás » que elle, a todo instante, empregava.

Não teve forças para responder, deixou-se arrastar em outra valsa e não repelliu o aperto de mão com que elle se despediu, ao luzir da manhan,

quando os gallos cantavam pelos quintaes vizinhos.

No mesmo dia, apezar da fadiga, ao cahir da tarde morna, quando os mandacarús começavam a cheirar, pediu ao Prates e á Eugeninha que a reconduzissem ao *Bambual.*

Logo ao saltar do troly, em ansia, sofrega, tomando D. Emerenciana á parte, confessou-lhe «que o homem que ali hava apparecido com o Dr. Passos, naquella noite tempestuosa, pedira-a em casamento.» D. Emerenciana desatou a rir:

— Quê! pois um sujeito que te viu pela segunda vez, que a gente não sabe quem é... E tu, que disseste?

— Eu? nada, confessou Julieta. Não sei que é que me dá quando o vejo: fico tôla, com medo; tenho vontade de chorar. E tudo porque me lembro do outro.

— Ora, deixa-te d'isso. O outro, coitado!...

— É verdade, mamãi. A senhora sabe como elle era ciumento. Andava sempre a dizer que eu queria que elle morresse para casar com outro. A senhora bem sabe.

— Então se te apparecer um bom partido, rejeitas?

— Não sei. Ha certas coisas que a gente não explica, mas a verdade é que eu não vejo esse homem que não me lembre do fallecido.

— Ora, é porque elle tem traços de seu Silverio. Mas ha tanta gente parecida no mundo. Emfim, faze lá o que quizeres.

— Mamãi que acha?

— Eu não sei, minha filha. Isso é comtigo.

— Mas eu prometti ao Silverio . . .

— O que ?

— Não casar mais.

— Ora, Julieta, deixa-te de criançadas. Se fôsses uma velha, mas com dezenove annos . . . Emfim, eu não quero metter-me nisso. Tu sabes melhor do que eu o que deves fazer.

— Não . . . fale, mamãi !

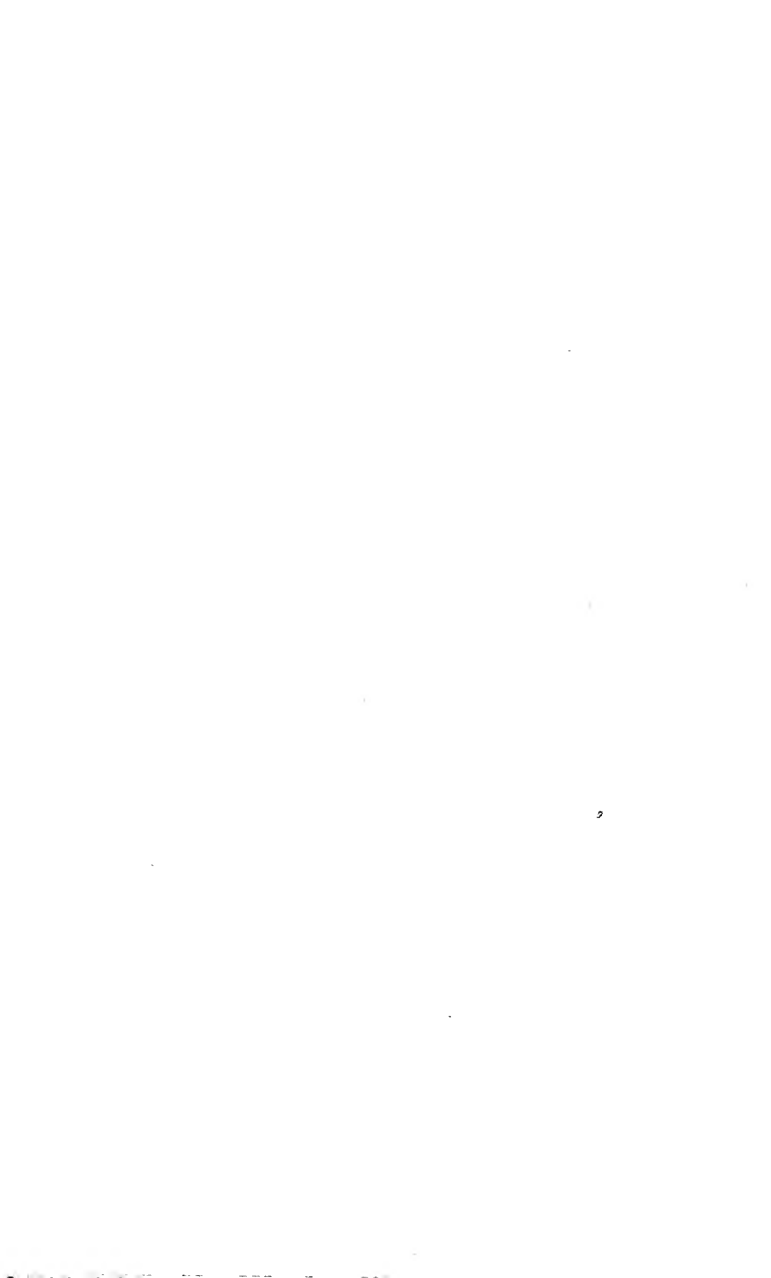
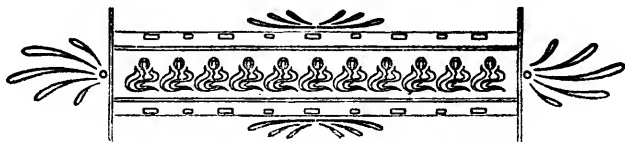
— É o que te digo. Se queres casar, casa ; se não, deixa-te estar como estás; tens o necessario para viver, és ainda muito nova.

— Mas que hei de dizer se elle insistir ?

— Faze o que entenderes. Isso é comtigo.

— Mas mamãi não acha que é muito cedo ?

D. Emerenciana deu d'hombros e Julieta resolveu evitar o homem, dando-lhe a perceber a sua má vontade. Oito dias depois um pagem appareceu no sitio com uma carta e uma joia. Na carta Luiz Peres pedia permissão a Julieta para offerecer-lhe « aquella lembrança », perguntando se consentia que, no proximo domingo, elle por ali passasse. A viuva hesitou longamente, torturadamente, antes de responder ; por fim, com mão tremula, agradeceu num cartão, ajuntando « que o esperava, em companhia da mãi, no dia aprazado ». Com receio de arrepender-se, fechou o envolucro ás pressas e entregou-o ao portador, que partiu.

No domingo determinado Luiz Peres appareceu, á tarde, com um lindo ramo de rosas vermelhas, e, á noite, quando montou a cavallo, com o o luar, Julieta ficou debruçada á varanda, com melancolia e saudade, a pensar no casamento que fôra ajustado para os primeiros dias de Maio.

IV

Por escrupulos Julieta não quiz que o casamento se realisasse na matriz. Tendo uma capellinha no sitio, ficou resolvido que nella se effectuaria o acto, em intimidade.

D. Emerenciana encarregou-se do banquete, pondo todas as negras em faina : umas a ralarem o côco, outras a depennarem aves ou a amassarem farinhas e os negros, desramando mangueiras, enfeitaram o terreiro com arcos de folhagem.

O Prates tomára a si convidar alguns musicos, porque as moças haviam de querer dançar, mas D. Emerenciana, ponderosa, oppoz-se. « Não achava decente — era uma viuva de pouco tempo ; entendia que o casamento devia ser feito á capucha, com um jantar apenas, para não dar que falar ». E assim foi.

Luiz Peres appareceu ás onze horas, num lindo cavallo preto com jaezes de prata. Já o padre

Honorio impacientava-se, ia e vinha resmungando, com as mãos para as costas. O Dr. Passos fazia pilheria, dizendo a Julieta, que esperava no sofá, entre as primas — que o homem abalara arrependido — quando se ouviu o trote do animal e elle appareceu, mais pallido que nunca, de preto, os olhos profundamente tristes e sem brilho.

O padre, que o via pela primeria vez, confirmou as palavras de Julieta : que realmente era o retrato do fallecido. E accrescentou :

— Assim é melhor, é como se não tivesses enviuvado. Imagina que o Silverio voltou de uma viagem.

— Cruzes ! esconjurou D. Emerenciana supersticiosa.

Luiz Peres, muito gentil, desculpou-se da demora, attribuindo-a aos caminhos e, depois de curto repouso, notando a impaciencia do padre, que ainda tinha o Mez de Maria, á noite, na cidade, dispoz-se para a cerimonia.

A capellinha ficava nos fundos da casa — era uma saleta com um altar onde ardiam cirios alumiando um crucifixo e a imagem de Nossa Senhora das Dôres. Duas janellas largas e desaffrontadas davam para a horta e por ellas entrava o sol radioso e via-se o céu azul.

Terminado o acto, passaram todos á sala de jantar para o almoço e, justamente no momento em que Luiz Peres, empunhando a taça, agradecia um brinde do Dr. Passos, que citára Horacio, em latim, Julieta estremeceu na cadeira e, cravando os olhos na mão transparente do marido, ficou a tremer, com os labios sem sangue e frementes,

como se nelles bailasse uma palavra tragica. Todos notaram-lhe a perturbação e D. Emerenciana, cuidadosa, levantou-se para interrogá-la. « Se estava sentindo alguma coisa ? » Ella, então, attrahindo-lhe a cabeça, com uma voz que o terror ensurdecia, segredou-lhe :

— Olhe para o annel que elle tem no dedo minino, mamãi . . . no dedo minimo. É o do seu Silverio.

A velha procurou vêr, mas Luiz Peres já havia recolhido a mão e conversava tranquillamente com Eugeninha que lhe ficára á esquerda, muito apertada, anceiando no collete, com um fornido ramo cravado no corpinho, em cujas flôres, por vezes, o seu queixo agudo roçava.

— Deixa de scismas, menina.

E, como a velha se retirasse, Julieta, franzindo a fronte, trincando o labio, poz-se a acenar affirmativamente com a cabeça, garantindo.

— Que mysterios são esses ? perguntou o Dr. Passos puxando uma compoteira, e o Prates, pondo-se de pé, com o olhar inspirado e as melenas revoltas, pediu licença para um brinde.

Na varanda apinhavam-se negros e negras curiosos, endomingados e, de vez em quando, uma escrava da casa ou um pagem de algum sitio vizinho apparecia com uma bandeja de flores ou com uma carta.

Ao fim do almoço o Dr. Passos propoz um voltarete, convidando o padre e Luiz Peres e arrastando o Prates que, apezar das observações de D. Emerenciana, queria, a todo transe, arranjar uma quadrilha, posto que o velho piano, sem marfim,

com as teclas escuras mostrando a madeira, falhasse em quasi todas as notas. Julieta, a pretexto de fadiga, recolheu-se um instante ao quarto com Eugeninha e D. Emerenciana e, atirando-se ao leito, semeado de petalas de rosas, forrado por uma colcha de setim, com um centro de crochet ennastrado de fitas, a mesma que servira na noite do seu primeiro matrimonio, rompeu a chorar nervosa.

Debalde tentaram tranquillisá-la — estava impressionada com o annel que vira no dedo de Luiz Peres.

— Mas, então, minha filha, os ourives fazem um annel só ? Os teus brincos não são iguaes aos meus ? Eugeninha não tem um broche como o de Elvira ? Que coisa ! Tu estás nervosa, é que é. Toma um gole d'agua e vamos lá para fóra, porque estamos com a casa cheia e não sei que parece vires encafuar-te no quarto deixando as visitas. É feio !

— Estou com o coração tão apertado, mamãi. Não sei que está para me acontecer. Nunca estive assim. Parece que vou morrer.

— Ah ! tôla ! Passa um pouco d'agua nos olhos e anda.

— Se eu soubesse não me casava.

A muito custo trouxeram-na para a sala, onde as moças haviam organisado um jogo de prenda emquanto o Dr. Passos e os parceiros carteavam o valtarete, com os copos de cerveja ao lado.

Ao cahir do sol o padre levantou-se « cançado de tomar codilhos » e pediu o troly ; o Prates imitou-o. Foi o signal da partida, apezar das instancias de todos.

— Seu padre sim, tem razão ; mas os outros . . .

— Não, não . . . vamos todos. O tempo não está seguro.

E os trolys sahiram para o terreiro e já os cavallos encilhados, juntos, guardados por um negro que segurava um feixe de redeas, esperavam sob o alpendre.

Começaram as despedidas, cada qual procurou o seu troly ou o seu animal e, abrindo a marcha, o cabriolé do padre partiu rangendo, tirado por uma bestinha ruça, que ia pisando as folhas que enfeitavam e perfumavam a alameda sombria, fechada em tunnel pelo bambual, onde piavam rolas. E o sitio entrou em tranquillidade, ficando os noivos e D. Emerenciana na varanda, á fresca : Luiz Peres resolvendo uma proxima viagem ao Paty para verem a fazenda, emquanto os negros, reunidos no terreiro, cantavam em tripúdio.

As pombas arrulhavam com melancolia, os sabiás desferiam suavissimos e no céu, d'um tom violaceo, já reluziam as primeiras estrellas. As cigarras chiavam e o arôma dôce das laranjeiras em flôr passava na fresca respiração da tarde.

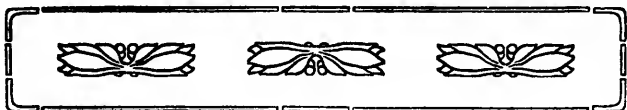
Foi D. Emerenciana quem propoz a retirada. Accesas as lampadas, serviu-se o jantar ; pouco comeram e cedo recolheram-se. Fechadas portas e janellas, um grande silencio cahiu. De longe em longe um boi mugia no curral e os cães dos negros uivavam pelos caminhos.

— Ah ! mamãi, não sei que tenho ! . . . suspirou Julieta, emquanto D. Emerenciana carinhosamente a ajudava a despir-se.

— Deixa-te de coisas. Pareces tôla ! Que é que

você quer mais ! um homem serio, com fortuna. Levanta as mãos para o céu. Quem déra a muitas a tua sorte.

— Não sei.

O relogio na sala de jantar poz-se a bater com vagarosa solemnidade, sonoramente, as dez horas.

V

Depois de haver despido e beijado a filha, que se retransia de mêdo « com vontade de chorar », D. Emerenciana sahiu do quarto, seguida da negra, que trazia o lampião. Luiz Peres, que passeiava na sala de jantar, fumando, deu-lhe as « boas noites » e seguiu lentamente pelo corredor escuro.

Ouvindo ranger a chave na fechadura a velha senhora persignou-se, pedindo a Deus pela filha e, suspirando, retirou-se para o seu quarto com a negra, que engrolava resmungos pela felicidade do casal.

Fóra, na noite triste, cães uivavam e, a espaços, o arvoredo estrondava ao vento.

Luiz Peres entrou no quarto e, sem olhar o leito, que branqueava na penumbra, de onde Julieta o espreitava encolhida, foi direito á commoda e soprou a lamparina.

A escuridão foi subita e abafada.

Julieta levantou a cabeça do travesseiro, entreabriu os labios, mas não teve animo de falar e devagarinho, aterrada, deitou-se de novo.

O corpo todo arripiava-se-lhe em fulgurações de medo. O silencio era absoluto.

Subito um ruido trépido, logo outro e outro e, de chofre, uma estrallada como de pedrouços despejados d'alto. D'impeto, em sobresalto, Julieta sentou-se na cama, attenta. A boca secca e ardente, os olhos abertos, em brasas, ella olhava a fito, sem vêr, ouvindo um zoar como se um bezouro por ali zumbisse. Estrepitosamente repetiu-se o ruido mais perto, proximo do leito. Ella perguntou arripiada :

— Que é isto ?

Não teve resposta. O ruido persistia sinistro. A cama rangeu como a um peso enorme e uma crepitação, como a dos bilros nas almofadas das rendeiras, fê-la tremer de horror.

— Mas que é isto, meu Deus ! Que barulho é este ? !

Quiz levantar-se, fugir ; repelliu as cobertas e já se lançava em arremettida quando se sentiu agarrada por duas tenazes e, sem forças, entregou-se, cahiu estatelada, arquejando, com o coração aos esbarros, como se lhe esboroasse o peito.

O quarto encheu-se de frio, como se as janellas se houvessem aberto. Ella tremia, balbuciava chorando. Um risinho soou no silencio, e, por entre o riso, pareceu-lhe ouvir chamarem-na : « Iêta ! » na mesma voz do outro. E as mãos frias, asperas, sem carne, corriam-lhe o corpo todo, gelando os pontos por onde passavam. Por fim, chegando-lhe ao collo,

sofregas, puzeram-se a martyrisar-lhe os seios. Ella debatia-se, mas a força estranha continha-a subjugada.

Subito, como se comprehendesse o que, então, se passava, exclamou em voz surda:

— Silverio!

O riso vibrou mais alto e, como a pobresinha, em esforço supremo, tentasse desvencilhar-se, sentiu na boca como uma mordaça de ossos e sempre a percorrer-lhe o corpo apalpando-o, alisando-lhe redondamente os seios, a mão aspera, callosa, gelada e gelando.

Logo sentiu-se agarrada num pulso, noutro e de braços largamente abertos, com dois joelhos sobre as coxas, rijos como cunhas, estarreceu vencida com um corpo frio, como de pedra, sobre o seu corpo, uma boca sem halito, e de pedra, sobre a sua boca.

Apertou os labios, mas no cerrar os dentes, triturou alguma coisa que lhe empastou a lingua dando-lhe saibo á terra. Poz-se a cuspir e a baba grossa, pastosa, ficava-lhe nos cantos da boca. E, vencida, succumbiu á força bruta e mysteriosa. No momento em que mais se sentiu arrochada, como se o «homem» a quizesse esmagar nos braços, que eram como barras, ouviu bem nos ouvidos:

— Eu não te disse? Eu não te disse que não casasses? Não disse?...

E foi só, porque desfalleceu em seguida.

Os gallos cantavam quando Julieta acordou num espanto. Debateu-se e, arrojando-se da cama, cahiu no tapete onde ficou estrebuchando, aos gritos. Poz-se de joelhos, levantou-se e, lançando-se pelo quarto desatinadamente, aos encontrões aos moveis, até que esbarrou na parede, onde se poz a bater, ora aos murros, ora ás palmadas, gritando. Por fim atinou com a porta, achou a chave, agarrou-a, mas com tanto afôgo que, ao forçar a volta, arrancou-a da fechadura e, desequilibrando-se na violencia do empuxo, rolou no soalho.

Levantou-se de rebolão, aos haustos, e tornou á busca airadamente.

Já de fóra bradavam, forçavam a porta. Acertando com a fechadura, Julieta abriu a porta escancaradamente e arremetteu allucinada, em camisa, descalça, os cabellos ao vento, gritando numa estridencia hysterica que vibrava na casa, ainda fechada e escura.

Sentindo-se seguida por D. Emerenciana e as negras, que se lhe haviam lançado no encalço, atirou-se ás portas e ás janellas, frestadas de claridade, raspando-as, arranhando-as num desespero de fuga. Encantoou-se, por fim, de cocoras, envolta nos cabellos, os olhos muito abertos, vitreos, os braços duros, retesados diante do corpo como em repulsa ao horror. «É seu Silverio! Olhe ali!» E, em voz rouca, estrangulada, rosnava incoherencias com os joelhos entrebatendo-se em tremuras convulsas.

A muito custo levaram-na para o quarto de D. Emerenciana, deitaram-na ameigando-a muito.

Um negro foi despachado, a cavallo, para chamar o Dr. Passos.

Uma das mucamas, mais curiosa, indo abrir a janella do quarto dos noivos, logo que o sol entrou aclarando a desordem do aposento, fugiu espavorida, de mãos na cabeça, aos gritos. Moleques, que haviam ficado á porta, espiando, desandaram em alvoroço. E ninguem mais se atreveu a chegar ao corredor, os proprios cães, farejando os cantos, desconfiados, recuavam rosnando, com o rabo entre as pernas, investindo, abocanhando sombras e sahiam, medrosos, para o terreiro.

O medico chegou tarde, tendo ido em visita a uma fazenda e, quando lhe contaram miudamente o caso, posto que o negro já lhe houvesse dito : « Que o marido de nhásinha era o fallecido nhô Silverio, que passára a noite com ella, sahindo de manhãsinha, com toda a casa fechada . . . » ficou num espanto alvar, bronco, sem dizer palavra.

Depois de meditar, d'olhos fitos, sacudindo a cabeça na certeza d'uma verdade, levantou-se para vêr Julieta e, achando-a com febre, despachou um moleque com o bilhete ao Seabra, para que aviasse a receita com urgencia.

Apezar dos suspiros afflictos de D. Emerenciana « que nem sabia como não lhe rebentára o coração com aquillo », debruçou-se á janella e, depois de olhar o terreiro, os longes do horizonte accidentado em collinas, sem vêr algo, alheio a tudo, quiz visitar o quarto. A negra acompanhou-o.

Logo ao cruzar a porta viu a desordem dos moveis, o desarranjo da cama e, olhando o chão, descobriu alguma coisa que o fez recuar instincti-

vamente e com asco: era terra, terra em quantidade, desde a commoda até a cama, e na cama, e nos travesseiros e aqui, ali petalas seccas, perpetuas, e duas florinhas roxas, de *biscuit*. Voltando-se, então, para a negra, que ficara á porta, perguntou com serenidade:

— Este quarto foi varrido?

— Uê! sô dotô... Antonce? Varrido e lavado.

O medico, com a mão no queixo, esteve a pensar; depois, levantando os olhos para o tecto, pintado de fresco, insistiu, mostrando a terra no soalho:

— E isto?

— Uai! Pois vancê não tá vendo? esse é terra, terra di lá.

E a negra persignou-se supersticiosamente.

— E elle?

A negra fez de novo o signal da cruz em todo o peito com a mão aberta, e deu volta como para sahir. Êh! Êh!... Mas tornando, com mysterio, entrou no quarto arregaçando a saia para que nem a barra roçasse por aquella terra de morte; e disse em confidencia:

— Nhanhan conheceu elle, sô dotô. Ella não devia casá. Sinhô tinha muito ciume e dizia sempre, quando brigava que, se morresse e ella casasse outra vez, havia de vê. Nhanhan devia deixá passá mais tempo mód'ell'esquecê.

— Mas por onde passou elle!? Aquella janella amanheceu aberta?

— Não, sinhô. Foi Maria qui abriu. Nhanhan o qui deve agora é mandá rezá umas missa. Isso não é di hoje não, sô dotô. Desni qui sinhô morreu

qui tem apparecido côsa. Inté parece qui us bichu via elle di nôti. Vasmicê não magina us cachorro cumu ladrava: parecia qui tavam batendo nelli. É mêmo, sô dotô.

O medico, impressionado, deixou o quarto lentamente, indo, de novo, examinar Julieta. Achando-a adormecida, chamou D. Emerenciana e disse-lhe:

— Ella está agora descançada e eu vou aproveitar para dar um pulo á cidade.

— Ah! doutor... exclamou a senhora, de mãos postas, afflicta.

— Eu volto. A mulher do Castro está passando mal. Vou num instante e venho passar a noite aqui. E, preoccupado, murmurou, enrolando um cigarro: É extraordinario...

— Ella tinha adivinhado, doutor, suspirou a velha.

— Mas aquelle homem... Emfim... não sei. Estendeu a mão á senhora e adiantou-se para sahir. Já no limiar da porta recommendou: Não a deixem só. Se acordar distraiam-na até chegar o remedio e, se eu ainda não tiver voltado, dêem-lhe uma colher de sopa bem cheia, de meia em meia hora.

Já a paizagem entristecia em sombras e as cigarras cantavam appellativamente, quando o medico, de volta ao sitio, passou as ultimas casas da cidade, mettendo o cavallo pela estrada real.

Em certo ponto, desviou-o para um atalho que levava ao cemiterio.

O Nathario, coveiro, trabalhava de marceneiro, diante da casa, entre sarrafos e maravalhas,

porque, quando não tinha cóvas a abrir, fazia bancos e carros para crianças, que um dos filhos ia vender á cidade.

Vendo o medico, passou o braço pela fronte limpando o suor e exclamou contente :

— Ó ! senhor doutor . . . por aqui ! ?

Apeando-se, o medico perguntou logo, emquanto um pequeno ruivo, em fraldas de camisa, tomava as redeas do animal :

— Onde foi enterrado o Silverio, Nathario ?

— O collector ?

— Sim.

— No quadro novo, lá em cima, perto da cerca. Porque, seu doutor ?

— Vamos até lá.

O coveiro desceu as mangas da camisa, accendeu o cigarro e foram os dois subindo por entre as covas rasas. Algumas já desappareciam cobertas de matto, do meio do qual subiam as placas negras, de ferro, com um numero vasado. Para baixo, no quadro antigo, havia tumulos de marmore e um alto mausoleu com anjos nos angulos e uma grande cruz na cuspide central. Cyprestes e casuarinas entristeciam o ermo. Passarinhos voavam baixo, cruzando-se, e os grillos cantavam.

Ao chegarem perto dos espinheiros que limitavam o cemiterio, o coveiro, detendo-se, pôz-se a coçar a cabeça com desespero e, saltando furioso para cima de uma cova, fez um gesto de ameaça :

— Palavra d'honra ! . . . Eu ainda um dia venho para aqui com a espingarda e dou cabo de um por um.

— Que é, Nathario? perguntou o medico empallidecendo.

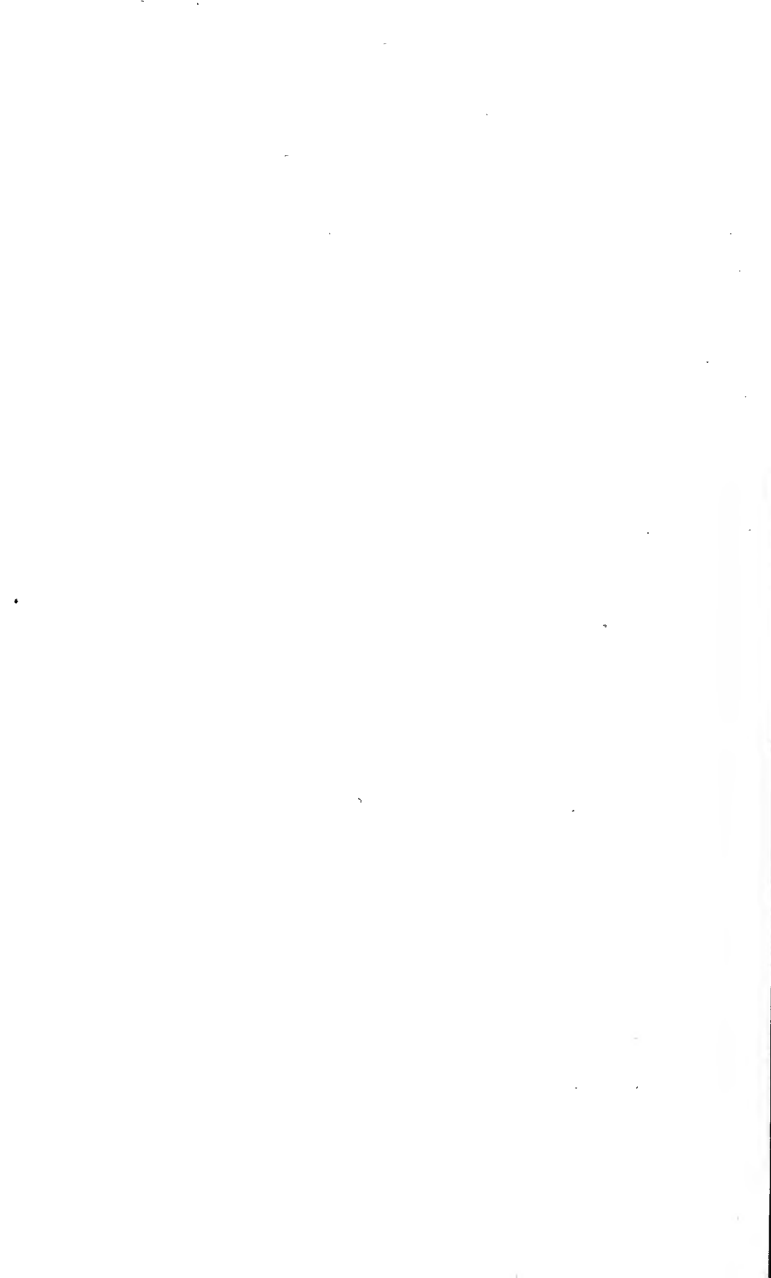
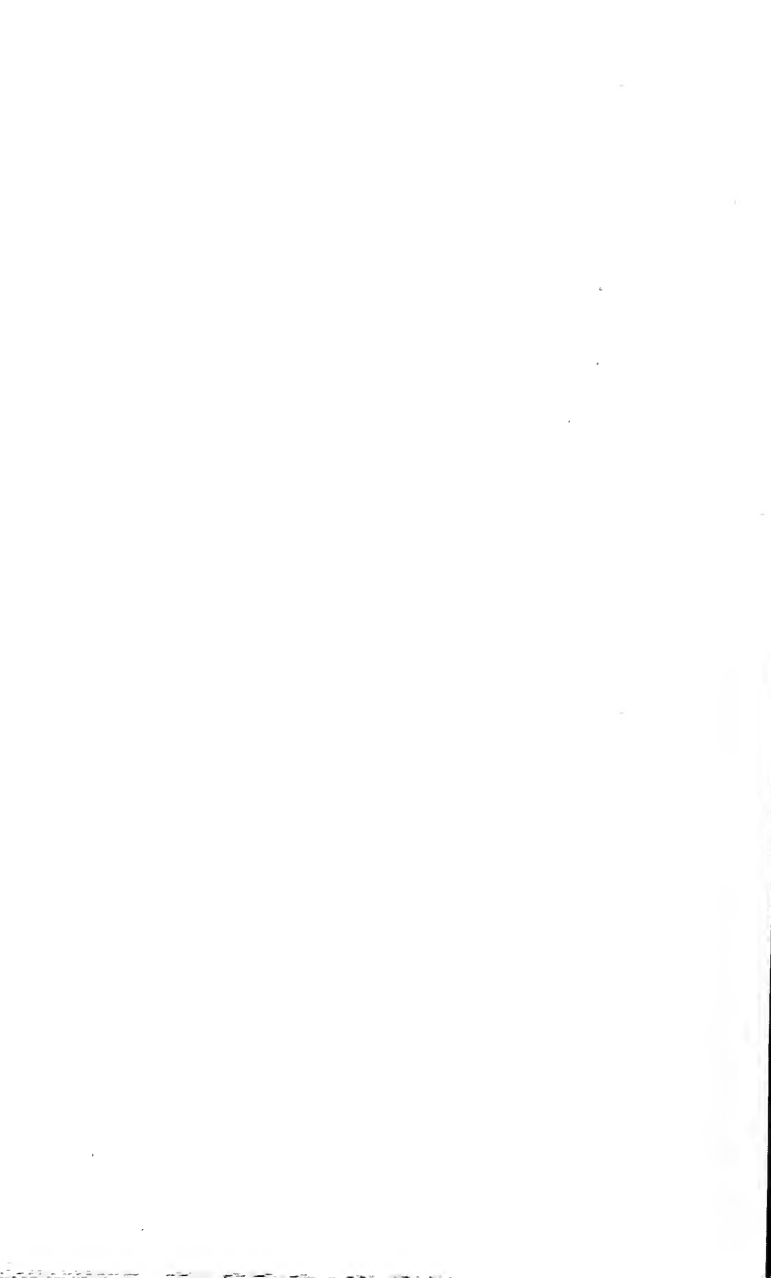
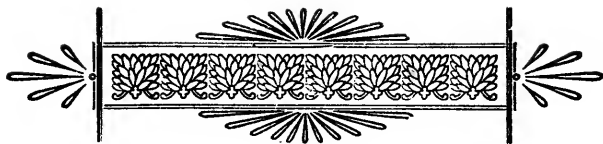
— Pois o senhor não está vendo isto? São os porcos de seu Manoel Valente que vêm aqui fazer pagóde. Mas eu ainda perco a cabeça e depois não se queixem. Já não é a primeira vez. Vem aqui um parente do homem, vê isto e vai dizendo que sou um relaxado.

O medico olhava. A sepultura estava profundamente revolvida e o caixão apparecia entreaberto, com os galões de ouro enlameados e uma velha corôa de *biscuit* com poucas flores na armação de ferro. O medico meneava com a cabeça e, sem mais dizer, voltou para tomar o cavallo que o pequeno passeiava diante da casa.

— Olhe, seu doutor, se eu pregar uma carga de chumbo nos taes, diga lá em baixo por que foi. Ainda bem que o senhor viu. Estou cançado de falar a seu Manoel Valente, e elle... nem como coisa. Só mesmo a tiro.

Anoitecia quando o medico montou a cavallo despedindo-se de Nathario. Soavam as Avé-Marias. Partiu, caminho do sitio.

Sceptico, inaccessivel ao medo, ia com o coração apertado, mas procurando sempre explicação racional para o caso.

Subito, ouvindo no matto sombrio rumor estranho, como de aves que abalassem, assustadas, voltou a cabeça e logo, a impeto, cravou as esporas no cavallo, que arrancou em desabrida carreira pela estrada silenciosa e escura, picada a fogo pelos vagalumes.

ASSOMBRAMENTO

ASSOMBRAMENTO

A J. de Freitas Valle.

Boquejava-se que era filha do senhor. Os mais atilados descobriam-lhe na physionomia, de melancolica serenidade, a expressão de altivez e dominio hereditaria nos d'Avellar, descendentes d'um rispido minhoto, homem de robusto braço e animo resoluto que, afoitamente varejára os sertões no tempo rude das *entradas* com um bando de aventureiros, escravisando indios e levantando nas póvoas picotas e capellas.

Melchior d'Avellar, o ultimo descendente do bandeirante, herdára, por morte do pai, franzino, timido e dessorado homem, decrepito aos quarenta annos, quasi cego e com uma lepra feia que lhe dava ao rosto, luzidio e sempre arroxeado e humido, o aspecto repugnante d'uma chaga, duas fartas fazendas: uma na planicie, copiosamente regada, abundante em cereaes e em fruta, com um pasto rico onde engordavam livremente para mais

de mil rezes ; outra na serra, de café e mandioca, cóm uma casa immensa, avarandada, que se avistava de muito longe, branca, alvejando entre jequitibás formidaveis, dominando um *quadrado*, mais vasto que muita villa sertaneja.

Casou na orgulhosa familia dos Alcoforado, com a mais velha das filhas do taciturno Mendo, D. Mecia, fina flôr de nobreza exilada em barbarie, muito alva, d'um louro de moldura, olhos d'um azul triste onde como que se estampava a melancolia outomnal dos céus longinquos que o sol, que redourava aquellas serras, não conseguia aquecer.

Levou-lhe a môça em dote outra fazenda, que pegava com a da *Serra*, terra agreste, fechada em selvas bravas, com alcantís e aguas estrondosas. Constantemente cães, farejando rastros, afuroavam cangussús em tocas ou estacando, arripiados, diante d'arvores, investiam latindo, assignalando aos caçadores a presença das feras nos esgalhos, agachadas, afuzilando olhares, a cauda em golpeios colubrinos, corcoveando, raspando os troncos com as garras, em menção de investir de salto para a luta ou para a fuga.

Á noite, para conter as onças, accendiam-se fogueiras. Ao mais leve ruido nas calçadas campeiros acudiam aos brados, disparando armas, açulando cães, mas apezar de todos os cuidados, rara era a manhan em que se não dava pela falta d'um animal : ovelha gorda ou borrego, potros, ás vezes garrotes.

Melchior d'Avellar, em cujas veias fervia o sangue árdego do minhôto, organisava batidas aos covis das féras e eram festas alegres na fazenda da

Serra: comesaina opipara, danças, tocatas, batuques de negros, emquanto no terreiro, á luz de fogaréus, os cães fariscavam as pelles ainda humidas, estaqueadas em varas que, depois de seccas, iam ornar os salões das casas do rico senhor.

Com tantas prendas da fortuna : paióes attestados, ouro nas arcas, récuas sempre em viagem, escravatura numerosa e luzida, lavoura e gado, o casal vivia tristemente no casarão da serra.

Melchior, quando não andava a correr a lavoura ou com a matilha a varar selvas, estendia a rêde na varanda, entre as columnas enfestoadas de rosas loucas e, preguiçosamente afundado, ficava-se a lêr, ouvindo a passarada garrula ou adormecia na mollicie do mormaço.

D. Mecia reunia as mucamas, que se sentavam por terra em torno da ampla cadeira de couro negro em que ella se derreava cosendo ou bordando em silencio. Besouros entravam zumbindo, circulavam a sala chocando-se nas paredes alvas, ou era um passaro tonto que esvoaçava e fugia. E os olhos não se levantavam das télas ou das costuras, não se ouvia outro rumor além do que fazia o lento esfiar da agua da réga, cahindo por uma calha num tanque de pedra junto á janella, á sombra rendilhada d'um caramanchel.

Ás vezes, repentinamente, D. Mecia erguia-se, pousava o bordado e, vagarosa, contendo suspiros, descia ao jardim com os lindos e claros olhos cheios d'agua e muda, limpando em silencio as lagrimas compridas, ficava a scismar entre as arvores, desfolhando rosas ou seguindo contemplativamente o vôo das lavandiscas. E eram assim os claros dias.

As noites passavam caladas e vagarosas. As negras sumiam-se na cozinha ou encerravam-se no *quadrado*, a casa ficava como em abandono. Fóra os cães, de longe em longe, rosnavam ou ladravam a sombras, e as mucamas, atravessando surdamente os corredores, com um bruxoleio de candeias, desappareciam nos quartos, reappareciam, sempre vagarosas, silenciosas, em mudez sellada de respeito.

Tudo era calma funebre, só com os ventos um barulho d'arvores abalava o socego ou então, no tempo das aguas, era o jorrar escachoante e rumoroso das enxurradas.

Iam-se assim os annos escoando nessa mortiça existencia de insipida tranquillidade, que seria de inabalavel monotonia se, com frequencia, não chegassem aos ouvidos da triste senhora noticias de nascimentos. E mais se lhe augmentava o soffrer com a fecundidade humilhante, que, em torno d'ella, pullulava.

Eram negras que lhe appareciam, depois de sumiço de dias, ainda abatidas, apresentando-lhe criancinhas tenras para que ella abençoasse; eram rebanhos novos, ninhadas pennugentas, coinchos de bacorinhos, eguas galopando seguidas de potros pelludos, florecimentos d'arvores; mais um olho d'agua que rebentava, em cachões, no fundo d'uma grota e o sol, na gloria da sua luz geradora, fecundando a terra para nova fartura, incitando os casaes para uteis amores.

Só ella vivia para ali isolada e mais secca que os cardos seccos que lá estavam desabrochando na esterilidade morna dos areaes.

Uma tarde estava o casal na varanda, quando passou no terreiro uma mulata guiando lentamente os passos d'uma criancinha que caminhava rindo, com os bracinhos abertos, hesitando, ora a oscillar desequilibrada, tenteando-se, ora em corridinhas, ás gargalhadas.

Subito, um cão, que rompera do *quadrado* ganindo, a fugir em desabalada corrida, abalroou com ella derrubando-a. A mulata atirou-se em terra, de joelhos, com um grito agudo, tomando-a nos braços, a chamá-la pelo nome: « Luizinha! Luizinha! » Debalde — a pequena esperneava arroxeada, boquiaberta, os olhos immensos, parados, e foi pendendo amollecida, como morta. Desatinada, a mulata deitou a correr chorando e bradando, com a filha apertada ao collo: « Tomou o chôro! Tomou o chôro, meu Deus! »

Os fazendeiros, que haviam acompanhado a scena, desceram precipitadamente e Melchior, avançando, arrancou a pequena dos braços da escrava, poz-se a sacudi-la, a chamá-la, a soprar-lhe na boca, e já desanimava quando D. Mecia gritou que lhe batesse; estalaram palmadas, a pequena sacudiu-se em estremeção, ouviu-se um fio de chôro e Melchior, triumphante, declarou-a salva.

A mulata, mais tremula que uma teia ao vento, ria e chorava levantando as mãos para o céu agradecendo a Deus, querendo beijar os pés de Melchior, tonta, numa alegria desvairada, a falar, com lagrimas a lhe rolaram grossas dos olhos transfigurados.

D. Mecia, a pretexto de que a criança estava

ainda sentida, levou-a para a varanda e foram colheradas de mel, biscoitos, affagos, meiguices. Quiz examiná-la, vêr se se havia maguado e, passeiando maciamente os dedos por entre os finos e annellados cabellos, descobriu uma bossa na cabecinha. Coitada !

Mas a pequena escorregou-lhe do collo, despegou-se-lhe dos braços, tartareando e lá se poz a andar pela varanda, a bater nos bojudos balaustres, a arrancar folhinhas das roseiras offerecendo-as á senhora, ao senhor, á mãi que, enlevada, sorrindo, de pé na escada de pedra, acompanhava-lhe todas as voltas. Só depois que a viu cabecear com somno, foi que D. Mecia a entregou á mulata, recommendando-lhe muito cuidado e, nessa noite, deitados, os esposos falaram longamente da criança : tão clara, com duas rosas vivas nas faces e os cachos dos cabellos negros a brincarem-lhe na testa, que nem parecia filha d'uma escrava.

Só então D. Mecia havia attentado na criança que nascera ali perto, a uns passos curtos da casa, num dos cubiculos do *quadrado* e que, mais d'uma vez, lhe passára sob os olhos indifferentes ao collo da mãi ou gatinhando na terra batida e lisa da cozinha, entre os grandes pilões e as cubas de mandioca.

No dia seguinte, cedo, D. Mecia reclamou a escravasinha e, d'então por diante, teve entretenimento para suas horas vazias. Ella mesma vestia-a, penteava-lhe os macios cabellos, acalentava-a e, para tê-la sempre perto, mandou arranjar um berço no seu proprio quarto e, quantas vezes, no meio da noite, saltou da cama descalça para aca-

lentar, amimar a pequenita, que acordára tossindo ou no sobresalto d'um sonho, aos gritos. E assim, afagada, foi crescendo entre os senhores — comendo á mesa, numa cadeirinha alta, com o seu talher de prata, o guardanapo ao pescoço, pageada pela propria mãi que, de pé, ás costas da cadeira, continha-a nas travessuras afastando copos, desviando facas, segurando-a para que não cahisse quando se debruçava.

Se desciam á cidade, por festas ou compras, Luizinha acompanhava-os e era o mesmo cuidado em ambos, á volta, com o esfriar e o escurecer da tarde: falavam ao cocheiro para que fustigasse a parelha, apertavam-se fazendo lugar para a pequena, amparavam-n'a nos solavancos, engabelavam-na se a viam bocejar, esfregar os olhinhos, pender fatigada. Mostravam-lhe as arvores da serra, annunciavam-lhe a casa, interessavam-n'a em tudo: nas vozes dos passaros e das cigarras, nas nuvens avermelhadas que laivavam o céu quente, numa aguasinha sussurrante que atravessava fugitivamente a estrada sumindo-se entre as hervas altas.

Se appareciam visitas na fazenda, Luizinha era carregada, ás pressas, para o quarto, lavavam-n'a, vestiam-n'a, mudavam-lhe os sapatinhos, arranjavam-lhe a cabecinha e ella, faceira, muito tufada na sua saia de gomma com barra de rendas finas, fazia graciosamente a sua entrada cumprimentando o hospede, respondendo ás perguntas sem vexame e indo depois acolher-se junto á D. Mécia, que, a conversar, distrahidamente, por habito, ia perpassando os dedos vagarosos pelos cabellos finos da criança.

Aos cinco annos Luizinha tinha o ar ponderado e airoso d'uma dona e, tão sereno era o seu porte e tão sizudo era o seu trato, que os escravos foram, pouco a pouco, esquecendo a sua condição e, vendo-a entre os senhores, como filha, deram em chamá-la « Nhásinha », com servilismo e humildade e os crioulinhos olhavam-n'a com medo, alguns mesmo, timidamente, estendiam a mão pedindo a benção e ella ria a mirá-los, retrahida e orgulhosa.

Ursulina, a mulata, graças á filha, foi, pouco a pouco, impondo-se aos senhores — era ella quem governava a despensa, sempre com uma grossa penca de chaves á cintura, muito séria e reservada com as mucamas que a detestavam.

As velhas negras amuavam, aos muchochos, quando a viam apparecer, «mais exigente que a senhora, sempre a rezingar, torcendo o focinho a tudo. O diabo como tem a filha lá dentro, já pensa que é dona da casa. Deixa estar, porcaria... Deus é grande!» murmuravam. Em todo o *quadrado* o nome de Ursulina era repetido com asco, as pragas ferviam entre as negras, por méro despeito, invejosas da fortuna da companheira que deixára o *quadrado* e tinha quarto com cama na casa grande e vestia cassa e andava calçada, com os cabellos muito alisados e reluzentes d'oleo, como uma grande *coisa*.

« Sinhá que tome sentido que essa impostora é capaz de tudo. Deus não me castigue, mas até parece que o diabo andou por ahi fazendo coisa p'r'os brancos ficarem assim... »

D. Mecia, entretanto, deixava-se estar no seu

descanço, entretida com a criança, quasi reconciliada com a sua sorte. Mas (foi isso no florido outubro), certa desconfiança, pondo-lhe o coração em alvoroço feliz e medroso, alarmou toda a gente da fazenda ; o proprio Melchior, indifferente e retrahido, moveu-se, expandiu-se, informando-se com interesse.

O segredo, sabido d'uma das mucamas, foi pressurosa e alegremente espalhado e, á noite, em todos os cubiculos do *quadrado*, cochichava-se sobre o caso ; os mais vingativos riam, contentes, com aquella vinda d'um senhor, um senhor legitimo, que acabasse com a empafia da mulata.

Alguns atiravam-se pelo chão, rolando, aos guinchos ; saltavam, antegozando a decepção da *emproada*, e os moleques, sem conhecerem a causa d'aquella desusada alegria, vendo os mais velhos aos pulos ou rebolcando-se, agarravam-se em luta, saracoteavam em algazarra. Os mesmos cães, como se tambem participassem da alegria geral, arremettiam rosnando, brincando, aos saltos, e era em todo o *quadrado* um festivo rumor, um movimento incessante. Luzes cruzavam-se e eram vozes soturnas na sombra : « Ahn ! Bem feito ! » « Foi Deus ! » « Agora é que vamos vêr. »

Uma tarde o medico apeou do troly junto á escada da varanda e, logo ao dar com os olhos nos fazendeiros, que o esperavam, como era intimo, foi bradando parabens e phrases que denunciavam o grande, o inesperado acontecimento.

— Então, hein ? sempre veiu ! Isso é assim ! Sara tambem esperou e não tinha a sua idade, quem lh'a déra ! Já devia ter mais cabellos brancos do que eu.

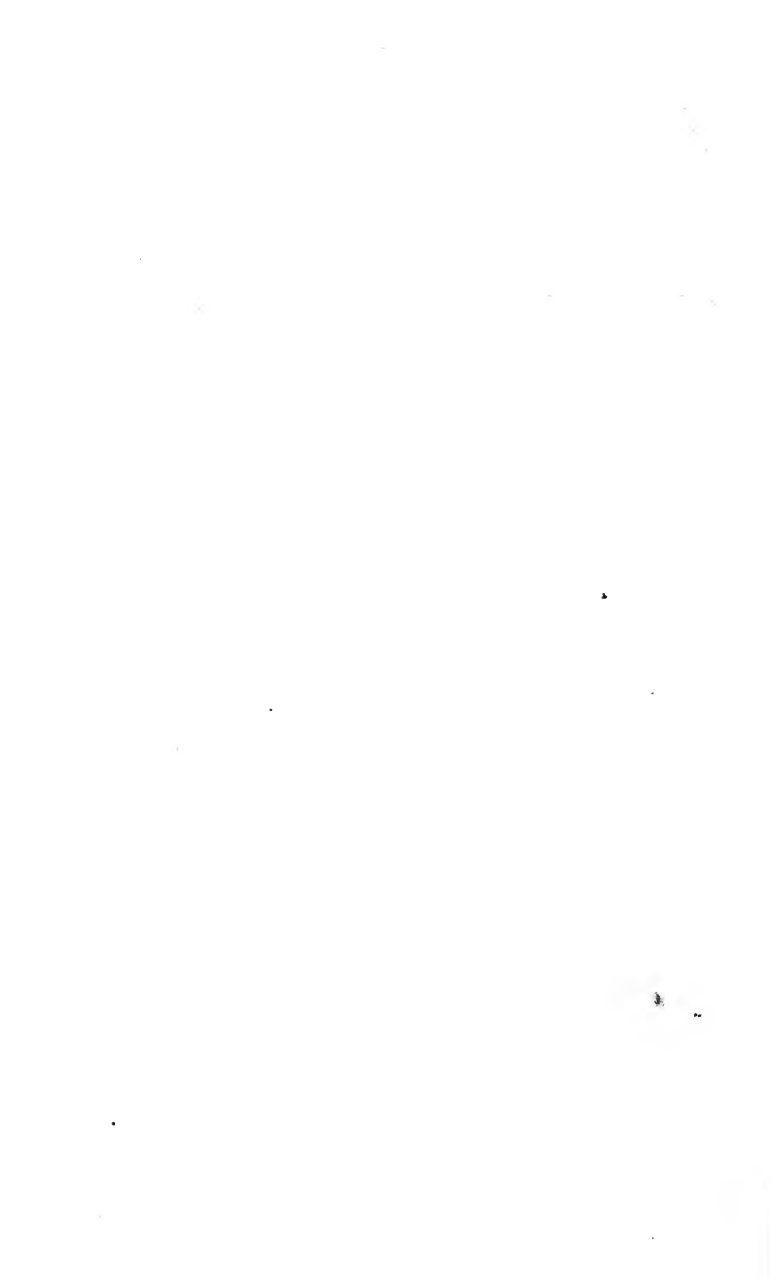
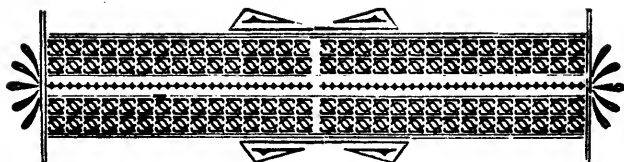
Os negros fingiam-se distrahidos, mas estavam a ouvir, disfarçando sorrisos e, na cozinha, era uma alegria provocadora. Quando, depois do exame, confirmou-se a suspeita da gravidez da senhora, as velhas negras puzeram-se a cantar e a dançar á luz vermelha das achas, que ardiam no immenso fogão de barro. E era tal o estrupido do batuque, que se ouvia na sala, cavo, como o rumor borbulhante d'agua no moinho.

Ursulina, que fôra á cozinha dirigir a ceia, deteve-se indignada á porta, mas conteve a furia ao vêr o tripúdio das negras que, como um bando de bruxas, sapateando, ás umbigadas, com um forte estalar de palmas, bailavam sinistramente com fantastico espalhar de sombras pelos tisnados muros. Ella bem via que não era pela felicidade da senhora aquelle festivo movimento, mas pela sua desgraça — a filha ia ser destituida, o verdadeiro senhor lá estava a crescer no ventre, dia a dia, hora a hora, já dominando, ainda que não nascido.

Para não se mostrar vencida, entrou, deu uma ordem e retirou-se soberbamente, pisando forte, surda ao riso das negras. Mas não poude conciliar o somno essa noite. Tarde, no silencio da casa adormecida, abriu vagarosamente a janella do seu quarto e, ao frio ar, com os olhos nas altas estrellas tristes, ficou a chorar, a soluçar lembrando-se da pequenita, a sua linda Luizinha, vencida pela *outra* que vinha como um castigo do céu.

Eram as pragas dos parceiros, eram as maldições dos negros e, para a mulata, aquella gravidez tardia da senhora tinha alguma coisa de sobrenatural como um encanto.

— Foi feitiço! exclamou, esmurrando o peitoril da janella. Para mim isso não passa de feitiço! Pois então só agora... depois de tanto tempo?! Qual!

Mas a idéa da humilhação da filha prostrou-a de novo e já os nambús piavam nos mattos, quando ella fechou silenciosamente a janella.

II

Como o medico houvesse recommendado á D. Mecia o maior socêgo: que evitasse fadigas e contrariedades, permittindo-lhe apenas curtos e vagarosos passeios a pé ao jardim, ao pomar, com a fresca da manhan ou á tarde, para que o infante não viesse debilitado ou defeituoso, Melchior, com a ansia de vêr ali um rapagão traquinas, alegrando a casa taciturna, tornou-se de solicitude feroz. Cêdo, ainda escuro, já andava elle a abalar a casa, apressando as mucamas para que vissem o leite da senhora e, aos primeiros clarões do sol, lá ia acordá-la para o passeio.

D. Mecia encolhia-se preguiçosa, friorenta; enrolava-se nos lençóes, fazia-se languida, numa desobediencia dengosa; ella, d'antes tão submissa e passiva, escrava como as outras escravas, tinha prazer em resistir, sentindo-se, então, forte, na sua

feminilidade, mulher, esposa, mãi emfim, e orgulhava-se d'aquella gravidez como d'uma victoria.

Depois de relutar, accedia sorrindo: estendia os braços ao marido para que elle a levantasse, apoiava-se-lhe ao hombro, punha-se de pé, languida, arfando. As mucamas vestiam-n'a devagar como se receiassem, num movimento mais precipitado, compromettter a vida da « criança » e lenta, mimosa, num alquebramento, inclinada ao braço do marido, lá ia arrastadamente até á varanda, onde já a esperava uma negra com o copo de leite espumante.

Descia os poucos degráus com os cuidados de uma convalescente e seguia pelos caminhos ainda humidos de orvalho, em andar medido, passo a passo. Um negro precedia o casal afastando os ramos das arvores e, se nas moitas alguma coisa bolia, Melchior, para evitar um susto, ia logo explicando: que fôra uma rôla que abalára, um galho secco que cahira, um beija-flôr que fugira ruflando as azas.

Luizinha ficava dormindo; á tarde, porém, acompanhava-os. Mas uma vez, como fôssem por um estreito caminho, entre roseiras, subitamente um grito agudo da pequena abalou a senhora. Melchior empallideceu sentindo-lhe o violento estremeção do corpo e, voltando-se indignado, interpellou a criança que chorava, mostrando um dedo ferido por um espinho. D. Mecia, com o coração sobresaltado, aos arquejos, pediu que a sentasse e Melchior lá a foi levando para um caramanchão, deu-lhe um pouco d'agua e a pequena, no rosal, chorava olhando o dedinho, onde ia engrossando

uma gotta de sangue que ella sorveu, ficando com a boca ainda mais vermelha.

Recolhendo-se, Melchior declarou que não queria mais Luizinha com elles em passeios, que ficasse em casa brincando. E, preoccupado com o incidente, á noite, ao menor movimento da mulher: uma volta no leito, um resmungo, um braço atirado sobre o travesseiro, lá se inclinava perguntando carinhosamente: se estava sentindo alguma coisa.

Depois uma tosse forte de Luizinha decidiu Melchior a transferi-la para o quarto da mãi: a criança acordava durante a noite, sentava-se na caminha tossindo arrancadamente. D. Mecia despertava afflicta, preoccupada e era preciso cautela para que não descesse da cama. Melchior revoltava-se, lembrava-lhe os conselhos do medico, medindo o quarto a longas passadas, nervoso:

— Não! nada! a pequena vai lá ficar com Ursulina emquanto estiver assim, isto não póde ser. Não dormes.

— Coitada! tirá-la d'aqui... Ella está tão acostumada comnosco.

— Volta, é só por uns dias. Tu é que não podes perder noites, neste estado.

Effectivamente, no dia seguinte, a caminha da pequena lá foi para o quarto de Ursulina e as mucamas segredavam, riam perversamente pelos corredores, vingadas. Era a decadencia que começava.

Ursulina, entretanto, não tinha uma palavra de queixa, mas os seus olhos ardiam como brasas e pareciam maiores, mais negros na face que se ia cavando:

« O diabo está seccando ! » diziam. « Deixa-te estar ! Parecia uma rainha aqui dentro. Deus não dorme ! Então é só maltratar ? é só pisar os pequenos dos outros por causa da côr ? Esses, ao menos, a gente sabe de quem são filhos, os pais estão ahi. Mas quem é que abençôa a mulatinha ? Deus não dorme ! »

E crescia o triumpho entre os negros, o *quadrado* exultava. Nas cantilenas satyricas dos africanos sahiam allusões crueis á mãi e filha ; uma mais perversa, d'um velho negro carreiro, era como uma prophecia funesta.

Um dia Ursulina, vendo-se desautorada na cozinha, investiu corajosamente com uma negra atrevida, alta e robusta rapariga *mina*. Longe, porém, de humilhar-se, a africana esperou-a de frente, punhos cerrados, fitando-a :

— « Vem ! » exclamou jogando o busto para diante, em impeto de desafio, com um offêgo abafado de colera. « Vem ! Antonce ocê pensa qu'é assim ? Tempu di mandu já cabô ! Vem ! iô tá aqui ! » Ursulina, immovel, encarava a adversaria. « Qu'é qui tá oiando ? Vem ! » e avançou um passo ; mas outras negras intervieram :

— Dêxa, Luzia, dêxa.

Uma, porém, mais encarniçada, arremetteu :

— Dêxa, pruque ? Quem sabi se a genti tá aqui modi aturá disafôru ? Ursulina pricisa mêmu d'uma lição p'ra não pensá qui vale mai du qui us ôtru. Quem sabi se ella comprô nós ! Isso não ! Tão bão cumu tão bão. Quem manda aqui tá lá dentru . . . i mai esse qui vai nascê. U mai . . . púuh ! e cuspiu com desprezo.

— Deixa estar que minha senhora ha de saber! ameaçou a mulata espalmando a mão. Deixa estar!

E deu as costas. Foi então uma tumultuosa vozeria.

— Vai, vai dá queixa, p'ra isso é qu'ocê tem lingua, porcaria!

E todas as negras á porta, aos berros, ameaçavam, injuriavam, desabafando coleras contidas. Melchior, attrahido pela algazarra, chegou a tempo de vêr o bando assanhado e Ursulina que se retirava com o rosto incendido, os olhos rasos d'agua, tremula de furor.

— Que é isto? Que barulho é este aqui?

As negras encolheram-se e a mulata falou, sem poder conter as lagrimas:

— É essa gente, senhor. Não me deixa, é só ameaça. Não posso entrar na cozinha para dizer uma coisa, porque cáhem logo todas em cima de mim. Luzia é a peior.

Melchor carregou o sobrecenho, fitando o grupo estarrecido das negras e irrompeu, de repente, ameaçador, em voz trovejante: «Que mandava passar toda a canalha a relho. Não queria zungús em casa. Tivessem cuidado! Já o conheciam! Muito bom, muito bom, mas quando perdia a cabeça não se lembrava de nada.»

As negras, muito encolhidas, foram recuando, afastando-se e, pouco depois, soturnamente, recomeçou o resoar pausado dos pilões.

Luizinha sentia-se do abandono. Á mesa parecia envergonhada, portava-se cerimoniosamente, com embaraçada e encolhida timidez, como se se

achasse em casa extranha. Não pedia e, quieta, a olhar as mãosinhas, esperava que a servissem. Comia em silencio e, ás vezes, antes de terminada a refeição, tirava o guardanapo e, baixinho, quasi supplicante, pedia que a descessem. D. Mecia, um dia, ao vêr a criança retirar-se vagarosamente, perguntou :

— Que tem Luizinha ?

— Ora, que tem ! quer brincar ; deixa-a ir, respondeu Melchior.

Mas a pequena desapparecia — ia para o quarto da mãi ou descia ao jardim e lá ficava horas esquecidas, não raro era necessario que a fôssem buscar para que não apanhasse uma febre, ao sol.

D. Mecia, estirada numa *preguiçosa*, chamava-a, mas os seus carinhos eram bem differentes dos d'outr'ora. Ás vezes ficava distrahida, perdia-se em pensamentos e a pequena, de pé, encostada á cadeira, olhava-a admirada, buscava-lhe os olhos, mas elles não viam, no enlevo em que estavam. Repentinamente, como se despertasse, a senhora suspirava e sorria e, vendo-a ali parada, muito sisuda e quieta, sem mais lembrar-se de que a chamára, mandava-a brincar :

— Vai. Que é da boneca ? Onde deixaste o carrinho ?

E lá ia Luizinha vagarosa ficar a um canto da sala com a boneca de louça, emquanto a senhora, com as mãos cruzadas sobre o ventre alto, como que afagava o filho que sentia mover-se no seu seio, exigindo o amor que lhe cabia, todo o amor que era seu, com um egoismo de avaro.

Era, á noite, no quarto de Ursulina, no fundo

do corredor, junto á capella, que Luizinha achava a verdadeira ternura, mas tão triste, sempre com a suggestão d'aquelle pranto nocturno.

Despindo-a para deitá-la, quasi sempre ajoelhada, Ursulina cobria-lhe o corpo de beijos, apertava-a nos braços estreitamente e ella sentia as lagrimas maternaes molharem-lhe as faces e, com a sua voz muito doce, perguntava:

— Porque estás chorando, mamãi?

A mulata não respondia e, d'olhos nella, ajoelhada, redobrava o pranto, tremula, soluçando. Quando a filha adormecia, com os cabellos espalhados pelo rosto, os bracinhos nús, d'um suave tom d'ambar, repousados nos travesseiros alvos, ella ficava a contemplá-la em extase e pensava na terra bruta, naquella monstruosa terra que consumia tanta vida e que era a causa unica d'aquella preoccupação que a aterrava.

A possibilidade de, um dia, por vingança, a sua filha ter de seguir o bando, com um ferro nas mãos finas, curvando os hombros frageis ao peso d'uma carga, escalavrando os mimosos pés no pedregulho e nos espinhaes das trilhas, ficando ao sol, captiva, a arquejar de cançaço, banhada em suor, coberta de andrajos, carpindo, colhendo ou então humilhada, descalça, com os cabellos cortados rentes, a ir e vir pela casa, sujeita a affrontas, a insultos, soffrendo calada para evitar castigos barbaros ou desgraçada, profanada torpemente num canto de matto por um d'aquelles brutos, que eram como animaes.

E recordava, arrependida, a sua fraqueza de amor com o branco. Antes a sua Luizinha fôsse

como os outros, da sua côr, mais escura — teria a resignação necessaria para a condição em que nascera, mas aquella pelle clara e fina, aquelles cabellos sedosos... e lá se lhe iam os dedos para os delicados cachos da criança que dormia, e ali ficava esquecidamente, a gozar e a soffrer.

Mas a cantilena do carreiro, a cantilena do carreiro! E, intimamente, as estrophes barbaras resoavam, em melodia tristonha e rude:

Mão branca tá si criandu
Eh!
Ni collu di sinhá moça,
Mâ inxada di féru ahi vêm
C'um cábu modi mão branca
Capiná.

Cabellu tá caxiandu
Eh!
Qui nem cabellu di brancu,
Mâ quem pentêa cabellu
Di gente que não tem lei
É cafesá.

Uma noite, tomada dos mesmos eternos cuidados, debruçada sobre a filha adormecida, toda enleada nos seus encantos, exclamou numa consolada esperança, confiante e segura! «Não! ha um Deus no céu!» e, como contigua ao seu quarto ficava a capella, onde uma Virgem, d'olhos doloridos, soffria as sete implacaveis dôres das sete agudas espadas que lhe varavam o coração, Ursulina prostrou-se de joelhos, mãos postas e, d'olhos cravados na parede branca e núa, poz-se a rezar pela filha, cer-

ta de que a sua oração commovida atravessaria a cal, o barro e as grossas pedras da grossa parede e iria ter ao altar e subiria á Virgem, como sóbe o leve fumo de um thuribulo e lhe chegaria ao coração martyrisado, convertendo-o á sua causa, dobrando-o ao seu desejo, á sua unica ambição.

Rezava, quando lhe pareceu ouvir vozes, rumores no *quadrado* e passos abafados que surdamente soavam e perdiam-se como de alguem que corresse em pontas de pés descalços ao longo do corredor silencioso e apagado. Quedou attenta na postura devota, com um vago terror que lhe sobresaltava o coração apressando as pancadas que redobravam, cada vez mais rijas no peito, e ouviu mais distinctamente vozes.

Ergueu-se, entreabriu devagarinho a janella e espiou. Luzes erravam na sombra do vasto quartel dos escravos, brilhavam e sumiam como apagadas; outras, mais longe, fulguravam com uma larga irradiação, como os resplendores das custodias, e vultos aligeiravam-se cruzando-se como em cerimonia sinistra de bruxedo.

Que seria? talvez doença em alguem, uma dôr mortal, alguma fuga... Esteve para chamar, indagar, mas receiava não ser attendida por aquella gente que a detestava e lá ficou indecisa, com a face na aberta da janella, ao frio cortante da noite, ardendo em curiosidade; mas bateram á porta. Fechou devagar a janella e esperou; bateram de novo, pancadas fortes, chamaram-n'a:

— S'á Ursulina! S'á Ursulina!

— Quem é? e, já encostada á porta, com a mão na chave, esperou a resposta.

— Sou eu : Magdalena.

Abriu e uma das mucamas, com mysterio, chamou-a em nome do senhor.

— Mas que é ?

— Sinhá tá passando má, com muitas dôres. Parece que é p'ra hoje.

A mulata recuou assombrada :

— Como ? Mas não é tempo, gente ! Coitada de sinhá ! Como foi ? Ella estava tão bôa. Foi de repente ?

— Parece, não sei. A gente já tava dormindo quando sinhô chamou. Eu vou indo. Elles estão lá m'esperando.

E foi-se. Ursulina ficou parada no meio do quarto, num espanto, sem comprehender aquella desgraça, lastimando a senhora : « Coitada de sinhá ! » Lembrando-se, porém, do chamado do senhor, enfiou, ás pressas, uma saia, vestiu um casaco, passou a chave por fóra e sahiu atravessando o corredor escuro, ainda a abotoar o casaco.

A sala de jantar, com uma lampada sobre a comprida mesa, tinha um aspecto lugubre. Velhas negras andavam vagarosamente cochichando e na sombra dos cantos branqueavam trunfas, vozes sussurravam. Um moleque resonnava estirado no chão. Ursulina passou sem deter-se, atravessou o escriptorio, onde duas mucamas esperavam immoveis, de braços cruzados. Nos vidros empannados da porta do quarto moviam-se sombras e ella ouviu um lento gemer, espaçado, queixoso. Bateu e, sem calma para esperar, falou :

— É Ursulina, senhor.

— Entra.

Empurrou a porta e foram-se-lhe logo os olhos para o leito, onde a senhora jazia, mais branca que os linhos dos lençóes, estirada, os braços abandonados sobre os travesseiros, agitando a cabeça com angustia. Os olhos rolavam afflictos, em ancia, a boca só se fechava quando, nas dôres maiores, cerrando fortemente as mãos, retorcida, trincava os labios com um surdo rugir que ia amortecendo e acabava em suspiro flebil.

A paciente voltava a cabeça, acenava febrilmente ao marido, tomava-lhe a mão, acariciava-o e ficava com os olhos nelle, triste d'aquella desgraça, abatida d'aquellas dôres. Ao descobrir Ursulina, D. Mecia empallideceu ainda mais e ficou a olhar, a olhar estranhamente a mulata, sem uma palavra, sem um gesto, inerte.

— Está ahi Ursulina, disse-lhe Melchior com meiguice.

E ella, com esforço, tentando voltar-se, pediu-lhe que sahisse por um instante, um instantinho, deixasse-a só com a mulata. E num cuidado :

— E o troly ? Já foi ?

— Já foi.

— Então vai ; é um instante.

Melchior arrancou-se do leito com um fundo suspiro e, ainda da porta, voltando-se hesitante, fitou-a :

— Vê lá, eu fico aqui fóra. Se sentires alguma coisa, chama-me.

— Sim ; vai.

Ficaram as duas.

Como numa transfiguração, o rosto pallido de D. Mecia ficou subitamente abrasado, os olhos in-

cendiaram-se-lhe e toda ella tremeu, abalada sob os alvos lençóes que lhe cobriam o corpo delicado. E rugiu surdo :

— Ursulina, chega aqui, aqui ! repetiu, batendo no fôfo colchão.

A mulata obedeceu aterrada e tremula, olhando a senhora, cuja respiração sofrega resoava.

— Senhora, murmurou receiosa, attribuindo ao delirio aquella inexplicavel furia.

— Chega aqui, já disse. Eu não posso gritar ! Com a intimação insistente e dominada pelo olhar fulgurante da senhora, inclinou-se timidamente sobre o leito e D. Mecia, firmando-se em um dos braços, soergueu-se e silvou : Então, foste tu, Ursulina ? ! Foste tu, hein ? ! Olha bem para mim.

— Eu quê, sinhá ?

— Eu quê, hein ? Eu quê . . . isto ! e sacudiu os lençóes, como se quizesse mostrar o ventre que avultava. Eu quê, sua impostora ! Pois olha, se elle morrer, ouve bem : se elle morrer . . . Eu nunca consenti que se castigasse um escravo, nunca ! mas juro por Aquelle que está ali, e mostrou um cruxifixo sobre uma mesa de pau santo, entre velas que ardiam ; juro que tu e tua filha me pagam. Tu e Luizinha, estás ouvindo ? rilhou os dentes e abateu no leito, sem poder continuar, torcendo-se, a abafar gemidos.

A mulata, horrorisada com o que ouvira, ficou sem poder mover-se ; as lagrimas cahiam-lhe dos olhos em duas contínuas gotteiras.

— Conto tudo a Melchior, tudo ! e elle saberá vingar-nos, a mim e a meu filho. Eu morro com elle, mas vocês tambem . . .

A mulata então irrompeu :

— Mas sinhá pensa que eu fiz alguma coisa para vosmecê ficar assim ? Eu ? ! Ah ! meu Deus ! e dobraram-se-lhe os joelhos e de joelhos, arrastando-se, chegou até á mesa santa e prostrou-se com a face no chão, chorando, soluçando : Mas porque, meu Deus ? porque ? ! vosmecê nunca me fez mal, vosmecê que tem sido tão bôa para minha filha.

— Tão bôa . . . Pois foi por isso mesmo, foi por causa d'ella.

A mulata voltou-se :

— Mas quem disse isso a vosmecê, sinhá ? Diga, diga, por amor de Deus ! Quem disse essa mentira a vosmecê ? . . . Isso foi coisa d'essas negras, que não gostam de mim. Isso foi coisa d'essa gente do *quadrado*, mas Deus é justo, Deus é Pai. Eu estou innocente, sinhá. Vosmecê póde mandar fazer de mim o que quizer, eu só digo que estou innocente. Ah ! gente sem coração ! exclamou agitando a cabeça num desespero immenso. Como é que se perde uma criatura assim ? ! Vosmecê mande chamar quem disse e essa pessoa que repita aqui diante de mim, sinhá.

Mas a uma dôr mais forte, D. Mecia não se poude conter, fugiu-lhe um grito da boca e logo a porta abriu-se e Melchior appareceu afflicto, correu ao leito, sem mesmo attentar na mulata que se conservava de joelhos, chorando.

— Então, minha filha ; tem coragem, o doutor não tarda. Vamos . . . Eu estou aqui.

— Manda Ursulina embora, disse com asco e, frenetica, agitando as mãos diante dos olhos cerrados, repetiu : Manda ! manda ! manda ! manda !

— Mas que foi ?

— Manda ! Manda !

Melchior fitou longamente a mulata com um olhar agudo e severo e acenou que sahisse. Ursulina obedeceu submissa, caminhando de olhos baixos, abatida como sob o peso d'uma condemnação. Sós, depois d'um silencio, Melchior interrogou a mulher:

— Tens alguma queixa d'essa rapariga ? Que te fez ella ?

— Nada.

— Não ! aqui ha coisa ! aqui ha coisa ! insistiu meneando a cabeça. Tu me occultas alguma coisa. Foi para rezas que a chamaste ? para alguma *sympathia ?*

— Não.

Voltou-se no leito como para evitar os olhos do marido.

— Vamos, Mecia ; fala ; que houve ? Tu estás zangada. Que ha ? sê franca.

— Ah ! queres saber, não é ? exclamou, sem mais poder guardar o terrivel segredo. Queres saber ? pois . . . foi ella ! disse num impeto e rompeu a chorar como se aquella accusação, sahindo-lhe violenta, houvesse rebentado a represa do pranto. Foi ella !

— Que ! ? Ella, que ! ? Que fez ella ? perguntou o fazendeiro. Subito, porém, numa revelação instantanea, exclamou pondo-se de pé, livido, assombrado : Ursulina ! ?

— Sim, Ursulina ; por causa da filha. Elle olhava, muito pallido, sem pestanejar, com os labios sem sangue e trementes. Tu é porque não prestas attenção, mas eu bem via. Desde que se espalhou a

noticia da minha gravidez, Ursulina mudou, tornou-se casmurra, muito mettida comsigo, emburrada. Quando mandaste Luizinha dormir com ella, por causa da tosse, então ficou como uma furia, ás vezes nem me respondia, sempre de trombas.

— Mas porque ? Com que fim ?

— Ora, porque . . . Ursulina entendia que, pelo facto de tratarmos Luizinha carinhosamente, sentando-a ao nosso lado, á mesa, sahindo com ella, a pequena era como nossa filha e vendo-me assim, receiosa de que, com o nascimento do nosso filho, ficasse para o canto tratou de livrar-se do adversario.

— Não ! Não ! É impossivel ! resmungou Melchior arrepellando os cabellos, a passeiar pelo quarto. Não creio, não creio.

— Ah ! não crês ?

— Não ! é muita perversidade. Mas estacando, indagou : Tu desconfias apenas ou tens provas ?

— Disseram-me.

— Quem ?

— Luzia.

— Que Luzia ?

— Luzia *mina*.

— Quando ?

— Hoje, ha pouco.

— Luzia *mina* . . . repetiu Melchior procurando ligar o nome á pessôa. Luzia *mina*. Ah ! sei . . . E que te disse ella ?

— Que Ursulina me tem dado a beber sumo de hervas que provocam aborto.

— Que hervas ?

— Não sei.

Melchior ficou a perpassar os dedos pela barba, pensativo. De repente, entreabrindo a porta, chamou uma das mucamas.

— Onde está Luzia *mina* ?

— Ella tava ahi na sala de jantar, sim sinhô.

— Vá dizer-lhe que venha cá. Encostou a porta e, aproximando-se do leito, calmo, recommendou á mulher que batia as palpebras, de mãos cruzadas no peito, immovel : Não te incommodes ; deixa-me com a negra. Poz-se a balançar a cabeça : Então Ursulina . . . Um sorriso estranho fixou-se-lhe no rosto. Sim . . . Afinal Luizinha era a menina da casa, era a filha. Pois muito bem ! Falaram á porta ; voltou-se : Luzia !

— É sim, sinhô.

— Entra. A porta abriu-se de mansinho e a negra appareceu, timida. Chega aqui ! intimou Melchior sentando-se á beira da cama. A negra avançou de braços cruzados, a cabeça baixa. Que historia é essa de Ursulina ? A negra levantou a cabeça e baixou-a de novo, resmungando palavras surdas. Fala ! Que historia é essa ?

D. Mecia voltou-se, fitou a escrava como para animá-la.

— É o qu'eu disse a sinhá.

— Mas que foi ?

A negra, depois d'uma hesitação, poz-se a falar vagarosamente, com estremeções da cabeça, como se, por vezes, se houvesse enganado numa palavra, sempre d'olhos baixos e quando, como por descuido, os levantava rapidamente, sinistra centelha reluzia-lhes no fundo. De quando em quando o seu peito robusto arfava, em respiração maior, larga e funda.

— Sulina andava sempri batendu mattu, vai d'aqui, vai d'ali, pererecando; um'hora era p'ra vê remedu, outr'hora era modi piquena. A genti tava nu sô quietu, sumptando geito d'ella, ninguem dizia nada pruquê ninguem sabia qu'éra p'ra sinhá. Sulina passava c'um monti di fôia dibaxo di chali e ia côrendu p'r'u quartu. Di nôti, quandu genti cabava sirviçu, zêri ia c'uma panellinha frevê áua ni cosinha i ficava lá inté tardi. Foi modi Luizinha, sinhô. Fio di sinhá ia tirá Luizinha di mesa, ia tirá Luizinha di vamcês, era u mêdu d'Usulina i antonce, mod'issu, ella fez mandinga qui sinhá tomô. Issu foi d'um'hora p'ra outra. Sinhã não tinha nada, sinhá tava bôa, cum'é qui, di rêpenti, sinhá fic'ansin? Eu tenhu tidu muita criança, já tive um dismancho, quandu era rapariguinha, tenhu visto muita muié tê fio i mêmu movê, mas ansim a toa, sem quê nem pruquê, não; issu n'é ansim, sinhô. Só mêmu praga ô mardadi.

— Mas tu viste?

— Vê, não vi, sinhô. Só vi as fôia qui zêri trazia, agora dizê qui vi trabaio, não vi; p'ra que minti?

— E como sabes que ella fez?

A negra sorriu levando a mão á boca:

— Uai, sinhô, antonci a gente não tá vivendu? a genti não sabi? Issu é ansim mêmu, sinhô. Ninguem faz issu na vista dus ôtro; u má anda di nôti, é ni iscuru que si fá u má, vamcê sabi. I vamcê óié; quem ia fazê issu aqui sinão ella? mod'a fia i mod'ella tambem. Sulina quiria mandá, Sulina quiria sê dona aqui dentru i cumu vamcês, modi Luizinha, fechava us ôio a muita côsa, ella ia guvernandu i fazia tudo qui quiria. Vamcê mostre uma

cumpanhêra qui gosti d'Usulina, vamcê não acha uma, i tudu modi urgúio.

— E era na comida ? A negra encolheu os hombros, alongou mollemente um grande beiço. Não sabes ? A negra abanou a cabeça com ar desolado. Mas viste-a, então, voltar do matto com as hervas ?

— Sim, sinhô ; i não foi uma vez nem dua . . .

— E fazer cozimentos na cozinha, á noite ?

— Sim, sinhô.

Melchior ficou a tamborilar com os dedos na borda da cama, pensativo.

— Bem, vai.

A negra pediu a benção e retirou-se encostando a porta. Melchior voltou-se para D. Mecia :

— E tu bebias o que ella te dava ?

— Então ? Eu podia lá imaginar que estava sendo envenenada por essa perversa ? Mas, subitamente, as dôres tomaram-na, mais fortes. « Era como se lhe estivessem arrancando as entranhas, aos repuxões. Sentia como o ventre abrir-se-lhe, os ossos estalavam » ; explicou em voz quasi sumida.

Rilhava os dentes, torcia-se, curvava-se em arco, mas abatia exhausta, com um choro sentido e meigo de criança, pedindo allivio, recriminando o medico pela demora : « Com certeza não se quizera levantar, expondo-se ao frio e ao incommodo de uma viagem, á noite. Era assim, e, uma pobre creatura que morresse ali sem soccorro, como um cão na estrada. »

Melchior, atarantado, entre afflicção e odio, animava-a, mas no coração ia-lhe um furor desabrido — redizia intimamente o nome da mulata, ameaças subiam-lhe em borbotões á boca, conti-

nha-as, ficava remoendo-as para não affligir ainda mais a paciente. Mas foi ella quem irrompeu, de arranco :

— Deixa-te estar, desgraçada, as dôres que eu estou aqui soffrendo, tu m'as has de pagar, só se eu não me levantar d'esta cama. Pede a Deus que eu morra.

— Descança : isso é commigo, isso fica por minha conta.

Bateram á porta ; Melchior precipitou-se.

— O troly chegô, sinhô.

— E o doutor ?

— Tá hi.

Foi, ás pressas, tranquillisar a mulher acariciando-a :

— Bem, descança : está ahi o medico. Vou recebê-lo, sim ? beijou-a na fronte e sahiu apressado. Atravessou o escriptorio a correr, chegou á sala de jantar e, como uma das negras houvesse aberto a porta, sem preoccupar-se com a friagem da noite, sahiu á varanda lançando os olhos ao longe. Uma lanterna fulgurava abrindo uma esteira de luz amarella e baça que avançava oscillante sobre a terra e ao livido clarão um vulto caminhava.

— Firmino ! bradou o fazendeiro.

— Nhô !

— Que é do doutor ?

— Ahi vou, meu amigo, devagar para não dar por aqui alguma topada.

Pouco depois os passos do doutor resoaram na escada. Cães levantaram-se, sacudiram-se com tinir de colleiras e sumiram-se na escuridão.

— Então que foi isso? Imprudencias, hein? passeios, comedorias, frutas...? E appareceu abafado em grosso capote felpudo, com a golla levantada a esconder-lhe a barba branca. Respirou e, como o fazendeiro lhe passasse um braço pelos hombros, correspondeu ao carinho e entraram vagarosamente, abraçados: Então que foi? Como vai ella?

— Mal.

O ar na sala era tepido e o medico, despindo o capote, tirando as luvas, indagou:

— Desde quando?

— Começou á tardinha.

— E a que attribue você?

Melchior encolheu os hombros, com incerteza:

— Não sei, ha um mysterio. Eu mesmo não sei. E, baixinho, levando-o para o escriptorio: Diz ella que uma escrava andou a dar-lhe drogas...

— Como? uma escrava!?

— Sim, a mãi da Luizinha.

— Uhm? Fez o medico atinando sagazmente com o motivo: ciumes por causa da filha.

— Parece. Mas quem contou essa historia foi uma negra que não é lá grande coisa. Emfim... não sei. Não ha que fiar nessa gente: quando brigam são capazes de tudo. A mim parece-me incrivel. Emfim...

— Bem, vamos lá.

Melchior falou á porta do quarto, avisando:

— Mecia, está aqui o doutor.

— Entre; eu estou que não posso. Entraram. O quarto estava abafado e morno. D. Mecia, re-

mordendo os labios, voltou-se abandonando a mão ao medico. Ah! doutor...

— Então, que é isso? Pois a senhora, tão bem disposta... Como foi isso?

— Perversidades. Não se póde ser boa para essa gente, doutor.

— Mas quem sabe se não ha nisso intriga? Melchior, vendo que o medico relanceava os olhos pelo quarto, esfregando as mãos, precipitou-se para o lavatorio, encheu a bacia, tomou a toalha e ficou de pé á espera de que elle terminasse a ablução. Vamos lá. Chegou-se ao leito e delicadamente, insinuando a mão sob os lençóes, começou o exame. Melchior não lhe tirava os olhos do rosto, notando todas as modificações da physionomia e poude surprender um momo de desanimo. O medico afastou-se lentamente, tornou ao lavatorio, e, ensaboando as mãos, suspirou:

— É pena!

— E a criança, doutor? perguntou Melchior, em segredo.

— Que tem?

— Não se poderá salvar?

— Salvar?! Está morta, homem.

— Morta?!

— Então? Vamos cuidar da mãi.

Bateram á porta, Melchior entreabriu e passaram-lhe um pacote enrolado em oleado: eram os ferros que haviam ficado no troly.

Os gallos começavam a cantar, vaccas mugiam sentindo a manhan e, de longe, ansiosamente, os apartados bezerros, abarbando com a cêrca, respondiam. O medico levou uma cadeira para junto

do leito, sentou-se afagando uma das mãos frias que D. Mecia abandonára ás d'elle.

— Então, conte-me lá isso.

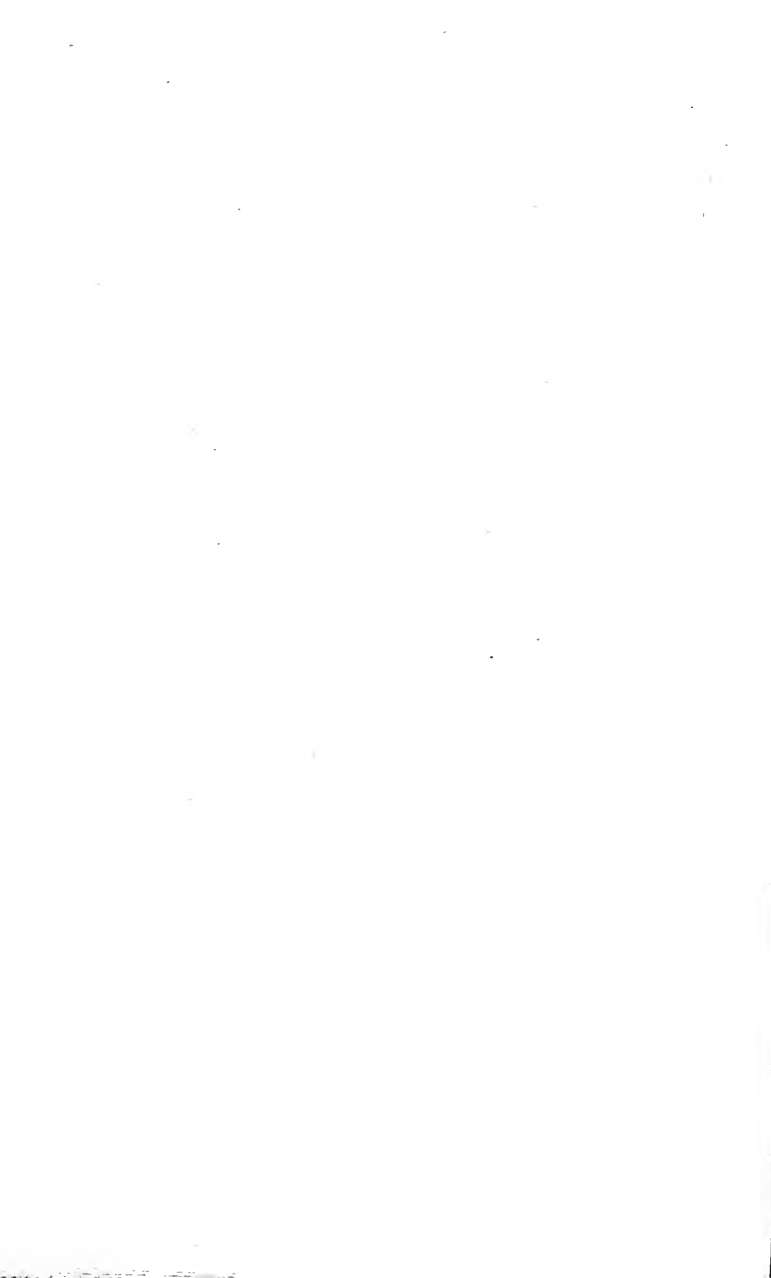
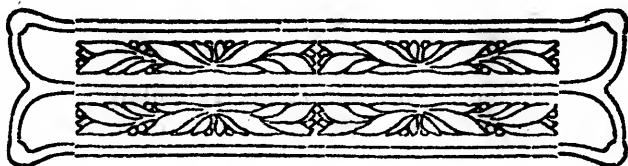
E o caso foi repetido com informações minuciosas de suspeitas, justificado com o retrahimento, com os modos grosseiros da mulata. Melchior intervinha asseverando, lembrando episodios, recordando beneficios, carinhos que dispensava á pequena, vontades que lhe fazia, mimos com que a ameigava e ella, sobretudo, a mulher, que era doida pela mulatinha.

— Mas uma creatura d'essas é um perigo. Como é que você, filho de fazendeiro e fazendeiro velho, entrega-se assim a uma escrava ? Isso é um perigo; não ha gente mais ingrata. Agora, eu nunca me enganei com a tal mulata : não tem boa cara. E citou factos, perfidias, vinganças perversas de negros contra senhores : ciladas, envenenamentos, fogo ás mattas, ás tulhas. Uma miseria. Estava farto de vêr d'aquellas coisas.

De instante a instante interrompia a conversa para acudir á parturiente com uma palavra animadora : Que não tivesse receio, elle estava ali, com mais um pouco ficaria alliviada. E, para distrahi-la, poz-se a lembrar-lhe factos da infancia, rindo : Quem diria que elle, que a conhecera de vestido curto, ás voltas com bonecas, ainda havia de vê-la em taes apertos ?

A sineta poz-se a soar lentamente, em badaladas tristes — era a manhan, o despertar da fazenda. Pouco depois ouviu-se o rumor da gente que formava e, em seguida, sussurro de vozes, um ou outro nome lançado em chamada, respostas vagas, borborinho confuso de multidão.

De novo a sineta entrou a badalar mais viva, como se tambem despertasse. Cães ladravam, abriam-se janellas e portas pela casa com rumor de trancas.

As velas morriam diante de Christo e, fóra, resoava soturnamente o surdo passo dos negros que desfilavam em turmas, tiniam ferros e os passarinhos entoavam os primeiros cantos. Um rincho partiu e morreu subito, logo subiu mais forte, calando-se a intervallos, depois, como se arranhasse o silencio, lá se foi prolongando agudo, aspero, monotono, perdendo-se na distancia. Era o primeiro carro que sahia.

III

Já o sol ardia afogueado e a folhagem sentida começava a encolher-se. Os passaros refolhavam-se, moscas enxameavam zumbindo á claridade fulgurante e cálida e o gado buscava as sombras quando, em indizivel soffrimento, com um grito longo e lancinante, que atravessou toda a casa, detendo em terror as escravas, que ciandavam desatinadas, aos cochichos, com apprehensões de morte, D. Mecia ficou alliviada.

Era um menino e perfeito. Melchior quedou estatelado em desespero inconsolavel quando viu o corpinho arroxeado do filho, coberto de nodoas, esfolado em erosões, os olhinhos apertados, engelhadinho como transido de frio.

Contemplando-o, encheram-se-lhe os olhos de agua e, ali mesmo, emquanto o doutor cuidava da senhora, muito abatida, sem côr nas faces, sem

luz nos olhos, prostrada como em collapso, e uma velha negra fazia a limpeza do quarto, resolveu sobre a vingança que meditava.

Por entre os dentes cerrados, dizia, de quando em quando: « Miseravel! Miseravel! » e arrepellava os cabellos, e repuxava as barbas, em ira que lhe punha tremores por todo o corpo e lhe incendiava os olhos.

Ia e vinha, em bicos de pés; parava diante do crucifixo, quebrando, entre os dedos, as stalactites de cera, detinha-se junto do pequeno cadaver, a olhar, meneando com a cabeça. Estava macilento como se houvesse sahido de grave e longa enfermidade.

Fóra era um silencio de noite, só as arvores, de longe em longe, ao vento, levantavam ligeiro marulho. Felizmente D. Mecia adormeceu e quieta, livida, as mãos cruzadas no peito, ficou como morta, ao lado do filhinho morto, que jazia aos pés da cama envolto em pannos, emquanto a negra acceiava o quarto, retirando trouxas e baldes e perpassava lentamente, pelos cantos, o defumador d'alfazema.

Melchior e o medico sahiram e duas mucamas ficaram guardando a senhora, sentadas no chão, junto ao leito. O medico, emquanto esperava o banho, estirado na varanda, ao ar, confessou, com lastima, que poucas vezes se vira em empreza como aquella e declarou que o féto tinha mais de quatro dias de morto: lá estavam as phlyctenas accusando.

— E a causa? perguntou Melchior.

— Isso não sei.

— Mas acha que póde ter algum fundamento o que dizem da mulata?

— Pois não. Não houve traumatismo, não se póde attribuir a extravagancias, pelo que vocês dizem. É verdade que os casos de morte intrauterina são, muitas vezes, inexplicaveis. Já fui chamado para vêr uma senhora que me disse tranquillamente, ao receber-me á entrada: « Sabe, doutor, mandei chamá-lo porque meu filho morreu ». «Como sabe ? » « Ora ! senti. Estava ali á janella, vendo um moleque apanhar umas magnolias, quando, de repente, senti uma coisa em mim . . . » « Dôr ? » « Não, um estremecimento, uma afflicção . . . e disse logo a meu marido — que a *criança* tinha morrido ». Na noite d'esse mesmo dia appareceram os signaes do parto e . . . e . . . veiu uma menina morta. Ora, explique-se uma coisa assim. Mas aqui o caso muda de figura. Eu não digo que sim nem que não, mas em seu lugar, meu amigo . . . Emfim . . . do perigo maior estamos livres, ella agora o que precisa é repouso e calma. Deixêmo-la dormir um bom somno e depois veremos.

— Mas o doutor fica comnosco . . . ?

— Sem duvida. Uma negra veiu preveni-lo: que o banho estava prompto. Bem, bem; até já.

Melchior tornou ao quarto, entreabriu a porta, espiou; D. Mecia dormia e as duas mucamas cabeceavam; só a velha negra ia e vinha — estava a vestir o cadaversinho, a um canto, silenciosamente. Cerrou a porta e caminhou para a sala de jantar. O copeiro estendia a toalha, mucamas traziam rimas de pratos, talheres, mas tudo era feito em tão surdo ir e vir que não se sentia o movimento e as coisas dispunham-se como por encanto.

Em torno da casa as machinas estavam em repouso, o moinho parado, os carros ficavam longe. Se um cão ladrava, logo sahia alguem a espantá-lo, correndo-o á pedra; só os passaros chilreavam e a agua insubmissa cantava no tanque de pedra, á sombra da latada.

Melchior foi espairecer á varanda, debruçou-se á balaustrada, a olhar; de quando em quando sahia-lhe um suspiro. Repentinamente, lembrando-se da mulata, voltou-se e chamou o copeiro:

— Onde está Ursulina?

— Parece que está no quarto, sim sinhô.

Seguiu resolutamente pelo comprido corredor, foi até á porta da capella, apenas encostada, dando, porém, pelo engano, retrocedeu. Á porta do quarto de Ursulina esteve um instante parado, como a escutar; bateu, abriram logo e elle passou. Vendo-o, a mulata baixou os olhos recuando.

Luizinha, sentada a um canto, muito quieta, enfileirava cartas dobradas. Ao dar com elle a criança teve um sorriso triste — levantou-se timidamente, de mãosinha estendida. Elle relanceou-a e sentiu-se fraco, commovido: «Não, ali não...» Chamou a mulata ao corredor, encostou a porta. Luizinha rompeu a chorar no quarto. Ursulina estava horrivelmente desfigurada — no rosto macilento os olhos eram como dois poços com a agua negra a luzir no fundo e, em torno ás bordas, uma orla roxa mais os escurecia e alargava; os beiços estavam resequidos, queimados, a côr era terrosa e sêcca como se uma fina poeira lhe houvesse pousado na pelle.

Senhor e escrava fitaram-se. Luizinha poz-se a

soluçar, chamando a mãi, a bater na porta. Ursulina acalmou-a:

— Espera um pouco, minha filha, eu já volto e, olhando Melchior de face, perguntou: Meu senhor quer falar commigo?

Surdamente elle affirmou — que sim! e foi caminhando para a capella. A escrava seguiu-o. Entraram.

Uma luz suave, coada atravéz d'olhaes envidraçados d'azul, dava uma tonalidade mystica ao ambiente e tudo parecia exhalar um perfume santo. O soalho era todo um tapete alto e macio de grandes florões. Das paredes, forradas a papel azul com estrellinhas d'ouro, figurando o céu, pendiam quadros religiosos — a Conceição entre anjos, risonha, com o esplendor da Graça a illuminar-lhe o rosto e, fronteira, a scena cruel da marcha para o Calvario — Christo, vergado ao peso da cruz, entre legionarios e povo.

No altar, entre ciriaes e palmas, havia um espaço — era o lugar do Crucifixo que D. Mecia reclamára para o seu quarto. Ao alto, sob o manto que a envolvia toda, lacrimosa, com as sete espadas irradiando-lhe do peito, a Dolorosa velava.

Melchior e Ursulina ficaram na faixa de luz cerulea e o fazendeiro, cruzando os braços, com uma voz que a colera enrouquecia, interpellou a escrava:

— Então foste tu?... Foste tu que a envenenaste? Fala! Foste tu?

— Eu!? meu senhor, exclamou Ursulina espalmando a mão no peito. Eu!? vosmecê está falando diante de Nossa Senhora, meu senhor; e

eu, diante d'Ella, repito o que disse a sinhá: eu estou innocente, meu senhor. Não tenho culpa de que os outros tenham raiva de mim e inventem coisas. Nunca fui mulher de feitiço, não é de hoje que vosmecê me conhece. Nunca fui e era preciso que eu fôsse mesmo uma perdida para fazer mal a quem só me tem feito bem. E então a uma criancinha, a um innocente... Eu sou mãi, meu senhor; sou mãi e sei o que é amor de mãi.

— Então para que andavas apanhando hervas no matto?

— Eu?! Quem disse a vosmecê que eu andava apanhando hervas?

— Não ias á noite á cozinha fazer cozimentos?

— Eu!? Eu, meu senhor? Eu só me lembro de ter ido uma noite á cozinha fazer um chá para Luizinha, quando ella andava com tosse. Vosmecê chame a pessoa que disse essas coisas e ella que venha repetir aqui diante de mim.

Melchior ficou enleado, sem saber que pensar, olhando a fito a mulata.

— E se Luzia affirmar?

Os olhos de Ursulina abriram-se desmarcadamente, em assombro, a boca escancellou-se-lhe e, juntando as mãos, que estalaram com a violencia do movimento, exclamou:

— Foi Luzia que disse?! Luzia! e vosmecês acreditam em Luzia? Ah! meu senhor! E, sem poder conter-se, rompeu a chorar.

— Choras, hein? choras... Pois foi ella; foi ella que viu tudo — as tuas idas e vindas, as tuas mandigarias na cozinha e todas as immundicies que fizeste. E para que? para que tua filha ficas-

se sósinha aqui em casa, não ? como uma senhora. E, com desprezo, falando-lhe perto do rosto, em voz escarrada, disse : Mas tua filha é escrava, sabes ? É escrava como tu.

— Eu sei, meu senhor, respondeu humildemente a mulata.

— Pois é — escrava ! Podia continuar aqui comnosco, seria feliz, eu ia dar-lhe a carta, mandar educá-la, mas quizeste tudo e ahi tens o que arranjaste. Não te quero mais um dia aqui, estás ouvindo ? nem a ti nem a ella ! vão lá para o Messias, para a *Matta*. Lá vocês hão de aprender. Vai, vai arranjar o que é teu e de tua filha que, hoje mesmo, quero vêr vocês pelas costas.

— Vosmecê vai-nos mandar para a *Matta ?* perguntou Ursulina com a voz estrangulada.

— Hoje mesmo, já. Vou escrever ao Messias e vocês seguem já com o Isidoro.

Depois de um silencio, Ursulina murmurou :

— Pois sim, meu senhor. Voltando-se, porém, para o altar, estendeu o braço mostrando a Dolorosa que a parecia fitar e chorar com ella. Quem ha de mostrar a verdade está ali, é Aquella ! E, abatida, como em soliloquio, disse : Foi Luzia . . . Pois sim, meu senhor. Que Nossa Senhora faça á minha filha o mal que eu desejava ao filho de sinhá. Eu vou, meu senhor, vou, vosmecê manda. Caminhou dois passos e deteve-se : E Luzia falou tambem de Luizinha ? Que mal podia fazer a criança ?

— Nada, nada ! fez tanto como o outro que lá está morto. Nada, nada !

— Mas vosmecê mande, ao menos, chamar Luzia, ella que venha sustentar aqui diante de mim.

— Pois espera !

Sahiu arrebatadamente, foi á sala, perguntou pela *mina*. « Estava na cozinha », disseram ; mandou chamá-la, que fôsse á capella e tornou pelo corredor. Ursulina estava ajoelhada quando elle reappareceu ; levantou-se e ficou a um canto, junto a uma mesinha. Elle poz-se a passeiar lentamente. Quando a negra appareceu á porta, espiando, sem vêr bem á meia luz do recinto, elle chamou-a :

— Entra. A *mina* adiantou-se, de braços cruzados. Repete aqui, diante de Ursulina, o que me disseste no quarto. Ouvindo o nome da mulata, a negra voltou rapidamente a cabeça, a procurá-la e, dando com ella, ficou meio atarantada, surpreza. Então ? insistiu Melchior, e Ursulina, avançando, provocou-a.

— Fala, Luzia : que foi que você me viu fazer de mal para sinhá ?

A negra resmungou :

— Ocê fê mêmu. Sê fê.

— O que ? Que foi que eu fiz ?

— Ocê fê . . .

— As hervas, lembrou Melchior, attribuindo á estupidez a hesitação da negra, e ella repetiu :

— Herva, sim, sinhô.

— Que hervas ? Quando foi que você me viu andar pelo matto apanhando hervas ?

— Ocê ? Ocê ia sempre, affirmou a negra, alteando a voz. Ocê ia sempre e fô ocê mêmu qui dê remedu a sinhá. Quem havia di sê ? Fô ocê mêmu, mode Luizinha. Fô ocê mêmu.

— Quando ?

— Uai ! antonci eu andava atrai d'ocê ? Fô ocê mêmu.

— Luzia . . . ! Olha que nós estamos diante de Nossa Senhora, Luzia ! ameaçou Ursulina. Você está levantando um falso a quem nunca te fez mal. P'ra qu'é isso, Luzia ? Você não tem medo d'um castigo de Deus ?

— I ocê ? rompeu a negra investindo : I ocê ? Oia, o mió é cada um cuidá di sua vida.

Melchior interrompeu as ameaças da africana :

— Mas, vamos : você viu ou não viu, Luzia ?

— Viu, sinhô !

— É mentira !

— Viu, sinhô. Fô Sulina mêmu. Quandu vamcê mandô Luizinha drumi ni quartu d'ella, Sulina ficô qui nem cobra, jurô vamcê i sinhá ; fô mêmo desne esse dia.

— Eu, Luzia ? !

— Ocê mêmu. I ocê modi quê não dêxava ninguem intrá nu seu quarto ? nem Philomena, qu'é uma nigrinha tôla ?

— No meu quarto ?

— Sim, quem é qui intrava ni quartu d'ocê ? porta tava sempre trancadu, chavi tava sempre c'ocê . . . modi quê ?

A mulata ficou embaraçada, attonita, sem achar resposta para a inesperada e perfida pergunta e, a olhar a negra, offegava, tremiam-lhe os labios. Melchior, concluindo d'aquella perturbação que a africana dissera a verdade, despediu-a. A *mina* sahiu triumphante, murmurando.

Elle empurou a mulata para fóra da capella e disse-lhe :

— Vai, vai arranjar o que é teu e de tua filha e não me appareçam mais diante dos olhos.

Ella teve um assomo energico e ousou affrontá-lo :

— Vosmecê não deve fazer isso com Luizinha, meu senhor. Vosmecê sabe.

Elle fez-se surdo e seguiu pelo corredor ; deteve-se um instante, mas retomou o andar. Ella ficou parada, e, olhando, viu-o desapparecer. Vagarosamente caminhou até á porta do quarto, quedou : não tinha uma idéa, estava tolhida de corpo e de espirito, inerte e apagada. Empurrou a porta e entrou. Luizinha, de pé junto á janella, olhava para o *quadrado*, onde uns molequinhos nús brincavam ao sol. Ao dar com a filha sentiu um choque violento, como se o coração lhe houvesse subido e, sem ar, numa oppressão de asphyxia, atirou-se pesadamente á cama com um pranto forte, ouvindo, atravéz da angustia, como vindo de muito longe, ironica, a cantilena do carreiro.

A pequena correu da janella e abraçou-a com lagrimas :

— Mamãi ! Minha mãisinha, que é ?

Então a melodia rude e melancolica, com as suas terriveis palavras, cresceu-lhe na lembrança :

Mão branca tá si criandu
Eh !
Ni collu di sinhá moça.
Má inxada di feru ahi vem
Cum cabu modi mão branca
Capiná . . .

IV

A fazenda da *Matta* era um vasto latifundio de terras virgens, ondulando, em florestas, por valle e monte. Rios e arroios marejavam-lhe da espessura, em cujas profundezas estrondavam cachoeiras e lagôas abriam claros espelhados. Um mundo d'azas povoava aquelles silencios, atravessando de margem a margem os aguaçaes nevados de açucenas ou abalando em nuvens por cima das frondes que fechavam ao sol o interior da selva.

Rastros de onças patejavam os humidos carreiros alfombrados de folhas mortas e as ramarias taladas, as hervas altas, amollecidas em sulcos, assignalavam a passagem das antas ou das varas vorazes dos caititús.

Poucos eram os caçadores que se afoitavam naquellas brenhas e, quando se resolvia uma batida ás onças, convocavam-se todos os vaqueiros e a

— Vai, vai arranjar o que é teu e de tua filha e não me appareçam mais diante dos olhos.

Ella teve um assomo energico e ousou affrontá-lo:

— Vosmecê não deve fazer isso com Luizinha, meu senhor. Vosmecê sabe.

Elle fez-se surdo e seguiu pelo corredor; deteve-se um instante, mas retomou o andar. Ella ficou parada, e, olhando, viu-o desapparecer. Vagarosamente caminhou até á porta do quarto, quedou: não tinha uma idéa, estava tolhida de corpo e de espirito, inerte e apagada. Empurrou a porta e entrou. Luizinha, de pé junto á janella, olhava para o *quadrado*, onde uns molequinhos nús brincavam ao sol. Ao dar com a filha sentiu um choque violento, como se o coração lhe houvesse subido e, sem ar, numa oppressão de asphyxia, atirou-se pesadamente á cama com um pranto forte, ouvindo, atravéz da angustia, como vindo de muito longe, ironica, a cantilena do carreiro.

A pequena correu da janella e abraçou-a com lagrimas:

— Mamãi! Minha mãisinha, que é?

Então a melodia rude e melancolica, com as suas terriveis palavras, cresceu-lhe na lembrança:

Mão branca tá si criandu
Eh!
Ni collu di sinhá moça.
Má inxada di feru ahi vem
Cum cabu modi mão branca
Capiná...

IV

A fazenda da *Matta* era um vasto latifundio de terras virgens, ondulando, em florestas, por valle e monte. Rios e arroios marejavam-lhe da espessura, em cujas profundezas estrondavam cachoeiras e lagôas abriam claros espelhados. Um mundo d'azas povoava aquelles silencios, atravessando de margem a margem os aguaçaes nevados de açucenas ou abalando em nuvens por cima das frondes que fechavam ao sol o interior da selva.

Rastros de onças patejavam os humidos carreiros alfombrados de folhas mortas e as ramarias taladas, as hervas altas, amollecidas em sulcos, assignalavam a passagem das antas ou das varas vorazes dos caititús.

Poucos eram os caçadores que se afoitavam naquellas brenhas e, quando se resolvia uma batida ás onças, convocavam-se todos os vaqueiros e a

marcha sobre a floresta assumia o aspecto guerreiro dum assalto.

E as caçadas duravam dias, iam por montes, entranhavam-se em lapas, mettiam-se pelas aguas com estrondo d'armas e latidos ferozes de matilhas ; e, no regresso, com as feras atravessadas em varas ou simplesmente a pelle estaqueada, eram festas heroicas no terreiro, danças e comesaina, e cada qual contava uma bravura — este, uma espera á forquilha ; aquelle um tiro certeiro ; outro um golpe fundo de azagaia e os cães, ganindo e coxeando, ainda arfavam como esfalfados da formidavel luta com os cangussús, nas tavernas. E, durante dias, outro não era o assumpto das conversas no terreiro e nos negocios e ranchos das estradas.

Na terra baixa, toda em lavoura ou em pasto, verdejava a fartura : eram os cafesaes nas collinas, era a mandioca, era o arroz na humidade dos alagadiços e a campina vasta, macia, coalhada de gado manso e gordo e, cercando a casa, em bosque, o pomar, limpamente trilhado e sempre resoando com o besoar das abelhas, que tinham os seus cortiços sob a aba do telhado, onde arrulhavam pombos. Melchior, que recebera a fazenda em bruto, logo mettera gente a trabalhar desbravando a planicie, plantando e semeando de tudo. Manteve na administração Messias, o cuyabano, um famanaz, pessôa de confiança do sogro, homem bravio e possante como um touro, cujo nome aterrava o sertão em chronicas de sangue.

Antigo boiadeiro, temido pelas rebentinas, em uma das quaes, no Rio Verde, deixara um mar-

chante morto, resolvera abandonar aquella vida buscando emprego mais socegado. Absolvido no Jury por influencia do velho Mendo, que o tinha em grande conta, ficou como administrador da fazenda bravia. Desde então a *Matta* tornou-se o terror d'aquellas paragens. Despachar um negro para a *Matta* era tanto como condemná-lo á morte. Citavam-se castigos incriveis do cuyabano: negros espostejados, outros retalhados a vergalho, muitos lançados vivos em fornalhas. Eram sem conta os enforcados. D'entre todos, porém, o supplicio que mais abalára a gente fôra o de um cabinda que, por suspeita de feitiço, Messias mandára enterrar até ao pescoço num formigueiro, deixando-lhe a cabeça exposta ao sol.

Contavam-se por dezenas os que arrastavam algemas, os que traziam gargalheiras: na fórma era um sinistro tinir de ferros. E toda a negrada, mal comida, dormindo em giraus, trabalhando esforçadamente sob a vigilancia de feitores crueis, dobrando a tarefa em serões, sem domingo, sem dia santo, vivia faminta, entrezilhada, foveira, como galés em pena. Ninguem falava e se, na fórma, alguma voz irrompia, era em lamento, clamando misericordia! Mas lá estava o relho zurzindo as carnes e os parceiros encolhiam-se, afastavam-se do companheiro espavoridos.

Messias, sempre com o relho mettido no cano da bóta, garrucha á cinta, bradava, vociferava. Para elle não havia infancia nem velhice; crianças e velhos eram levados a ponta-pés, a murros, e as mulheres macilentas, com a caveira visivel, quando o viam, se estavam amamentando logo re-

tiravam os filhos do peito, porque o administrador odiava as *sanguesugas*.

— Que diabo! quando é que você acaba com isso? Então essa porcaria anda não come? A negra, tremula, mostrava a criança tenra, mollesinha, de mezes. Elle lançava um olhar de nojo áquella miseria que se mexia como lesma, voltando a cabeça, de olhinhos fechados, com a boca faminta, buscando avidamente o peito mirrado; e resmungava: «Pois é acabar com isso! Chega!...» E as negras respiravam, achavam-no «em um dos seus dias de caridade», quando elle ficava na injuria, porque, na maioria das vezes, mandava a desgraçada a qualquer serviço, abandonando a criança que ficava a espernear, a berrar ou mansamente sugando as mãosinhas, deitada sobre pannos immundos.

Nas vendas das encruzilhadas dizia-se que «se se marcassem todas as covas dos negros assassinados, seriam tantas as cruzes que não se poderia andar na campina». A fazenda da *Matta* celebrisava-se e o nome de Messias corria de boca em boca até aos remotos sertões, pronunciado com terror.

A lenda dava-lhe o aspecto truculento de ogre; era, entretanto, um bello caboclo — rosto liso, olhos e cabellos negros, alto, espadaúdo, desempenado. A mulher, affirmavam, era ainda peior que elle — queimava as crianças com ferro em brasa, punha-as núas, sentadas no ladrilho do terreiro, á hora de maior sol; impunha-lhes serviços pesadissimos e, quando tomava o relho para castigar uma escrava, os filhos acompanhavam-na e o supplicio

tornava-se um divertimento para a familia — eram quatro chicotes que zuniam e os gemidos, as contorções, os saltos da victima provocavam a furia da mulher e o riso da filharada.

D'uma feita, falando-se num *candomblé*, Messias reuniu a escravatura no *quadrado* e poz-se a interrogar. Não conseguindo descobrir os *cabeças*, tomou tres negros mais robustos e retirou-os; o mais foi passado a bolos, sem excepção das crianças. Dos negros nunca mais houve noticia. Além dos castigos crueis narravam-se infamias do cuyabano: estupros, sumiços de crianças.

O velho Mendo, fechado no seu casarão solitario, encolhia os hombros se lhe falavam das barbaridades do administrador: não o chamava a contas nem descia a visitar a fazenda, como se a considerasse um presidio. Á mesma mulher, que, ás vezes, commovida com o que ouvia, lhe falava queixosa dos horrores que iam lá em baixo, respondia aos berros: « Que aquillo era uma canalha, só mesmo levada assim ».

Melchior, recebendo a fazenda, manteve o administrador, mas cerceou-lhe a acção de justiça: nada de castigos crueis, corrigisse quando fôsse preciso, mas sem exagero. Messias revoltou-se, esteve para despedir-se: « Não sabia lidar com maricas »; mas foi ficando e os escravos continuaram a gemer. Ás vezes appareciam negros enforcados. Messias escrevia a Melchior e ficava nisso.

Era para essa fazenda, para esse inferno que Ursulina ia seguir com Luizinha. Como evitar? Que fazer? Abraçada com a filha, os olhos perdi-

dos, ella pensava, quando a criança queixou-se de fome. A mulata estremeceu :

— Fome, minha filha ?

— Estou com fome sim, mamãi.

Nem café tomára, a pobresinha, mas... como sahir ? a quem pedir ? Poz-se de pé e, animando-se, abriu a porta e foi-se pelo corredor. Ouviu tinir de louça e de talheres; almoçavam. Como havia de passar para ir á cozinha ? Deteve-se e, numa inspiração, retrocedeu, entrou no quarto, fechou a porta por dentro, saltou a janella e atravessou pelo *quadrado*, rente com o muro, até á cozinha. A sua fortuna foi encontrar a velha Barbara que soprava as brasas do defumador. Chamou-a chorando, contou-lhe a infamia da *mina* e pediu-lhe qualquer coisa para Luizinha, que estava, até aquella hora, sem comer. As outras negras cochichavam, olhando-a de travéz, algumas espocavam risotas. A velha, porém, commovida, ficou a olhar a mulata, calada. Por fim, attrahindo-a ao terreiro, para evitar as vistas das companheiras, perguntou, curvando-se, com grande espanto nos pequeninos olhos encarquilhados :

— I ocê vai, Sulina ?

— Então, tia Barbara ?

— I piquena ?

— Tambem.

— Ah ! minha fia. Ficou de cabeça baixa, pensativa. Tá bão, vai. Iô leva comida lá. Vai. E poz-se a soprar as brasas. Ursulina tornou pelo mesmo caminho e, pouco depois, a velha negra apparecia á janella com um prato de comida. Toma, Sulina. Luizinha sentou-se a um canto, poz-se a comer e

as duas escravas, á janella, discutiram a perversidade de Luzia. I qu'é qu'ocê vai fazê agora, Sulina ?

— Eu sei, tia Barbara ? Que é que a gente póde fazer ? Eu só digo a vosmecê que aquelle desgraçado não tóca no corpo de minha filha. Elle póde fazer de mim o que quizer, mas com ella não.

— Qu'é qu'ocê pódi fazê, fia di Deus ? elle lá ê qui manda, elle faz lá u qui qué. Só Nossinhô . . .

— Eu estou innocente, tia Barbara ; juro a vosmecê que estou innocente. Luzia tem raiva de mim ha muito tempo, não é d'agora. Eu tenho culpa de que sinhá me tratasse bem ?

— Mas, óia aqui, Sulina . . . i piquena ? disse a velha negra baixando a voz, com mysterio : piquena não é fia di sinhô ? A mulata teve um vexame, baixou os olhos, calada. Não é ? insistiu a negra.

— É, tia Barbara . . .

— Antonci ?

— Ora, senhor bem que se importa. Eu, sim ; eu é que vou soffrer.

Calaram-se as duas. Por fim a velha negra suspirou :

— Não sê . . . Não sê . . . Bateram á porta ; a negra despediu-se atarantadamente para não ser surprendida em conversa com a banida. Vai cum Deu.

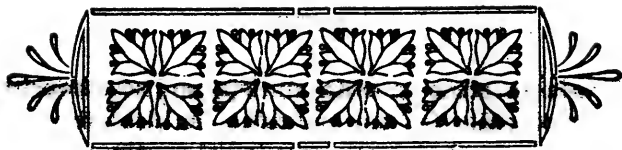
Ursulina foi abrir : era Isidoro.

— Bâmo, disse o negro.

A mulata olhou-o idiotamente :

— Que é ?

— Bâmo. Garra piquena i bâmo modi chegá lá inda co'dia.

Ella não teve força para reagir e ficou de pé, a torcer as mãos, os olhos a encherem-se d'agua, muda.

V

Baldados foram todos os esforços de Ursulina para falar aos senhores. Melchior, prevendo-lhe as tentativas, prohibira expressamente que a deixassem chegar ao quarto. Não queria vê-la, levassem-na ; e Isidoro foi inflexivel.

Ella remanchava na sala de jantar com esperança de que o senhor apparecesse, mas as portas conservavam-se inexoravelmente fechadas, como se a mesma casa a repellisse.

Luizinha olhava espantada, sem atinar com a razão d'aquella sahida, vendo a mãi em soluços, com uma trouxa dentro da qual mettera toda a sua roupa, os seus sapatinhos, os seus brinquedos.

Ursulina desviava os olhos, sentindo-se humilhada diante das companheiras que passavam por ella, mirando-a com ar de triumpho, sem uma palavra de lastima, regosijando se com a sua miseria.

Nem um só que lamentasse o seu destino ; evi-

tavam-na como se evita um leproso ; só o copeiro, compadecido, fez um embrulho de biscoutos para Luizinha, os mais passavam indifferentes, sumiam-se no interior da casa, orgulhosos, felizes, porque ficavam na abundancia e na paz, com os senhores, emquanto ella seguia miseravelmente para a ração magra e para as torturas na fazenda lugubre, onde, apenas uma vez por anno, pelo Natal, eram abatidas rezes para regalo dos negros.

Isidoro affligia-se com a demora, mas Ursulina continuava a ir e vir, dando falta de objectos, procurando-os, fazendo e desfazendo a trouxa para delongar a partida. Por fim, desanimada e com humildade, perguntou ao negro : se iam a pé.

— Antonci ? Quem sabi s'ocê qué qui sinhô mandi sahi troly mod'ocê i ! ? Bâmo ! Era um negro moço, alto e forte. Em tempos andára a cortejá-la, cercando-a pelos corredores, pelos caminhos e, mais de uma vez, a detivera no *quadrado*, á noite, fazendo-lhe propostas. Bâmo ! Bâmo ! Eu inda tenhu d'i ni cidadi. Bâmo ! Ella sentiu pela filha. Como havia a pobresinha de resistir á caminhada por veredas da serra tão cheias de pedras e de espinhaes, cavadas em brócas, cortadas de fundos regos com agua e lôdo ? Bâmo ! Tá ficandu tardi. Bâmo ! E Isidoro, impaciente, impelliu-a para a varanda.

O sol escaldava, o calor subia intenso como de fornalha, a aragem era escassa e morna. O céu translucido, sem retalho de nuvem, muito azul, rebrilhava. O arvoredo estava parado, como adormecido ; nem uma folha bolia e o silencio era grande e geral na terra quente. Longe, num teso, o

matto ardia e espesso, ennovelado e negro fumo subia em retorcida tromba ondulando no ar toldado. Sahiram.

Cães, estirados á sombra d'arvores, de olhos semi-cerrados, a lingua pendente, arquejavam. Ursulina sentiu vivamente o sol e, para proteger a criança, cobriu-lhe a cabecinha com o chale e foram.

O negro, com um páu atravessado ás costas, d'hombro a hombro, acompanhava-as fumando. O caminho seguia direito, entre barrancas vermelhas, subindo para a porteira. D'um lado e d'outro era o cannavial, farfalhando ao vento. Anuns passavam em vôo pesado, piando; bácoros fugiam correndo e perdiam-se nas touceiras. De quando em quando uma pomba levantava o vôo arisco em direcção ao pomar.

Do alto, passando a porteira e olhando a matta distante, d'um azul esfumado, a mulata sentiu confranger-se-lhe o coração. «Era para lá . . . ! Lá estava a floresta d'onde, á noite, partiam os gritos agoniados das almas penadas.» Voltou-se e poude ainda vêr a casa ao fim e florida rua de roseiras, branca, com a sua varanda de grossas columnas. O moinho destacava-se entre os altos bambús que se moviam em lento, flexuoso derrear, rangendo. Lá estava o pomar muito verde, lá estava a caiçára do curral, lá estava o *quadrado* e gente a andar, uma negra a socar num pilão á sombra do alpendre, crianças correndo. Por que não a deixara ali o senhor? De repente pareceu-lhe vêr Melchior na varanda voltado para a porteira, a olhar. Teve uma esperança. Talvez que aquillo

tudo não fôsse senão para experimentá-la. Elle ia chamá-la, com certeza. Luizinha perguntou : « Para onde iam ? » ella não respondeu, enlevada naquella esperança.

— Bâmo, rapariga ! intimou Isidoro.

Poz-se a caminho suspirando e lá ficou a casa, no valle.

Então seus olhos ardidos não viram mais que verdura. Eram as arvores fortes da matta, era a densa floresta virgem e além, muito longe, na baixada, a terra chan, d'um verde mais claro e alegre, com uma faixa a brilhar, que era o rio. Não ! não era possivel que o senhor a mandasse com a filha para aquelle desterro. Que fizera ella ?

Luizinha poz-se a choramigar com sêde. O sol tornava-se cada vez mais ardente, como se viesse baixando, a abrasar a terra. E não havia uma sombra, o caminho exposto fulgurava. Lagartos atravessavam-no fugitivamente com crepitante marulhar de folhas, besouros esvoaçavam e dos rasteiros mattos esturrados gafanhotos saltavam ou voavam com um rispido zizio.

Pelas rechans a luz era ainda mais crúa e, como se a terra se fôsse inflammando, um vapor diaphano subia tremulamente dos campos. Não se sentia um passaro — todos pareciam refugiados nas brenhas á espera de que abrandasse aquelle furor de incendio.

Só ella seguia, cabeça núa, aquelles interminaveis e desabrigados carreiros, ella e a filha. Nem mesmo na roça parecia haver gente, tanta era a quietação. Mas uma voz subiu no ar calado e incendido e logo, na volta do caminho em rampa

escalavrada, appareceram dois bois arrancando e outros dois e mais outros: era um carro que vinha, ladeira acima, vasio; os carreiros dentro, sentados, em molleza dormente, acuavam os bois, deixando-se levar aos trancos.

Ursulina galgou a barranca com a filha e acolheu-se deixando passar o carro. Os carreiros olharam-na sem surpresa e lá foram aos ecôs! excitando a boiada exhausta que reluzia de suor. Aquelles iam para a casa e ella? Bâmo! Desceu. Luizinha limpava o suor com a manga do vestidinho e começava a choramigar de fadiga e de sêde. Não podia mais, a poeira provocava-lhe tosse, o sol ardia-lhe nos olhos. A mãi animava-a, dava-lhe a mão, derreada ao peso da trouxa que, de instante a instante, mudava d'um para outro hombro.

— Não posso mais, mamãi! E para onde é que nós vamos? exclamou a pequena estacando.

Ursulina limitou-se a responder:

— Vamos, minha filha; está perto.

— Mas onde é?

— É ali! e atirou vagamente o braço para longe.

— Bâmo! Bâmo, genti. Ocês cança á tôa. Bâmo! Só não tá di caçuada.

E o negro, sem dar attenção ao soffrimento das duas, passou á frente e seguiu cantando.

Á medida que se apartava da fazenda, Ursulina ia-se tornando mais sombria. Já não sentia a ardencia do sol que lhe abrasava a cabeça, ia como arrastada, caminhando machinalmente, numa nuvem de poeira que seus pés levantavam.

O caminho, sinuoso e secco, colleava por entre calvos penhascos de arido negror, lisos ou esca-

brosos, alguns fendidos em talho fundo e direito, como se os houvessem serrado em duas metades. O solo, todo em pedrouços, maguava os pés e, por vezes, em solidão triste, um cardo rompia da racha d'uma pedra, verde, duro, abostellado, espinhoso.

Isidoro, indifferente ao sol, como aquelles duros rochedos, seguia cantarolando, com o chapéu inclinado sobre os olhos, o pé firme, rompendo a marcha. Ursulina tropeçava, arfava ; o suor escorria-lhe em grossas bagas pelo rosto que rebrilhava : curvava-se a mais e mais ao peso da trouxa, levando Luizinha que se deixava arrastar abandonadamente.

Por felicidade, entre moutas, num canto mais resguardado, um rancho de palha appareceu. Sem dar aviso a Isidoro, Ursulina metteu-se com a filha pelo sapesal e, chegando ao abrigo, deixou cahir a trouxa e sentou-se á sombra, encostando-se a um esteio, derreada, com um suspiro: Não podia mais ! O negro, não lhe ouvindo os passos, voltou-se assustado, bradando :

— Sulina ! eh !

— Estou aqui, Isidoro ; estou descançando um bocado.

O negro retrocedeu e, vendo-a sentada, a cabeça pendida entre os joelhos, em prostração humilde, ficou a olhar enternecido. A mulata desfez o embrulho de biscoitos, offereceu-os á filha ; a criança, porém, só tinha sêde, pedia agua, mas onde ? onde encontrar um pouquinho d'agua ?

— Só ni cachuêra, respondeu o negro interrogado. Bâmo, agora é perto i a genti vai intrá ni

matta ; lá tem sombra. Bâmo. Modi qui vem chuva. Esse só é di chuva.

Abafava ; não se sentia a mais leve respiração, a claridade ardia, o calor tornava-se suffocante. Bâmo, Sulina. A mulata levantou-se suspirando, tomou a trouxa, atirou-a ás costas e foi-se.

— Isidoro, meu velho, leva um pouco Luizinha. O negro teve dó ; voltou-se, tomou a criança nos braços e partiu ligeiro.

A floresta avultava, densa, fechada, sombria ; mais alguns passos e estariam ao abrigo do sol, entre as arvores. Era a divisa das duas fazendas ; lá estava o aceiro fundo que as separava.

— É aqui que começa a matta, não é, Isidoro ?

— Aqui mêmu.

Ella suspirou e então, perdida a derradeira esperança, todo o seu animo cahiu. Ia para as mãos do carrasco. Que seria d'ella ? E aquella carta que Isidoro levava ? ... Era, talvez, uma recommendação para que a tratassem bem ou, quem sabe, talvez a sua sentença de morte. E Luizinha ? ! Lançou um olhar enternecido á filha, via-lhe apenas o vulto sob o chale, sacudido nos braços fortes do negro. Que seria d'ella, tão linda e mimosa, a sua pobre filha ? Que seria d'ella ?

E lembrou-se dos factos que lhe haviam narrado — os crimes nefandos do cuyabano : crianças que desappareciam, outras que iam morrer nos braços maternaes em soffrimento lancinante, queixando-se do monstro. Seria possivel, Deus de misericordia ? ! Deteve-se subitamente, afflicta, d'olhos altos, mas lá ia a filha, lá ia ! Foi-lhe necessario correr para alcançar o negro que a puxava pelo

coração, levando, naquelle andar aforçurado, o seu amor, a sua prenda, o seu encanto. Lá ia! Alcançou-o esbaforida:

— Mais devagar, Isidoro. Assim ninguem póde acompanhar você.

— Uai! antonci iô vai depressa?

— Então não vai?

Fazia-se meiga como para enternecê-lo. E se fugissem d'ali? Se fugissem os tres? ella entregando-se para salvar a filha?! Se fugissem para longe, bem longe! Teve impetos de propôr a infamia, de offerecer-se cynicamente como em resgate, cedendo á lascivia brutal, mas o vexame conteve-a. Não! E já a floresta os recebia; iam atravessar o caminho de matteiros. Entraram e foi como se houvessem mergulhado nagua, tão fresco era o ar ali dentro, tão humido era o sólo e os pés, que sahiam do borralho da estrada soalheira, iam chapinhando, gozando a friagem d'aquellas folhas mortas, d'aquelle macio terreno recatado.

Isidoro desceu a pequena:

— Bâmo agora.

E foram penetrando o bosque recondito por um carreirinho estreito, pouco trilhado, que descrevia complicadas voltas, sempre sombrio e calado. Os arbustos eram tão unidos que, para passarem, iam apartando, ás braçadas, as finas ramarias que ficavam oscillando e fechavam-se. Ás vezes era uma cova negra e funda que tinham de ladear, com lameiro escuro matizado de flores, cipoaes enredados, galhos partidos, derrubados, fechando o caminho.

Contornavam e lá iam chafurdando em atas-

caes. Formigas corriam em negras filas e Ursulina recommendava a Luizinha que as evitasse, mas o seu espirito estava tomado por tumultuosos pensamentos — toda idéa que lhe occorria era uma salvação ; logo, porém, ruía a esperança e lá ia a alma allucinada voando para outro sonho, pousava ; sentia-o fraco, abalava de novo sem encontrar soccorro. Tudo a repellia, tudo lhe era hostil, e caminhava. Com mais uma hora estariam no terreiro da fazenda, diante do homem cruel.

— Ainda falta muito, Isidoro ?

— Sahindo di matta a gente vê logo casa.

Luizinha queixou-se de novo — que tinha sêde.

— E a cachoeira ?

— Tá quasi.

Foram seguindo em silencio. De repente Ursulina perguntou :

— Você conhece seu Messias ?

— Uhm ! Uhm ! regougou o negro, e disse meneando com a cabeça : Ocê, Sulina, ocê não aguenta . . .

— É muito máu ?

— Eh ! eh !

Calaram-se e só se ouvia o crebro estalar das versas sob os passos e o lento sussurro da folhagem. Mas alguma coisa resoava na espessura. Era como um mugido de touro vindo de muito longe, d'algum valle perdido. Á medida, porém, que avançavam, ia-se o rumor tornando mais cavo e mais triste. Já era, então, como um forte e contínuo ramalhar d'arvoredo, mas estava tudo tão quieto, só se era algum vento que passava no alto, soprando pelas franças, sem chegar á terra baixa. Ron-

cava, estrondava estrupidantemente. Ursulina lembrou-se:

— É a cachoeira, Isidoro?

— É.

Iam perto e, assim como entravam, iam sentindo mais fresco, quasi frio; o solo era mais humido e molle, as folhas mais escuras. Aves respondiam-se e, tristemente, de pausa em pausa, um como gemido surdia dos mattos. E o barulho crescia escachoante, em marulho estrepitoso e perenne.

As aguas caudalosas de dois rios, juntando-se num delta, corriam algum tempo soltas, em levada tranquilla, até apertada garganta, entre alcantis — ahi rugiam conflagradas, aos tropellões, gorgorejantes, formando rebojo e rojavam-se violentamente em roncadora tromba, abriam-se em vasto e limpido lençol sobre um lageado, de onde se precipitavam por penhas e cavas, rolando, golfando, aos bulcões, borbulhando em fervedouros, borbotoando em olheirões e, de quéda em quéda, levantando no ar uma névoa luminosa em que, ás vezes, appareciam iris, lá iam fragorosas, aos cachões, alastrando em férvida espumarada o dorso liso de uma rocha, que era como o último degráu da escada immensa de penhascos e estrondavam em baixo, no fundo e pedregoso valle, rendilhado de samambaias derivando, brancas e serenas como um rio de leite, e perdendo-se em suave fluir entre pendidas arvores.

Luizinha amiudou os passos ansiosa, sedenta e lá foi em busca d'um sitio onde pudesse beber. Ursulina, porém, olhando as aguas que se arroja-

vam entrebatendo-se, teve um estremecimento — alargaram-se-lhe muito os olhos e, sem vêr a filha que se apressava sofrega, com a sêde que augmentava, á vista d'aquellas aguas claras e frias, ficou estatelada a olhar, a ouvir o estrondo da cachoeira, numa attracção mortal.

O negro levava a pequena pela mão, quando a mulata, arrancando-se resolutamente do lugar em que parára, avançou a correr, airada.

Luizinha acocorára-se á beira d'agua, mas no sitio a barranca era alta e as suas mãosinhas não alcançavam a corrente. Ursulina chegou e tomou-a. Isidoro escorregára, agarrando-se ás hervas, e já se ia agachando para beber, quando a mulata levantou a criança nos braços e, partindo, a correr, saltou da margem ao primeiro penhasco. Isidoro, olhando-a, perguntou assustado:

— Ond'ocê vai ?

A mulata não respondeu — pousou o pé na rocha immediata, já humida, e passou. Havia uma chanfradura escalonada, desceu ; sentia a friagem d'agua, galgou outra rocha e foi seguindo a equilibrar-se, de pedra em pedra.

— Ond'ocê vai, rapariga ? Ocê tá maluca ? Qu'é qu'ocê vai fazê ahi ?

A mulata deteve-se cançada e Luizinha, medrosa, atirou-lhe os braços ao pescoço, aos gritos, agarrando-se apertadamente com ella.

O negro avançou perseguindo-a — saltou ao penhasco receioso, evitando o limo escorregadio.

— Vórta, Sulina, ocê cum essa criança pur ahi, criatura. Vórta, deixa de maluquice, rapariga.

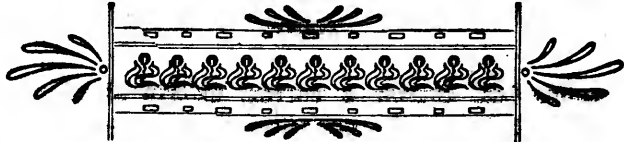
A mulata, virando a cabeça e dando com o ne-

gro no penhasco, avançou até á beira da garganta onde as aguas escorjadas atropellavam-se rugindo.

Luizinha gritava, esperneava, escondendo o rosto para não vêr o abysmo. O negro, de pé no penhasco, ainda gritou: «Vórta, rapariga!» mas a mulata não se movia.

De repente, como se lhe faltasse o apoio, resvalou. Um grito agudissimo fendeu os ares e dois corpos bateram estrondosamente nagua que os sorveu e os levou aos rebolos na corrente.

O negro sacudiu no ar os braços e ficou a olhar esgazeado, tolhido e viu a subita passagem dos corpos que emergiam e afundavam, volteando na espuma. Foram d'encontro a uma rocha, mas rolaram e precipitaram-se com as arrojadas aguas; bateram em baixo e apartaram-se; mas, como se se buscassem, seguiram-se na segunda quéda e desappareceram a rojões. E as aguas continuaram a estrondar, espumando, neblinando.

Lá em baixo, na serena corrente, passou um dos corpos rodopiando, roçando pelas pedras, depois o outro e lá foram. Ora uma rocha os detinha, mas logo a corrente os arrancava e lá iam; e sumiram-se entre a ramagem inclinada. O negro ficou a olhar aterrado, immovel como uma figura de pedra sobre o liso penhasco.

VI

Logo á porteira da fazenda, uma negra que por ali andava desgarrada, vendo apparecer Isidoro a trote esbaforido, alagado em suor, chamou-o da barranca com o curioso interesse de saber da mulata: «Como fôra recebida, que lhe dissera o Messias». Mas o negro, detendo-se, a arquejar esfalfado, bradou da estrada, ainda em assombro:

— Sulina morreu.

A negra sacudiu-se em abalo de espanto, correu para a beira da barranca e, curvada, de olhos muito abertos, exclamou:

— Cumu, criatura?

— Ni cachuêra.

— Cahiu?

— Quá! Foi êlle memu. Garô piquena e s'ajugô n'áua.

— Cumu!? insistiu a negra.

Mas Isidoro encolheu os hombros e, sem mais

explicações, deitou a correr, ladeira abaixo e a negra abalou ligeira por entre os mattos que se lhe agarravam á saia, afflicta, em ansia de divulgar o caso.

Melchior embalava-se na rede, gozando a aragem branda, quando o negro, coberto de pó, com o suor a escorrer-lhe do rosto, que reluzia, falou da escada :

— Benção, sinhô.

O fazendeiro sentou-se e, vendo o escravo, perguntou :

— Então ?

— Sulina s'atirô ni cachuêra, sinhô.

— Na cachoeira ! exclamou Melchior, pondo-se de pé a impeto.

— Sim, sinhô. Garô piquena i s'ajugô di pedra imbaixo. Piquena ia chorandu cum sêde, tudu caminhu pidindu agua, genti tinha di passá ni cachuêra ; genti parô i iô memu descê mod' apanhá agua, quando Sulina garô piquena i corê. Quand'iô viu já êlle tava ni pedra i foi sô chêgá ni beira d'agua i cahi...

— E tu ?

— Qui podia fazê, sinhô ?

E cabisbaixo, humilde, a tremer diante do fazendeiro, Isidoro, de braços cruzados, ficou em silencio, como á espera da sentença.

Melchior, d'olhos muito abertos, fitava o negro que se conservava immovel ; por fim disse :

— Vou mandar vêr, mas olha lá, Isidoro ! se o corpo de Ursulina não fôr encontrado quem me paga és tu, estás ouvindo ?

— Vasmicê mandi vê, sinhô.

— Vai-te embora.

Vagarosamente o negro desceu a curta escada e sumiu. Melchior não se moveu, torcendo nervosamente a ponta da barba, impressionado, arrependido d'aquella precipitada resolução que levára á morte duas criaturas. E se ella estivesse innocente ? E a criança ? Pobre Luizinha ! Fechou os punhos em assomo de colera e poz-se a andar ás passadas largas e ligeiras ao longo da varanda, resmungando, com um fundo remorso a esvurmá-lo, perseguido pela imaginação dolorosa d'aquellas mortes por pedras e aguas, mãi e filha fazendo-se pedaços, aos trancos pelas agudas cuspides das rochas, levadas de rolo nos golfões.

A subitas, introspectivamente, reviu a noite macia quando, sorrateiro, furtivo como um ladrão, descendo cauteloso aquellas mesmas escadas, brancas ao luar, como se fôssem de marmore, atravessára silenciosamente o rosal silencioso, entrára na sombra do caramanchão e, entre o aroma das flores e o frescor d'aragem nocturna, no recesso mais fundo, chamando aos cicios, em voz tremula, estendendo a mão tremula, tocára, sentira a carne da que o esperava, virgem, a mais bella das suas escravas, toda encolhida e gelada.

Foram-se-lhe os olhos para o caramanchão e mais lhe doeu o remorso. Pobre Luizinha ! Passos resoaram na varanda, voltou-se : era o medico. Chamou-o, contou-lhe a desgraça e os dois, commovidos, calados, ficaram a olhar o céu, vermelho e dourado para os lados do occaso.

— É o diabo ! suspirou o medico ; mas olhe : nem uma palavra á senhora, o abalo póde trazer

alguma complicação. Realmente a criança... Foi pena!...

Os olhos de Melchior iam-se enchendo d'agua e, em voz commovida, poz-se a dizer surdamente: «É o diabo! É o diabo!» E foram caminhando para o quarto, porque o medico receiava que alguma mucama mais indiscreta levasse a noticia a D. Mecia.

Na vasta cozinha, ao flammejar da lenha que ardia no immenso fogão, desde a chegada de Isidoro foi um fervilhar de colmeia assustada.

As negras, sabedoras do caso triste, deixavam os pilões, abandonavam as peneiras em que esburgavam vagens, e juntas, desoladas, commentavam a desgraça. As mais encarniçadas adversarias da mulata, como tocadas de arrependimento, clamavam fazendo votos a Deus pela salvação das duas almas. Quando a velha Barbara appareceu enrolando em volta da cabeça o panno da trunfa, ávida de pormenores, porque no quarto a mucama que lhe communicára ligeiramente o caso, em surdas e timidas palavras, apenas falára na morte, foi um novo e minucioso contar — cada qual, mais informada, accrescentava uma minudencia:

Esta, caramunhando, toda se arripiava a imaginar as dôres d'aquella morte; outra descrevia as aguas vivas, vermelhas de sangue; aquella quasi apontava os tassalhos de carne que iam ficando nas pedras; e maiores lamentos subiram. O sussurro crescia e o fogo, esquecido, flammejando em labaredas rubras dos negros buracos do fogão, avermelhava a cozinha toda negra de fuligem, espadanando com um barulho de lufadas bravias.

A velha negra, enxugando ao avental as lagrimas que lhe escorriam dos olhos fundos, referiu-se a Luzia: « Foi mod'ella! » e todas concordaram: « Foi sim, foi mod'ella ». Levantaram-se vozes contra a *mina*, cresceram accusações e todas, como se quizessem alijar a responsabilidade que lhes pezava, lançavam-lhe a culpa inteira: « Foi Luzia mêmu. Ella é qui andava sempre cum côsa: qui Sulina fazia, qu'acuntecia. E ella é qui foi falá a sinhô. P'ra quê? inveja só. Luzia não é bôa, não. Genti assim não acaba bem. P'ra quê? »

Barbara, sentada num tóro, meneava a cabeça sem dizer palavra. Uma negra, alta e magra, que fumava em silencio, como alheia a tudo, tirou o cachimbo da boca e, em voz grossa e rouca, disse sentenciosamente:

— Oia, genti, ocês, quando Luzia falava judava êlle, ocês mêmu; iô tava nu meu quietu, tava uvindo. Agora tá tudo ahi cum medu. Ocês mêmu judô. Não foi Luzia só, ocês tudo judô.

Ficaram todas tolhidas, d'olhos na grande negra que mascava acenando com a cabeça em affirmações insistentes:

— Ocês tudu.

E Barbara exclamou:

— P'ra quê? Era uma cumpanhêra, mãi di fia. P'ra que fazê má ansim? I agora? ocês fica cum'a morte ni cunsciencia, p'ra quê?

— Eu não, tia Barbara; eu não me metti nisso.

— Uê! eu não!

— Nem eu!

— Qu'é qu'eu fiz? Uai!

— Eu nunca sahi di meu canto modi falá di

ninguem; disseram todas baralhadamente desculpando-se e algumas, intimidadas com aquellas palavras que as condemnavam, sahiam para a porta resmungando, quando Luzia appareceu. Olharam-na e a *mina*, sem dizer palavra, foi direita ao fogão, agachou-se, accendeu o cachimbo e, cavando fundamente as faces, a chupar fumaças, quedou-se a olhar. As vozes foram cahindo, apenas ficou o alegre crepitar da lenha que estrellejava faiscas.

Barbara levantou-se guaiando: Ai! ai! e ia sahindo, quando a *mina* perguntou friamente:

— Qui foi issu d'Usulina? Módi que?

— Uai, Luzia, i ocê não sabi? retrucou uma cafusa bambaleando-se, de mãos nos quadris anchos.

— Eu não, respondeu com indifferença a negra esguichando uma cusparada longe.

— Foi mod'ocê mêmu, disse a rapariga por entre os dentes cerrados.

— Mod'eu?

— É, é... finge.

— Mod'eu?

— Mod'ocê mêmu, insistiu. Quem andô mettendu côsa ni cabeça di sinhá? Ocê viu? Ocê viu Sulina fazê o qu'ocê disse? fala!

— Ah! amuou a *mina* abotoando os grossos beiços. Ocês tá mas é cum mêdu. Quand'Usulina sahiu, ocês tudo bateu parma aqui, ocês tudu tomô pagodi, agora tá hi cum fingimentu.

— Tá bom, genti, tempu tá corendu, qui fazê tá hi. Dêxa dicançá quem dicançô.

— Mod'eu! Mod'eu... Eu é qui fui tola, divia dexá ella aqui, ella é qui sabia levá ocês.

A magra levantou-se e, batendo as mãos, disse:
— Eu, p'r'u mim, tô co meu spritu sucegadu. Pru mim, não. E foi sahindo. Luzia seguiu-a resmungando, e na cozinha ficaram apenas as negras do serviço besoando sobre o caso, como um enxame de moscas em torno d'uma sangueira.

Apezar dos receios de Melchior, o medico despediu-se: tinha afazeres urgentes na cidade, tinha a Misericordia e a sua presença era ali desnecessaria. Tivessem cuidado, evitassem os abalos, deixassem-n'a deitada e quieta, elle viria depois; para o mais lá estava a velha Barbara, mais entendida do que muito medico e cuidadosa como ninguem.

Melchior mandou atrellar os animaes ao troly e, com a fresca da tarde, á hora em que os caminhos cheiram e as jurityS gemem, lá se foi o doutor acenando alegres adeuses, até que se perdeu além da porteira, no alto da verde collina, sumido entre os viçosos milhos. Melchior ficou na varanda espraiando o olhos por aquelles vargedos que se começavam a nublar.

Caladamente a tarde esmorecia. Já nos longes da serra, pelos cabeços altos, nevoas fluctuavam. Cigarras faziam um concerto estridulo nas arvores. Homens e animaes recolhiam no mesmo andar fatigado e moroso. Diluiam-se as ultimas côres no céu pallido e, aqui, ali, scintillavam estrellas tremulas. Fechava-se, a mais e mais, o silencio, á medida que a paizagem desapparecia fundida em sombra.

Monotonos, gargarejantes, os sapos entraram a cantar; o ar encheu-se de morcegos que esvoaçavam aos trissos.

Um rastro de luz amarella alastrou a varanda. Melchior voltou-se e, vendo a lampada accesa a oscillar na sala, ficou a olhar esquecidamente, immobilisado. Mas um tropel despertou-o, correu com o olhar á cancella. Já um negro, que prendera o cavallo á argolla d'um moirão, corria em esbaforida pressa para a escada.

— Benção, sinhô! e estendeu-lhe uma carta.

Melchior recolheu com ella, abriu-a á luz e leu: Era do Messias.

Lá vinha a noticia do funebre achado dos cadavares no rio — o de Luizinha fôra ter a um remanso e ficára entre as hervas, mutilado e roxo; o de Ursulina encalhára numa costada, feio, horrivel, lacerado, como se féras o houvessem abocanhado e roído. Ficou largo tempo a olhar aquelle papel que trazia a confirmação da desgraça; subito subiu-lhe ao peito um suspiro. Amarfanhou a carta e, sem lembrar-se do negro, que esperava na varanda, foi caminhando para o escriptorio lentamente, derreado, abatido.

No quarto, á luz d'uma lamparina escassa, D. Mecia dormia tão branca, tão serena, em tão rija e estendida postura, as mãos em repouso, juntas sobre o peito, que mais parecia a sua imagem em marmore.

Em torno tudo era repouso e silencio — as vigilias dormiam: uma das mucamas junto á mesa de páu santo, a outra estirada no tapete e Barbara a um canto, sentada, com a cabeça pendida

sobre os encolhidos e agudos joelhos, por vezes, em resomnar mais forte, despertava atontada, olhava, e logo, movendo-se vagarosamente, de gatinhas, ia espiar a senhora, tornando tranquillamente ao seu canto a reatar o somno interrompido.

Melchior ficara no escriptorio afundado na rêde; volta e meia, porém, lá ia em bicos de pés, entreabria lentamente a porta, parava um instante, olhando, escutando e retrocedia com os mesmos cuidados.

Toda a casa immensa dormia e lá fóra a noite reinava sem o mais leve bulicio, muda sob as estrellas. Mas naquelle abafado silencio de somno, de repente estrepitou um estalido secco. D. Mecia moveu-se num lento e molle alongar dos braços, num lento volver do rosto. Descerraram-se-lhe os olhos, correndo ligeiramente o quarto depois, muito alargados, fixaram-se na porta que cedia silente como impellida por um vento subtil e aberta ficou sobre o negro e fundo corredor calado.

A abatida senhora empallidecia e tremia como se rispido frio de inverno houvesse invadido e gelado o aposento; mais se lhe dilatavam os olhos fulgurantes e a boca ia-se-lhe abrindo aos poucos.

De repente, colleando, procurou chegar para a beira da cama, d'olhos sempre na porta; estendeu medrosamente o braço a apalpar, a tactear; chamou, em voz quasi sumida: «Julia! Julia!» O silencio continuava e maior e mais pávido. «Julia!» Mas foi a velha negra quem despertou. Ergueu-se, correu ao leito, inclinou-se. D. Mecia, ao

vê-la, sacudiu-se em forte tremor de espanto e voltou-se impetuosamente, repuxando os lençóes, como a fugir á visão.

— Qui é, sinhá ? Qui é qui vamcê tem ?

Um grito espavorido retiniu no silencio. As mucamas levantaram-se precipitadas e Melchior appareceu assustado, indagando. Accenderam-se velas e D. Mecia, ouvindo o marido, sentindo-o a seu lado, foi, aos poucos, tranquillisando-se, sem, todavia, atrever-se a descobrir o rosto e poz-se a falar abafadamente, aos arrancos :

— Que horror ! minha Nossa Senhora. Que horror !

— Mas que foi ? interrogou Melchior.

Depois d'um silencio ella murmurou : « Luizinha . . . » Os que a cercavam olharam-se assombrados. Barbara persignou-se e foi encostar a porta, tornando em ponta de pés. « Onde está Luizinha ? » perguntou a senhora encolhendo-se mais. O fazendeiro lançou ás escravas um olhar afflicto como a pedir conselho. Que lhe havia de dizer ? mentiu :

— Mandei-a com a mãi para a outra fazenda.

D. Mecia levantou um dos braços que sahia, alvo e nú, da manga encolhida da camisola e abalou-o em gesto negativo, repetindo pausadamente :

— Não ! Não ! Luizinha não foi para a fazenda ; não ! Luizinha morreu.

— Estás louca ?

— Oh ! se morreu ! Eu vi !

— Viste o que ?

Ella voltou-se e, livida, demudada, explicou em voz surda, de segredo, mostrando a porta :

— Foi por ali que ella passou. Eu vi.

Todos, irresistivelmente, voltaram-se para a porta e ella continuou, chegando-se muito a Melchior, que se sentára no leito, acariciando-a:

— Não foi sonho; eu estava numa modorra quando senti no braço uma mão fria, muito fria e humida, como se estivesse molhada. Estremeceu, esfregou ligeiramente o braço nú e continuou... e ouvi uma voz que me chamava — era a voz de Luizinha. Abri os olhos e vi, vi, por Deus! Vi a pequena aqui, perto da cama, a olhar-me, com os olhos muito apagados, roxa, o vestidinho roto e molhado collando-se-lhe ao corpo, os cabellos empastados, muito lisos, escorrendo-lhe pelo rosto.

— Isso foi sonho, filha.

A velha Barbara confirmou:

— Vamcê sonhô, sinhá.

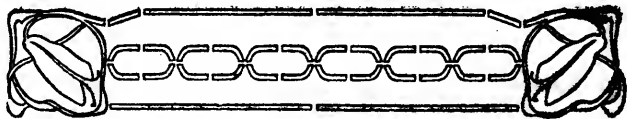
Ella continuou:

— Fiquei olhando e Luizinha sorriu com tristeza. Eu ia chamá-la, quando ella foi indo devagarinho, sem bulha, como se os seus pés não tocassem no chão. A porta abriu-se e ella passou.

— Foi sonho, insistiu Melchior. Estás preoccupada com o que houve e sonhaste. Dorme, nós ficamos aqui.

— Mas para que mandaste Luizinha para a outra fazenda?

— Foi com Ursulina.

A velha negra, na sombra, meneou a cabeça sentidamente. A senhora, d'olhos sempre abertos, quedou immovel. De instante a instante voltava-se, lançando um olhar medroso á porta.

VII

Abruptamente, no silencio da noite, rompeu um alarido alarmante. D. Mecia agarrou nervosamente o braço do marido e, á escuta, com expressão de indizivel horror nos olhos muito abertos, tremia, com a respiração entrecortada e curta; as mucamas juntaram-se mais, Barbara e Melchior contiveram-se attentos.

De novo, estrugidoramente, gritos repercutiram e, como se fôssem de espectros que errassem na terra e no ar, pareciam sahir de pontos differentes. Vozes alarmavam, portas batiam com violencia, passos atropellados abalavam a casa.

Melchior levantou-se para sahir, mas D. Mecia prendeu-o, implorando: que a não deixasse só; atirou-lhe angustiosamente os braços ao pescoço, chorando em tremor convulso, e elle sentia-lhe a mão gelada, o rosto gelado e o fremito do corpo.

A grita crescia lá fóra, como no terror de ino-

pinado assalto. Era no *quadrado* e, como se os negros se houvessem rebellado e brigassem assanhadamente, eram brados e vozes apavoradas, clamores e guaiados.

Com o estrondo que faziam nas portas dir-se-ia que as forçavam em furia de excidio; a madeira resistia aos embates, mas toda a casa, com as abalroadas, atroava e tremia; e, de longe, do curral do cerro, como se o gado presago adivinhasse a chacina, vinha um côro lamentoso de mugidos que ainda mais assombrava a noite temerosa.

Melchior não se podia mover, tão apertadamente o prendia D. Mecia, mais forte com o medo que elle com os seus valentes musculos de cavalleiro e caçador. Falavam pela casa, passos aligeiravam-se pelo corredor e, por vezes, era como um grande vento que rugia e esfuziava.

No quarto o silencio abafava; o terror continha em immobilidade o grupo; mesmo Melchior, que zombava de tudo, sentia-se opprimido: o coração batia-lhe precipite, iam-se-lhe as mãos esfriando e sentia na cabeça um como arripio que lhe eriçava os cabellos, sentia-os hirtos e duros e mais e mais o coração batia. Veiu o silencio e, na quietação, o medo cresceu, na espectativa d'alguma coisa mais lugubre, como se lá fóra andassem mysteriosamente a preparar a catastrophe.

D. Mecia ousou então perguntar num fio de voz:

— Que será?

— Eu vou vêr, disse Melchior, e ella, exhausta de forças, deixou-o ir, guardando a mesma attitude, como se o tivesse a seu lado. As mucamas, mui-

to encolhidas, rezavam e Barbara poz diante do Christo, na mesa de páu santo, um dos castiçaes de prata, no qual restava ainda um coto. Melchior abriu uma gaveta e logo a fechou arrebatadamente e abalou pelo corredor escuro, atravessando o escriptorio, a sala de jantar, riscando phosphoros, que lampejavam e morriam.

O silencio era, então, geral; apenas, de vez em vez, nos escuros cantos ruidos precipites de fugitivos ratos fervilhavam, o mais estava como morto. Levantou a tranca da porta e abriu-a largamente. Uma fria lufada bateu-lhe em cheio no rosto. O *quadrado* alvejava, deserto e mudo, ao luar. De pé na soleira da porta Melchior olhava, quando distinguiu um vulto que se perdia na sombra do alpendre, lenta e surdamente.

— Quem está ahi? bradou.

O vulto deteve-se como á escuta; um clarão luziu subito e extinguiu-se na tréva.

Melchior bradou de novo:

— Quem está ahi?

— Sou eu, sinhô.

— Quem?

— Moçambique. Era o feitor negro.

— Que foi isso ahi, Moçambique? O negro avançava atravessando o *quadrado* em passos ligeiros. Que barulho foi esse ahi?

Num e noutro ponto appareciam luzes, portas entreabriam-se laivando a sombra com o livido clarão das frestas illuminadas. O negro murmurou uma saudação e ficou de pé, ao luar.

— Que barulho foi esse ahi, Moçambique?

— Modi qui foi sombração, sinhô. Já bati

tudo; genti tava drumindu. Qui é qui podia sê, sinhô? Isidoro diz qui viu sombração, qui era Usulina mais a fia.

— Onde está Isidoro?

— Tá lá, sim sinhô.

— Vai chamá-lo.

O negro atravessou o *quadrado* e poz-se a bater a uma das portas, outras abriam-se a mêdo. Todo o quartel acordava. Vozes sussurravam, crianças gritavam nos cubiculos e fóra, em torno da casa, os cães de vigia ladravam longamente e os écos respondiam de longe, das colladas, das gargantas, soturnos. Moçambique reappareceu seguido de Isidoro — o negro caminhava como estremunhado, topando e, diante do senhor, cabisbaixo, rouquejou:

— Sinhô.

— Que foi que viste, Isidoro?

— Foi Sulina mêmu, sinhô... i piquena.

— Onde?

O negro voltou-se, estendeu o braço a mostrar o centro do *quadrado*.

— Ali, sinhô. Z'ôtro viu tamén, sinhô.

— Que outro?

— Malachia viu; Seraphim, Mané carrêro; Anna mulata... Tudu qui sahiu i oiô viu.

O fazendeiro ficou em pensativo silencio diante dos negros e a escravatura deixava as moradias, sentindo o senhor que era como uma garantia contra as almas que erravam, como se o seu poder prevalecesse no além, sobre os espiritos em pena dos escravos mortos.

E vinham chegando timidamente — negras com

filhos ao collo, outras trazendo candeias, discutindo, affirmando e, atravéz do *quadrado*, no claro espaço, sob o céu claro, de quando em quando passavam corujas chirriando.

— Malachias !

— Nhô !

Um negro baixo, reforçado, destacou-se do grupo.

— Você viu alguma coisa ?

— Viu Sulina i piquena, sinhô.

Outros affirmaram, mostraram o lugar em que haviam avistado as apparições e uma negra lembrou :

— Mió é mandá rezá missa . . . Zéri qué missa . . . e, em murmurio confuso, todos concordaram.

A lua inclinava para os lados dos montes, o ar era mais fresco e mais grato ; o silencio tornava-se menos pesado e triste, sentia-se no ar, invisivel e alegre, o annuncio d'alva dispersadora d'assombros.

Um gallo, em voz metallica, quebrou o encanto da noite sinistra e foi por toda a volta da casa um vibrar de cantos matinaes, subindo ao purissimo céu no esplendor do luar.

Quando Melchior reappareceu no quarto, D. Mecia, entre as negras, velava apprehensiva.

— Que foi ? indagou pressurosa e as negras, se não falaram, puzeram nos olhos toda a ansia da curiosidade. Melchior encolheu os hombros como a um caso banal :

— Coisas de negros, disse.

— Mas que foi ?

Expoz rapidamente, com receio de que qualquer perturbação o denunciasse, a mentira que imaginára: «O portão ficára aberto, um novilho entrára e, assustado, não atinando com a sahida, puzera-se a berrar; depois um trabalho para tocá-lo, toda a gente de pé. Desmazellos...» E, ao fim das palavras, respirou alliviado.

D. Mecia ouvia com expressão de incredulidade, como se percebesse a fabula: mas na fadiga da medrosa vigilia, aquella narração verosimil operou beneficamente.

— Que horas são?

— É quasi manhan.

— Graças a Deus!

E, na certeza da luz proxima, repousou. A vela crepitava acabando: subitamente, em ultimo vasquejo, estrebuchando, extinguiu-se. E velando, ficou apenas, tremulamente, a lamparina escassa.

D. Mecia adormeceu, as mucamas, prostradas, perderam-se nos cantos e, como Melchior fôsse deixando o quarto em pontas de pés, a velha seguiu-o sorrateiramente e, no escuro corredor, implorou segredo:

— Sinhô, manda rezá missa mod'ella. Sulina tá pidindu missa. Foi Sulina mêmu, coitada!

E de mãos postas, agachava-se a chorar e ajoelhou-se. O fazendeiro não teve uma palavra, seguiu para o escriptorio, deixando a negra em pranto, ajoelhada na sombra do corredor.

•

Ao lusco-fusco da manhan, na fórma, quando Moçambique bradou o nome de Luzia *mina*, fez-se

subito silencio ; os negros inclinando-se cochichavam, procurando a parceira. De novo o feitor bradou percorrendo com os olhos a linha oscillante, e, como não viesse resposta, voltou-se para o quarto da negra, no angulo do quadrado, junto ao deposito dos arreios : a porta estava fechada.

Resolutamente caminhou para lá e bateu, chamou, sacudiu a porta ; de novo e mais estrondosamente bateu e chamou. Como não houvesse resposta, nem movimento algum no cubiculo, ficou a olhar intrigado ; agachou-se, espiou pela fechadura, batendo ainda, rijamente ; por fim, com desconfiança, despachou um moleque para prevenir o senhor.

Quando Melchior appareceu, os negros levantaram um vozeiro saudando-o ; elle passou desattento e foi direito ao feitor, que não se arredára do angulo do *quadrado*, como a guardar o quarto da escrava.

Melchior chegou-se á porta, empurrou-a, chamou. Por fim, com enfurecida impaciencia, ordenou : « Arromba » ! Moçambique recuou e, agachando-se, arremetteu d'hombro á porta, que cedeu indo bater violentamente d'encontro á parede com estrondo.

Dentro, na escuridão, tudo estava em silencio. Melchior subiu á soleira e chamou ; não houve resposta. O negro, então, penetrou cuidadoso, esquadrinhando os cantos, curvado ; de repente estacou com uma exclamação espavorida :

— Tá qui, sinhô !

Melchior apressou-se e os dois homens, no fundo obscuro do quarto, deram com um vulto im-

movel. De borco, as unhas cravadas na terra, a negra jazia dura, encolhida, como uma entrevada. Melchior ficou algum tempo a olhar, tocou o hirto cadaver com o pé e ordenou ao negro que o voltasse, e foi um assombro quando viram o rosto desfigurado, quasi irreconhecivel da escrava — a boca horrendamente contorcida e aberta, os olhos vitreos, immensos, alargados, com espantosa expressão, a face contrahida e arranhada e, nos dedos, que haviam escarvado a terra dura, a carne estava toda roída.

Os dois homens contemplaram em silencio o hediondo cadaver ; por fim Melchior, dando volta, sahiu e, sem deter-se, caminhou para a casa lentamente, calado. Os negros, então, debandando tumultuosamente, precipitaram-se para o cubiculo, invadiram-no e, diante da morta, toda encolhida e enrijada, foi um esconjurar de horror, um exclamar pasmado.

Negras retrocediam aterradas, persignando-se, arrependidas de haverem entrado, aconselhavam as companheiras que voltassem e cuspiam de nojo e o vozear attribuia aquella angustia da morte ás almas.

« Foi Sulina . . . Foi Sulina . . . Oia cumu ella tá . . . Foi Sulina . . . » Mas a velha Barbara rompeu o denso grupo e, junto ao cadaver, depois de fazer o signal da cruz, meneou a cabeça e, como se ainda pudesse ser ouvida pela defunta, poz-se a dizer contemplativamente :

— Tá hi, Luzia ; p'ra quê fazê má ? Tá hi, Deus Nossinhô te perdôe. Otra tava nocente, coitada ! i criança . . . Tá, hi . . .

E foi sahindo a murmurar. No bando affirmava-se:

— Foi mêmu, coitada! Foi aleive di Luzia. Sulina tirô vingança.

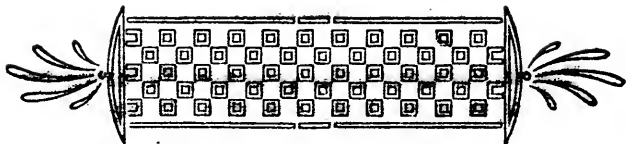
A sineta tiniu vivamente e os negros abalaram em tropel, tornando á fórma. Moçambique correu ao chamado e Melchior, que o esperava á porta, deu-lhe uma carta ordenando que fizesse sahir o troly coberto com a melhor parelha para buscar o padre á cidade.

Na manhan seguinte, cêdo, a capella resplandecia. D. Mecia, a quem Melchior dissera, occultando a sinistra verdade, que mandára rezar aquella missa em acção de graças pela sua salvação, mesmo no leito, entre as mucamas ajoelhadas em torno, ouvindo a campainha que, de espaço a espaço, tinia, repassava devotamente o seu rosario.

Ao fim do sacrificio o velho padre Claro, seguido d'um negro que levava a caldeirinha, percorreu o *quadrado* rezando. Ia vagarosamente, de quarto em quarto, detinha-se ante todos, a aspergir; os negros escancaravam as portas para que a agua santa chegasse, em rorejo, ao interior dos seus lares; alguns ajoelhavam-se nas soleiras, a cabeça curvada, as mãos em cruz no peito, contritos. Gottas seccavam nas paredes, eram sorvidas pela terra, lacrimavam os portaes.

Erguendo o olhar para a floresta, que encrespava frondosamente a collina sobranceira á casa, o padre sacudiu a ablução, purificando, mesmo de longe, o arvoredo e as aguas que lá nasciam; depois, na varanda, tres vezes, largamente, aspergiu em cruz exorcisando a terra e o ar, expurgando a

fazenda e, como o gado, ainda preso, mugia e balava, reclamando os seus prados e os seus ribeiros, murmurou palavras sagradas e, de novo, tres vezes embebeu o hyssope e sacudiu-o na direcção das cercas, depois, seguido da turba negra que não calava um murmurio estuante de reza, lá foi, como em santa missão, e fez lentamente a volta da vivenda, abençoando a casa, abençoando o ar, abençoando a terra que, ao receber aquelle divino orvalho, parecia reverdecer com mais viço e belleza ao sol que começava a dourar os outeiros.

FERTILIDADE

FERTILIDADE

I

A João Luso.

Quando a carriola do Matheus apparecia na villa, com estridente rangido de ferragens, as rodas bambas, frouxas, oscillando nos eixos, ao tróte lerdo do burrico, era um alarido atordoante desde as primeiras casas, augmentando á medida que o desconjuntado vehiculo entrava no povoado rodando, aos trancos, estrondosamente, nas angulosas viellas calçadas a pedregulho.

A criançada, por traz dos muros de taipa, escondida entre os espinheiros das cercas, encarapitada nas arvores, vociferava injurias, apedrejando a caranguejola acogulada de cestas de legumes, samburás de frutas, cofos, balaios, caixotes d'ovos empalhados, capoeiras d'aves que elle levava ao porto nos dias em que passava a barca do pombeiro.

Era um homenzarrão possante, de largos hombros, braços musculosos cobertos de vello grosso como cerda. Pouco se lhe via do rosto ossudo, côr de barro, porque a rija, eriçada barba era nelle tão densa como herva em tapéra. As abas largas do chapeu derreavam-se-lhe sobre a fronte escantilhada, deixando apenas os olhos livres, olhos redondos de abutre, pequeninos, ariscos, sempre espreitando desconfiados. Ainda mais lhe accentuava o typo de rapace o grande nariz, afilado e adunco como bico d'aguia.

O cachimbo não lhe sahia da boca, ardendo, fumegando entre a barba intonsa como fogo em macéga.

Taciturno, mazorramente calado, sempre de cabeça baixa, não deixava o chicote e rosnava, voltando-se inopinado, com olhares que chammejavam, quando se sentia seguido pelos garotos, que não só o acossavam com chufas e impropeприos, como o puxavam pelos andrajos pôdres, fugindo, a rir, com tropheus de melambos.

Trabalhadores suspendiam o serviço, sahiam á beira dos caminhos, fazendo côro com a garotagem: « Corujão! Oh! Corujão! » e atiravam-lhe cascas de frutas, torrões, pedaços de páu, immundicies.

Elle retinha o animal, relanceava o olhar em volta, tirando vagarosamente o cachimbo da boca e, de pé na boléa, ameaçava com o chicote, bradando obscenidades que provocavam estrondosas gargalhadas. A vaia recrudecia: ajuntavam-se grupos, affluia gente ás janellas, ás portas dos negocios e, de todos os lados, esfusiavam berros: « Corujão! Come cobra! »

Zuniam pedras, os mesmos cães investiam e, cercando o carro desconjuntado, acirravam-se contra o burrico, que se conservava immovel, d'orelhas fitas, como a ouvir, emquanto o dono esbravejava, com acenos indecorosos e ameaças sanguinarias.

Se alguma pedra o alcançava, espumando de colera, o velho precipitava-se a correr, brandindo o chicóte. A chusma dos perseguidores dispersava-se, mas a primeira pedra partia dos mattos, outra vinha d'além muro, ainda outra, era uma saraivada. Elle desviava-se aos pinchos ; por fim, desencravando calhaus, atirava-os ao acaso para as hortas, para as arvores, para as moutas do campo, porque em toda parte sentia inimigos. Ás vezes um grito lancinante vibrava, algum ferido. Matheus corria satisfeito, vingado, trepava ligeiro para a boléa e zurzia o burrico, que disparava sacolejando a velha e escangalhada carriola.

Havia dias, porém, em que passava indifferente a tudo — injuriavam-no, perseguiam-no, as pedras silvavam e elle lá ia, acurvado, fumando, sem voltar, sequer, a cabeça.

Vivia num reconcavo tristonho, na aba da serra, entre grotões. Era um terreno concavo, larga depressão fechada por barrancas, onde as aguas das chuvas rebalsavam-se em alagadiços, que logo se enchiam de sapos. Com as levadas que se despenhavam da serra em torrentes ficavam expostos lombos de pedras, lages immensas, cabeços de rochas, como ossaria escalvada que viesse á tona da sepultura.

A casa, levantada por elle mesmo, de barro, coberta de sapê, dominava um planalto, mostran-

do o esqueleto de ripas e grandes frestas de onde cahira o adobe, por onde passavam os ventos. Em torno, á sombra d'arvores, havia o chiqueiro e uma cerca de páus a pique para os bois e as cabras. A criação de pennas vivia solta tirando as suas ninhadas no matto, dormindo empoleirada nas arvores.

A cultura mirrada esturricava-se ao calor d'aquella furna ou perdia-se nas inundações.

Havia sempre uma calamidade para affligi-lo — o sol ou as aguas, quando não eram os gafanhotos ou as lagartas que, em uma noite, lhe inutilisavam todo o trabalho penoso de mezes, reduzindo-o á miseria. No pomar, que fazia sombra á choupana, tinha elle a sua renda mais segura.

De Março em diante eram as laranjas que amadureciam, depois as jaboticadas, os cajús, os figos, as pinhas, os cambucás, os pecegos — era a fartura. Essa mesma, ás vezes, falhava.

A terra era ingrata — crosta escassa sobre rochas, sem força para produzir. Debalde elle a cobria de estrume, aproveitando todo o estravo dos animaes ; debalde a revolvia — era sempre magra, sempre fraca, dando uma planta pallida e rachitica.

O seu sonho era vender aquelle raleiro, comprar uns alqueires na planicie, perto da costa, em zona fertil e sadia, livre d'aquellas pedras, livre daquellas aguas. Teria o seu barco e, elle mesmo, enchendo-o até ás bordas, abrindo a vela ao vento, deixaria o porto, á noitinha, amanhecendo no mercado com a sua quitanda, vendendo-a bem e regressando contente, com o dinheiro na bolsa de couro e novas sementes para rendosas culturas.

Vivia só, porque a Luciana, mulher do Valentim oleiro, que fôra condemnado por crime de morte e ficára desamparada, aceitando a sua proposta de mancebia, ao fim de um anno deixou-o, contando horrores da vida que levára naquelle antro « com o homem mais sujo que conhecia ».

Sempre faminta, quasi nua, que nem uma camisa tinha para pôr em cima do corpo, dormindo em palhas de milho, sem um panno, ao menos, trabalhando na roça desde a madrugada até á noitinha e ainda aturando impertinencias e brutalidades, porque o diabo até parecia que contava as laranjas nas arvores e andava catando cascas no caminho para berrar que o estavam roubando.

Ninguem o visitava. Carvoeiros, que passavam na vizinhança da cabana, diziam : « Nunca se vê signal de fumaça naquella tóca. Ali não se accende fogo. O *corujão* parece que vive de fruta, como os macacos. Ninguem sabe o que elle faz do dinheiro que ganha. Está guardando para o diabo ».

Os commentarios que se faziam sobre a vida solitaria e mysteriosa do velho, foram, a pouco e pouco, tornando-se lendas. Matheus passou a ser olhado como um ente fantastico, especie de homem demonio. As velhas esconjuravam-no, batiam com as janellas, atiravam punhados de sal ao fogo quando ouviam o rodar do seu desmantelado vehiculo.

Os pequenos, nos quaes o terror se ia infundindo, rareavam. Atrevidos nos primeiros tempos, foram-se tornando timidos, fugindo, escondendo-se quando o conhecido estrepito da carriola annunciava a passagem de Matheus.

Todos os males que sobrevinham eram attribuidos ao miseravel — as grandes seccas ou as chuvaradas alagadoras, as pestes das aves, as pragas das plantas.

« Isto foi coisa daquelle excommungado ! » rosnava o lavrador percorrendo as terras exsiccadas, onde as culturas pendiam languidas, murchando.

Toda a gente estava convencida do prestigio funesto do caboclo e da sua maldade.

Ao espalhar-se a noticia do desapparecimento de Miguelinho, malandrim perigoso, filho de uma pobre mulher que vivia miseravelmente num rancho, á boca da matta, catando hervas medicinaes, logo se affirmou que o pequeno fôra assassinado pelo bruxo. Houve até quem garantisse que, certa noite, apezar dos trovões, ouvira gritos abafados na rua, justamente no momento em que passava a carriola fugindo sob a borrasca.

A mãi do pequeno andou de porta em porta chorando, referindo a sua desgraça, pedindo que a soccorressem, que a vingassem do malvado.

Appareceu uma denuncia e as autoridades resolveram dar busca no antro do *Corujão.*

Quando a diligencia, com um delegado, soldados e moços dos jornaes, atravessou a villa, foi um alvoroço geral. As roças ficaram desertas, toda a vida paralysou-se. Intrusos offereceram-se para auxiliar a policia, a escola não funccionou porque toda a pequenada, varando afoitamente os mattos, lá foi em direcção á serra.

De janella a janella eram, a todo instante, exclamações de allivio : « Até que emfim a Justiça vem pôr eôbro a tanta maldade ». « Já era tempo.

Um diabo que só servia para atrazar a vida da gente. Foi elle mesmo que matou o pobresinho». «Ora! se foi...» O pequeno era detestado por ser vadio e obsceno, mas todos o lamentavam, fazendo carga sobre Matheus, tornando-o mais odioso.

«Aquillo foi para fazer bruxaria.» «Ainda a senhora diz... Um homem assim é um perigo. Quem se livra da faca de um assassino? E hão de vêr que não acham o corpo». «Ora... ainda mais elle... Aquillo deu sumiço ao coitadinho, enterrou-o por ahi, em algum grotão. Vão lá agora descobrir.» E, até á hora em que os homens regressaram, a villa agitou-se em reboliço como colmeia assanhada.

A diligencia chegou cedo ao reconcavo. Matheus, no terreiro, alisava o pello do burrico, falando-lhe com meiguice, como a igual, acariciando-o, rindo ao vê-lo espichar o beiço mostrando os dentes amarellos: «Sê tá rindo, rapaz...» E regougava folgazão. Em torno grunhiam as porcas fossando a terra, entre os bacorinhos; cabritinhos pinoteavam e bandos de gallinhas corriam ora a um canto, ora a outro, aos reclamos cacarejados dos gallos que esgaravatavam a terra.

De repente os cães puzeram-se a ladrar, magros podengos gafados que viviam ganindo, com o pello rapado, a cahir de lepra. Matheus levantou a cabeça e, dando com os soldados e os homens que os precediam, ficou immovel, olhando, a mão espalmada no lombo do burrico. O delegado adiantou-se:

— Você é que é o dono d'isto? o Matheus...?

O caboclo não deu resposta, olhando espantado.

Tirou o chapeu e o cabello espocou enorme, em

grenha hirsuta, cobrindo-lhe a cabeça como um turbante. O delegado insistiu:

— Então? Você é mudo?

— Matheus sou eu mêmo, sim, senhor.

— Vamos cá a uma coisa... E, mansamente, adiantando-se, a tocar os animaes com o guarda-chuva, disse: Eu sou da policia. Não venho aqui por mal: quero apenas que você me diga onde é que está mettido o Miguelinho. O caboclo franziu o sobr'olho. O Miguelinho, filho da Severa.

— Que Miguelinho? Eu não conheço Miguelinho nenhum. Aqui não vem ninguem.

— Nem á força? perguntou o delegado com expressivo sorriso.

— Á força! Como á força?

— Então o amigo Matheus pensa que essas coisas ficam assim? Houve quem visse o Miguelinho no seu carro, amarrado de pés e mãos.

— No meu carro! E avançando, fulo de raiva, desafiando com o olhar toda a turba que o mirava: Quem foi que viu? Quem foi? diga. Houve um silencio, elle deu d'hombros, resmungando: Tomára eu poder cummigo quanto mais andar pur ahi apanhando ruindades. Calou-se carrancudo, affrontando o grupo com um olhar feroz. De repente, voltando-se para o delegado, affirmou em assomo de ira: S'elle veiu cummigo tá ahi, vosmecê percure.

— É o que vamos fazer. A casa está aberta?

— Vosmecê não tá vendo?

— Então venha comnosco. E, a sorrir, ajuntou: Olhe que nós somos visitas, tio Matheus. Você, pelos modos, parece que não está muito satis-

feito com a nossa presença. Ande, não seja assim espinhado; venha mostrar-nos a sua casa.

Vagarosamente, resmungando, o velho adiantou-se enveredando para a choupana. Do grupo que ficára em baixo alguns homens avançaram penetrando com o delegado no miseravel casebre, que tresandava a fumaça e a môfo. Matheus abriu as janellas, escancarou as portas e, ao sol que entrára, realçando a pobreza sórdida, alargou os braços num gesto franco.

— Vosmecê veja. Cate tudo. O qu'eu tenho tá hi. E encostou-se á parede, bambaleando a perna.

O interior estava de accordo com o habitante — chão de terra, muros fendidos, esburacados; a palha da coberta esfiapada pendia em franjas por entre as ripas. Uma velha mesa de pinho negra, encoscorada de immundicie, dois bancos com assento de palha, uma prateleira suspensa por cordas onde havia canecas, pratos de folha. A cama era um giráu estreito e raso, coberto de palhas de milho, forrado com alguns saccos. A um canto pequeno bahú de couro. Na parede um grande registro do Senhor dos Passos tisnado de fumaça, a espingarda, o polvarinho e velhas mudas de roupas remendadas.

Na cozinha, negra de fuligem, cheia de picuman, sobre tres pedras, no chão, estava uma panella de barro. E era tudo.

Sentia-se a sordicie. Grandes aranhas trepavam pelas vigas; pedra que se deslocasse era logo esfervilhar de vermina; minhocas colleavam pelos cantos.

O ordenança do delegado abriu o bahú e poz-

se a sacudir andrajos, tiras de panno, um pedaço de lona roída. Houve um alvoriço de baratas que fugiam assanhadas, esvoaçavam, enormes, cascudas.

Desfeito em embrulho de papel — havia de tudo: sementes, favas seccas, um breve, velhas chaves enferrujadas. O delegado esquadrinhava, mettia a ponteira do guarda-chuva nos cantos, esfuracando. Fóra, era um murmurio de vozes, rumor farfalhante de passos — eram os da villa que andavam batendo os mattos, procurando vestigios do crime e saciando a curiosidade. Os pequenos, mais ousados, com os saccos dos livros a tiracollo, desciam aos grotões, raspavam a terra e, como as laranjeiras vergavam carregadas, alguns furtavam rindo, quebrando propositadamente os galhos e mettiam-se nos mattos chuchurreando.

Alguem lembrou-se de vêr se havia alguma coisa debaixo do giráu. Matheus que, até então, se conservára immovel, calado, indifferente, adiantou-se coçando a cabeça, com o olhar airado. Pela abertura da camisa desabotoada via-se-lhe o peito guedelhudo, arfando. Não se conteve, falou:

— Ahi em baixo? Que é que póde cabê ahi em baixo? O delegado desconfiou e, fitando os olhos no caboclo, notou-lhe a perturbação. O desgraçado compromettia-se. Tremulo, com a voz estrangulada, oppondo-se ao exame, insistia, com um sorriso idiota: Mas vosmecê tá teimando á tôa. Qu'é qui póde cabê num lugarinho ansim?

O delegado bradou ao ordenança:

— Arreda essa historia!

O caboclo ainda insistiu; poz-se de cocoras, es-

tendeu-se a fio no chão e, mettendo o braço debaixo do giráu, entrou a raspar, falando surdamente :

— Qu'é qui tem aqui... ? Isso mêmo é teima di vosmecê. Qu'é qui póde cabê aqui... ?

— Arréda ! Arréda ! bradou o delegado impaciente.

O soldado tomou, a mãos ambas, o giráu, mordendo o beiço, avançando uma perna, derreando o busto para dar toda a sua força ao arranco e não conteve o riso quando, ao primeiro impulso, e leito cedeu, muito leve, estalando, como a desconjuntar-se. Arredou-o. O chão porejava humidade ; bem ao meio havia um monte de pannos em torno dos quaes rastejavam bichos molles. O caboclo retorcia a barba ; ouvia-se-lhe a forte respiração angustiosa.

— Tira tudo isto ! ordenou o delegado.

Já a noticia chegára lá fóra e acudia gente para vêr o cadaver, alguns enojados, franzindo o rosto, de lenço ao nariz, presentindo o máu cheiro. Quando o soldado, com escrupulo, poz-se a afastar os pannos com o sabre, o silencio tornou-se absoluto. De repente appareceu uma panella de barro, enterrada até ás bordas, atopetada de moedas de nickel. O delegado voltou-se, procurou o caboclo — o desgraçado, de pé, os braços cruzados, chorava remordendo a barba :

— É u qui é, ta hi : é o meu suor. Vosmecê leve. É u qui é... o meu trabalho, o meu suor. Revolveram, esvasiaram a panella : só acharam moedas. Tá hi.

Fóra, depois de pesquisada batida, não encontraram indicio algum do crime.

Eram duas horas, o sol queimava, coruscando nas pedras, quando o delegado deu a busca por finda.

— Então você não sabe do Miguelinho ?

— Não sei.

— Elle ha de apparecer, disseram em tom de ameaça.

Matheus ergueu-se na ponta dos pés procurando vêr quem faláraa e bradou :

— Ha d'apparecê . . . ha di mêmo. S'ello não morreu ha d'apparecê. Deus Noss Sinhô não dorme. E quando elle apparecê eu quero vê a cara de vosmecês. Então é só levantá farso ? vexá um homem qui vive no seu canto, qui não faz mal a ninguem ? Eu sei . . . Isso não foi modi Miguelinho nenhum, isso foi só móde dar fé da minha vida, vê o qu'eu tenho. Pois não é roubado. Fôsse todo o dinheiro honrado cumu esse e não havia criminoso no mundo. Tudo qui tá aqui eu ganhei com estes — arregaçou as mangas da camisa e mostrou os robustos braços cabelludos, empollados em cordoveias turgidas.

Riram e o delegado sahiu, convencido da innocencia do caboclo.

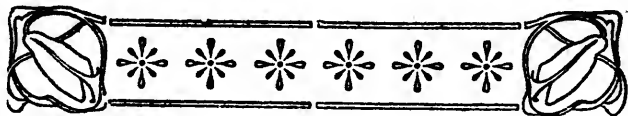
Na villa, quando se soube do resultado da diligencia, resmungou-se com incredulidade :

« Ora, qual ! aquillo é ladino como o diabo. Não vê que elle havia de deixar o cadaver em casa. Enterrou-o por ahi, nalgum buraco ».

Uma manhan, porém, espalhou-se a noticia do apparecimento do Miguelinho. O pequeno fugira escondido na barcaça da olaria e, depois de um mez de vagabundagem, na cidade, regressava,

escaveirado, faminto, com a roupa esfrangalhada e mais cheio de vicios do que fôra. Pedira passagem no barco do pombeiro e lá estava, consolando a velha mãi, a unica que se alegrou com o seu reapparecimento, porque para toda a gente foi uma dupla decepção — era um vadio que voltava e era a prova da innocencia do *Corujão*.

Houve um prazo de treguas, mas pouco tempo depois, como era necessario renovar a maledicencia, attribuiram a Matheus o naufragio de uma canôa e a morte do pescador que a tripulava: « Praga daquelle diabo ! Nem se lembrou que o desgraçado tinha mulher e filhos . . . »

E de novo começaram a cahir maldições sobre o solitario do reconcavo.

II

Depois que as vozes cessaram de todo nos mattos e os cães, que haviam acompanhado a turba, ladrando, regressaram ao terreiro, Matheus, que não se arredára da porta, o olhar perdido no céu luminoso, poz-se a andar vagarosamente, pensando naquella visita, recapitulando-lhe os episodios.

Não acreditava nas palavras do delegado: « Procurar Miguelinho... Pois sim! Os porcaria vinhéro aqui só mode vê u qu'eu tenho. Miguelinho... »

Os passos levaram-no ao pomar e quando elle viu os galhos das laranjeiras quebrados, a quantidade de cascas pelo chão, uma figueira partida, repuxou as barbas furioso e, voltando-se na direcção do caminho por onde se fôra a diligencia, atirou os braços, com os punhos rijamente fechados, ameaçando, injuriando a canalha.

« Ah! gente ruim! Gente damnada! Tá hi o qu'elles veiu fazê, um estrago d'estes ». E olhava,

com lastima, os galhos pendidos, as cascas das frutas. «Um homem perde a cabeça, derruba um diabo c'uma bala, é mau . . .»

Os porcos grunhiam mastigando gulosamente os bagaços que encontravam e o caboclo, sem animo de proseguir, como se temesse encontrar tudo devastado, ficou inerte, num descorçoamento infeliz, com a garganta constrangida, a pensar na depredação de que fôra victima.

Por fim caminhou, metteu-se por entre as arvores, abaixando-se, afastando delicadamente os ramos carregados e, sempre que dava pela falta de um fruto, explodia em injurias, praguejava, pedia a vingança dos céus. Lentamente, percorreu todo o pomar seguido dos cães que se engalfinhavam, ás dentadas, rolando alegres, na herva.

Quiz vêr os animaes. Subiu a uma pedra eriçada de cardos e de piteiras em espadanas, e, lançando os olhos ao pasto, lá descobriu os velhos bois ruminando tristemente, ao sol, as cabras remordendo as hervas mirradas e, por toda a parte, correndo, ciscando, tufando o peito, a cauda aberta, chafurdando nos aguaçáes, as gallinhas, os perús, os patos, que engordavam livremente, catando o que encontravam na terra, porque o caboclo não os amilhava.

Viviam a vida bravia e solta de animaes selvagens, conheciam os marneis onde pullulavam os gordos bichos, as arvores pôdres, a terra fôfa dos formigueiros, os ninhos de larvas, cheios d'ovulos, e revolviam, espalhavam, cacarejando, grasnando.

Elle apenas seguia as aves para descobrir as posturas; achava os ovos em covas, recolhia-os,

como apanhava os frutos, enchia a cesta deixando em cada ninho o indez para que a ave não abandonasse o lugar.

Os cães sustentavam-se por milagre. Elle mesmo, nas horas de bom humor, quando, sentado á porta, os via, em torno, falava-lhes alegre: «Onde é qu'ocês busca di comê, rapaziada? Onde é? É caça, hein? Passa mió du qui eu... Oia só qui barriga!» E os cães ajuntavam-se lambendo-lhe as mãos, saltando-lhe ao collo, esfregando-se-lhe pelas pernas, a rebolcarem-se. Depois de certificar-se de que não havia desapparecido animal algum, desceu lentamente, casmurro, em direcção á cabana.

Sem comer desde a manhan, apenas com um gole de chá de laranjeira, que tomára ao levantar-se, distrahia-se com o cachimbo. Fumava sem pausa, pensando na maldade daquella gente.

« Um homem conta uma coisa d'estas i ninguem acredita ». Entrou em casa, foi direito ao quarto. Quando viu o giráu de pé, encostado á parede, e as moedas reluzindo na panella, sentiu um baque no coração e, d'olhos muito abertos, fitos no thesouro, os dedos espetados na barba dura, poz-se a sacudir a cabeça, resmungando surdamente:

« É isso mêmo... Foi mod'o dinheiro. Canaia! Não tendo mais qu'inventá veiu com essa historia di Miguelinho. Eu sei...» E parado, olhando, pensava num possivel assalto á sua casa, tão fragil que toda tremia quando os ventos passavam vergando as arvores, espalhando as folhas. Qualquer criança, sem grande esforço, abriria entrada naquelles muros que ameaçavam ruina. Os esteios

balançavam nas covas, os umbraes estavam despegados.

Poz-se a andar pela casa examinando canto por canto, experimentando os gonzos enferrujados das portas e das janellas, olhando o tecto aberto em frinchas, sacudindo as divisões que bambeavam, esboroando torrões de barro. Era um instante para tudo aquillo vir abaixo.

Cruzou os braços e ficou pensando. Tinha a lazzarina, o machado, o facão. Arregaçou as mangas da camisa, mirou os braços fortes, estirou-os, curvou-os rijamente estudando o biceps.

« Emquanto eu tivé um ferro na mão aqui ninguem bóta u pé. Canaia! Miguelinho... Agora é qu'eu sei qui Miguelinho é. Mas não vai assim, isso não! »

Ficou um momento pensando, a repuxar a barba, até que se decidiu por uma idéa, e, prompto, sahiu ao terreiro, poz-se a olhar em volta; descobrindo, por fim, uma velha enxada sobre um monte de lenha, tomou-a, firmou-se-lhe ao cabo, circumvagando o olhar, indeciso, á procura de lugar seguro para esconder o seu thesouro.

« Lá dentro di casa é qui não. Elles já sabem, vão direitinho nu lugá. Ha di sê pur aqui, bem fundo ». Fixou a vista no chiqueiro.

« Ali tá bom, ali perto. Quem vai atiná co' dinheiro naquelle canto? Quem? Ali mêmo é qui vai sê ». E encaminhou-se para o ponto escolhido, encheu o cachimbo, accendeu-o e poz-se a cavar.

Os porcos, que dormiam esparrimados no lodo, de onde subia um fortum azedo, roncaram sentindo o homem. Elle cavava e poz-se a falar:

« Ocês, rapaziada, ocês é qui vai guardá o dinheiro, tá uvindo ? ocês mêmo. Si elles vinhé aqui ocês dá signá, qu'eu cômo um por um c'a minha lazzarina, qui não néga fogo. Um por um, ó ! si cômo ! Ôio qui não perde caxinguelê vai perdê gente . . . Pois sim ! . . . » Raspou o suor da fronte com o pollegar. « Não, qui mi custou muito a ganhá. Não vai assim, isso não. Miguelinho . . . ! » riu sarcasticamente. « Tá hi Miguelinho . . . » Cavava.

Quando a cova lhe pareceu bem funda, foi á casa, esvasiou a panella e, trazendo as moedas num panno, accumulou-as á beira do buraco, olhando-as com enlevo.

Enterrou a panella escorando-a bem ; depois, sentando-se, de pernas estiradas, foi collocando, uma a uma, as primeiras moedas no fundo, contando-as, fez outra camada, mais outra e assim empilhou a sua riqueza, sempre a contar, marcando as centenas á parte com gravetos, pedrinhas, para não perder a somma.

O sol descambava, a serra ia tomando uns tons azulados, uma nevoa subtil pairava acima dos pantanos.

Os passarinhos recolhiam-se, as cigarras chiavam no arvoredo e elle ainda contava, devagar, entretido, alheio a tudo, curvado sobre a panella.

As gallinhas rondavam a casa, voavam para os ramos baixos, trepavam aos mais altos, escondiam-se entre as folhas. As que tinham ninhadas cacarejavam nos mattos, reunindo-as. Bois e cabras subiam lentamente, caminho do cercado e o burrico espojava-se no terreiro, as quatro patas no

ar, contente. E Matheus, sempre attento, continuava na faina.

Um conto duzentos e trinta e dois mil réis. Sorriu. E quieto, sob a doçura melancolica da tarde, que refrescava, poz-se a pensar no sitio desejado, lá em baixo, á beira do mar, com um coqueiral vistoso que tinha fama.

O homem queria tres contos e quinhentos por aquelle nadinha de terra, pouco mais de um alqueire. Arregalou os olhos — mas aquillo era terra ! e que descanço ! — tudo chão liso, nada de subidas, agua nascente, pomar e horta e barro se quizesse montar uma olaria. Não era aquelle despropósito de montanhas, terra brava, só pedregulho e areia e um sapesal que fazia medo.

Tres contos e quinhentos . . . ! era dinheiro, mas valia : verdade, verdade.

Ficou banzando, curvado, com as mãos espalmadas nos joelhos. Por fim, sentindo a noite, estendeu o panno sobre a panella e poz-se a puxar terra, cobrindo a cova.

Levantou-se ; doía-lhe a espinha, as pernas estavam entorpecidas, os pés formigavam. Curvou-se, com as mãos nos rins ; logo, porém, firmando-se, poz-se a socar com o olho da enxada a terra balôfa, sapateou em cima e, tomando um punhado de pedras, folhas seccas, espalhou-as no lugar.

« Agora sim. Quero vê . . . Aqui nem fáro di cachorro ». Os cevados espiavam com os focinhos na cerca, roncando : « É isso mêmo. Ocês tá oiando ? Isso é dinheiro. Ocês já sabe : si vinhé alguem é dá signá : eu de casa, por uma greta, vou comendo um por um. Tá uvindo ? Ocê, seu grandaião,

ocê, qu'é o macóta du bando, toma sentido!» Quiz afagar o cevado, mas o animal recuou de repellão, com um bufo, e foi esbarrar na cerca do lado opposto, olhando arisco. Os outros puzeram-se de pé, juntaram-se a um canto, enormes, monstruosos, escorrendo lama. Elle riu.

Escurecia. Assobiou aos cães. Vieram todos pelos mattos em desabrida carreira, sacudindo as caudas, rastejando servis, magros, esfolados; e elle poz-se a falar: « Óia lá, rapaziada. Ocês agora têm qui tomá conta da casa direito. Dexa u somno p'ra di dia. Ôio nu caminho! Ôio nu caminho! tá uvindo? Assim qu'elles botá u pé aqui, dente nelles, seguro! Péga firme, tá uvindo? Bom. Eu quero vê».

Desceu; a cainçalha seguiu-o aos saltos. Já era escuro quando entrou na cabana. Fóra, os sapos coaxavam desesperadamente com estridor metallico.

Fez lume, accendeu a candeia de azeite, deixou-a em cima da mesa e foi arranjar o giráu, recollocando-o no lugar, sempre a resmungar contra os canalhas. « Gente ruim! » e rangeu com a lingua no céu da boca. «Êta! canaia... Vejam só u qu'elles havia d'inventá... Miguelinho».

Andou de um lado para outro, indeciso. Fechou a porta do fundo escorando-a com uma tranca de madeira, fechou as janellas e sentou-se na soleira, fumando.

A noite abafava a paizagem. De instante a instante um tremulo relampago mostrava o fundo céu carregado de nuvens, os campos quietos. Os vagalumes coruscavam estrellejando a terra, co-

rujas passavam em vôo surdo, raspando o silencio com o galrar sinistro. Os grilos pareciam guizalhar nos mattos. Levantou os olhos para o céu: «A mode qu'o tempo qué mudá». Uma estrella luzia solitaria.

Só então Matheus sentiu fome. Levantou-se, abriu a gaveta da mesa, tirou um embrulho de farinha, um pedaço de rapadura, voltou para a porta e poz-se a comer distrahido, com o pensamento na fortuna.

« Canáia ! Miguelinho . . . Eu aqui mi matando di trabaio mod'os canáia passá a mão. Policia ! Qu'é qui policia tem qui vê na casa dos outro ? Eu matei ? Eu roubei ? Então é ansim ? Iche ! ruindade». Atirava mancheias de farinha á boca, trincava a rapadura e ficava esmoendo.

Es cães rondavam-no e, de quando em quando, um dos bois mugia surdamente no cercado.

Antes de fechar a porta, ainda recommendou aos cães a vigilancia da casa: «Bota attenção, rapaziada. Sentiu gente, latiu logo; u mais fica por minha conta. Aquelle qui guardá mió ganha um pedação de carne. Tá uvindu ? um pedação grandão ! »

Riu, acenou um adeus aos animaes e fechou a porta reforçando-a com uma viga. Poz-se a andar pela casa enchendo o cachimbo, sem somno. « Óia que ha muita peste neste mundo di Deus ! Contado ninguem acredita. Um bando di gente arranjá uma mentira só mode vê u dinheiro dum pobre. Ambição é o diabo . . . »

Attento a todos os ruídos, voltava-se sobresaltado á mais leve crepitação do sapê ; ouvia vozes surdas, passos.

O vento abalava a cabana, fazia um rumor contínuo nas arvores frondejantes. « Quá ! » Foi ao quarto, tomou a espingarda, viu que estava carregada, com espoleta nova. Experimentou o fio do machado, o gume do facão e, encostando todas as armas no giráu, ao alcance da mão, sentou-se.

« Só s'elles entrá p'los buraco ; mas eu amenhan tapo tudo. Eu sou um só, mas não tenho medo. Qui venham ! Noss'Sinhô tá hi. Si fôsse dinheiro mal ganho, mas meu suor ! meu sangue ! » e bateu no peito com a mão espalmada, olhando a propria sombra, como se com ella conversasse. « Meu sangue ! Isso não ! . . . A gente deve defendê u qui é seu. Uai ! então não custa ganhá ? É com sol, é com chuva, é com saúde, é doente, trabaiando di morrê. Então não custa ? Policia ! . . . Qui foi qu'eu fiz ? Miguelinho . . . Tomára mêmo qu'essa corja toda desappareça, mod'a gente tê sucego. Uma vadiagem qui não presta p'ra nada. Miguelinho . . . E eu sei quem é Miguelinho ? Nem ha Miguelinho nenhum, isso foi invenção dos canáia mode vi aqui. Tá lá fóra, vão buscá, qu'eu mostro. »

Deitou-se, deixando a candeia accesa. Sentia fadiga, as palpebras pesavam-lhe, mas a preoccupação era mais forte que o somno. Abria os olhos, sentava-se, com as mãos enclavinhadas nos joelhos, piscando. « Gente mais ordinaria não ha . . . » Sentiu sêde. Levantou-se, tomou a candeia, foi á cozinha, direito á lata de kerozene em que conservava a agua. Bebeu e ficou parado, bocejando. Um vagalume scintillava pelos cantos, poz-se a olhar esquecido. Voltou ao quarto, a passos lentos ; deitou-se.

Ia adormecendo quando um dos cães começou a ladrar, os outros investiram ferozes. Elle sentiu subito vasio no coração. Poz-se rapidamente de pé, tomou a espingarda, o machado, o facão, passou á sala, soprou a candeia e, collando-se á parede, metteu o cano da lazzarina em uma fresta e, de joelhos, tremulo, ouvindo o pulsar agitado do coração, esperou.

Os latidos cessaram. Um dos cães aproximou-se da casa, Matheus chamou-o devagarinho e açulou-o: « Busca ! Busca ! » O cão arremetteu, a matilha seguiu-o ladrando á tréva, farejando o ar.

Mas tudo era deserto e silencio — só o vento uivava longe, nas arvores da serra.

O caboclo ficou de tocaia, immovel. Os cães estiraram-se no terreiro, coçando-se, com surdos cainhos. « Não é nada . . . A rapaziada tá fina . . . » Levantou-se, retirou a espingarda, voltou ao giráu. Mas as gambás que corriam pelo sapê, os ratos que chiavam atropellando-se, o vôo das baratas punham-no alerta. Cerrava os olhos, ia adormecendo, mas logo a idéa o despertava : via sombras, sentia-as aproximarem-se. Sentava-se olhando, airado : « Canáia ! »

Os gallos cantavam nas arvores, os passarinhos faziam o preludio da manhan. Uma luz baça aclarava lividamente a cabana ; a candeia, com a torcida em morrão, vasquejava, crepitando.

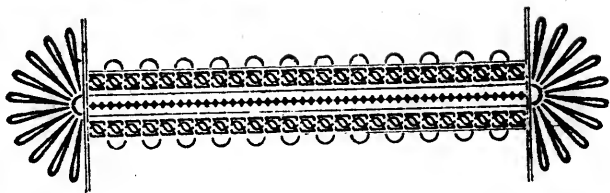
O caboclo, sem poder conciliar o somno, levantou-se, abriu a porta e sahiu ao terreiro.

Amanhecia, manhan triste, nublada ; céu pardacento acolchoado de nuvens.

Os cães cercaram-no. Elle estirou os braços,

bocejou fatigado e, vagarosamente, foi vêr o thesouro. O vento levára as folhas, mas as pedras lá estavam.

Falou aos cevados: «Então, rapaziada? não veiu ninguem...»

Sentia um vasio no estomago, a cabeça atordoada. Apanhou umas folhas de laranjeira, foi á cozinha, fez lume e, enchendo uma caneca d'agua, pô-la ao fogo, mergulhou as folhas e sentou-se espichadamente no chão, esperando a fervura para tomar o chá com que, todas as manhans, aquecia-se para o trabalho.

III

Uma idéa implantou-se no espirito de Matheus: a compra do sitio da beira-mar. Todos os pensamentos e preoccupações, as proprias dôres eram avassallados pelo projecto que, a mais e mais, o dominava, fazendo com que, toda a sua vida, todos os seus actos girassem limitadamente em torno d'elle.

Sempre que descia ao porto com a carriola, depois de descarregar no barco do pombeiro, tocava o burrico a passo, ao longo da praia, só para olhar o coqueiral que havia de ser seu. Ficava horas e horas sentado nas pedras, olhando, conjecturando, com o cachimbo a arder entre as barbas. As ondas subiam, rolavam espumando, insinuavam-se por entre as pedras e desciam em limpida toalha, para de novo voltarem em alvoroço.

Tatuhys fervilhavam, corriam, sumiam-se na areia.

Longe no mar azul, picado de espumas, fugiam barcos veleiros, falúas de lenha, saveiros enormes carregados de telha que deslisavam arrasados, a reboque das lanchas. Elle olhava feliz, embevecido no sonho.

Via-se ali, dono d'aquella belleza, com um barco amarrado ao portinho, entre os mangues, a casa branqueando á sombra do coqueiral.

Tomaria dois ou tres homens para o serviço da roça, plantando de tudo, que a terra era nova e forte, fecundada contínuamente pela brisa marinha, que deixava nos ramos, nas folhas, uma pulverisação de sal.

Tornou-se mais taciturno e mais avaro. Os andrajos mal resistiam ao uso, esfiapavam-se, rasgavam-se ao menor esforço. Magro, os olhos fundos, o nariz mais agudo, a barba mais emmaranhada e sordida, derrubava as grandes abas do chapeu sobre o rosto, como para esconder a devastação da penuria. E amealhava moeda a moeda.

Todo o dinheiro que recebia logo trocava em nickeis. O pombeiro, attendendo ao seu pedido, mandava-lhe o grosso do pagamento em moedas, que elle contava, recontava, levando-as num sacco, enterrando-as em covas que ia fazendo em volta da casa.

Os pequenos lavradores da redondeza, quando o viam chegar á praia, só para o irritarem, propunham-lhe extravagancias — uma comezaina na casa de pasto, uma volta de cerveja no armazem do Brito, uma queda de truque, a valer. Elle amarrava a cara, resmungando, e afastava-se sombrio.

Nada sabia da vida, nem indagava. Os outros commentavam os acontecimentos da cidade : assassinios barbaros, roubos, catastrophes, ás vezes sedições ; elle, sempre encorujado a um canto, seguia os seus pensamentos, concentrava-se no seu sonho.

Privava-se de tudo para ajuntar a somma pedida pelo proprietario das terras, antigo oleiro que fizera fortuna e adquirira uma fazenda de criação no interior.

Um dia, achava-se sentado á borda de um velho barco, fumando, quando ouviu alguem dizer que o sitio de beira-mar estava apalavrado. Empinou vivamente o busto, os olhos accenderam-se-lhe e, procurando no grupo o homem que faIára, esteve para interrogá-lo, mas conteve-se, receioso de que suspeitassem que pretendia o negocio e ouviu, com o coração torturado :

« Que um homem da cidade procurára o dono do sitio, fazendo-lhe uma proposta. E parecia que o outro estava disposto a ceder, porque descera e lá andára, com o tal, pelas terras, vendo tudo, mostrando, gabando, desde a barreira até a beira d'agua, nos esteiros. »

Matheus não se poude conter e, humildemente, com uma voz commovida, suffocada, perguntou :

— E vosmecê sabe s'o negocio ficou fechado ?

O homem que falára, um pescador, de rosto bronzeo e cabellos brancos, encolheu os hombros :

— Sei lá. Elles andaram correndo tudo, agora se chegaram a ajuste, não sei. O sitio é bom, mas seu Braga pede mundos e fundos por elle.

Os outros concordaram. Matheus ficou pensativo, raspando o peito com as unhas terrosas e,

sem mais dizer, tornou ao seu lugar, sentou-se embezerrado, a gesticular inconsciente. Os outros riam, mostravam-no.

De repente levantou-se, foi buscar a carriola ao alpendre, subiu á boléa e tocou. Os homens ficaram espantados com aquella partida brusca :

— Uai ! parece que o *Corujão* sahiu zangado.

— Zangado, porque ? ninguem boliu com elle. Que vá ! Diabo do mofino. É osso só. A roupa está que não póde mais, até faz vergonha. Miseria assim tambem é demais.

— Vai falando . . . A panella de dinheiro tá lá debaixo da cama. Aquillo é que é petisco !

Houve uma gargalhada.

Quando se viu no campo, Matheus, que atravessára a villa de cabeça baixa, remoendo odio surdo, estacou o burrico e desabafou :

— Óia qui já é caiporismo ! Emquanto eu não lembrei di comprá u diabo das terra, ninguem quiz. Foi ponto eu pensá nu negocio p'ra logo apparecê compradô. Diabo di sorte ! O outro não qué u meu sitio di vórta, diz qui não vale nada, qui fica num buraco. Não sei, mas, ansim mêmo eu vou vivendo. S'elle quizesse, nem qui fôsse por quinhentos mil réis eu dava e então fechava logo u negocio . . .

Tocou vagarosamente pelo caminho deserto. O sol batia de chapa, sol de Janeiro.

As hervas amollecidas derreavam-se, um cheiro morno de campos seccos enchia o ar, a terra parecia recoberta de areia : dunas alvejavam sarapintadas de mattos. Longe eram lampejos d'aguas paradas, corregos que fugiam com scintillações.

Raros passaros voavam e no recesso das moutas insectos estrallejavam, cigarras pareciam chiar ao sol abrasante. Lombos lascados de rochedos fulguravam.

— Deus não qué mêmo.

Na encruzilhada, a venda do Luiz Baveira, ponto dos trabalhadores e dos mascates, estava, áquella hora cálida, deserta. Sob o alpendre um grande cão dormia ás moscas. Quando a carriola passou uma voz bradou do fundo da casa:

— Êh! tio Matheus... Onde é que vai com este sol? Entre para descançar um pouquinho.

Elle reteve o animal:

— Vou tocando, sô Luiz. Tou c'um trabaio cumeçado i u tempo não tá da gente si fiá. Vosmecê não vê? Se não vinhé uma chuvasinha, não sei qui ha di sê di nós: vai tudo embora torrado.

— É verdade. E parece que não temos agua tão cedo.

— Tá cum geito.

— Então já sabe quem assentou praça na cidade?

— Quem foi?

— O Miguelinho.

— O tá da busca lá em casa? Assentou praça? mió. Agora é qu'elle vai vê u qui é bom.

— Qual! não dura muito. Mais dia, menos dia deserta. Elle pensa que a vida de soldado é só grande gala, pagodeira de musica, espadinha e namoro. Vai vêr.

— Oie, si tem qui morrê qui morra lá longe, senão são capaz di dizê outra vez qu'eu matei elle, esses canaia! Mas eu já sei: aquillo foi coisa

d'aqui mêmo, partiu d'aqui, qu'os home da cidade não podia adivinhá qu'eu vivia no meu buraco. Foi coisa d'aqui mêmo, móde mi fazê má. Mas Deus é grande! Deus não dorme.

— Isso é que é. Mas entre um instante, tio Matheus.

E o Luiz atravessou o balção, sahiu á porta em mangas de camisa, esfregando os braços. Era um homensinho moreno e secco, picado de bexigas. Enormes bigodes punham-lhe dois tufos acima da boca, dando-lhe ao rosto o aspecto de focinho; os olhos encovados espiavam por entre cerradas sobrancelhas densas.

— Não, seu Luiz; vou tocando; é hora di serviço — terra tá chamando u braço. Póde sê qu'á noitinha, si Deus não mandá u contrario, eu dê um pulo até aqui.

— Pois appareça. Ha sempre gente para prosa.

— Nhá Raymunda bôa? Us piqueno di saude?

— Tudo bem.

— Intão até logo, seu Luiz.

— Até logo, tio Matheus.

E a carriola partiu. Matheus, sempre desconfiado, ao entrar na trilha que levava ao reconcavo, voltou a cabeça e resmungou:

— P'ra cunvidá tá prompto. Quem vê pensa qu'elle vai offerecê alguma coisa. Pois sim! Ôio tá qui — e bateu na bolsa. É só ganancia. Trabaia! Não é encostado nu balcão, botando agua na cachaça qu'eu ganho a minha vida; é nu duro, cavando té rebentá. P'ra cá vem di carrinho.

Antes de avistar a cabana ouviu os latidos dos cães: « Ahi, rapaziada! » Os animaes, reconhecen-

do-o, vieram, em bolo, recebê-lo ganindo, saltando. O burrico amiudou os passos satisfeito e o caboclo, lançando os olhos á roça, onde as folhas seccas dos milhos farfalhavam, meneou com a cabeça desanimado :

— Quá ! ansim não vai. Tudo queimado. Tambem é um sol mêmo di matá. Qui planta é qui póde vivê ansim ? só cardo i pita.

O céu azul reluzia e tudo em torno — arvores, arbustos, hervas — resentia-se da secca. A terra estava brancacenta, esturrada, em duros torrões e as formigas desfilavam pelos caminhos carreando achegas.

A secca continuava. Corregos, que desciam do coração da serra, foram desapparecendo sorvidos pelo sol. As hervas viçosas que lhes franjavam as margens, feneceram, ficaram em talos e em gravetos eriçados. As folhas encoscoradas formavam os leitos resequidos das aguas estancadas.

O milharal cinzento estrallejava e todas as arvores, com a folhagem concava, encoscorada, mostravam os troncos escamados, como se os houvessem tostado labaredas.

As pedras escalavradas, que appareciam como enormes cicatrizes, em differentes pontos da serra frondosa, concentravam o calor queimando toda a vegetação que lhes crescia em torno.

A terra estalava, abria-se em fendas, atorroava-se, descobria-se exangue. Appareciam raizes retorcidas e, por toda parte, em veias negras, gordas formigas mourejavam armazenando.

Ao amanhecer as aves enchiam de vozes os ares claros — era uma festa álacre : chilros, pios,

arrulhos e reclamos; mas com o sol tudo se concentrava, o silencio impunha-se, pesado e funebre, só interrompido pelo estalar dos ramos ou pelo pio enfadonho dos anuns.

O desanimo era geral, já se falava em preces, promessas, uma procissão com a Senhora da Lapa, atravéz dos campos, para conjurar a calamidade que ia reduzindo a deserto a zona amerceada.

Matheus, levantando-se ainda com o escuro, ficava á porta da cabana olhando as estrellas luminosas, a repuxar a barba. Subia ao pomar e, com enternecida piedade, como se falasse a filhas, dirigia-se ás arvores, lastimando-as, animando-as depois, acorçoando-as para a luta com o sol:

— Coitadas! Óia só cumu tá tudo. Nem qui tivesse ido nu fogo. Até parece qui tem firida. Tem corage, gente. Chuva não tarda ahi, i quando vinhé ocês toma um fartão. Não desanima. Isso acaba. Não é ocês só qui tá soffrendo, é tudo. Óia serra mãi, tá foveira qui nem parece a mêma. Sol não tem parente nem cunhecido, vai queimando tudo. Corage!...

E acariciava os troncos asperos, afagava os ramos, desenroscava as folhas. Ás vezes, só com roçar por elles, os galhos estalavam, partiam-se já seccos. Elle apanhava-os, mirava-os, meneando com a cabeça tristemente, apiedado.

As flores morriam em botão, os renovos mirravam. «Não escapa nada. E os bicho? coitados!» Procurava os animaes que andavam entristecidos, entrezilhados. Os bois refugiavam-se á sombra das arvores, magros, ruminando em modorra; as cabras mettiam-se nos grotões, dessedentando-se nos

restos d'agua que minava gotta a gotta; a cachorrada passava os dias em torno da casa, de ventre em terra, arquejando, a babar esfalfada; as aves só á tarde appareciam d'azas frouxas, empoleirando-se nos ramos.

Uma nevoa, como fumo de rescaldo, subia dos campos aquecidos e as cobras, que o calor assanhava, cruzavam-se nos caminhos ou dormiam enrodilhadas, tão entorpecidas que nem davam pelo caboclo que as matava d'um golpe d'enxada, partindo-as de meio a meio.

— É só essas porcaria qui apparece. O calô tóca ellas p'ra fóra.

Que fazer? lutar com o sol? De que valia sahir cedo, metter-se no matto com aquelle fogo em cima do corpo, para vêr tudo morrer de sêde? O melhor era esperar a chuva. Mas a chuva não vinha.

Ás vezes atroavam vagos rumores de trovoada, ao longe; nuvens rolavam lentas passando para o lado do mar. Elle seguia-as com o olhar, falava-lhes, chamando-as:

— Uai! antonce, rapariga? Onde é qu'ocê vai? Pára ahi. Despeja nas plantas toda essa agua qu'ocê bebeu nu mar. É aqui mêmo, pára ahi.

Mas as nuvens proseguiam, passavam arrebanhadas, como em arribação, para outros lugares mais favorecidos e o azul reapparecia calmo, rutilo, reluzindo com o sol, estrellado á noite ou com o luar que se estendia serenamente pela serra e pelos campos.

Nem mesmo os sapos cantavam, pareciam haver desertado em demanda d'aguas, mas os pyrilampos surgiam em myriades, como larvas do fogo, a

prole alada do proprio sol que sahia da combustão, ardendo.

Mal escurecia, eram luzes pullulando em todos os cantos, em enxames vividos como fagulhas que subissem de immensa fogueira. Sobre os campos quietos pairavam as vivas centelhas, vinham da serra em chusma, rompiam d'entre as arvores, pousavam, scintillando, no sapê da cabana, entravam luci-luzindo, incrustavam-se nas folhas, arrastavam-se pela terra.

Ás vezes elle sentia-os no corpo, via-os nas mangas da camisa, nas pernas. Bezouros enormes passavam d'esfusio, iam d'encontro ás paredes; mariposas, nuvens de mosquitos azoinavam giro-girando; cascudos farfalhavam nas folhas; insectos estranhos chegavam, punham-se a rondar a cabana e o caboclo enxotava-os desesperado, frenetico, bufando densas baforadas de fumo contra as murissóeas que zumbiam rodeando-o ávidas, ou esmagando a patadas as fulgentes taturanas que deslisavam como tições accesos.

Era o seu mundo mysterioso, porque o outro, o que se estendia da cerca para diante, era-lhe hostil. Tudo que elle conhecia e estimava ali estava — — a terra, as arvores, os animaes, os ventos, as estrellas, as nuvens.

E falava-lhes, conversava com elles, pedia-lhes auxilio, dava-lhes conselhos: eram como amigos fieis com os quaes vivia em intima relação.

O sol, esse mesmo que lhe matava a roça, era seu amigo, bom amigo. Quanta vez, no verão, ao clarear da manhan, sahia á porta da cabana para conversar com elle:

— Ocê já vem, seu barba di fogo? Ocê já vem vindo mansinho móde fazê má á gente, seu damnado? Óia lá! anda teu caminho, mas não cumeça cum mardade, sinão, sinão! Ocê hontem já queimou lá em baixo um bandão di planta. Toma tento, seu barba di fogo. A gente não tá aqui trabaiando mód'ocê dismanchá trabaio da gente, lagartão! Ocê mêmo é qu'é um lagartão.

Se era a lua, tinha meiguices amorosas, ternuras de namorado:

— Faceira qui nem muié. Faz gosto. Toda vestida di branco, óia só . . . Parece qui vai casá. Óia só u dengue d'ella! Alivanta u veu, rapariga. Ocê não tem pena d'arrastá u veu por essas lagôa suja? Alivanta u veu.

E, extasiado, sob o encanto mysterioso do luar suave, dizia:

— Quá. Noss Sinhô é grande! É grande mêmo! Fazê tudo isto ansim direito, regulado que não ha meio di falhá. É grande mêmo . . .

E chegava a esquecer a miseria, enlevado na magnificencia da noite, contemplando os campos, a serra, os outeirinhos, lindamente vestidos do clarão diaphano.

Deitado, porém, pensando no sitio de beira-mar, suspirava rendido. Se já não contava com elle, com aquella secca, então, fôra-se-lhe toda a esperança. Deixára de accumular. O pouco que fazia, lá lhe ficava na venda em farinha, azeite, fumo, em pão, em carne, bacalháu; ás vezes mesmo, apertado pela fome, pagava-se um regabófe opíparo, com vinho.

Nem uma moeda para o thesouro e o compra-

dor, o tal da cidade, já havia, com certeza, tomado conta da terra, do coqueiral. « Que lhe faça bom proveito. Ha di ganhá muito cum ella ».

Dizia assim, mas suspirava sentido, não podendo conformar-se com o caiporismo. E ficava a sonhar com a producção do tereno que o mar, ali pertinho, enriquecia e abençoava.

De repente, porém, a um golpe de vento, ouvindo ramalhar o arvoredo, erguia-se, sentava-se no giráu : « A móde qui tá chovendo . . . » Ficava á escuta, sahia ás apalpadellas pela escuridão, abria a porta, olhava : passavam torvelins de pó, folhas seccas rastejavam ; mas o céu puro, cheio de estrellas, mantinha-se impassivel.

— Quá ! chuva não vem mêmo. Noss Sinhô a móde qui tá drumindo. Não vem nada. Tá tudo limpo i esse vento inda é pió, porque leva as nuve. É elle mêmo qui enxóta ellas. Vai-te embora, atrazadô. Quem foi qui chamou ocê aqui ? Vai-te embora ! É só soprá di dia i di noite espaiando a chuva. Porcaria !

E o vento passava ás lufadas mornas. Sentava-se no limiar, com o queixo na mão, pensando e, no silencio, a terra torrida crepitava, folhas, ramos faziam um ruido trépido na sombra, aromas erravam em effluvio voluptuoso.

A natureza eterna zombava do sol, renascia á noite na força de toda a sua virtude creadora.

Como amantes atrevidos que affrontassem todos os perigos, zombassem de todos os rigores, as arvores, os arbustos, as hervas, as finas, humildes relvas amavam, concebiam sob o halito de morte que as apertava num circulo de fogo.

Elle ouvia o estrepito do arvoredo, o roçagar das ramagens, o cicio da brisa, o lento mover das palmas, mas acreditava que eram os espiritos da noite, os genios errantes que passavam de leve, invisiveis, mysteriosos, correndo para os refugios de encanto, na matta brava, hispida e impenetravel da serra.

D'olhos abertos, com o coração tranzido de medo supersticioso, levantava-se devagarinho, como para não denunciar-se aos espiritos nocturnos, fechava a porta e lá ia para o giráu, sempre a ouvir os ruidos vagos. Era a vida, a fertilidade latente. O mesmo Espirito que pairou sobre as aguas vastas do diluvio, pairava sobre o rescaldo da terra martyr, gerando, multiplicando, renovador e eterno.

Uma tarde, porém, depois de um dia incendido e sem ar, um dia fulgurante em que tudo ficou em abatida, abochornada inercia, como se a fadiga houvesse, por fim, consumido as energias, esgotado as ultimas esperanças da natureza sitiada pelas chammas, repentinamente, affluindo de todos os pontos do céu, grossas, pejadas nuvens accumularam-se. O sol desappareceu, ficou o mormaço morrinhento. As nuvens rolavam umas sobre outras, cheias, inchadas, sotopondo-se : escuras como rôlos de fumo, outras alvas, deslumbrantes como espumas batidas de sol.

Um vento passou, vergando os milhos seccos, que estralejavam desprendendo largas folhas mortas, as arvores debateram-se desgrenhando-se em convulsões freneticas ; levantaram-se columnas de poeira turvando os ares, folhas esvoaçavam em turbilhão, como aves tontas.

Relampagos successivos flammejavam no céu ennegrecido, coriscos rabeavam.

Vinham vindo trovões de longe, em surdo, echoante rolar, mais perto estrondavam como se explodissem. Subito um estalo tragico atravessou o silencio. Matheus recuou persignando-se. Grossas gottas esparrimaram-se no terreiro; levantou-se um cheiro acre de terra quente, mas a agua desappareceu sugada, como se houvesse cahido em chapa de fornalha.

Outro estrepito ribombou na sinistra calada. O caboclo olhava com o coração opprimido.

Enxotou os cães para longe com medo de que attrahissem o raio. Um rumor de rufo chegava, já o horizonte desapparecia, alguma coisa avançava sombria.

As arvores estortegaram-se, uma nuvem de pó foi-lhe ao rosto cegando-o, envolveu-o; as janellas bateram com estrondo, o sapê do tecto levantou-se, toda a cabana rangeu, oscillou abalada. Pingos enormes pelotaram na terra e logo o aguaceiro desabou em descarga violenta, abafando a paizagem, cercando-o d'aguas naquelle tugurio fragil que ameaçava ruir, desfazer-se em frangalhos com o vendaval impetuoso.

Recolheu-se e, de dentro, entre alegre e medroso, tremendo ao fragor das descargas electricas, sorrindo ao ouvir o barulho d'agua, sentindo no rosto o rócio da chuvarada, olhava com um sorriso inerte, comprehendendo que era a fortuna que vinha, a sementeira celestial que se espalhava pela esterilidade, para rebentar em haste, em folha, em flôr, em fruto.

E logo os corregos sumidos recomeçaram a rolar barrentos, a serra despejou todos os seus veios e a terra avida sorvia, a grandes tragos, a agua copiosa e bemdita que, toda a tarde, escurecida em lugubre crepusculo, cahiu violenta e, durante a noite, abrandando, manteve-se em rega beneficiadora, fartando as arvores, desafogando os campos e resuscitando os germens amortecidos sob as areias torridas.

IV

Indifferente á chuva fina que cahia, cedo Matheus deixou a cabana encharcada, sahindo a visitar a terra, com ansia de vêr as plantas refeitas pelas aguas generosas.

Os cães, arripiados, patinhavam na lama, sacudiam-se estalando as orelhas, magros, com as costellas ripando o corpo esguio.

As aves, escorridas, tiritavam agasalhadas sob as arvores nos socalcos, onde as aguas não empoçavam. Os passarinhos, já saudosos do sol, iam e vinham, esvoaçando atravéz dos fios d'agua, arrufando as pennas mal pousavam nos ramos e por todos os lados: das barrancas cavadas em fundos regueiros, dos taludes esborcinados, pelos trilhos do pomar, a agua escorria, amarellada e suja, alagando as terras planas, alastrando em marneis escuros, acima dos quaes appareciam tufos de arbustos e fluctuavam hervas e folhagens mortas.

A serra parecia renovada com a rega fertilisante. O arvoredo tinha côr mais viva e lustrosa, abria fronde mais larga; as pedras luziam lavadas. O caboclo, arregaçando as calças, metteu-se no lameiro flaccido e escorregadio, deu uma volta lenta em torno da casa, parando um instante junto ao chiqueiro, de onde escorria lento grosso lodo fétido.

Os cevados chapinhavam, chafurdavam satisfeitos, fossavam o lamaçal, mastigando gulosamente restos de abobora pôdre.

O laranjal, em cima, tinha tremuras voluptuosas ao vento, sacudindo um chuvisco crepitante.

O caboclo ficou parado, a olhar a terra sempre brancacenta e arenosa, terra anemica, exhausta, para a qual não bastavam as bençãos das nuvens. As chuvas abatiam-na ainda mais, levavam-lhe o pouco de seiva, deixando-a fraca, dessorada, com o pedregulho exposto, como em magreza esqueletica.

Aqui, ali eram covas, grotas, sulcos, como ulceras immensas que se abriam no corpo escalavrado e enfraquecido. Sem sentir a chuva que se lhe embebia nas roupas esfarrapadas, o caboclo continuava a andar vagarosamente, examinando a roça, como se visitasse enfermos.

Mas o desanimo estampava-se-lhe no rosto acobreado. Com os dedos por entre a barba, murmurava:

— Isto não indireita mêmo. Vai vê qui lá em baixo tá tudo vivo; aqui nem cumu coisa. Terra damnada! Tambem só mêmo um sem cabeça cumu eu ficava c'um diabo d'estes, i por um dinheirão.

Logo, porém, apiedado, enterneceu-se; a miseria da terra commoveu-o:

— Coitada! mettida aqui neste buraco, c'uma serra damnada im cima, qu'é que ella ha di fazê? É esse diabo qui fica cum tudo. E levantou o olhar odiento para a serra viçosa, toda revestida de novas folhagens, rebentando em brotos, reerguendo arbustos que a soalheira abatera, alegre, vigorosa, plethorica, cheia do sonoroso murmurio das aguas, que rolavam pelos seus portentosos flancos em torrentes ou pelas pedras largas em limpidas toalhas. « Aqui só milagre de Noss Sinhô ».

Os bois, os seus velhos bois, tres animaes cançados, os restantes dos que elle jungia ao carro, quando levava lenha á villa, lá estavam deitados, ruminando, tristes sob o chuvisco. O outro, um bicho robusto, o melhor, fôra, uma manhan, encontrado morto no campo, com o beiço enorme, picado de cobra. Os companheiros pareciam, ás vezes, lembrar-se d'elle — mugiam, escarvavam a terra. Lá estavam com os corpos cheios de bernes e de carrapatos.

Matheus bradou por elles:

— Eh! rapaziada... Eh! véios... Ocês tá na humidade por gosto? Óia doença.

De repente, porém, voltando ao pomar, sorriu falando ás laranjeiras, aos limoeiros, ás jaboticabeiras, aos pecegueiros, a todas as arvores irrequietas que pareciam mais vivas, sacudindo-se, como se quizessem deixar o solo, sahir, caminhar pela terra gozando o frescor beneficente e a fartura d'aguas:

— Antonce, rapaziada? eu não dizia qu'a chuva não demorava? Agora ocês tá contente. Bamo vê s'ocês dá conta du recado. Eu quero vê, tempo

tá hi. Bota a florada p'ra fóra, deixa di molleza. Não é só sacudi os ramo, dançá debaixo da chuva, qui nem passarinho no côrgo, é preciso fazê pela vida. Ocês tem força... Óia eu, tô véio i voú indo, sempre na obrigação. Bamo vê.

Desceu, recolheu-se á cabana tocando os cães, que se haviam refugiado na cozinha farejando os cantos, esfomeados.

— Sahe! Qu'é qu'ocês tá caçando aqui? Vai já lá p'ra fóra.

Os animaes sahiram embolados e o caboclo fez o seu chá do costume, catou uns restos de bolacha na gaveta. Depois de comer, accendeu o cachimbo e, sentado em um dos bancos, as pernas estendidas, os pés cruzados, ficou banzando, a ouvir o fervilhar da chuva no sapê, os olhos perdidos na visão da fertilidade.

Uma lembrança de mulher roçou-lhe vagamente o espirito, communicou-se-lhe á carne, mas logo, como asceta que houvesse feito vóto de castidade e se insurgisse contra as solicitações da natureza, provocadas pelo demonio, teve violento, despejado gesto de repulsa, como sacudindo de si uma immundicie:

— Ah! vai-te embora! Muié, muié... Di qui serve muié? Óia a outra, Luciana, uma rapariga forte... nem p'ra buscá um bocado d'agua na fonte. Só queria comê i ficá deitada drumindo, qui nem priguiça. Muié? Di qui serve muié? é só p'ra tirá força do home. A gente péga um diabo d'esses, pensa qui traz p'ra casa uma ajuda i é só dispeza i falatorio, um inferno! Quaqué coisa tá duente — nem sol, nem chuva, tudo faz má, mas p'ra

cumê tá sempre prompta, du bom i du mió. Muié é u trabaio qui dêxa lucro.

Lembrou-se, porém, do corpo moreno de Luciana, da graça languida do seu andar e ficou, um momento, enervado, a sacudir os pés, repuxando as barbas. « Muié . . . lá sim » — e o pensamento fugiu-lhe para o sitio de beira-mar como para a amante ideal, o seu unico e verdadeiro amor.

— Lá sim, aquillo é qui vale a pena. U diabo du home adivinhou. Mas só si Deus não mi ajudá! Só si Noss Sinhó não quizé. Ainda tenho esperança. Não sei qu'é qui mi diz por dentro qu'eu ainda hei di sê dono d'aquillo.

Levantou-se, poz-se a andar ao longo da sala humida, sempre a pensar no sitio, revendo-o com a sua linha esbelta de coqueiros como uma columnada ao longo da praia, o capoeirão fechado, a barreira sangrenta ao fundo, já tocando a matta, a casa entre rosciras, com uma verde, fresca latada de maracujás sempre enxameada de abelhas.

Quedou-se á porta, olhando. Estiava. Nuvens ralas fugiam á flôr da terra, envolvendo as copas das arvores, rasgando-se nos ramos. Uma nesga de azul appareceu ao longe, logo encobriu-se. Por entre as brumas brilhou um pallido clarão de sol. « A modo qu'u dia qué livantá ».

Foi a um canto, esgravatou num vão de parede, e tirou um rolinho de notas sordidas, desembrulhou-as, contou-as e metteu-as no bolso. Ainda ficou parado, coçando a cabeça, mas decidiu-se: tomou o chapeu, o cajado e sahiu fechando a porta, recommendando a casa aos cães.

Sentia fome. Raramente o organismo recla-

mava, mas em taes momentos, o caboclo, que se conhecia, não pensava em resistir á imposição e murmurava: «Hoje é dia!» Entregava-se passivamente e, quando começava a gastar, elle, que fazia questão de uma moeda de vintem, ia até á prodigalidade, abarrotando-se, pagando, com usura, as exigencias da fome velha.

Sentia formar-se, crescer o desejo impetuoso e cedia submisso, resmungando. «Fome tá hi... Hoje é dia...» Insurgia-se contra o que lhe parecia uma violencia, um roubo sem, todavia, reagir, certo de que cederia ao organismo que exigia o alimento com todo o poder do instincto.

Desceu vagarosamente o caminho ingreme, passou a porteira fragil. Os cães quizeram segui-lo, adulando-o; repelliu-os, ameaçou-os com o cajado e foi-se sob a chuva peneirada que orvalhava as folhas, espapando os pés no lodo resvaladio, roçando pelas hervas molhadas.

Ia á venda do Luiz comer alguma coisa.

Quando avistou a cerca, depois o alpendre, ainda hesitou, como arrependido, mas a fome espicaçou-o e, ao descobrir a fumaça que se desenrolava no ar em espiras azuladas, mais se lhe irritou o desejo. Tirou as notas do bolso, olhou-as com pena, despedindo-se d'ellas, recontou-as, guardou-as de novo e seguiu suspirando:

— Eu já sei. Tudo isto fica lá. Aquillo é mais ladrão du qui rato. Hoje é dia d'elle si vingá di mim. Mas não faz má. Deus é grande. Tambem é naturá, corpo percisa, tá fraco. A gente carece, di vez im quando, di uma satisfação ansim. Terra não tá hi, não teve seu chuveiro, não tá contente? A gen-

te tambem percisa. Não é só trabaiá. Deu d'hombros, conformado: Ora! mais tem Deus Noss Sinhô pra dá qu'u diabo pra tirá. Seu Luizinho é damnado p'ra mettê a faca, mas a comida é bôa, isso é. Ninguem cozinha cumu nhá Raymunda, nem lá em baixo. Muiésinha qui vale ouro. Aquillo sim!...

Parou olhando o clarão enfermiço do sol, que se estendia preguiçosamente pelo campo molhado.

— Ocê já vem vindo como quem não qué, lagartão?! Vem mêmo, ocê sempre é mió du qu'essa porcaria di chuva. Di qui serviu? só p'ra trazê a saparia.

Deu d'hombros e partiu direito á venda, que regorgitava de gente.

Sob o alpendre dois animaes de sella esperavam pacientemente. Cães enormes modorravam encolhidos; de quando em quando, porém, levantando impetuosamente a cabeça, freneticos, abocavam moscas, estalando as mandibulas.

Dentro chalravam, tiniam copos e Luiz, indo e vindo, auxiliado por um dos filhos, pequenote escaveirado, d'olhos ramellosos, apalermado e molle, servia, sempre a enxugar o balcão ou a sacudir o panno para dissipar o fumo dos cachimbos e dos cigarros.

Havia gente como em feira — caboclos e negros, portuguezes, italianos, sentados nas barricas, nas caixas, em saccos, encostados ao balcão ou de cócoras junto á parede.

Os copos passavam de mão em mão. O dito

mais tolo provocava rinchavelhada estrondosa e como José Pitombo, conhecido por *Avahy*, estava nos seus dias de prosa, a reunião não se dissolvia, entretida com as narrações guerreiras do antigo voluntario, que fizera toda a campanha do Paraguay conquistando medalhas e as divisas de sargento. « Se soubesse lêr e tivesse um pouco de protecção, dizia, teria chegado a general ».

Era um mulato esgalgado, cara sempre alegre, olhos muito vivos, bigodes ralos, cabelleira em poupa.

Quando falava, desconjuntava-se em meneios sacudindo gestos, representando as narativas com largos, estabanados acenos, esgares comicos ou tragicos e vozes imitativas.

Se referia uma batalha, dispunha o exercito, tocava a corneta ou fazia estrugir a musica ; depois investia. Era a cavalaria : pa-cá-tá, pa-cá-tá e, de pernas abertas, aos saltinhos, galopava empunhando uma lança imaginaria, brandindo a espada ou disparando o mosquetão atravéz do silencio attento do auditorio.

Era depois a infantaria e lá ia em accelerado, ao toque de carga, curvado, remordendo os beiços, a baynoneta em riste. Era a artilharia e tufava as bochechas, estourando disparos ribombantes. Tirava o lenço do pescoço, desfraldava-o como bandeira e, em torno d'elle, aos golpes que atirava, rolavam regimentos, sumiam-se esquadrões paraguayos e elle saltava por cima dos cadaveres, a dar vivas, retumbando marchas e dobrados e terminava assumindo o aspecto grave e marcial de Osorio ou de Caxias e partindo á frente das tropas victo-

riosas para o acampamento. Seguia-se, quasi sempre, a exposição das cicatrizes : despia o casaco de brim, e, arregaçando as mangas, mostrava os laivos nos braços, nas pernas ; ás vezes, mais arrebatado, puxava a camisa e, inclinando-se, expunha, ao flanco, o signal d'um lançaço e todos, depois de verem, de examinarem, admiravam-no : « Cabra estourado ! »

Pediam-lhe detalhes, lembravam-lhe episodios e elle não se fazia rogado, lá ia, jogando gestos, estourando descargas, esganiçando toques de clarins, a viver as batalhas sanguinosas, com o tumulto arrojado das cargas, a violencia heroica das investidas.

Mas fazia-se todo languido quando, aos cochichos maliciosos, para não ser ouvido pela familia do Luiz, contava aventuras mais gratas, com mulheres — que mulheres ! e doidas pelos brasileiros ! Quantas tivera nos braços ! Umas achadas nos mattos, núas, tiritando de frio, varadas de fome; outras que atravessavam as linhas de fogo e vinham pedir protecção e agasalho aos chefes brasileiros, com os filhos enganchados á cinta. E nas cidades e nos campos, depois das batalhas, as que ficavam perdidas, cada bichona que fazia gosto, ás vezes meninas.

— Ah ! meus camaradas... E, d'olhos em alvo, fazia uma pirueta, cuspia para os lados e, para suffocar a saudade d'aquelles faceis amores, atirava um nickel ao balcão, pedindo mais um martello de vinho.

Assim ia aquecendo-se e, quando deixava a venda, ao cahir do sol, os companheiros ficavam

preoccupados. « Não fôsse elle rolar, com o cavallo, por algum barranco. O animal era de muito fogo e *Avahy*, com qualquer coisa, ficava virado d'uma vez, não via perigo: jogava o animal ás tontas, como louco ».

Cambaleando, a cuspilhar, fazendo, desfazendo o cigarro, o chapeu derrubado para a nuca, *Avahy* montava a cavallo e, bambo, as pernas frouxas, os olhos mortos, a lingua tropega, dizia, lembrando-se do grande chefe: « Homem, Osorio! aquillo é que era soldado. Paraguayo queria vêr o diabo e não queria vêr o gaucho velho pela frente. Tambem uma carga de rio-grandenses não era conversa ». E, delirando com a recordação épica dos encontros formidaveis, atirava o cavallo para a estrada e punha-se a bradar, incitando esquadrões imaginarios.

Os companheiros intervinham receiosos. « Deixa d'isso, *Avahy*, deixa d'isso. Esse cavallo não é seguro ». O mulato sorria, bambaleando-se na sella:

— Que! ocês têm medo?... Gente poaia! Então que diria se ocês se vissem na embolada em que eu me vi. Este punga é bicho p'ra me derrubá? Eu espremo os quarto d'elle nos joelhos que era uma vez. E retomava a narração: Osorio, o gaucho velho, nem falava, era só um geito de corpo e toca! Firmava-se nos estribos, atirava o busto em arrancada, largando as redeas com um grito. O animal arremettia em disparada louca, numa nuvem de poeira, direito á barranca. Elle suspendia-o no freio, mettia-o afoitamente pela rampa e, lá de cima, ainda bradava acenando com o chapeu aos companheiros que se ajuntavam na estra-

da, diante da venda: Commigo é assim... Té amenhan. E lá ia para o sitiosinho, uma terra rica e bem plantada onde vivia feliz, com um rancho de filhos, trabalhando vigorosamente durante a semana para gozar o domingo, quasi sempre na venda, bebendo e contando façanhas.

Quando Matheus entrou, sempre vagaroso, taciturno, o cachimbo a arder na barba, mal tocando no chapeu, *Avahy* contava um dos seus feitos. Toda a gente ficou surprendida ao vêr o caboclo, o proprio voluntario atalhou a sua narração.

— Oh! tio Matheus, por aqui? Isto é milagre. Foi a chuva que botou vosmecê fóra de casa ou é por ser domingo de Noss Sinhô?

Riram surdamente no grupo. O caboclo resmungou e foi direito ao Luiz que lhe estendeu a mão. Disse-lhe que ia jantar. «A sua cozinha ficára uma lagôa com a tempestade da vespera».

— Entre, tio Matheus. Raymunda sempre ha de arranjar alguma coisa. Isso de comida é com ella, é seu negocio.

Levantou a aba do balcão e o caboclo passou, seguindo por entre as pipas acanteiradas para o interior da casa. Foi um espanto enorme entre os homens, quando souberam que elle ia jantar.

— Quê! o *Corujão?* Então não ha mais cobras no reconcavo? E elle paga, esse agarrado?

Luiz affirmou arregalando os olhos e, por um momento, os feitos do *Avahy* foram esquecidos — o grupo concentrou-se junto ao balcão para ouvir o vendeiro.

— Vocês estão enganados. Tio Matheus é um bom velho e muito pontual nos seus pagamentos.

Homem de bem está ali. Não tenho queixa d'elle. É exquisito, parece meio tocado da bóla . . . mas não faz mal a ninguem. Tem lá as suas manias, gosta de viver só, mas . . . ha outros peiores e passam por gente de muito miolo. Isso mesmo de dizerem que elle é agarrado . . . não sei. Volta e meia apparece por aqui, como hoje, manda preparar uns pratos lá do seu gosto, come, bebe, paga e vai-se embora.

— O quê ! seu Luiz, pois vosmecê tem coragem de dizer que o *Corujão* não é furreta ? Ora, pelo amor de Deus ! Pois então isso é roupa que um homem ponha em cima do corpo ? Não é só porcaria, é até indecencia. Se não tivesse, ainda bem, mas com uma panella cheia de dinheiro debaixo da cama ! . . . Era melhor andar nú. Comida . . . ah ! fome não é graça, fome póde mais do que tudo. E quando elle não vem aqui ? Então vosmecê não se lembra do que dizia a coitada da Luciana ? E onde é que elle compra ? Não é aqui, não é na villa, só se manda vir da cidade. Historia ! É um unhas de fome. Eu sempre queria vêr a comida que elle vai comer.

— É facil. Ha outra mesa lá dentro ; janta ahi e verás.

— Isso é quo'ocê qué, ocê não tem nada de tolo. Eu tenho a minha comidinha em casa, á minha espera.

Um dos filhos do Luiz chamou-o á parte sussurrando um recado. O vendeiro abriu um dos armarios, tirou uma lata, entregou-a ao pequeno e, sorrindo, voltou a acotovelar-se ao balcão, dizendo :

— Estão vendo ? sardinhas de Nantes, e das

bôas, para o velhote, e ovos, e lombo de porco. Vocês é que dizem que elle é avarento. Fiem-se nelle. Sabe levá-la, isso é que é.

Matheus, depois de haver combinado o seu jantar, escolhendo os pratos, recommendando certa farofia de linguiça, muito do seu agrado, tornou á venda e, accendendo o cachimbo, sentou-se em uma caixa, repuxando os grossos fios da barba, a ouvir as historias de *Avahy*. O voluntario recomeçou exaltando a bravura dos paraguayos.

— Valentes até ali! Quem disser o contrario mente ou não esteve lá. Eu vi! e repuxou as palpebras. Quando os bichos se atiravam em cima de nós, vinham damnados, era preciso ser duro para escorar o tranco. E cada bruto, ahn! cada bruto que fazia medo: quasi nús, com uma tanga na cintura, armados d'uns espadões que cortavam que nem o diabo. Gente direita! Mas tambem os nossos não eram molles. Aquillo era fogo de arrasar um mundo, o tiroteio pipocando vivo e a artilharia segurando: tome bala! tome bala! Se não fôsse assim... nem sei! Gente cahia por ali fóra que era um desproposito. Quando acabava a batalha, era sangue no campo de fazer lodo: gente retorcida, gemendo, cavallos estripados, um horror! Guerra! só quem viu como eu vi! Elles perderam, mas tambem a terra ficou estrumada d'uma vez. Aquillo, d'aqui a alguns annos, quando elles começarem a semear, vai ser uma fortuna de botar fóra.

— Uai! porque? perguntou um crioulo que ouvia acocorado, d'olhos muito abertos.

— Porque? por causa do sangue. Ocê quer me-

lhor estrume do que sangue? O crioulo desatou a rir. Que é qu'ocê tá rindo? Ocê não sabe?

— Não, não sei.

Avahy correu um olhar pelo auditorio.

— Então ocê nunca ouviu dizer que sangue dá força? Pois isto é velho: basta olhar um cemiterio. De repente, arregaçando a manga do casaco, *Avahy* estendeu rijamente o braço mostrando as veias turgidas. Que é isto que está aqui dentro? é sangue, não é? Todos cravaram os olhos no braço bronzeado do voluntario. Sangue que é? é vida. Sangue é tudo no corpo. Já ouvi contar a historia de um homem que estava p'ra morrer de fraqueza e comprou o sangue de outro.

Um carvoeiro confirmou:

— É verdade. Tambem já ouvi contar isso.

Avahy, sentindo-se amparado pelo testemunho do carvoeiro, rejubilou:

— Então? tá ouvindo, seu cara nagua?

— Mas conta, pediu o negro interessado.

— Os medicos abriram a veia do homem são e abriram a veia do doente, fizeram passar o sangue de uma para outra e o homem ficou bom.

— E o outro?

— O outro tinha sangue demais. Sentiu um bocadinho nos primeiros tempos, mas com o dinheiro que ganhou, ora! comeu do bom e ficou outra vez reforçado, capaz de dar outro tanto de sangue.

Um oleiro disse:

— No matadouro, lá em baixo, na cidade, todos os dias, á hora da matança, ia um moço beber um copo de sangue quente. Estava tysico. Dizem que sarou.

— Devia sarar, affirmou *Avahy*. Sangue não é graça. Ocê falou em sangue de boi... E não se lembra d'aquella companhia que annunciava estrume de sangue de boi? era guano de sangue que se chamava. Seu Taveira, da olaria, andou lidando co'a gente p'ra comprar. Era um granitosinho vermelho. Ocê não se lembra, Estevão?

Um portugês resmungou, risonho:

— Lembro-me. Eu mesmo comprei um bocado para fazer experiencia.

— I dipois?

Todos voltaram-se para o lado das pipas, de onde partira a voz, e viram Matheus de pé, puxando as barbas. Fôra elle que lançára a pergunta. *Avahy* sorriu gingando, bambaleando o corpo:

— Uê! depois, não sei, tio Matheus. Todo o mundo diz que não ha coisa melhor para a terra. Lá mesmo no Paraguay, uma noite, estava uma porção de officiaes conversando quando um velho disse que tinha pena da terra, que ia ficar na miseria com o estrago da campanha. Mas um coronel saltou: «Que miseria! Que nada! Com toda essa sangueira? Isto, quando começar a dar, nem sei! Todo esse sangue é força, é vida...»

— I sangue di boi?

— Ainda deve ser melhor, tio Matheus, porque é mais forte.

— Isso não é rodéla, *Avahy*?

— Como rodéla? Vosmecê pergunte a quem sabe. Nem precisa perguntar, é só olhar para um de nós. Onde é que está a vida da gente? é aqui; e, estendendo o braço, mostrou as veias tumidas.

— Isto é na gente i nos animá, *Avahy*. Deixa di rodéla. Sangue da terra é os rio qui corre. Vai contá historia lá p'ra longe.

— Vosmecê não acredita. Eu só sinto não ter os jornaes do tempo, com os annuncios, para mostrar a vosmecê. Elles fizeram experiencia numas terras seccas, terra de sapê. Puzeram fogo, passaram o arado, espalharam o tal guano, semearam e foi uma riqueza. Vosmecê pergunte a quem viu.

— E ond'é qui se vende isso ?

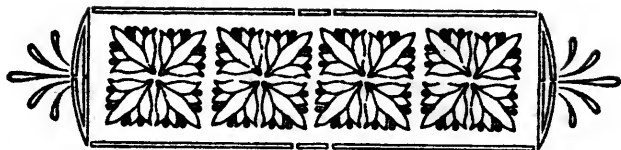
— Não sei. A companhia quebrou.

— Quebrou ? Tá direito... havia di quebrá mêmo.

Todos riram do tom em que o velho falou, incredulo. Mas um dos pequenos veiu chamá-lo para jantar. Elle resmungou e, lentamente, deixando o chapeu sobre a caixa, desappareceu no interior da casa. *Avahy* voltou-se indignado, fez um gesto e toda a companhia rompeu á gargalhada.

— Que é isto, gente ? Olha que elle desconfia, murmurou Luiz.

— Que desconfie ! Eu minto ? exclamou o voluntario melindrado. Vá com a sua desconfiança p'r'o diabo ! Quem sabe ?! E, como o céu fôsse, de novo, escurecendo, o mulato, com medo d'uma carga d'agua, pediu mais um martello de vinho e despediu-se. « Bom, gente. Amenhan é segunda-feira, dia de captivo ».

Montou a cavallo e partiu seguido dos cães, perdendo-se na volta do caminho, entre as altas barrancas. E, pouco a pouco, os homens foram sahindo : ficou apenas um velho negro a cachimbar no alpendre, picando tristonhamente as aspas do urucungo.

V

Seguindo vagarosamente, atravéz da escuridão, atolando os pés em pôças, roçando pelos frios ramos, sempre a ouvir o monotono e lugubre coaxar dos sapos, que haviam reapparecido com as aguas, Matheus recolhia á cabana pensando nas palavras de *Avahy*.

O mulato falára convencido, confirmando com o testemunho do Estevão, homem sério.

Talvez fôsse aquillo o segredo da fertilidade do seu sitio que lhe escapára involuntariamente no impensado chalrar. Sim, porque *Fonte nova*, uma terrinha de nada, era a melhor de todas as situações d'aquelles lados — uma lavoura que fazia gosto: cafesal, roça de milho e de mandioca, a horta sempre viçosa, um pomar que era uma belleza e pastos que iam por ali fóra, sempre verdes, engordando o gado que ficava de fazer inveja — redondo, luzidio, o pello fino e lustroso que nem sêda.

Aquillo era coisa do tal estrume. Que o sangue é tudo, é verdade. A terra come, a terra bebe, é como um animal e se o sangue na gente dá força e saude, na terra deve ser o mesmo.

Corujas passavam surdamente, morcegos cruzavam os ares negros com ruflo d'azas rapido e as arvores, batidas pelo vento, retorciam-se com estardalhaço.

Um vulto ergueu-se no caminho, fugiu, desappareceu no meio das hervas. Algum animal. Aquella gente não cercava os pastos e era aquillo. Por isso andavam sempre em questões por causa de roças estragadas.

Quando apanhou a rampa do sitio, tropeçando nas pedras, escorregando nos sulcos cujas bordas molles esboroavam-se-lhe sob os pés, logo lhe voltou a furia contra a terra misérrima:

— Porcaria ! é só pedra i barro. Nem p'ra caminhá presta. I isso é qui ha di dá . . . Aqui é qui eu hei di levantá a cabeça. Tou arranjado.

Os cães ladraram ouvindo bater a porteira. Elle passou e, sentindo os animaes, que desciam em tropel, rosnando, latindo, bradou :

— Tá quieto ! Ocês não cunhece a gente ?

E foi-se devagar, curvado, abordoando-se ao porrete, que afundava na terra frouxa. Chegando á cabana fez lume. Tirou o resto de dinheiro do bolso, contou-o e foi guardá-lo na frincha da parede. Encheu o cachimbo, sentou-se e ficou banzando.

— A gente percisa exp'rimentá di tudo. Isso di sangue parece historia, mas a verdade é qui *Avahy* vive botando dinheiro fóra. Não ha sitio cumu

u d'elle. Tem gente, isso é; os fio ajuda, a muié trabaia, mas quando a terra é ruim não ha arado, não ha enxada, não ha fogo, não ha nada qui sarve. Ali ha coisa, é memo essa historia d'estrume. Só elle sabia, só elle tem aquella riqueza. Lá em baixo mêmo, o *Coqueirá*, não vale a *Fonte nova*, i u mar tá ali pertinho, espaiando bondade. Qui é antonce? *Avahy* não é magico, nem Noss Sinhô fez milagre em casa d'elle. É mêmo. Elle achou u estrume, espaiou na terra, i tá hi. Isso mêmo d'elle dizê qu'a companhia quebrou, qui não sabe onde é qui si vende u sangue, já é esperteza d'elle, móde ninguem apruveitá. Pois eu hei di sabê, isso hei de! Si não achá, mando vê lá im baixo, vou eu mêmo, percuro i bóto isto qui nem um paraiso. I hão di vê... Nem qui seja só por capricho. U diabo é esse bandão di pedra qui atrapaia tudo. Arado aqui não entra; mas a terra di cima, essa é boa, péga bem, há di dá. Amenhan mêmo vou cuidá di vê isso. Sangue di boi...

Fechou a casa, deitou-se, deixando a candeia accesa. O vento levantou-se. A cabana rangia, desprendiam-se torrões de barro das paredes, esfarelando-se no chão e a chuva cahiu, jorrando grossa e forte, em bátegas.

Cançado, d'olhos fechados, os braços por baixo da cabeça, o caboclo ainda pensava nas palavras do voluntario e surdamente, como a sonhar, murmurou:

— Sangue di boi...

Foi-se fazendo claro na sua visão como se um scenario luminoso se lhe desenrolasse no intimo. Eram as suas terras agrestes, as suas terras, bran-

cas, esturradas, empedradas, que appareciam : calvas, sem herva, tristes e núas como o areal das praias. Só os cabeços das rochas emergiam avultando na aridez alva.

Um sol forte queimava e elle seguia sem rumo, olhando a esterilidade, ao longo d'aquelle deserto silencioso, quando, de repente, viu uma das barrancas mover-se, crescer, cavar-se dobrando-se, enrolando-se como uma vaga e derrubar-se na terra sem ruido, tingindo-a de vermelho, e alastrar recobrindo todo um lado.

Outra barranca avolumou-se em muralha, inclinou-se concava e despejou-se de roldão espraiando-se com a mesma côr, atravéz do pomar, encrespando-se á volta dos troncos e descendo em levada purpurea.

Os aguaçaes inchavam, subiam rubros, reluzindo, e transbordavam alagando a terra areenta da roça de milho.

Os animaes corriam espavoridos diante da inundação ; elle mesmo procurava refugio andando de um para outro lado, tonto, sentindo-se ameaçado por aquella estranha cheia e os seus pés apegavam-se á terra molle, embebida de visgo purpurino.

Era sangue, um diluvio de sangue que por ali descia, avassallando a leira, sumindo as pedras, invadindo a cabana, enrubecendo os troncos que iam ficando como de coral.

A custo, trepando de socalco em socalco, conseguiu abrigar-se no outeirinho e viu a violenta explosão das sementeiras antigas. Todos os germens, que elle julgava perdidos, rebentavam, vinham a flux com tanta força, crescendo, desenvolvendo-se

tão rapidamente que elle via o impeto das hastes, o desdobrar das folhas, o abotoar das flores, o desabrochar das petalas, a formação do fruto logo sazonado, logo amadurecido, vergando os galhos, cobrindo o chão.

De todos os cantos do céu chegavam aves vorazes, da serra desciam atropellados, famintos rebanhos que logo se fartavam. Carros rodavam lentos, atulhados de frutos ; filas de homens estendiam-se pelos caminhos, levando enormes cestos carregados, e as arvores cada vez mais cheias. Elle sorria.

As proprias pedras vestiam-se de verdura fina e a verdura floria.

Era o sangue fertilisante que fortalecia o terreno, tornando-o, de sáfaro, fecundo. Era o sangue que se espalhava alagadoramente, espadanando, defluindo em enxurrada, transformando a miseria em prosperidade, dando á charneca a exuberancia maravilhosa das terras que os santos abençoavam e que, da noite para o dia, todas se cobriam de searas ferteis.

O caboclo rebolcava ansiado. A abundancia parecia suffocá-lo e, vendo tão forte aquella terra, que sempre lhe parecera inerte, entrou a receiar a fartura, temendo a assoberbada riqueza, recuando diante do prodigioso viço, de tanta raiz que resaltava em colleios, alastrava em vergões, tanta folha que se abria, tanta ramagem alargada, tanto tronco que engrossava, inchava, subia aos arrancos, num crescer fantastico, fechando abobadas frondosas, tão densas que, em baixo, tudo era sombra abafada.

As altas hervagens envolveram-no. Fugia e, de todas as partes, abrolhavam renovos, em todos

os cantos pullulavam plantas logo enfolhadas, logo frondentes.

Faltava-lhe o ar, e a vida vegetativa era tão intensa, tão desconforme, tão desregrado era o affluxo floral, a germinação de tal maneira possante que a terra crepitava, estalava, rebentando á passagem dos brotos e havia um murmurio perenne, feito só com o abrir dos botões na estupenda florecencia daquella genese formidavel.

O caboclo arquejava agoniado, debatia-se, lançando os braços afflictamente, a apartar as verdes ondas da fertilidade, a fugir da concepção grandiosa, apavorado.

E escorregava em flores, cambaleava na terra lubrica, encharcada de sangue, os olhos desmedidamente abertos, correndo, a tropeçar em tóros, a embaraçar-se em cipoaes, a prender-se em ramarias, sem ar, asphyxiado.

Procurava aberta por onde se evadisse, clareira onde achasse salvação, ar, luz, céu ; tudo era denso. As flores tomavam fórmas estranhas, os ramos estendiam-se, alongavam-se, fechavam-se. Mais um momento e seria victima da fecundidade.

Debateu-se e, desesperadamente, gritou, rouco, já sem forças, opprimido, sentindo-se subjugado pela monstruosidade. Os cães ladraram fóra junto á cabana. Acordou sobresaltado, sentou-se attonito, oppresso, relanceando o olhar pelo interior, onde a luz da candeia tremulava livida. Passou a mão pela fronte banhada em suor :

— Êta ! sonho damnado . . . ! Nossa Sinhora ! Qui afflicção ! E sorrindo alliviado : Tá nu qui deu cunversa d'*Avahy*.

Levantou-se, foi beber agua e poz-se a passeiar pela casa agitado, cheio ainda do maravilhoso horror, pensando na grandeza tragica d'aquella floresta de flores e de frutos, nascida do sangue que rolava em caudaes. « Qui coisa ! » Sentou-se, accendeu o cachimbo e, puxando lentas fumaças, ficou a pensar.

Lá fóra a noite ia chuvosa, atravessada de ventos. A agua engrossava rolando, com fragor, pelos vallos, levando o melhor da terra, escalavrando-a, enfraquecendo-a. Gotteiras estalidavam monotonamente no chão negro da cabana e a agua luzia, escorria em veios, que passavam por baixo da porta fragil sempre a bater. A manhan encontrou-o de pé, alquebrado.

Todo o dia, irresoluto, começando um serviço e logo o deixando por outro ou sentando-se, a fumar, Matheus pensou no sonho, ora com pavor, ora com deslumbramento. Sahia á porta, lançava o olhar pela terra humida, lembrando-se do que vira.

Os animaes, como se adivinhassem o bom tempo, alegravam-se. Effectivamente, para a tarde, nuvens douradas empavezaram o céu, os nimbus foram desapparecendo, grandes trechos de azul, entre rasgões de cumulus, annunciaram o esplendor e as cigarras cantaram como precursoras do sol. Á noite as estrellas brilharam limpidas na serenidade do céu de todo varrido e puro ; um ar leve circulava. A agua do bicame, que as chuvas haviam engrossado, cantava alegremente no rego da horta.

O caboclo sentia-se enfraquecido. Abeirava-se do giráu, ficava hesitante e retrocedia á sala, in-

somne, preoccupado. Não podia parar — uma irritada ansia levava-o de um para outro lugar.

Constrangido aperto esmagava-lhe o coração, sentia entraves no peito, angustia ; faltava-lhe o ar, a cabeça estonteada enchia-se-lhe de continuo, soturno sussurro, como se elle tivesse uma concha ao ouvido, echoando. Por vezes saltavam-lhe aos olhos discos de fogo, anneis iriantes que subiam, rolavam, perdiam-se nos fundos de treva. Fumava sem cessar. A lingua ardia-lhe, um saibo acre enchia-lhe a boca secca e, sob a pelle, que escaldava, o sangue, nas arterias turgidas, latejava.

Abriu largamente a porta, escancarou a janella. O ar puro entrou em fresca lufada, varreu o interior dissolvendo o fumo que abrumava o ambiente. Mariposas penetraram rodeando a chamma da candeia e os cães, gosando a delicia da noite, á suave luz das estrellas vivas, iam e vinham vagarosos.

Lentos, longos, profundos mugidos denunciaram os velhos bois deitados nas hervas raras do curral. Matheus, sentado no limiar da cabana, immovel, pensava no sonho. Tinha, por vezes, instantaneamente, a impressão da grandeza que vira, o espectaculo mirifico da arrebentação floral. Ouvia estalos crebros e logo dirigia o olhar assombrado para o ponto de onde partiam, esperando vêr a terra fender-se, abrir-se, lançar do seio para o pleno ar os brótos ; mas o silencio voltava e o terreiro permanecia na sua miseria — liso, despovoado, esteril. Uma idéa assaltou-lhe o espirito, tão estranha que elle levantou os olhos, assombrado, relanceou-os pela sala como á procura do demonio funesto que

a inspirára. Ficou tolhido, immobilisado no espanto. Baixou, de novo, a cabeça. A idéa tornou importuna, rondando.

De repente, pondo-se de pé, metteu os dedos na gaforinha e recomeçou a andar, sempre cabisbaixo, alheiado.

A idéa invadia-o, penetrava-o terebrantemente, ia-se-lhe afundando no cerebro, dilatava-se como se lançasse raizes, assenhoreando-se de todo o pensamento, avassallando a consciencia. Ainda reagiu com arrancado suspiro. « Uai ! » Estacou attonito e, como se a si mesmo temesse, poz-se a mirar-se :

— Gente, qu'é qu'eu tenho ?

Sentia-se impellido por uma força mysteriosa. As pernas tremiam-lhe, correu-lhe um frio arripio pelo corpo, eriçaram-se-lhe os cabellos, os olhos ficaram enormes, estagnados, sem brilho.

Voltou-se : só via sombras que fluctuavam, vultos fluidicos errando em lentas, ondeantes evoluções.

Um rictus deformou-lhe a face, distenderamse-lhe retesadamente os nervos em esforço intenso e, rilhando os dentes, foi-se de cabeça alta, direito á porta. O ar frio da noite fê-lo cambalear. Parou, e quieto, firme, inflexivel ali esteve, d'olhos na treva, sem dar pelos cães que se reuniam festejando-o.

Desceu ao terreiro, hirto, com estranhas crispações que lhe contrahiam, repuxavam as faces e fremitos por todo o corpo. Subito, tornando á cabana, foi direito á cozinha, tomou um rolo de cordas, apanhou o machado e regressou á noite negra. Os cães olhavam-no, abanando com as caudas. Seguiu ; os podengos acompanharam-no.

Foi-se, como um espectro, em rumo ao curral. Subiu ligeiramente a ingreme, abarrancada ladeira, mergulhou os pés nas humidas hervas macias da planura, entrou no cercado.

Um dos bois ruminava deitado á entrada. Lesto, desenrolando a corda, passou um laço á volta dos chifres do animal que se levantou, manso e docil, como se fôsse descer para o jugo e seguiu-o vagaroso, ainda ruminando. Os cães voltaram silenciosos, ladeando o caboclo.

No terreiro passou a corda pelo moirão, deu volta e poz-se a puxar — o animal caminhava: chegou ao grosso madeiro e, ao empuxão da corda retesada, baixou a cabeça, tocando o poste com o focinho.

Rapido, levantando o machado a mãos ambas, Matheus desfechou o golpe. Um mugido atroou doridamente o silencio e, com o desesperado arranco do animal, a corda resvalou no moirão e elle poz-se a saltar, sacudindo a cabeça, atirando couces, escarvando a terra, a mugir, lutando para livrar-se da prisão que o retinha. Os cães recuaram, a principio, mas animando-se, acompanharam os movimentos do moribundo, aos saltos, latindo. Um mais ousado, investiu, atirou-se-lhe ás pernas, mordeu-o, outros arremetteram raivosos. O animal sangrava, esvahia-se, com o cogote aberto em talho fundo.

Outra machadada apanhou-lhe o flanco, outra foi-lhe á cerviz, outra ao ventre. Houve um baque. O animal escabujava com um chapinhar sinistro no sangue copioso que alagava a terra coalhando-se em postas. D'um talho cerce Matheus

cortou a corda, desenrolou-a do moirão e, levando-a de rastos correu, de novo, ao curral.

Outro boi foi laçado. Esse, porém, como se presentisse a morte, relutou, firmando-se nas patas, mugindo. « Êh! Côu! Côu! Bamo! » incitava o caboclo aos arrancos. Tirou-o. O animal partiu a correr e, na rampa, quasi o levou arrastado no furor da fuga. Elle resistia agachado, resvalando. Rapido, para sustentar o bruto, passou a corda á volta d'um tronco e, firmando um dos pés, puxou, attrahindo a victima que avançava de cabeça baixa, com soturno mugir.

Brandiu o machado. As folhas farfalharam e o animal, apenas ferido de raspão, partiu d'arrancada, mas virou de repente contido pela corda. O caboclo avançou e, pondo-se-lhe na frente, a todo o poder dos braços, embebeu-lhe o machado entre os chifres.

Um berro surdo, rouco, rolou sinistro e tonto, bambo, tropego, o boi ainda volteou, ainda arrancou, mas tombou molle sobre os joelhos, rolou de flanco. Matheus acercou-se-lhe do corpo, abriu-lhe a ilharga, fendeu-lhe o ventre, atirando golpes allucinados como um lenhador que rachasse um tronco.

Sentia sob os pés a sangueira quente, ouvia o bufar agoniado do moribundo e golpeava e fendia, encarniçado contra aquella vida que resistia á brutalidade do ferro. O céu abria-se em luz, a madrugada coloria o horizonte. Viam-se as arvores.

No terreiro, os cães rosnavam em volta do corpo do boi tombado sobre a coalha de sangue, rondavam-no procurando um ponto por onde começassem a devorar.

A fome acirrava-os, tornava-os ferozes ; a immensa carniça excitava-os. Os mais avidos lambiam gulosamente os coagulos.

As aves chegavam dos mattos e, sentindo o cheiro do sangue, logo se encaminhavam para o terreiro, mas os cães investiam com latidos freneticos, mostrando os dentes, defendendo a presa.

Matheus entrou pelo curral e, á luz da manhan, ainda baça, ennevoada, descobriu o ultimo boi que escarvava, farejava a terra, bufando, mugindo surdamente.

Atirou-se sobre elle, de machado erguido, mas o animal escapou ao golpe e, a correr, passou ao campo, mergulhou no sapesal, desceu á barroca, perdeu-se nas hervas altas.

O caboclo, esfalfado, coberto de sangue, poz-se a bradar. Foi até á beira da grota, olhou, mas, sem perda de tempo, retrocedeu.

A cabeça ardia-lhe como abrasada em chammas, os olhos saltavam-lhe das orbitas — todo elle era purpura. Passou pelo boi que matára no pomar, nem o viu ; desceu ao terreiro. Os cães já haviam começado a devorar e encarniçavam-se atolando-se na fartura. Á distancia, em circulo, as aves esperavam, bicando a terra manchada, esgravatando, espalhando o sangue. De quando em quando um dos cães investia e era uma debandada ruidosa.

Matheus sorria estranhamente. Sentou-se no limiar da cabana, curvou-se e, com a cabeça sobre os joelhos, ficou immovel, como adormecido.

Clareava com a alegria festiva do canto dos passarinhos.

De repente, levantando a cabeça e vendo as

côres da madrugada, o caboclo poz-se de pé, deslumbrado: o céu estava todo em sangue. Era a inundação que vinha de Deus fertilisar a terra, combater a esterilidade. Não eram as negras nuvens d'agua, eram as mesmas veias celestiaes que rebentavam em hemorrhagia e vinham vasar-se mos campos, nas grotas, nos vallos seccos, dando-lhes a maravilhosa fecundidade que dispensa a cultura e só requer espaço para criar e reproduzir.

Olhou desvairado — tudo crescia explosivamente. A baixada reverdecia florida, estendendo-se perdidamente até ás linhas douradas, ensanguentadas do céu. As arvores cresciam tocando com as frondes robustas as nuvens que transcorriam e, de todos os lados, subia a vegetação luxuriante fechando-se em cerradissima abobada, escurecendo, abafando.

Era a grande matta, a selva exúbere que vinha avançando.

Lembrou-se do sonho, quiz fugir, mas sentia-se abafado, os olhos não viam senão sombras, faltava-lhe o ar.

Sem forças, desequilibrado, tonto, vacillou, foi d'encontro á parede, mas, num arranque, deitou a correr espavorido, fugindo atravéz da allucinação, seguido dos cães que ladravam.

Quando o Luiz, que estava ao alpendre, com dois carreiros, o viu passar esfalfado, roto, coberto de sangue, teve uma exclamação pasmada:

— Gente! que é aquillo!? Tio Matheus todo ensanguentado...

Os homens ficaram tolhidos, mas animando-se, decidindo-se, deitaram a correr, alcançaram o caboclo exhausto que tropeçava:

— Que é isto, tio Matheus ? Que foi que aconteceu a vamcê ? Que sangue é esse, tio Matheus ?

Elle cambaleou entre os braços dos homens, regougando, d'olhos semi-cerrados, boca aberta, a arquejar. Levaram-no para o alpendre, molle, pendido, flaccido. Estenderam-no no comprido banco e o velho, sem dar accordo, arfava com uma respiração apressada. Examinaram-no. Cada qual fazia a conjectura mais tragica, mas, como não achassem ferimentos, não sabendo explicar a origem d'aquelle sangue, só interrompiam o silencio com exclamações.

Correndo a noticia, acudiu gente das proximidades e, em torno do caboclo, pesadamente adormecido, resolveram chegar ao sitio, vêr o que houvera. E foram.

Logo diante da cabana descobriram o primeiro boi que as aves cercavam ás bicadas: gallinhas, patos, perús, toda a criação do sitio.

O burrico olhava como se sentisse a morte do velho companheiro, dando porém, pelos homens, trotou para os mattos. Subiram — lá estava no pomar a outra victima. Os homens olhavam-se, resmungavam, sem achar explicação para aquella matança inutil, quando um crioulo, saltando da barranca onde andára a examinar a terra, disse:

— Ocês qué vê ? Ocês qué vê qui foi ? Todos cercaram-no. Ocês não se alembra da cunversa de *Avahy*, na venda, no domingo passado ? A historia do estrume di sangue di boi ? Todos affirmaram. Pois foi isso.

— Home, qué vê qui foi ! ?
— Foi isso . . . sou capaz di jurá !
— Foi mêmo

Ainda ficaram, um momento, olhando, com pena, o corpo do animal mutilado. Por fim, satisfeitos, desceram commentando a carnificina, uns indignados, outros a rir.

— Véio damnado di ambicioso! Nossa Sinhora !

Luiz, que esperava, com curiosidade, a volta dos exploradores, mal os viu, perguntou :

— Então, gente ?
— Foi elle mêmo. Matou os boi.
— Vamcê não se alembra da cunversa di *Avahy*, nu domingo passado ? a historia du sangue di boi p'ra estrumá terra ?
— Ah ! sim . . . Foi por isso ?
— Ora ! O véio ouviu e quiz logo ficá rico d'uma hora p'ra outra.

Entraram e, diante do caboclo, que dormia profundamente, todos se puzeram a rir, commentando a sua desmarcada ambição. Luiz, depois de pensativo silencio, disse :

— Gente, deixa o coitado. Isso é doença.
— Quá doença ! Isso u qui é é ganancia.

E o grupo dissolveu-se, a rir. Ainda um mulato chasqueou de longe :

— Hoje é dia grande. Quem quizé carne fresca é só i lá em cima i tirá.
— Véio damnado !
— Nossa Sinhora !
— E o engraçado é que elle fez o estrago e ferrou no somno direito.

— Uai! I ocê acha pouco dois boi p'r'um home só? Deu na fraqueza.

Riram e espalharam-se, cada qual por uma trilha, a seu rumo.

Luiz coçava a cabeça preoccupado, pensando em despertar Matheus, receioso de que lhe morresse em casa. Sacudiu-o, chamou-o, debalde; deu d'hombros e foi-se para o negocio. «Respirava, estava vivo ... que acordasse quando quizesse».

Longe, na estrada luminosa, resoava a buzina annunciando peixe fresco e, estendido no banco, o caboclo dormia immovel, a barba dura, empastada de sangue, coberto de moscas como uma carniça.

INDICE